

Revista **Linguística**

Volume 18, número 2, maio/ago. de 2022

Organizadores da edição:

Diego Leite de Oliveira e
Karen Sampaio Braga Alonso

O presente número congrega artigos que se dedicam à descrição de fenômenos linguísticos pela perspectiva da Gramática de Construções Diacrônica Baseada no Uso.

ISSN: 2238-975X

UFRJ

COMISSÃO EDITORIAL

Editor-chefe

Gean Nunes Damulakis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Editores

Aniela Improta França, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Isabella Lopes Pederneira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Marcus Maia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Marije Soto, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil

Aleria Lage, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Editores Honorários

Maria Luiza Braga, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Editor Fundador

Lilian Ferrari, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Conselho Editorial

Anthony Naro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fernanda Ferreira Spoladore, Michigan State University, EUA

Gabriela Matos, Universidade de Lisboa, Portugal

Kees Hegenveld, Universidade de Amsterdam, Holanda

Leticia Sicuro Correa, Departamento de Letras - PUC/RJ

Leo Wetzels, Universidade Livre de Amsterdam, Holanda

Luiz Amaral, University of Massachusetts, USA

Maria Armanda Costa, Universidade de Lisboa, Portugal

Maria Cecília Mollica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Roberto Almeida, Concordia University, Canada

Ruth Lopes - Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Organização da Edição

Diego Leite de Oliveira (UFRJ) e Karen Sampaio Braga Alonso (UFRJ)

Redação e Assinaturas

Programa de Pós-Graduação em Linguística - Faculdade de Letras da UFRJ

Av. Horácio de Macedo, 2151 - Sala F. 321. Ilha do Fundão Cidade Universitária

CEP 21941-917 - Rio de Janeiro - RJ. E-mail: ppglinguistica@letras.ufrj.br

Editor Operacional e Editoração Eletrônica

Patricia Mabel Kelly Ramos, pattydesign/Brasil

Revista Linguística

RIO DE JANEIRO | VOLUME 18 | NÚMERO 2 | MAIO - AGO. DE 2022

GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÃO DIACRÔNICA BASEADA NO USO
USAGE-BASED DIACHRONIC CONSTRUCTION GRAMMAR

UFRJ

Programa de Pós-Graduação em Linguística Faculdade de Letras
Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

Apresentação

- 5** **Mudança linguística em perspectiva construcionista: notas acerca da Gramática de Construções Diacrônica Baseada no Uso**
Diego Leite de Oliveira e Karen Sampaio Braga Alonso

Entrevista

- 14** **Interview with Elizabeth Closs Traugott and Graeme Trousdale**
Karen Sampaio Braga Alonso e Diego Leite de Oliveira
- 29** **Entrevista com Elizabeth Closs Traugott e Graeme Trousdale**
Karen Sampaio Braga Alonso e Diego Leite de Oliveira

Artigos

- 45** **Percurso de mudança de [meio que] no português brasileiro e as construções [kind of/ kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol: investigação contrastiva à luz da gramática de construções diacrônica**
Luis Felipe Lima e Silva, Sueli Maria Coelho
- 71** **Compostos com fobia na língua portuguesa: um estudo construcional em perspectiva histórica**
Natival Almeida Simões Neto, Antonia Vieira dos Santos e Ian Lezan Salvador
- 92** **Marcadores discursivos como instanciações da construção VLoc_{md}: um estudo de caso de construcionalização**
Ana Cláudia Machado Teixeira
- 114** **Trajetória diacrônica do conector *com isso* no português**
Monclar Guimarães Lopes e Simone Josefa da Silva
- 138** **Uso do futuro do subjuntivo na construção condicional de conteúdo do espanhol**
Keren Betsabe González Rodríguez

MUDANÇA LINGUÍSTICA EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONISTA: NOTAS ACERCA DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES DIACRÔNICA BASEADA NO USO

*LANGUAGE CHANGE IN A CONSTRUCTIONIST PERSPECTIVE: NOTES ON USAGE-BASED
DIACHRONIC CONSTRUCTION GRAMMAR*

Diego Leite de Oliveira¹

Karen Sampaio Braga Alonso²

Este número temático da Revista Linguística dedica-se à Gramática de Construções Diacrônica Baseada no Uso, ou simplesmente Gramática de Construções Diacrônica (GCD, para fins de economia). Antes de discutirmos a GCD, porém, é importante termos em mente, como ponto de partida comum, alguns aspectos pertinentes a todas as versões da Gramática de Construções (GC) e, mais especificamente, entendermos as premissas básicas que fazem da GCD uma versão da GC tida como baseada no uso, dedicada ao estudo da mudança linguística.

Qualquer abordagem teórica de orientação construcionista assume ao menos dois postulados fundamentais, sobre os quais discorreremos brevemente. O primeiro deles é o de que o elemento básico de descrição gramatical é a construção – uma unidade simbólica convencionalizada, que alia, por um lado, forma (fonológica, morfológica e/ou sintática) e, por outro lado, função (semântica, pragmática e/ou discursiva). Um ingrediente comum à caracterização de construções, proposto por todas as versões construcionistas, reside na não previsibilidade, ou seja, uma construção pode ser postulada quando algum aspecto de sua forma ou de sua função não é estritamente previsível de suas partes componentes ou diretamente de outras construções já existentes³. Ao assumir essa perspectiva, o pesquisador construcionista aplica tratamento uniforme para todos os fenômenos linguísticos passíveis de análise no modelo, de modo a incorporar tanto o aspecto regular quanto o aspecto idiomático da língua na descrição gramatical. Esse tipo de tratamento é diferente do que tradicionalmente costuma ocorrer com outras abordagens linguísticas, de base não construcionista, que, não raro, adotam posicionamentos distintos para o que é regular – tido geralmente como central – e para o que é idiomático – tido como periférico.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), diegooliveira@letras.ufrj.br, <http://orcid.org/0000-0003-0601-4131>.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), karensampaio@letras.ufrj.br, <http://orcid.org/0000-0002-7853-0015>.

³ Uma das definições do conceito de construção mais influentes pode ser encontrada em Goldberg (1995, p. 4), para que C é uma CONSTRUÇÃO se e somente se C é um pareamento forma-significado <Fi, Si>, de modo que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não seja estritamente previsível a partir das partes que compõem C ou de construções estabelecidas previamente. Nessa descrição, o fator da previsibilidade é trazido em primeiro plano, pautado pela concepção de que em muitos casos as unidades linguísticas exibem valor não composicional em que o significado do todo não pode ser previsto a partir das partes que o constituem.

O segundo postulado fundamental inerente a qualquer abordagem construcionista refere-se ao modo de representação do conhecimento linguístico de um indivíduo. Segundo a GC, a língua consiste em um inventário de unidades linguísticas altamente estruturado, o qual se organiza hierarquicamente na forma de uma rede de construções gramaticais: o assim chamado *constructicon*⁴, definido por alguns pesquisadores construcionistas como um *continuum* léxico-sintaxe (por outros, como uma espécie de grande léxico) e composto por construções de diversos tipos⁵. Ao postular que a gramática consiste em um inventário estruturado de construções, organizado na forma de uma rede, não somente cabe ao pesquisador descrever fenômenos da língua como pareamentos de forma e função (as construções), mas também indicar o modo como a construção a ser descrita pode ser localizada de um modo coerente nessa rede através de relações de diversos tipos⁶. A partir desse ponto é que surgem algumas distinções entre os modelos construcionistas vigentes.

Isso se dá porque nem toda versão da GC adota exatamente a mesma concepção de rede. Aqui emergem distinções quanto ao modo de representá-la formalmente⁷, bem como em relação às premissas sobre como ela emerge e sobre como se consolida como conhecimento linguístico internalizado. Com relação a esse aspecto, é possível dizer que existem versões da GC de base formalista – que não serão abordadas neste volume temático – e versões da GC tidas como baseadas no uso⁸, essas últimas, sim, de suma importância para esta apresentação.

O compromisso comum de todas as abordagens construcionistas baseadas no uso (inclusive a GCD), ainda que com maior ou menor grau de ênfase a depender da versão, diz respeito à concepção de que a gramática, enquanto representação do conhecimento linguístico, emerge a partir da associação entre habilidades cognitivas de domínio geral e experiência linguística, mediada pela interação dos usuários em uma dada comunidade. Assim, processos cognitivos como associação, categorização, raciocínio analógico, segregação figura-fundo, entre outros, são aplicados a dados da experiência que o usuário tem com a língua, de modo que seja possível abstrair a experiência concreta em uma representação cognitiva de caráter emergente, na forma de rotinas cognitivas, ou seja, padrões recorrentes de ativação neural⁹.

⁴ Goldberg (2006); Hilpert (2014)

⁵ Na literatura construcionista é possível ver descrições distintas sobre o *constructicon*, que em tese buscam mostrar o tratamento homogêneo que reside na base de unidades convencionalizadas que pareiam forma e função. A propósito conferir Croft (2001), Marques et al (2018), Diessel (2019).

⁶ Essas relações são discutidas de forma rica em termos de links taxonômicos. Mas para ter um panorama sobre o potencial de descrição do modelo de redes nos termos dos diversos níveis de relações veja Diessel (2015 e 2019).

⁷ Com formalismo bem especificado, admitindo-se a postulação de construções especificação formal, porém sem especificação de significado, ou versões que não adotam qualquer tipo de formalismo, além de não admitirem postulação de construções com especificação de forma sem especificação de significado. A esse propósito, conferir Hilpert (2014)

⁸ Um excelente panorama sobre as principais versões construcionistas – baseadas no uso e não baseadas no uso – pode ser conferido em Hoffmann e Trousdale (2013). Para uma leitura em língua portuguesa, conferir Pinheiro (2016) e Pinheiro, Silva e Freitas Júnior (2023).

⁹ Para um panorama sobre processos cognitivos e sua correlação com o uso da língua, conferir Barlow; Kemmer (2000);

Desse modo, não se deve imaginar as unidades linguísticas como estanques, discretas e armazenadas em determinada localidade no cérebro como em algum dispositivo semelhante a uma “biblioteca” ou “pen-drive” mnemônico. Pelo contrário, segundo Barlow e Kemmer (2000), as unidades da língua são parte da atividade de processamento linguístico, de modo que a informação representada por essas unidades reside em padrões de conectividade (incluindo forças de ativação distintas), resultantes de ativações pregressas. Posição similar adota Diessel (2019), para quem, na psicologia cognitiva contemporânea, a memória é compreendida como um conjunto de mecanismos referentes ao processamento e à organização do conhecimento, correspondendo a um grupamento de elementos conceptualmente relacionados e com valores de ativação graduais na mente de um indivíduo. Dessa forma, quanto mais frequente é a unidade processada, maior força ela assume, abrindo espaço para uma representação redundante na rede de construções, de modo que tanto unidades de forma e função não previsíveis como unidades totalmente previsíveis, desde que recorrentemente utilizadas, podem ser representadas na rede.

Essa representação de formas não previsíveis e de formas que, mesmo previsíveis, estão representadas na rede por conta da recorrência de ativação a partir do uso abre um espaço significativo de gradiência e variação na língua, em diversos níveis de representação. Como nenhum usuário de línguas naturais está o tempo todo exposto ao mesmo contexto de uso, ou seja, cada indivíduo tem uma experiência bastante particular com a língua, é de se esperar que cada usuário tenha um *constructicon* próprio, com representações gradientes e níveis de abstração distintos. Essas informações são influenciadas por diversos fatores de ordem cognitiva, estrutural, social e interacional combinados. Isso explica por que cada indivíduo tem seu modo particular de utilizar a língua – ainda que indivíduos que interagem mais em uma comunidade de fala tendam a utilizar a língua de modo mais parecido¹⁰ –, além de explicar também por que julgamentos de gramaticalidade apresentam gradiência e variação entre indivíduos¹¹. Dada, portanto, a importância da frequência para a abstração do sistema linguístico do falante, a observação de dados concretos de uso da língua se faz profundamente relevante para a consolidação empírica de uma perspectiva teórica baseada no uso.

Vistos os aspectos gerais da GC, compreendendo o que faz da GCD uma abordagem construcionista baseada no uso, passamos, agora, à discussão mais específica dessa perspectiva que, conforme já dito no início desta apresentação, se coloca como uma versão específica da GC baseada no uso, dedicada ao estudo da mudança linguística. Como em modelos baseados no uso de um modo geral, em GCD, a língua é considerada um sistema adaptativo complexo¹² e é analisada enquanto

Bybee (2010); Diessel (2019); Schmid (2020).

¹⁰ Dado o processo de convencionalização, mediado pela necessidade de os falantes fixarem padrões sonoros e construcionais para serem compreendidos. Dada a necessidade de compreensão, a convencionalização atua no sentido de reforçar esses padrões sonoros e construcionais, contribuindo para sua relativa estabilidade. Para maiores informações, conferir Bybee (2015).

¹¹ Conferir Bybee (2010), Dabrowska (2018).

¹² Para um panorama sobre a concepção de língua como um sistema adaptativo complexo, conferir Hopper (1988),

um fenômeno emergente, de modo que o uso da língua se torna o *locus* da mudança linguística¹³. Como o sistema linguístico é abstraído a partir de instâncias concretas de uso da língua, mudanças sutis na forma como a língua é usada podem ser abstraídas, representadas na rede dos indivíduos e disseminadas em uma comunidade linguística. Dessa forma, Sommerer e Smirnova (2020) argumentam que o pesquisador que se propõe a modelar o sistema linguístico em uma perspectiva construcionista (baseada no uso) deve enfrentar como desafio o fato de que o *constructicon* muda constantemente. Segundo as autoras, as versões atuais da GCD debruçam-se sobre uma agenda de trabalhos que concebe a mudança linguística como mudanças na rede de construções da língua. Essas mudanças podem ser compreendidas conforme as dimensões a seguir: (i) mudanças internas aos nós; (ii) mudanças externas aos nós; (iii) criação ou perda de nós na rede.

As próprias autoras são reticentes quanto à validade de divisão da agenda segundo essas dimensões, pois muitos dos parâmetros utilizados para investigar mudanças na rede linguística podem estar correlacionados a mais de uma das dimensões especificadas no parágrafo anterior. Observe-se, por exemplo, o que se assume como “mudanças construcionais”, na GCD¹⁴. Segundo Traugott e Trousdale (2013), mudança construcional é o tipo de mudança que afeta alguma dimensão interna de uma construção existente na língua, sem envolver a criação de um novo nó na rede. Como na descrição básica de uma construção na visão construcionista, construções são pareamentos de forma e significado (em sentido amplo), é de se esperar que as mudanças possíveis de ocorrer se dão no plano da forma ou do significado. Para observar essas mudanças, podem ser utilizados diversos parâmetros, sendo comum o estudo de mudanças na produtividade, esquematicidade, analisabilidade ou composicionalidade de uma construção¹⁵, que podem aumentar ou diminuir no decorrer do tempo. De acordo com Sommerer e Smirnova (2020), parâmetros como esses, propostos para o estudo de mudanças construcionais e compreendidas, portanto, como mudanças internas aos nós, podem acarretar uma reconfiguração na rede de construções, o que se caracteriza como um tipo de mudança externa aos nós. As autoras argumentam, ainda, que, embora produtividade e esquematicidade, por exemplo, sejam propriedades características do pareamento forma-significado, ambas correspondem a mudanças na posição do nó (por exemplo, ele pode se mover na relação hierárquica entre construções) ou novos links podem surgir para relacionar construções.

No que se refere à emergência de novos nós na rede de construções de uma língua, alguns pesquisadores defendem a proposta de construcionalização. Segundo Traugott e Trousdale (2013), o termo construcionalização parece ter sido utilizado originalmente por Rostila (2004) e Noël (2007). Este

Larsen-Freeman (1997), Barlow e Kemmer (2000) e Beckner *et al.* (2009).

¹³ Nesse sentido, conferir Bybee (2010), Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2013, 2021), Barddal e Gildea (2015), Diessel (2019), Sommerer e Smirnova (2020).

¹⁴ Para um apanhado interessante sobre mudanças construcionais, conferir Bergs e Diewald (2008), Hipert (2013), Traugott e Trousdale (2013), Barddal, Smirnova, Sommerer e Gildea (2015).

¹⁵ Conferir Traugott e Trousdale (2013).

último, de um modo mais substancial, declaradamente iguala construcionalização a esquematização, como um processo de formação de novas construções parcial ou totalmente esquemáticas na língua¹⁶, o que poderia causar não somente o surgimento de um novo nó na rede, mas, mais uma vez, ocasionar a reconfiguração da rede em si. Já os referidos Traugott e Trousdale exibem uma definição de construcionalização mais detalhada, segundo a qual, para que haja construcionalização, é necessário que emergja um novo pareamento, que envolva tanto mudança de forma como mudança de função, fazendo com que um novo nó na rede construcional passe a existir.

A definição de Traugott e Trousdale, diferentemente da de Noël (2007), abrange tanto o nível mais esquemático das construções, requerendo a sucessão de micropassos de mudança, como o nível menos esquemático, que envolve as microconstruções, nesse último caso admitindo tanto um processo de mudança gradual – o que geralmente ocorre com construções caracterizadas pelos autores como procedurais (ou seja, construções mais gramaticais, que vinculam significado abstrato que sinaliza relações gramaticais, perspectiva e orientação dêitica) – como um processo de mudança instantâneo – o que geralmente se dá com microconstruções de conteúdo (ou seja, aquelas que expressam conteúdo lexical e podem exercer função referencial).

Como em toda abordagem teórica em processo de desenvolvimento, é comum haver discordâncias em relação ao tratamento adotado na formalização e observação empírica de um conceito ou outro. No caso da GCD, o debate teórico em relação ao conceito de construcionalização não passou imune. Aqui, é possível citar a revisão crítica de Börjars, Nigel e Walkden (2015), acompanhada das reflexões teóricas de Hilpert (2021) acerca da proposta de construcionalização, na versão de Traugott e Trousdale (2013). As críticas e discussões residem fundamentalmente sobre a dificuldade de se estabelecer com precisão os limites do processo de construcionalização e sua relação com os estágios de pré e pós-construcionalização, além do fato de, às vezes, ser difícil distinguir o processo de construcionalização do processo de mudança construcional. Essa dificuldade leva Börjars e colegas a questionarem quando estabelecer com certeza que uma construção é uma nova construção no constructicon e quando ela não é a mesma construção que passou por algum processo de mudança, seja na forma, seja na função, ou em ambas.

Em seu artigo de 2018, reapresentado em livro de 2021, Hilpert levanta a questão sobre quando uma nova construção é uma nova construção (HILPERT, 2021, p. 65) e salienta que a definição, tal como postulada por Traugott e Trousdale (2013) parece muito clara no papel, mas que, ao se observarem dados concretos, o que se tem é sempre uma sequência de mudanças que, no final, *conspiram para parecer construcionalização* (HILPERT, 2021, p. 68). Em outras palavras, o que Hilpert diz é que construcionalização não é algo objetivamente dado, mas sim, algo que depende da perspectiva adotada e do recorte temporal feito pelo pesquisador¹⁷.

¹⁶ Conferir Noël (2007, p. 192).

¹⁷ Acompanhe a discussão que autor apresenta em relação ao verbo *confirm* em Hilpert (2021, p. 68).

De fato, o conceito de *construcionalização* vem gerando um rico debate no campo dos estudos diacrônicos associados ao modelo construcionista de gramática. Trousdale menciona que ele e Elizabeth Traugott revisitaram o conceito de construcionalização, passando a defini-lo como o “estabelecimento de um novo link simbólico entre forma e sentido que vai sendo replicado por uma rede de usuários de uma língua e que envolve uma adição ao *constructicon*” (TROUSDALE, 2021). Nesse sentido, ganha destaque o entendimento de que construcionalização está diretamente associada ao espalhamento gradual de uma forma linguística entre os membros de uma comunidade, ou seja, a algo de cunho social e não individual – que, por sua vez, se relaciona mais ao que os autores entendem como inovação.

Os conceitos de construcionalização e inovação, entre outros, foram bem desenhados por Traugott e por Trousdale na entrevista que introduz o presente número da Revista Linguística, o qual, oportunamente, celebra os dez anos de publicação de *Constructionalization e Constructional Changes*, obra de referência no âmbito da GCD. Na entrevista, eles relembram os aspectos motivadores da escrita do livro, seu percurso teórico até o compromisso com a perspectiva teórica adotada para os processos de construcionalização e mudanças construcionais, discutem as contribuições decorrentes do debate teórico que emergiu após a publicação do livro e discorrem sobre suas concepções teóricas e interesses de pesquisa atuais, dez anos depois da publicação do material.

Na seção de artigos, o trabalho traz cinco contribuições, em diálogo ou fundamentadas pela GCD. A primeira dela, de Luis Felipe Lima e Silva e Sueli Maria Coelho, ambos da Universidade Federal de Minas Gerais, tem como título *Percurso de mudança de [meio que] no português brasileiro e as construções [kind of/kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol: investigação contrastiva à luz da gramática de construções diacrônica*. No artigo, os autores investigam o desenvolvimento histórico da construção [meio que], do século XVI ao XXI, a partir de dados disponíveis no banco de dados Corpus do Português, argumentando que a trajetória de mudança dessa construção se dá no plano *nome > advérbio > marcador discursivo*, de modo similar ao que propõem ter ocorrido com as construções equivalentes do inglês – [kind of/kinda] – e do espanhol – [en plan (de)].

O segundo artigo do número, intitulado *Compostos com fobia na língua portuguesa: um estudo construcional em perspectiva diacrônica*, é de autoria de Nival Almeida Simões Neto, da Universidade Estadual de Feira de Santana, Antonia Vieira dos Santos, da Universidade Federal da Bahia, e de Ian Lezan Salvador, também da Universidade Federal da Bahia. No trabalho em pauta, os autores discutem, à luz da morfologia construcional associada às contribuições de Traugott e Trousdale, no âmbito da GCD, os processos de mudança de compostos com -fobia, desde o grego, passando pelo latim, até sua inserção no português, no século XVI, com dois processos de proliferação, a saber, nos séculos XIX, em que se observa a semântica de medo, associada ao aspecto psicopatológico, recorrendo a bases eruditas para a formação de lexemas, e XXI, em que o padrão X-fobia se prolifera associado a bases mais simples de caráter vernacular. Nesse sentido, os autores sugerem que tenha ocorrido um processo de construcionalização em português, com mudanças tanto na forma – que

passam tanto pela gramaticalização de -φόβος, no grego até a vernacularização dos elementos que preenchem o slot X no esquema X-fobia, em português – quanto no significado – que incluem a especialização da semântica de medo no que os autores denominam “medo patológico”, assim como a mudança de medo para os conceitos de aversão, ódio, preconceito.

A terceira contribuição é de Ana Cláudia Machado Teixeira, da Universidade Federal Fluminense e intitula-se *Marcadores discursivos como instâncias da construção VLOC_{MD}: um estudo de caso de construcionalização*. No artigo, a autora, através da análise de instâncias de uso da sequência *vem cá*, explora a sequência em um campo mais abstrato, como uma microconstrução do esquema abstrato VLOC_{MD}.

Monclar Guimarães Lopes e Simone Josefa da Silva, ambos da Universidade Federal Fluminense, trazem o artigo *Trajatória diacrônica do conector “com isso” no português*. Em sua contribuição, os autores descrevem o desenvolvimento histórico da sequência *com isso* em português, adotando a proposta de Traugott e Trousdale (2013) de Construcionalização e Mudanças Construcionais. Partindo da hipótese de que o adjunto adverbial *com isso* tenha sofrido, com o tempo, mudanças construcionais que o levaram a se construcionalizar como conector (supra) oracional, os autores investigam instâncias do português provenientes de corpora variados.

A quinta e última contribuição deste número da Revista Linguística, intitulada *Uso do futuro do subjuntivo na construção condicional de conteúdo do espanhol*, é de autoria de Keren Betsabe González Rodríguez, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. No artigo, Keren investiga o uso da construção de prótase condicional composta pela sequência especificada na forma [Se (X) fuere Y] nas variedades argentina, paraguaia e uruguaia do espanhol. Segundo a autora, ainda que alguns estudiosos considerem que a forma de subjuntivo em espanhol tenha caído em desuso no decorrer do tempo, essa forma ainda pode ser observada em contextos específicos, como é o caso da prótase condicional supramencionada, na qual demonstra alguma produtividade. Nesse sentido, apoiando-se nas contribuições fornecidas pela GCBU, a autora busca caracterizar a manutenção da forma de futuro do subjuntivo no espanhol, localizada no contexto da condicional de conteúdo de algumas variedades do idioma.

Boa leitura!

Referências

- BARDDAL, J. *et al.* *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. *Usage-Based Models of Language*. Standford: CLSI Publications, 2000.
- BECKNER, C. *et al.* Language is a complex adaptive system. *Language Learning* 59: Suppl. 1, pp. 1-26, 2009.
- BÖRJARS, K.; NIGEL, V.; WALKDEN, G. On constructing a theory of grammatical change. *Transactions of the Philological Society*, v. 113, n. 3, pp. 363-82, 2015.

BYBEE, J. *Language, Usage, and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CROFT, W. A. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DABROWSKA, E. Experience, aptitude and individual differences in linguistic attainment: a comparison of native and nonnative speakers. *Language Learning*, v. 69, Issue S1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/lang.12323>

DIESSEL, H. *The Grammar Network: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, E. DIVJAK, D. (eds) *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin, München, Boston: De Gruyter Mouton, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110292022>.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone. *Language* v. 64, n. 3, pp. 501-38, 1988.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele E. *Explain me this: creativity, competition and the partial productivity of constructions*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2019.

HILPERT, Martin. *Constructional Change in English: Developments in Allomorphy, Word Formation, and Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HILPERT, M. *Construction grammar and its application to english*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HILPERT, M. *Ten lectures on Diachronic Construction Grammar*. Leiden/Boston: BRILL, 2021.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

HOPPER, P. J. Emergent Grammar. *Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, pp. 139-57, 1987.

LANGACKER, R. A dynamic usage-based model. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.), *Usage-based Modes of Language*. Stanford: CSLI Publications, pp. 1-63, 2000.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/Complexity Science and Second Language Acquisition. *Applied Linguistic*, v. 18. n. 2, pp. 141-65, jun. 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/applin/18.2.141>.

MARQUES, P. M.; ALONSO, K. S. B.; PINHEIRO, D.O.R. Do signo à construção: o legado saussuriano e as abordagens construcionistas da gramática. *Revista Gragoatá* (UFF), v. 22, pp. 1149-771, 2017.

NOËL, D. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. *Functions of Language* v. 14, pp. 177-202, 2007.

PINHEIRO, D. O. R. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (org.) *Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. 1. ed. Campos de Goytacazes: Brasil Multicultural, 2016, pp. 20-41.

PINHEIRO, D.O.R.; SILVA, A. S.; FREITAS JR, R. Gramática de Construções Baseada no Uso. *Revista SOLETRAS* v. 45, n. 1, pp. 1-15, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2023.75349>.

SCMID, H. *The Dynamics of the Linguistic System - Usage, Conventionalization, and Entrenchment*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

TRAUGOTT, Elizabeth C., and Graeme Trousdale. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, G. (Near) mergers in constructional change: the history of the English discourse markers NONETHELESS and NEVERTHELESS. Palestra online dada no *IV CONECT Virtual*, Niterói: UFF, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/P75J0dcJ2fc>.

INTERVIEW WITH ELIZABETH CLOSS TRAUOGOTT AND GRAEME TROUSDALE*ENTREVISTA COM ELIZABETH CLOSS TRAUOGOTT E GRAEME TROUSDALE**Karen Sampaio Braga Alonso¹**Diego Leite de Oliveira²*

Since the last decade, many books and papers have been published in the field of Language Change, under a Functional-Cognitive approach. Among these contributions, the book *Constructionalization and Constructional Change* (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) became a must read to those who work or intent to work on constructions from a diachronic perspective. The authors, Elizabeth Traugott and Graeme Trousdale, brought out to the audience a thought-provoking book about how new constructions are coined in language throughout the centuries. For that, they establish a difference between constructionalization and constructional changes, considering the former as the creation of a new construction and the latter as changes in the form or in the meaning of an existing construction.

In Brazil, and all over the world, the book gained popularity and figured in the center of a rich debate concerning the conciliation between *construction grammar*, a theoretical model about the speaker's knowledge of language, and *language change*, which goes beyond the individual's lifespan. For those who adopted the concepts of the book and or criticized some of the definitions and understandings presented by the authors, there are still several open questions regarding a diachronic approach to grammar.

In the wake of this debate, we are very happy to have interviewed Elizabeth Traugott (Professor Emerita at Stanford University) and Graeme Trousdale (Professor at The University of Edinburgh) to celebrate ten years of the publication of *Constructionalization and Language Change*. In this interview, you will be able to follow the way the authors see the work of 2013, how they dialogue with the criticisms received and how they understand language change in 2023.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Ten years ago, you published *Constructionalization and Constructional Changes*. From that time on, this book has been considered one of the main contributions to offer a systemic framework for approaching language change, from a usage-based constructionist perspective. It gained popularity and is still being used and cited by several scholars dedicated to the study of language change all around the world, including Brazil. So, we would like to go back a decade and ask you to talk about the motivations, expectations, and discussion involved in the preparation of that book.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), karensampaio@letras.ufrj.br, <http://orcid.org/0000-0002-7853-0015>.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), diegooliveira@letras.ufrj.br, <http://orcid.org/0000-0003-0601-4131>.

ELIZABETH TRAUOGOTT AND GRAEME TROUSDALE: We have provided individual responses to this first question, to begin with, and have then written something on our joint influences and our collaboration prior to and during the writing of Traugott and Trousdale (2013, hereafter T&T, 2013).

ELIZABETH TRAUOGOTT: For me, my interest in Construction Grammar (CxG) was primarily that it provided not only a way to think about form and meaning at the same time, but actually required the dual focus, something which the model of grammaticalization that I was working with before did not (although it allowed analysis in terms of form and function, it did not require it). Furthermore, a constructional approach allows investigation into a larger range of linguistic structures, such as ditransitives like *I gave the boys muffins for breakfast*. Croft's (2001) proposal that a construction is a unit with two sets of components, one form, one meaning, united by a symbolic link between the sets, provided a way of talking about how components of a unit could change independently. That said, my early work was heavily influenced by grammaticalization. For me a key conference was one organized by Alexander Bergs and Gabriele Diewald, papers from which appear in Bergs and Diewald (2008), but it was not until the 2008 New Reflections on Grammaticalization (NRG) conference in Leuven that Graeme talks about below (TRAUGOTT and TROUSDALE, 2010) that I fully understood how different the questions asked in the one model and the other are and could relatively free myself from thinking in terms of grammaticalization. Grammaticalization asks how a grammatical unit (what Joan Bybee and her colleagues called a "gram") comes into being), while a historical constructional approach asks how a construction comes into being!

GRAEME TROUSDALE: For me, the motivation for the book came initially from attending a talk that Elizabeth gave at the University of Edinburgh in 2004, and thinking more about Brinton and Traugott (2005), particularly the ways in which that book articulated similarities and differences between grammaticalization and lexicalization. I was keen to think about a framework that had a uniform treatment of the 'outputs' of both of these processes, and was also working with a PhD student, Takeshi Koike, who was interested in the diachronic dimensions of Langacker's Cognitive Grammar, particularly in relation to the loss of various functions of the genitive in the transition from Old to Middle English. This led me to CxG and the loss of impersonal structures in English, how the CxG framework might be used to explain shifts from lexical to structural case, and how this might link up to grammaticalization. Running through all of this was another strand, which is to do with the link between gradience and gradualness in language change (e.g. the gradual loss of functions of the genitive in English, and how that is reflected as gradience in a synchronic slice of the language in the Middle English period). Elizabeth and I shared ideas on these and related topics at a number of conferences and workshops in the mid 2000s, and we decided to collaborate by running a workshop on gradience and gradualness at the NRG conference in Leuven in 2008, which led to the publication of Traugott and Trousdale (2010). At that same conference, we talked further with Muriel

Norde about degrammaticalization, and it was really from that point that the focus was on trying to see if CxG could provide a principled way of talking about the similarities and differences between grammaticalization, lexicalization and degrammaticalization. We had independently been working on different English data sets (e.g. Elizabeth on quantifiers and clefts, Graeme on possessive marking and composite predicates), so we decided to see what a further collaborative effort might produce.

ELIZABETH TRAUOGOTT AND GRAEME TROUSDALE: In the 2010s we were both also greatly influenced by other work in grammaticalization studies (particularly Nikolas Himmelmann's (2004) work on grammaticalization as context expansion and reduction, Christian Lehmann's (1988) work on clause combining, the various projects happening at KU Leuven, developed by Hubert Cuyckens, Kristin Davidse and their doctoral students at the time, such as Tine Breban, Hendrik De Smet and Peter Petré (see e.g. BREBAN, 2010; DE SMET, 2013 and PETRÉ, 2014), and new work in diachronic studies informed by cognitive linguistics (such as HILPERT, 2008, 2013). While we did not agree with all of the ideas that were proposed, it was a very fertile period for research on usage-based approaches to language change. In discussing the work of these and other scholars, and in thinking about our interpretation of the data from the history of English with which we had been working, we decided to try to answer the following question. We assumed that language is indeed organized as construction grammarians suggest, i.e. as a network of form-function pairings, shared across a group of speakers; how, then, are we to understand the similarities and differences between changes that have been characterized as grammaticalization, lexicalization and degrammaticalization? That is the question at the heart of T&T (2013). That book was never intended as a 'manual' for how to conduct work in diachronic construction grammar (not least because it said little about the quantitative dimension which characterized much new research in that area). Indeed, the question as formulated above is important for how we hoped the book would be read – it takes constructions as given, and then asks how we understand particular processes of language change; a different kind of DCxG book might have started with the processes, and then asked whether this is evidence that supports the claim that what speakers know when they know a language is the constructions of that language. Of course, these two things are related, but we think it is important to stress that we saw the book as primarily a contribution to historical linguistics, and secondarily to theories of representation of linguistic knowledge.

REVISTA LINGÜÍSTICA: In 2013, you described constructionalization as the creation of form_{new}-meaning_{new} (combinations of) signs, forming new type nodes which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. From that time on, several linguists have used this conception and this definition in attesting to or positing the emergence of new constructions. On the other hand, this definition has been discussed, reviewed, and criticized by some researchers who argue that the distinction between constructionalization and constructional changes is not easy to draw, or that this distinction, although theoretically viable, does

not hold empirically (cf. BÖRJARS; VINCENT and WALKDEN, 2015; HILPERT, 2021). How do you see the impact of the T&T 2013 proposal on diachronic studies in construction grammar and how your current studies have benefited from the dialogue with people who are thinking about linguistic change in Construction Grammar, especially regarding the constructionalization approach?

ELIZABETH TRUGOTT AND GRAEME TROUSDALE: Your question asks about the impact of T&T (2013) on DCxG, but as we noted above, we hoped T&T (2013) would make a contribution to recent developments in historical linguistics, especially the relationship between ideas from DCxG and work on grammaticalization and related changes. From that historical linguistic perspective, we tried to understand two specific things:

- (a) how a construction comes into being
- (b) whether the development of constructions with different functions (e.g. grammatical vs. lexical) is similar or different along a set of parameters (namely schematicity, productivity and compositionality)

Clearly other linguistics researchers have different but related questions, and we have profited from the dialogue before during and since writing the book.

Your question has two main parts – first, what we consider the impact of T&T (2013) on the field to be, and second, our reaction to the reception of the book. We think the best way to advance knowledge is to share and discuss ideas with others, some of whom are more aligned to your way of thinking, and some of whom are very much not so aligned. This means that we have welcomed and learned from the various scholars who responded to some of our ideas, especially those who had many critical questions about what was proposed. Probably the most contentious idea in the book is the notion of constructionalization itself. A main aim of the book was to try to come up with a workable characterization of constructionalization. We felt that such a characterization was inevitable for a book that took (as we stated above) the basic principles of Goldberg’s usage-based CxG as a given, e.g. that speakers know constructions. There has certainly been some spirited debate around whether our characterization was workable, and even useful for thinking about the different ways in which constructions can change.

In terms of influencing other research, we feel that it is up to others to say whether they consider T&T (2013) to have had an impact on their thinking. But we hope that we were able to encourage researchers to rethink grammaticalization further in the context of how constructions change, ideally in a range of languages other than English. We also hoped to provide a framework for a textual approach to DCxG (as a complement to the more widespread work on quantitative approaches in DCxG). Finally, we are both interested in how meaning is negotiated through speaker-hearer interaction³, and

³ We use ‘speaker-hearer’ as a cover term for the various kinds of interaction between producers and perceivers of language.

the consequences of this for morphosyntactic change, so we hope that the book was of interest to researchers in a sub-field of historical pragmatics.

We will say more about the second part of your question in our response to question 3, since how we have reacted to the reception of T&T (2013) is manifest in our recent research agendas (both individually and collaboratively). But we would like to underscore here our previous statement about how advancing knowledge is optimized by sharing ideas with as wide a range of other researchers as possible. Since all research builds on previous research, we have been engaged in rethinking constructionalization in particular, and DCxG in general.

REVISTA LINGÜÍSTICA: About ten years after *Constructionalization and Constructional Changes*, the term *constructionalization* has been revisited by you. More recently, you adopted a new version of it, which is *the established of a new conventionalized symbolic link between form and meaning which has been replicated across a network of language users, and which involves an addition to the constructicon*. Considering so, we would like to hear from you about the motivations and methodological implications due to this new version of constructionalization in comparison to the prior one.

ELIZABETH TRAUOGOTT AND GRAEME TROUSDALE: There have been a number of motivations for us to rethink constructionalization, but we would like to discuss two topics that we think are crucial. The first concerns developments in CxG more generally, and particularly psycholinguistic and experimental work in that field. The second is more overtly diachronic in focus, and that concerns developments in understanding what the evidence is for a new construction having come into being, and how existing constructions change.

On the first issue, psycholinguistic, theoretical and other synchronic empirical work within CxG has led to a much more permissive view of what constructions are, compared to their characterization in Goldberg (1995: 4): “C is a CONSTRUCTION iff_{def} C is a form-meaning pair $\langle F_i, S_i \rangle$ such that some aspect of F_i or some aspect of S_i is not strictly predictable from C’s component parts or from other previously established constructions”. It was this definition that influenced our initial thinking while working on T&T (2013). It foregrounded unpredictability and idiosyncrasy of form and/or function. If a construction so defined is taken as the main building block of language, a constructionally-minded historical linguist would need to identify the development of a particular configuration of form and function within a given linguistic system, showing how the system changes to accommodate innovative patterns.

More recent views – both of what the construction is (e.g. GOLDBERG, 2019) and what constructional change therefore is (e.g. HILPERT, 2021) – shift the discussion away from a linguistic system comprised of precisely defined and identifiable constructions, to more emergentist and

statistical models of linguistic knowledge, where knowing a language is essentially a process of tracking variable frequency data in interaction.

This leads to the second issue. Probably the most frequently voiced criticism of T&T (2013) from within the field of DCxG is concerned with our focus on new constructions, or how constructions come into being. Much other work in DCxG is concerned with how an existing construction changes. These are related but distinct phenomena, and connect strongly with the methods used by different researchers. It is one thing to search in a parsed corpus for a given sequence (even if that sequence is partially schematic) and track how it changes. It is quite another to establish how the given sequence came to be in the first place. The *way*-construction is a good example. It is possible to search for sequences of the type [V POSS *way* PP] to establish which Vs appear in the construction and at what period, and to establish changes in the path denoted by the PP. But what, precisely, do you search for to find out how the sequence [V POSS *way* PP] comes to have a non-compositional meaning? How do you establish and delimit what the input constructions are prior to the creation of the *way*-construction, and what discourse contexts might be relevant for the development of a particular meaning? Both seeking to understand how a construction comes into being and seeking to understand how an existing construction is modified have value. Both are revealing about our capacity for language and why language changes. But both have very different methods, and ask questions about different stages of change.

Both of these (sets of) developments have been important influences in our recent work. New research in DCxG has foregrounded the architecture of the constructional network (DIESEL, 2019; HILPERT, 2021), and the shift in focus from the ‘nodes’ to ‘links between nodes’. Much of this work is still relatively new in DCxG, but we agree that a clearer understanding of the nature of the language network will be fruitful for further research. In our new characterization, we were thinking about three different aspects of the network, as follows.

1. We wanted to draw more attention to the link that exists between form and function. In other words, we were keen to reconceptualize constructionalization as involving a new conventionalized way of connecting linguistic form and meaning (broadly construed). This new configuration is a new resource for language users which they can deploy in communication. The form-function link is important, because it serves to identify how a portion of meaning space is connected to a formal configuration. By focusing on this particular kind of link, we do not mean to ignore other links that are important in constructional change (e.g. the various links that demonstrate collocational tendencies between constructions, or the associative links that exist between related constructions). However, the link we have focused on is rather different from other kinds of links, because it is symbolic. In Ronald Langacker’s work (e.g. LANGACKER, 1987), lexical items and grammatical structures are understood as symbolic assemblies. A critical feature of symbolic links is that they are something which groups of speakers come to agree on (i.e. they are conventionalized as a result of speaker-hearer interaction). This recognizes that

constructions are the product of change, not innovation, as they are conventional and arise as a result of practices of groups of speakers (a topic we return to below in our response to your question about innovation and change).

2. We therefore also wanted to draw attention to the idea that membership of the construct-i-con must change as a result of constructionalization. However the construct-i-con is conceived – whether it includes knowledge of how to combine constructions, for instance – our updated characterization is an attempt to underline the idea that membership of the construct-i-con must change over time. It is not merely a case of existing constructions changing: in such a scenario, membership of the construct-i-con would never change, since all that would happen is that existing constructions would vary in some dimension of their form or function. And it is clear that at least at some level, there must be additions to and loss from the construct-i-con, understood as a shared, communal resource. New lexical constructions (e.g. contemporary English *blog*) appear and old ones (e.g. Old English *eaxlgestealla* lit. shoulder.comrade ‘bosom buddy’) disappear. If such constructions can appear and disappear from the construct-i-con over time, then we have no reason to suspect that other more complex and schematic constructions should behave any differently, given the idea that knowing a language means knowing the constructions of that language. This connects closely to work on change in argument structure constructions (e.g. ZEHENTNER and TRAUGOTT, 2020 on the English ditransitive and related constructions) and raises interesting questions about what it is precisely that speakers know. In the case of Zehentner and Traugott (2020), for example, that research raises questions about whether speaker knowledge includes knowledge of allostructions only, constructemes only, or both.
3. As we have discussed above, much of our work is in the textual analytic subarea of DCxG, and this work in the more textual domain has been important in the reconceptualization. Elizabeth has recently published a book on DCxG and the development of discourse structuring markers (DSMs; see further the response to the final question in this interview), and the conference paper in which the new characterization of constructionalization was introduced was about the DSM *by the way* (TROUSDALE and TRAUGOTT, 2021). Discourse structuring was not something that we covered in detail in T&T (2013). Our shift in thinking about DCxG was in part in recognition of the need for a clearer discussion of textual factors (and the relationship between discourse structuring and morphosyntax).

REVISTA LINGUÍSTICA: Diachronic Construction Grammar became a very fruitful field in the general framework of Construction Grammar, dedicated to language change (T&T, 2013; HILPERT, 2013, 2021; PETRÉ, 2014; BARÐDAL et al 2015; SOMMERER, 2018; SOMMERER & SMIRNOVA, 2020). As a new field, it of course faces some challenges, such as the definition of its exact object, the difference between Diachronic Construction Grammar and Grammaticalization Theory, or the problem of how to suit the changes empirically attested in a feasible network model (cf HILPERT, 2018; SOMMERER & SMIRNOVA, 2020). Considering that, what are, in your opinion, the main open questions of Usage-based Diachronic Construction Grammar?

ELIZABETH TRAUOGOTT AND GRAEME TROUSDALE: We think there are many questions that are worth exploring within the field of DCxG, but if we had to narrow down the list, we would consider these questions to be potentially very fruitful lines of enquiry.

1. How is our understanding of DCxG enhanced by looking at a wider variety of languages, from a wider range of language families? William Croft's work, both on language change generally (CROFT, 2000), and on Radical Construction Grammar (CROFT, 2001), has always had a typological focus, and understood patterns of language change with that comparative perspective at the fore. Such data, however, often comes from grammars of lesser studied languages, or from comparative reconstruction. This is in contrast with other work in historical linguistics, especially work in what might be called the textual tradition (tracking changes over time in languages with an extensive historical record), which itself is being rethought in the light of data from computerized corpora. Nevertheless, much of what is theorized about language change comes from a very small fraction of the world's languages (and often from an even smaller fraction of the varieties of those languages).
2. We have identified (at least two) different strands of research in DCxG. One is concerned primarily with understanding the development of constructions in particular textual uses, investigating discourse can shape form-function associations. Another sees (diachronic) corpora as reflections of community knowledge, which enable the researcher to provide careful quantitative analysis of, for example, frequency changes and collocations. Do these different perspectives in DCxG complement each other (and are thus mutually reinforcing) or are we in a position where we have two distinct approaches that are addressing different things? What do these two approaches, separately and together, tell us about how knowledge of constructions can change?
3. Relatedly, what is the extent of change in 'knowledge of constructions'? Until recently there has been a focus on change to the 'internal structure' of constructions (the 'nodes' of the constructional network), trying to understand how changes affect generalizations across constructional types (schematization) or how slots in constructions change (e.g. the changes to the V-slot in the *way*-construction). Much less has been said about changes to knowledge about which constructions can combine with one another, and what constraints there are on such combinations. This requires a greater focus on the 'links' of the constructional network. How do such links change, and is change in links of the same type as change in nodes?
4. What is DCxG's take on phonological change? Joan Bybee's work on phonological change (particularly on the role of exemplars in phonological change) has clear connections with principles of constructional change, as Bybee herself has indicated (e.g. BYBEE, 2013). But the treatment of phonological change has largely been studied independently of constructions. In other words, while 'phonological properties' have been considered part of the structural organization of constructions, hardly any attention has been paid in the DCxG literature as to how those properties change, and what their relation is to other kinds of language change. There is considerable work on usage-based approaches to

phonology, especially in the field of Laboratory Phonology, with its focus on synchronic gradience, but the connections between usage-based approaches to grammatical (i.e. morphosyntactic change) and to phonological change have not been widely explored within the framework of DCxG.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Considering that *innovation* and *change* are key concepts for the study of the dynamics of language change and that sometimes is difficult to establish a threshold between them, could you please enlighten us about the difference between those two concepts and the importance of them to the usage-based approach to language change as well?

We see the distinction between innovation and change as connected to the distinction between individuals and groups of individuals. We see innovation as an alteration to linguistic representation in the mind of an individual, and language change as an alteration to the linguistic behaviour of more than one individual. Importantly, both innovations and changes happen as a result of interaction between individuals, and both innovations and changes can be short-lived or ‘unsuccessful’. Many linguists tend to be interested in relatively ‘successful’ changes, especially those that have shaped standard languages with a rich textual history, because the various stages can be tracked, whether qualitatively or quantitatively, in (edited versions of) manuscripts or computerized corpora. But ‘success’ is just a matter of degree, and of repetition, and successful alterations are of no more theoretical interest than unsuccessful or limited ones (though successful changes (not innovations) will be of interest from a sociolinguistic perspective). A ‘successful’ innovation is one that is relatively more entrenched in the mind of an individual than an ‘unsuccessful’ one is. A ‘successful’ change is one that has come to characterize the behaviour of a wider social group of individuals than an ‘unsuccessful’ one has.

We have given this reasonably sharp distinction between innovation and change because we want to be clear on what we think the relevant scope of enquiry is. We are not suggesting that there is not a connection between innovation and change – as we noted above, interaction is at the heart of both processes, and Schmid (2020) articulates the relationship extremely well in his ‘entrenchment-and-conventionalization’ model. Furthermore, we are probably not aligned with most of the researchers in the emergentist tradition in making the distinction between innovation and change in the way that we do, because changes in representations are difficult to implement in a model where there is no representation to speak of. In the emergentist model, presumably innovation and change both relate to frequency changes, the former measured through experiments in terms of differences in behaviour by individual subjects, the latter measured through corpus searches in terms of differences in profiles across sets of subjects or texts.

In response to your asking about the main ‘open questions’ of DCxG above, we mentioned that we see constructions as the product of change, not innovation, because constructions involve a symbolic link, and symbols are by definition conventional and thus shared. An important, and perhaps overlooked, consequence of this claim is that individual speakers do not ‘know’ constructions. They

do know pairings of form and meaning, and these may be entrenched (accessed as a unit). But these may also be highly idiosyncratic to the idiolect. Certainly these unit-like pairings of form and meaning might well be shared with at least one other speaker (in which case they are constructions), but until they are shared, they cannot be constructions, by definition.

REVISTA LINGUÍSTICA TO GRAEME: In 2022, you gave the online conference ‘Functionalism and Change in the language network’ at the International Seminar of Functional Linguistics. On that occasion, you adopted Word Grammar approach to address language change. That was a very thoughtful talk and, as such, we would like to ask you to talk a little bit more about the claim: *Word Grammar deals better with the language network than Construction Grammar*.

GRAEME TROUSDALE: Thank you for your kind words about my talk. WG is a theory of words, and that theory can accommodate constructions, but it does not take constructions as the basic unit of language, not least because WG is not a phrase-structure grammar. I think WG has a better articulation of the language network than CxG does. It provides a usage-based account of language (speakers build structure from tokens of use, whether that structure involves classification of words, or an understanding of the possible combinatorics of words.) Its view of the language network is dynamic (recognizing that particular words and relations between words may be more entrenched than others, and that language users are capable of storing information about specific tokens.) Crucially, it provides a formal account of language (lacking in most versions of CxG with the exception of Sign-Based Construction Grammar, which is not usage-based), which allows much greater precision in the description of how representations alter, and why some kinds of alterations might be more likely than others. It is clearly the case that speakers do make use of ‘chunking’ in the Bybeeian sense, and it is not yet clear to me quite how WG can handle such chunks (though see HUDSON, 2010 for some discussion). I think this is particularly important when it comes to the study of language change (an area which is currently under-researched in WG), because it is clear that, over time, unanalyzable chunks develop from sequences of independent words (e.g. classic cases of lexicalization such as *holiday* ‘day not spent at work’ < *halig.dæg* ‘holy day’, or *sheriff* ‘law enforcement officer’ < *scir. refa* ‘shire reeve’, as well as other cases of univerbation of forms which have a more grammatical function like *gonna*). My current work is concerned with providing a more detailed treatment of the nature of language change in WG, especially in connection to changes of relations between words of various kinds, adding to the work done on the diachronic implementation of WG by Richard Hudson (HUDSON, 1997) and especially Nikolas Gisborne (e.g. GISBORNE, 2010, 2011, 2017). I hope that this research will contribute to a better understanding of the dynamics of the network in WG, and allow for some comparison with the excellent work on networks in DCxG currently being undertaken by scholars such as Holger Diessel (DIESEL, 2019), Martin Hilpert (HILPERT, 2021) and Tobias Ungerer and Stefan Hartmann (UNGERER and HARTMANN, 2023), among others.

REVISTA LINGUÍSTICA TO ELIZABETH: You have just published the book “Discourse structuring markers in English: A historical constructionalist perspective on pragmatics”. Since you are a renowned linguist in the field of Historical Linguistics and have been publishing in the area throughout your career, could you please tell us what the readers can expect from the book?

ELIZABETH TRAUOGOTT: Yes, I have been publishing about semantic change and particularly the role of pragmatic inferencing in that change for over forty years! In 1982 I published a paper in which *while* is an example. My thought then was that it was grammaticalized during the Middle English period from a subordinator, *the hwile that* ‘during the time that’, and came to be used as a coordinate connective meaning either ‘during’ or ‘although’. The concessive ‘although’ use interested me because it is subjective. The counterexpectational type of connectivity that it marks is not truth-conditional; it has no part in what Sweetser (1990) later called the “socio-physical world”; it is part of the cognitive world (SWEETSER’S “epistemic world”). At the time, objectivity was highly valued and arguing, as Lyons 1982 and Langacker 1990 did too, that subjectification was an important phenomenon was an uphill battle. I was once asked after I gave a presentation on *in fact* why I bothered with expressions that one usually edits out! Editing many of such markers out, can result in dry, sometimes incoherent discourse! It took a while for the importance of pragmatic markers of various sorts to be recognized, thanks especially in the US to work of Laurel Brinton, Bruce Fraser, and Deborah Schiffrin and in Europe by Gaétane Dostie, Maj-Britt Mosegaard Hansen, Ursula Lenker, Jacqueline Visconti, among many, many others.

Since writing the 1982 paper I have been trying to refine my understanding of ways in which semantic change may result from pragmatic inferencing, using a wide number of examples from the history of English. Fast forward to the mid 2010s, a time when I had been shifting from thinking in terms of a grammaticalization framework to a constructional one of the Adele Goldberg type. The constructional framework was particularly useful as the idea that language is made up of form-function pairings addressed one of the issues on my mind. Meaning shifts correlate with shifts in form (syntax and phonology, especially prosody), the pairing is key to understanding the histories of many expressions, and formalisms require the dual approach. I was invited to participate in a conference on digressive markers by Benjamin Fagard at CNRS and Sorbonne 3 in Paris. My paper on *by the way* for that conference (TRAUGOTT, 2020) jump-started the idea behind the book on Discourse Structuring Markers (TRAUGOTT, 2022b). And the way was paved for it by Ten Lectures that I presented via Zoom on the topic at Beihang University in Beijing at the invitation of Fuyin (Thomas) Li (TRAUGOTT, 2022a). Both the book and the Ten Lectures were products of COVID-19!

The title points to my proposal that there is a class of Discourse Structuring Markers (DSMs) in English, and probably most languages, that are used to signal coherence in discourse. I argue that a distinction needs to be made between connectives that are minimally pragmatic (*on the one hand, instead*) and those that are highly pragmatic (*but, after all, by the way*) in their contemporary uses.

I call them all DSMs. The distinction is evidenced by the histories of the highly pragmatic markers which I call Discourse Markers (DMs). All DSMs start out used in contentful lexical phrases, but some come to be used as DMs. For example, *by the way* is used as a circumstance adverbial meaning ‘in passing’, as an introduction to the equivalent of a footnote, or aside in a complex, often philosophical argument. It comes to be used as a DSM and is then generalized to other contexts in the 16thC. In the 17thC it came to be used as a hedge, or interpersonal marker.

There are a number of detailed specific studies in the book, modeled in most cases in terms of William Croft’s (2001) concept of a construction as a unit pairing with two sets of linked components, one form (syntax, morphology, phonology), the other meaning/function (semantics, pragmatics, discourse function); I show that each of these components may change over time.

A broader objective of the book is to seek to find ways to embed more pragmatics in construction grammar, as is called for by Rita Finkbeiner in a 2019 issue of the journal *Constructions and Frames*. There is also discussion of two more particular theoretical issues. One is the relationship between subjectification and intersubjectification, which has been the topic of some debate. I propose that for the set of DSMs, at least, ordering of the two processes is not relevant, because when an expression comes to be used as a DSM it is necessarily both subjectified (it expresses speaker’s stance to the text) and intersubjectified (it calls on the addressee to agree with or at least access SP’s stance). When a DSM arises, weak subjectification and intersubjectification occur simultaneously. One or the other may undergo strengthening at a later time, e.g. when *by the way* came to be used as a hedge, it underwent stronger subjectification.

The other issue addressed is how to think about position since some DSMs occur in pre-clausal, medial and final position, sometimes with different meanings. I suggest position is not a construction, adding another piece of evidence in answer to Thomas Hoffmann’s (2020) question about the robustness of Goldberg’s famous “It’s construction all the way down” (GOLDBERG, 2003, p. 223). Standard formulations of DMs are typically presented as being of the ‘Clause 1, Marker Clause 2’ type (in FRASER’S (1996 and elsewhere) notation, Segment 1, Marker Segment 2). This precludes discussion of clause-final uses, which Schiffrin (1987) pays significant attention to, and even more of medial position, the informational function of which Lenker (2014) analyzes in connection with contrastives like *however*.

The book would not have been possible without the work of many others. Graeme Trousdale inspired much of the foundational constructionalist thinking, colleagues and students have raised questions and challenged some of my hypotheses over the years in person or in print. I feel privileged to have been able to witness the flowering of a very small idea about *while* in the early 1980s into a big research question about the role of pragmatics in constructionalization. I hope the 2022b book will foster further evolution of our understanding of this question.

ELIZABETH TRUGOTT AND GRAEME TROUSDALE: In closing, we would like to thank you for giving us this opportunity to talk about T&T (2013) and our thinking since the book was

published. We hope that this collaborative endeavor in DCxG will continue to help to reveal patterns in the ways in which languages change.

References

- BARÐDAL, Jóhanna *et al.* (eds.). *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: Benjamins, 2015.
- BERGS, Alexander; DIEWALD, Gabriele (eds.). *Constructions and Language Change*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2008.
- BÖRJARS, Kersti; VINCENT, Nigel; WALKDEN, George. On constructing a theory of grammatical change. *Transactions of the Philological Society* 113, 2015, pp. 363-82.
- BREBAN, Tine. *English Adjectives of Comparison: Lexical and Grammaticalized Uses*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010.
- BRINTON, Laurel J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Lexicalization and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, Joan L. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013, pp. 49-69.
- CROFT, William. *Explaining Language Change*. Harlow, Essex: Longman, Pearson Education, 2000.
- CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DE SMET, Hendrik. *Spreading Patterns: Diffusional Change in the English System of Complementation*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- DIESEL, Holger. *The Grammar Network: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- FINKBEINER, Rita (ed.) On the role of pragmatics in Construction Grammar, special issue of *Constructions and Frames*, v. 11, n. 2, 2019.
- FRASER, Bruce. Pragmatic markers. *Pragmatics* v. 6, pp. 167-90, 1996.
- GISBORNE, Nikolas. *The Event Structure of Perception Verbs*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- GISBORNE, Nikolas. Constructions, Word Grammar, and grammaticalization. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (eds.). Special Issue on Variation, Change, and Construction in English, *Cognitive Linguistics* v. 22, pp. 155-82, 2011.
- GISBORNE, Nikolas. Defaulting to the new Romance synthetic future. In: GISBORNE, Nikolas; HIPPELEY, Andrew (eds.). *Defaults in Morphological Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

- GOLDBERG, Adele E. Constructions: A new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences* v. 7, pp. 219-24, 2003.
- GOLDBERG, Adele E. *Explain Me This*. Princeton: Princeton University Press, 2019
- HILPERT, Martin. *Germanic Future Constructions: A Usage-based Approach to Language Change*. Amsterdam: Benjamins, 2008.
- HILPERT, Martin. *Constructional Change in English: Developments in Allomorphy, Word-Formation and Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- HILPERT, Martin. Three open questions in diachronic construction grammar. In: COUSSÉ, Evie; OLOFSSON, Joel; ANDERSSON, Peter (eds.). *Grammaticalization meets Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2018, pp. 22-39.
- HILPERT, Martin. *Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar*. Leiden: Brill, 2021.
- HIMMELMANN, Nikolaus P. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus P.; WIEMER, Björn (eds.). *What Makes Grammaticalization - A Look from its Fringes and its Components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, pp. 21-42.
- HOFFMANN, Thomas. What would it take for us to abandon Construction Grammar? Falsifiability, confirmation bias and the future of the constructionist enterprise. *Belgian Journal of Linguistics* v. 34, pp. 149-161, 2020.
- HUDSON, Richard. The rise of auxiliary do: verb-non-raising or category strengthening? *Transactions of the Philological Society* 95, pp. 41-72, 1997.
- HUDSON, Richard. *An Introduction to Word Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. I: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, Ronald W. Subjectification. *Cognitive Linguistics* v. 1, pp. 5-38, 1990.
- LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. (eds.). *Clause Combining in Discourse and Grammar*. Amsterdam: Benjamins, 1988, pp. 181-225.
- LENKER, Ursula. Knitting and splitting information: medial placement of linking adverbials in the history of English. In: PFENNINGER, Simone E. et al. (eds.). *Contact, Variation and Change in the History of English*. Amsterdam: Benjamins, 2014, pp. 11-38.
- LYONS, John. Deixis and subjectivity: Loquor, ergo sum? In: JARVELLA, Robert J.; KLEIN, Wolfgang (eds.). *Speech, Place, and Action: Studies in Deixis and Related Topics*, pp. 101-124. New York: Wiley, 1982.
- PETRÉ, Peter. *Constructions and Environments: Copular, Passive, and Related Constructions in Old and Middle English*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SCHMID, Hans-Jörg. *Dynamics of a Linguistic System: Usage, Conventionalization, and Entrenchment*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

SOMMERER, Lotte. *Article Emergence in Old English: A Constructionalist Perspective*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2018.

SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, Elena (eds.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: Benjamins, 2020.

SWEETSER, Eve E. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. From propositional to textual and expressive meanings: Some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*, Amsterdam: Benjamins, 1982, pp. 245-71.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. The development of “digressive” discourse–topic shift markers in English. In: FAGARD, Benjamin; CHAROLLES, Michel (eds.). *Topic Shifters in a Contrastive Perspective*, Special issue, *Journal of Pragmatics* v. 156, pp. 121-35, 2020.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Ten lectures on a Diachronic Constructionalist Approach to Discourse Structuring Markers*. Leiden: Brill, 2022a.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Discourse Structuring Markers in English: A Historical Constructionalist Perspective on Pragmatics*. Amsterdam: Benjamins, 2022.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme (eds.). *Gradience, Gradualness, and Grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 2010.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, Graeme. Functionalism and Change in the language network. Paper presented at the online International Seminar of Functional Linguistics (SILF VI), 24 June 2022.

TROUSDALE, Graeme; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Rethinking constructionalization: The history of by the way. Paper presented at ISLE 6, Jeonsuu, Finland, 2021.

UNGERER, Tobias; HARTMANN, Stefan. *Constructional Approaches, Past, Present, and Future*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. <https://doi.org/10.1017/9781009308717>. (Open Access)

ZEHENTNER, Eva; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Constructional networks and the development of benefactive ditransitives in English. In: SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, Elena (eds.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: Benjamins. 2020, pp. 168-211.

ENTREVISTA COM ELIZABETH CLOSS TRAUOGOTT E GRAEME TROUSDALE*INTERVIEW WITH ELIZABETH CLOSS TRAUOGOTT AND GRAEME TROUSDALE**Karen Sampaio Braga Alonso¹**Diego Leite de Oliveira²*

Desde a última década, muitos livros e artigos têm sido publicados no campo da mudança linguística, em uma abordagem funcional-cognitiva. Entre essas contribuições, o livro *Constructionalization and Constructional Change* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) tornou-se um livro de leitura obrigatória para quem trabalha ou deseja trabalhar com construções em uma perspectiva diacrônica. Os autores, Elizabeth Traugott and Graeme Trousdale, trouxeram a público um texto provocador sobre como novas construções são cunhadas na língua ao longo dos séculos. Para isso, estabeleceram uma diferença entre construcionalização e mudanças construcionais, considerando a primeira como a criação de uma nova construção e a última como mudanças na forma ou no sentido de uma construção pré-existente.

No Brasil, como em diversas partes do mundo, o livro se tornou popular e passou a figurar no centro de um rico debate sobre a conciliação entre *Gramática de Construções*, um modelo teórico sobre o conhecimento linguístico do falante, e a *mudança linguística*, que vai além do tempo de vida de um indivíduo. Para aqueles que adotam os conceitos do livro e os que criticam algumas das definições e entendimentos apresentados pelos autores, há ainda muitas questões em aberto acerca da abordagem diacrônica da gramática.

Na sequência desse debate, estamos muito felizes por termos entrevistado Elizabeth Traugott (Professora Emérita da Universidade Stanford) e Graeme Trousdale (Professor da Universidade de Edimburgo) para celebrar os dez anos da publicação de *Constructionalization and Language Change*. Nesta entrevista, você poderá ver o modo como os autores veem seu trabalho de 2013, como eles dialogam com as críticas recebidas e como eles entendem a mudança linguística em 2023.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Há dez anos, vocês publicaram *Constructionalization and Constructional Changes*. Daquele momento em diante, o livro foi considerado uma das principais contribuições a oferecer uma teoria sistêmica para a mudança linguística em uma perspectiva construcionista baseada no uso. Ele ganhou popularidade e ainda vem sendo utilizado e citado por diversos pesquisadores dedicados ao estudo da mudança linguística no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Assim, gostaríamos de voltar no tempo e pedir a vocês que nos contem sobre as motivações, expectativas e a discussão envolvida na preparação do livro.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), karensampaio@letras.ufrj.br, <http://orcid.org/0000-0002-7853-0015>.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), diegooliveira@letras.ufrj.br, <http://orcid.org/0000-0003-0601-4131>.

ELIZABETH TRAUGOTT E GRAEME TROUSDALE: Para começar, fornecemos respostas individuais para essa primeira questão e, depois, escrevemos algo sobre nossas influências conjuntas e nossa colaboração anterior e durante a escrita de Traugott e Trousdale 2013 (doravante, T&T, 2013).

ELIZABETH TRAUGOTT: Acredito que meu interesse na Gramática de Construções (GC) residiu inicialmente no fato de que ela fornecia não somente um modo de pensar forma e significado ao mesmo tempo, mas realmente requeria esse foco duplo, algo que o modelo de gramaticalização com o qual eu estava trabalhando não exigia (embora permita análises em termos de forma e função, isso não é um requisito). Além disso, uma abordagem construcional permite investigar um conjunto maior de estruturas linguísticas tais como as bitransitivas do tipo *I gave the boys muffins for breakfast*³. A proposta de Croft (2001) de que uma construção é uma unidade com dois conjuntos de componentes, um de forma e outro de significado, ligados por um *link* de relação simbólica, ofereceu um modo de falar sobre como os componentes de uma unidade podem mudar independentemente. Com isso, meu trabalho inicial foi profundamente influenciado pela gramaticalização. Para mim, um congresso importante foi o que Alexander Bergs e Gabriele Diewald organizaram e cujos trabalhos aparecem em Bergs e Diewald (2008). Contudo, foi só com o congresso *New Reflections on Grammaticalization - NRG*⁴ de 2008, em Leuven, do qual Graeme fala abaixo (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2010), que eu entendi totalmente o quão diferentes são as questões levantadas num modelo e no outro e consegui me libertar de pensar as coisas pela lente da gramaticalização. A gramaticalização indaga como uma unidade gramatical (que Joan Bybee e seus colegas chamam de ‘gram’) vem a existir, ao passo que uma abordagem construcionista histórica questiona como uma construção vem a existir!

GRAEME TROUSDALE: Penso que a motivação para o livro veio inicialmente da participação de uma palestra que Elizabeth deu na Universidade de Edimburgo em 2004, e de uma reflexão maior sobre Brinton e Traugott (2005), particularmente o modo como o livro articulava similaridades e diferenças entre gramaticalização e lexicalização. Eu estava ansioso para pensar em um quadro teórico que tivesse um tratamento uniforme para os *outputs* de ambos os processos. Eu também estava trabalhando com um estudante de doutorado, Takeshi Koike, que estava interessado nas dimensões diacrônicas da Gramática Cognitiva de Langacker, particularmente em relação à perda de várias funções do genitivo na transição do inglês antigo para o inglês médio. Isso me levou até a GC e a estudar a perda de estruturas impessoais no inglês, indagando como o quadro teórico da GC pode ser usado para explicar mudanças de caso lexical para caso estrutural, e como isso se liga à gramaticalização. No meio disso tudo, havia ainda um outro ponto que tinha a ver com a relação entre gradiência e gradualidade na mudança linguística (por exemplo, a perda gradual de funções do genitivo em inglês e como isso se reflete como gradiência em uma parcela sincrônica da língua no período do inglês médio). Elizabeth e eu compartilhamos ideias em relação a esses e outros tópicos afins em

³ Eu dei muffins para os meninos para o café da manhã.

⁴ Novas reflexões sobre gramaticalização.

uma série de congressos e workshops em meados dos anos 2000, e decidimos fazer uma parceria, realizando um workshop sobre gradiência e gradualidade no congresso NRG, em Leuven, em 2008, o que levou à publicação de Traugott e Trousdale (2010). No mesmo congresso, falamos posteriormente com Muriel Norde sobre desgramaticalização e foi exatamente a partir daquele ponto que o foco se tornou observar se a GC poderia trazer uma forma fundamentada para falar sobre as similaridades e diferenças entre gramaticalização, lexicalização e desgramaticalização. Nós vínhamos trabalhando de forma independente com conjuntos de dados diferentes do inglês (por exemplo, Elizabeth sobre quantificadores e clivadas, e eu sobre a marcação de possessivos e predicados composicionais). Então, nós decidimos ver o que um esforço colaborativo posterior poderia produzir.

ELIZABETH TRAUGOTT E GRAEME TROUSDALE: Nos anos de 2010, nós dois estávamos bastante influenciados por estudos em gramaticalização (particularmente o trabalho de Nikolas Himmelmann (2004) com gramaticalização como expansão e redução de contextos, o trabalho de Christian Lehmann (2008) com combinação de orações, os vários projetos ocorrendo na Universidade Católica de Leuven, desenvolvidos por Hubert Cuyckens, Kristin Davidse e seus estudantes de doutorado na época, como Tine Breban, Hendrik de Smet e Peter Petré (veja, por exemplo, BREBAN, 2010; DE SMET, 2013; PETRÉ, 2014) e o novo trabalho em estudos diacrônicos trazidos pela Linguística Cognitiva (como HILPERT, 2008, 2013). Embora não concordássemos com todas as ideias que eles propunham, aquele era um período muito fértil para as abordagens de pesquisas baseadas no uso, para tratar a mudança linguística. Ao discutirmos o trabalho desses e de outros pesquisadores e pensarmos sobre nossa interpretação de dados da história do inglês com os quais estávamos trabalhando, decidimos tentar responder ao seguinte questionamento: assumindo que a língua é de fato organizada como sugerem os construcionistas, ou seja, como uma rede de pareamentos de forma e função, compartilhada entre um grupo de falantes, como, então, devemos entender as similaridades e diferenças entre mudanças que têm sido caracterizadas como gramaticalização, lexicalização e desgramaticalização? Essa é a questão no coração de T&T (2013). Nunca pretendemos que o livro fosse um ‘manual’ de como realizar pesquisa em Gramática de Construções Diacrônica – GCD, (até mesmo porque ele disse pouco sobre a dimensão quantitativa que caracterizou muitas pesquisas novas nessa área). De fato, a questão como formulada acima é importante no que se refere a como esperávamos que o livro fosse lido – ele assume construções como dadas e então pergunta como nós entendemos os processos particulares de mudança linguística. Um outro tipo de livro em GCD poderia ter começado pelos processos e, aí, perguntado se isso é uma evidência que sustenta a afirmação sobre se são as construções daquela língua o que conhecem os falantes quando conhecem uma língua⁵. Naturalmente essas duas coisas estão relacionadas, mas nós acreditamos ser importante acentuar que nós víamos o livro primeiramente como uma contribuição para a linguística histórica e secundariamente para as teorias de representação do conhecimento linguístico.

⁵ What speakers know when they know a language.

REVISTA LINGUÍSTICA: Em 2013, vocês descreveram construcionalização como a criação de (combinações de) signos de forma_{nova}-significado_{novo}, formando novos nós, que tem nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado na rede linguística de uma população de falantes. Desde aquele momento, vários linguistas vêm usando essa concepção e essa definição ao atestarem ou postularem a emergência de novas construções em uma dada língua. Por outro lado, essa definição vem sendo discutida, resenhada e criticada por alguns pesquisadores que argumentam que a distinção entre construcionalização e mudanças construcionais não é fácil de delinear ou que essa distinção, embora teoricamente viável, não se mantém empiricamente (cf. BÖRJARS; VINCENT; WALKDEN, 2015; ou HILPERT, 2021). Como vocês enxergam o impacto da proposta de T&T (2013) nos estudos diacrônicos em Gramática de Construções e como os seus estudos atuais têm se beneficiado do diálogo com pessoas que estão pensando a mudança linguística em Gramática de Construções, principalmente no que se refere à abordagem para a construcionalização?

ELIZABETH TRAUOTTE GRAEME TROUSDALE: A pergunta de vocês toca no impacto de T&T (2013) sobre a GCD, mas como dissemos acima, esperávamos que T&T (2013) trouxesse uma contribuição para os desenvolvimentos recentes em Linguística Histórica, especialmente a relação entre as ideias da GCD e o trabalho com gramaticalização e mudanças relacionadas. A partir dessa perspectiva da Linguística Histórica, tentamos compreender dois aspectos específicos:

- (a) como uma construção tem origem;
- (b) se o desenvolvimento de construções com funções diferentes (por exemplo, gramatical vs. lexical) é similar ou diferente ao longo de um conjunto de parâmetros (principalmente esquematicidade, produtividade e composicionalidade).

É claro que outros pesquisadores têm questões diferentes, porém relacionadas, e nós temos nos beneficiado do diálogo antes, durante e desde a escrita do livro.

A pergunta de vocês tem duas partes principais – em primeiro lugar, qual é o impacto que consideramos que T&T (2013) teria e, em segundo lugar, nossa reação em relação à recepção do livro. Pensamos que a melhor forma de avançar no conhecimento é compartilhar e discutir ideias com os outros, alguns dos quais estão mais alinhados com o nosso jeito de pensar e outros não assim tão alinhados. Isso significa que nós recebemos bem e aprendemos com vários pesquisadores que responderam a algumas de nossas ideias, especialmente aqueles que tinham muitos pontos críticos em relação ao que nós propusemos. Provavelmente, a ideia mais controversa no livro é a noção de construcionalização em si. Um objetivo principal do livro era tentar chegar a uma caracterização viável de construcionalização. Sentíamos que uma caracterização assim era inevitável para um livro que assumia como dados (como afirmamos acima) os princípios básicos de uma GC baseada no uso no modelo de Goldberg, tal como o de que os falantes conhecem construções. Com certeza, houve um

debate animado sobre se nossa caracterização era viável, e mesmo útil para pensar sobre as diferentes formas com as quais uma construção pode mudar.

Em termos de influenciar outra pesquisa, sentimos que cabe aos outros dizer se eles consideram que T&T (2013) causou impacto em seu pensamento. Mas esperamos que tenhamos sido capazes de encorajar pesquisadores a repensar a gramaticalização ainda mais no contexto de como as construções mudam, idealmente em uma variedade de línguas diferentes do inglês. Também esperávamos fornecer um quadro teórico para uma abordagem textual para GCD (como um complemento ao trabalho mais difundido com abordagens quantitativas). Finalmente, ambos somos interessados por como o significado é negociado através da interação falante-ouvinte⁶ e as consequências disso para a mudança morfosintática, de modo que acreditamos que o livro seria de interesse para pesquisadores em um subcampo da pragmática histórica.

Falaremos mais sobre a segunda parte da pergunta de vocês em nossa resposta à terceira questão, já que o modo como nós reagimos à recepção de T&T (2013) se reflete em nossas agendas de pesquisa (tanto individualmente, como em parceria). Mas gostaríamos de enfatizar aqui nossa afirmação anterior sobre o fato de que o avanço no conhecimento é otimizado quando há o compartilhamento de ideias com o maior conjunto de pesquisadores possível. Já que toda pesquisa se constrói com base em pesquisa anterior, temos nos engajado em repensar a construcionalização em particular e a GCD em geral.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Aproximadamente dez anos depois de *Constructionalization and Constructional Changes*, vocês revisitaram o termo *constructionalization*. Mais recentemente, vocês adotaram uma nova versão, em que construcionalização “é o estabelecimento de uma nova relação simbólica convencionalizada entre forma e significado, que vem a ser replicada pela rede dos falantes da língua e que envolve a adição ao construct-i-con⁷”. Tendo isso em vista, gostaríamos de saber sobre as motivações e implicações metodológicas dessa nova versão de construcionalização em comparação a versão anterior.

ELIZABETH TRAU GOTT E GRAEME TROUSDALE: Há uma série de motivos para nós repensarmos o conceito de construcionalização, mas gostaríamos de discutir dois tópicos que pensamos serem cruciais. O primeiro se refere a avanços em GCD de um modo mais geral e particularmente ao trabalho psicolinguístico e experimental no campo. O segundo tem foco mais abertamente diacrônico e se refere a avanços no entendimento de qual é a evidência de que uma nova construção venha a existir e como as construções existentes mudam.

Sobre a primeira questão, trabalhos psicolinguísticos, teóricos e outros do tipo sincrônico em GC têm levado a uma visão do que sejam construções muito mais permissiva, em comparação à caracterização de Goldberg (1995, p. 4) “C é uma CONSTRUÇÃO se e somente se C é um

⁶ N. dos entrevistados: usamos falante-ouvinte como um termo guarda-chuva para vários tipos de interação quem produz e percebe linguagem.

⁷ Rede de construções.

pareamento de forma e significado <Fi, Si> de modo que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não é estritamente previsível a partir das componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas”. Foi essa definição que influenciou nosso pensamento inicial, enquanto trabalhávamos em T&T (2013). Ela ressaltou a não previsibilidade e a idiosincrasia da forma e/ou função. Se uma construção assim definida é tomada como a principal unidade de construção da língua, um linguista histórico com uma visão construcionista precisa identificar o desenvolvimento de uma configuração particular da forma e da função em dado sistema linguístico, mostrando como o sistema muda para acomodar padrões inovadores.

Visões mais recentes – tanto do que é uma construção (por exemplo, GOLDBERG, 2019) e o que, portanto, é mudança construcional (por exemplo, HILPERT, 2021) – deslocam a discussão de um sistema linguístico composto por construções identificáveis e definidas de um modo preciso para modelos mais emergentistas e estatísticos do conhecimento linguístico, em que conhecer uma língua é, em essência, um processo de monitorar dados de frequência variável em interação.

Isso leva à segunda questão. Provavelmente a crítica mais frequente a T&T (2013) no campo da GCD se refere ao nosso foco em novas construções, ou como construções passam a existir. Muitos outros trabalhos em GCD estão preocupados com como uma construção existente muda. Essas mudanças estão relacionadas, mas são fenômenos distintos e se conectam fortemente aos métodos usados por diferentes pesquisadores. Uma coisa é buscar uma dada sequência (mesmo se essa sequência é parcialmente esquemática) em um corpus anotado e monitorar como ela muda. É uma coisa bem diferente estabelecer como dada sequência surge em primeiro lugar. A construção com *way* é um bom exemplo. É possível buscar sequências do tipo [V POSS *way* PP] para estabelecer quais Vs ocorrem na construção e em que período, e estabelecer mudanças na trajetória denotada pelo PP. Mas o que precisamente você procura para descobrir como a sequência [V POSS *way* PP] veio a ter um significado não composicional? Como você estabelece e delimita quais construções *input* são anteriores à criação da construção com *way* e quais contextos discursivos podem ser relevantes para o desenvolvimento do significado específico? Tentar entender tanto como uma construção tem origem quanto como uma construção é modificada tem valor. Ambos os esforços revelam sobre nossa capacidade de linguagem e por que as línguas mudam. Mas ambos têm métodos muito diferentes e fazem questões sobre estágios distintos da mudança.

Ambos os (conjuntos de) avanços tem influenciado de um modo importante o nosso trabalho recente. A nova pesquisa em GCD tem realçado a arquitetura da rede construcional (DIESSEL, 2019; HILPERT, 2021) e a mudança de foco dos nós para os *links* entre os nós. Muitos desses trabalhos ainda são relativamente novos em GCD, mas nós concordamos que um entendimento mais preciso sobre a natureza da rede linguística será frutífero para pesquisa futura. Em nossa caracterização, estávamos pensando sobre três aspectos diferentes da rede, como a seguir:

1. Queríamos prestar mais atenção ao link que existe entre forma e função. Em outras palavras, estávamos ansiosos para reconceptualizar a construcionalização como envolvendo um modo convencionalizado de conectar forma linguística e significado (amplamente

construído). Essa nova configuração é um novo recurso para os usuários da língua, que eles podem implantar na comunicação. O *link* entre forma e significado é importante, porque serve para identificar como uma parcela do espaço do significado está conectada a uma configuração formal. Ao focar nesse tipo particular de *link*, não queremos ignorar outras ligações importantes para a mudança construcional (por exemplo, os vários *links* que demonstram tendências colocacionais entre construções, ou *links* associativos que existem entre construções relacionadas). No entanto, o *link* que nós focamos é bastante diferente de outros tipos de *links* porque ele é simbólico. No trabalho de Ronald Langacker (por exemplo, LANGACKER, 1987), itens lexicais e estruturas gramaticais são compreendidas como pareamentos simbólicos⁸. Um traço importante dos links simbólicos é que eles são algo com que grupos de falantes passam a concordar (ou seja, eles são convencionalizados em decorrência da interação falante-ouvinte). Sendo assim, reconhece-se que construções são produto da mudança, não uma inovação, porque são convencionais e surgem como resultado de práticas de grupos de falantes (um tópico ao qual retornamos abaixo em nossa resposta à pergunta de vocês sobre inovação e mudança).

2. Assim, nós também queremos dar atenção à ideia de que a forma de pertencimento ao *construct-i-con* deve mudar em decorrência da construcionalização. Independentemente de como o *construct-i-con* é concebido – se ele inclui conhecimento sobre como combinar construções, por exemplo – nossa caracterização atualizada é uma tentativa de sublinhar a ideia de que a o modo de pertencimento ao *construct-i-con* deve mudar com o tempo. Não é meramente o caso de construções existentes estarem mudando: em tal cenário, o pertencimento ao *construct-i-con* nunca mudaria, já que tudo o que aconteceria é que as construções variariam em alguma dimensão de sua forma ou função. E é claro que pelo menos em algum nível deve haver acréscimos e perdas no *construct-i-con*, entendido como um recurso compartilhado, comum. Novas construções lexicais (por exemplo, *blog* do inglês contemporâneo) surgem e as antigas (como, por exemplo, *eaxlgestealla* lit. ombro.camarada ‘amigo do peito’, do inglês antigo) desaparecem. Se tais construções podem aparecer e desaparecer do *constructo-i-con* no decorrer do tempo, então não temos motivos para suspeitar que outras construções mais complexas e esquemáticas deveriam se comportar de um jeito diferente, dada a ideia de que conhecer uma língua significa conhecer as construções daquela língua. Isso se relaciona intimamente com o trabalho sobre a mudança de construções de estrutura argumental (por exemplo, ZEHENTNER; TRAUGOTT, 2020), sobre construções bitransitivas do inglês e outras relacionadas) e levanta questões interessantes sobre o que precisamente os falantes conhecem. No caso de Zehentner and Traugott (2020), por exemplo, a pesquisa levantou questões sobre se o conhecimento do falante inclui o conhecimento só de aloconstruções, só de construtemas ou dos dois.
3. Como nós discutimos acima, muitos trabalhos nossos se referem à subárea de análise textual da GCD e esse trabalho no domínio mais textual tem sido importante na reconceptualização. Elizabeth publicou recentemente um livro sobre a GCD e o desenvolvimento de marcadores de estruturação do discurso (DSMs; veja a resposta à última pergunta desta entrevista) e um artigo de congresso no qual a nova caracterização de

⁸ N. do T. Symbolic assemblies.

construcionalização que foi apresentada era sobre o marcador *by the way* (TROUSDALE; TRAUGOTT, 2021). A estruturação do discurso não foi algo que nós cobrimos em detalhes em T&T (2013). Nossa mudança de pensamento sobre GCD foi em parte no reconhecimento da necessidade de uma discussão mais profunda sobre fatores textuais (e a relação entre estruturação do discurso e morfossintaxe).

REVISTA LINGUÍSTICA: A Gramática de Construções Diacrônica tornou-se um campo muito frutífero na teoria geral da Gramática de Construções, dedicado à mudança linguística (T&T, 2013; HILPERT, 2013, 2021; PETRÉ, 2014, BARÐDAL *et al.*, 2015; SOMMERER, 2018; SOMMERER & SMIRNOVA, 2020). Como um novo campo, ela se depara com novos desafios, como a definição de seu exato objeto, a diferença entre Gramática de Construções Diacrônica e Teoria da Gramaticalização, ou o problema de como acomodar as mudanças empiricamente atestadas em um modelo de redes viável (cf. HILPERT, 2018; SOMMERER; SMIRNOVA, 2020). Considerando esses aspectos, quais são, em sua opinião, as principais questões em aberto da Gramática de Construções Diacrônica baseada no uso?

ELIZABETH TRAUGOTT E GRAEME TROUSDALE: Nós pensamos que há muitas questões que merecem ser exploradas na GCD, mas se tivéssemos que estreitar a lista, consideraríamos que as questões abaixo são linhas potencialmente muito produtivas de investigação.

1. Como o nosso conhecimento da GCD é realçado observando um conjunto maior de línguas, de um conjunto mais amplo de famílias linguísticas? O trabalho de William Croft, tanto com mudança linguística em geral (CROFT, 2000), como com a Gramática de Construções Radical (CROFT, 2001), sempre teve foco tipológico e compreendeu padrões de mudança linguística com a perspectiva comparativa em pauta. Esses dados, no entanto, geralmente provêm de gramáticas de línguas menos estudadas ou da reconstrução comparativa. Isso contrasta com outro trabalho em linguística, especialmente o trabalho com o que pode ser chamado de tradição textual (o monitoramento de mudanças no decorrer do tempo, em línguas com um registro histórico extenso), que em si vem sendo repensado à luz de dados de corpora computadorizados. Entretanto, muito do que é teorizado sobre mudança linguística vem de uma fração de línguas do mundo muito pequena (e geralmente uma fração ainda menor de variedades daquelas línguas).
2. Nós identificamos (pelo menos duas) linhas de pesquisa diferentes na GCD. Uma diz respeito primeiramente ao entendimento do desenvolvimento de construções em usos textuais particulares, investigando como o discurso pode modelar associações forma-função. Outra vê corpora (diacrônicos) como reflexos do conhecimento da comunidade, que capacita o pesquisador a fornecer uma análise quantitativa cuidadosa, por exemplo, das mudanças de frequência e de colocações. Essas perspectivas diferentes na GCD complementam uma a outra (e, portanto, reforçam uma a outra mutuamente) ou estamos numa posição em que há duas abordagens distintas que endossam coisas diferentes? O que essas duas abordagens, separadamente ou juntas, nos dizem sobre como construções podem mudar?

3. De um modo relacionado, qual é a extensão da mudança no ‘conhecimento de construções’? Até recentemente, tem tido um foco sobre a mudança na ‘estrutura interna’ das construções (os ‘nós’ da rede construcional), tentando entender como mudanças afetam generalizações entre tipos construcionais (esquematisação) ou como os *slots* em uma construção mudam (por exemplo, as mudanças no slot V na construção com *way*). Muito menos tem sido dito sobre mudanças no conhecimento sobre quais construções podem se combinar e quais restrições existem em tais combinações. Isso requer um foco maior sobre os ‘links’ da rede construcional. Como tais links mudam e será que a mudança nos links é do mesmo tipo que a mudança nos nós?

4. Qual a posição da GCD sobre mudança fonológica? O trabalho de Joan Bybee sobre mudança fonológica (particularmente sobre o papel de exemplares na mudança fonológica) tem conexões claras com princípios da mudança construcional, como a própria Bybee tem indicado (por exemplo, BYBEE, 2013). Mas o tratamento da mudança fonológica tem sido amplamente estudado independentemente de construções. Em outras palavras, embora ‘propriedades fonológicas’ tenham sido consideradas parte da organização estrutural das construções, dificilmente qualquer atenção tem sido dada na literatura em GCD em relação a como essas propriedades mudam, e qual sua relação com outros tipos de mudança linguística. Há trabalho considerável em abordagens baseadas no uso em relação à fonologia, especialmente no campo da Fonologia de Laboratório, com seu foco em gradiência sincrônica, mas as conexões entre abordagens baseadas no uso para mudança gramatical (ou seja, mudança morfossintática) e fonológica não tem sido amplamente exploradas no quadro teórico da GCD.

REVISTA LINGUÍSTICA: Considerando que inovação e mudança são conceitos-chave para o estudo da dinâmica da mudança linguística e que às vezes é difícil estabelecer uma linha discreta entre eles, vocês poderiam nos esclarecer as diferenças entre esses dois conceitos e a importância deles em uma abordagem baseada no uso também para a mudança linguística?

ELIZABETH TRAU GOTT E GRAEME TROUSDALE: Vemos a distinção entre inovação e mudança como conectadas à distinção entre indivíduos e grupos de indivíduos. Vemos inovação como uma alteração na representação na mente de um indivíduo e mudança linguística como uma alteração no comportamento linguístico de mais de um indivíduo. De um modo importante, tanto inovações como mudanças decorrem da interação entre indivíduos e tanto inovações como mudanças podem ser de curta duração ou sem sucesso. Muitos linguistas tendem a se interessar por mudanças relativamente bem-sucedidas, especialmente as que moldaram línguas padrão com uma história textual rica, porque vários estágios podem ser traçados, seja qualitativa ou quantitativamente, nos manuscritos (versões editadas) ou corpora computadorizados. Mas ‘sucesso’ é só uma questão de grau e de repetição, e alterações bem-sucedidas não são de maior interesse teórico do que as não bem-sucedidas ou limitadas (embora mudanças bem-sucedidas (não inovações) sejam de maior interesse teórico em uma perspectiva sociolinguística). Uma inovação de sucesso é a que está relativamente mais enraizada na mente de um indivíduo do que está a malsucedida. Uma mudança

bem-sucedida é a que vem a caracterizar o comportamento de um grupo social de indivíduos mais amplo do que a malsucedida.

Demos uma distinção razoavelmente precisa entre inovação e mudança porque queremos ser claros sobre o que pensamos ser o escopo relevante de investigação. Não estamos sugerindo que não há uma conexão entre inovação e mudança – como notamos acima, a interação está no coração de ambos os processos, e Schmid (2020) articula a relação extremamente bem em seu modelo de rotinização e convencionalização. Além disso, provavelmente não estamos alinhados com a maioria dos pesquisadores em uma tradição emergentista, ao fazermos a distinção entre inovação e mudança do jeito que fazemos porque mudanças nas representações são difíceis de implementar em um modelo em que não há representação sobre a qual falar. No modelo emergentista, presumivelmente tanto a inovação como a mudança se relacionam com mudanças de frequência, a primeira medida através de experimentos sobre diferenças no comportamento de indivíduos, a segunda medida através de pesquisa em corpus sobre as diferenças em perfis entre conjuntos de sujeitos ou textos.

Para responder à pergunta de vocês sobre as principais questões em aberto da GCD, mencionamos que vemos construções como o produto da mudança, não inovação, porque construções envolvem uma ligação simbólica, e símbolos são por definição convencionais e, portanto, compartilhados. Uma consequência importante, e talvez negligenciada, dessa afirmação é que falantes individuais podem não ‘conhecer’ construções. Eles conhecem pareamentos de forma e significado e estes podem estar enraizados (acessados como uma unidade). Mas eles podem também ser altamente idiossincráticos do idioleto. Certamente esses pareamentos de forma e significado tipo unidades podem ser compartilhados com, pelo menos, um outro falante (caso em que eles são construções), mas até serem compartilhados não podem ser construções por definição.

REVISTA LINGUÍSTICA PARA GRAEME: E, 2022, você deu a conferência online *Functionalism and Change in language network* no Seminário Internacional de Linguística Funcional. Naquela ocasião, você adotou a abordagem da *Word Grammar (WG)* para investigar a mudança linguística. Essa foi uma fala muito pertinente e, como tal, gostaríamos de pedir a você que fale um pouco mais sobre a seguinte declaração: “a *Word Grammar* lida melhor com a rede linguística do que a Gramática de Construções”.

GRAEME TROUSDALE: Obrigado pelas suas palavras gentis sobre a minha fala. A WG é uma teoria de palavras e essa teoria pode acomodar construções, mas não assume construções como a unidade básica da língua, até mesmo porque a WG não é uma gramática de estrutura sintagmática. Penso que a WG tem uma articulação melhor com a rede linguística do que a GC, porque a primeira fornece uma abordagem baseada no uso da língua (os falantes constroem a estrutura a partir de dados do uso, seja essa estrutura envolvendo a classificação de palavras, seja envolvendo um entendimento das combinações possíveis de palavras). Sua visão da rede linguística é dinâmica (reconhecendo que palavras particulares e relações entre palavras podem estar mais enraizadas do que outras e que os usuários da língua são capazes de armazenar informação sobre ocorrências específicas). De um

modo crucial, ela fornece uma teoria formal (ausente em muitas versões da GC com exceção da Sign-Based Construction Grammar⁹, que não é baseada no uso), a qual permite muito mais precisão na descrição de como representações mudam e por que alguns tipos de alterações podem ser mais prováveis do que outras. É claro o fato de que os falantes fazem uso de *chunking* no sentido de Bybee e ainda não está claro para mim como a WG pode lidar com tais *chunks* (mas veja HUDSON, 2010 para alguma discussão). Eu penso que é particularmente importante quando se trata do estudo da mudança linguística (uma área que é pouco pesquisada em WG), porque é claro que, no decorrer do tempo, *chunks* não analisáveis se desenvolvem a partir de sequências de palavras independentes (por exemplo, casos clássicos de lexicalização como *holiday* ‘dia que não é passado no trabalho’ < *halig.dæg* ‘holy day’; ou *sheriff* ‘oficial da lei, policial’ < *scir.refa* ‘shire reeve’, assim como outros casos de univerbação de formas que tem uma função mais gramatical como *gonna*). Meu trabalho atual destina-se a fornecer um tratamento mais detalhado sobre a natureza da mudança linguística em WG, especialmente em conexão com mudanças de relações entre palavras de vários tipos, adicionando ao trabalho feito na implementação diacrônica da WG por Richard Hudson (HUDSON, 1997) e especialmente Nikolas Gisborne (por exemplo, GISBORNE, 2010, 2011, 2017). Espero que essa pesquisa contribua para um maior entendimento da dinâmica da rede em WG e permita alguma comparação com o excelente trabalho com redes na GCD sendo realizado atualmente por pesquisadores como Holger Diessel (2019), Martin Hilpert (HILPERT, 2021) e Tobias Ungerer e Stefan Hartmann (UNGERER; HARTMANN, 2023), entre outros.

REVISTA LINGÜÍSTICA PARA ELIZABETH: Você acabou de publicar o livro *Discourse structuring markers in English: A historical constructionalist perspective on pragmatics*. Considerando que você é uma linguista renomada e com publicações no campo da Linguística Histórica no decorrer de toda a sua carreira, você poderia, por favor, nos contar o que os leitores poderiam esperar desse livro?

ELIZABETH TRAUGOTT: Sim, eu venho publicando sobre mudança semântica e particularmente sobre o papel da inferência pragmática nessa mudança por mais de quarenta anos! Em 1982 eu publiquei um trabalho em que *while* é um exemplo. Minha ideia, na época, era que ele foi gramaticalizado durante o período do inglês médio a partir de um subordinador, o *hwile that* – *durante o tempo em que* – e veio a ser usado como um conectivo coordenativo que significava tanto ‘durante’ (*during*) como ‘embora’ (*although*). O uso concessivo como *although* me interessava porque ele é subjetivo. O tipo de conectividade de contra-expectativa que ele marca não se correlaciona com condições de verdade; não fazia parte do que Sweetser (1990) mais tarde chamaria de mundo ‘sócio-físico’; é parte do mundo cognitivo (o mundo epistêmico de SWEETSER). No momento, objetividade era altamente valorada e argumentar, como Lyons (1982) e Langacker (1990) também fizeram, que a subjetificação era um fenômeno importante era uma batalha ascendente. Uma vez me perguntaram, depois de uma apresentação sobre *in fact*, por que eu me incomodava com expressões

⁹ Nota do T.: Gramática de Construções Baseada em Signos.

que geralmente são removidas em edição! Extrair, durante a edição, muitos desses marcadores pode resultar em um discurso seco, às vezes incoerente! Demorou um tempo para que a importância de marcadores pragmáticos de vários tipos fosse reconhecida, graças, especialmente, ao trabalho, nos EUA, de Laurel Brinton, Bruce Fraser e Deborah Schiffrin e, na Europa, de Gaétane Dostie, Maj-Britt Mosegaard Hansen, Ursula Lenker, Jacqueline Visconti, entre muitos, muitos outros.

Desde a escrita do trabalho de 1982 eu venho tentando refinar meu entendimento sobre os modos como a mudança semântica pode decorrer de inferência pragmática, usando um amplo conjunto de exemplos da história do inglês.

Avanço, agora, rapidamente para meados de 2010, um momento em que eu mudei meu pensamento do quadro teórico da gramaticalização para o quadro construcional da perspectiva de Goldberg. A teoria construcional era particularmente útil, já que a ideia de que a língua consiste em pareamentos de forma e função tocava uma das questões que eu tinha em mente. Mudanças de sentido se correlacionam com mudanças de forma (sintaxe e fonologia, especialmente prosódia), o pareamento é a chave para entender as histórias de muitas expressões e as formalidades da teoria requerem a abordagem dual. Fui convidada por Benjamin Fagard a participar de um congresso no CNRS e em Sorbone 3 em Paris sobre marcadores digressivos. Meu trabalho sobre *by the way* para esse congresso (TRAUGOTT, 2020) impulsionou a ideia por de trás do livro sobre Marcadores de Estruturação do Discurso (TRAUGOTT, 2022b). E o caminho foi pavimentado por Dez Palestras (*Ten Lectures*) que eu apresentei via Zoom sobre o assunto na Universidade Beihang, em Beijing, a convite de Fuyin (Thomas) Li (TRAUGOTT, 2022a). Tanto o livro com as Dez Palestras foram produtos da COVID-19!

O título aponta para minha proposta de que há uma classe de Marcadores de Estruturação do Discurso (MED) em inglês, e provavelmente na maioria das línguas, que são usados para sinalizar coerência no discurso. Eu argumento que é necessário fazer uma distinção entre conectivos que são minimamente pragmáticos (*on the one hand, instead*) e aqueles que são altamente pragmáticos (*but, after all, by the way*) em seus usos contemporâneos. Eu chamo todos de MED. A distinção é evidenciada pelas histórias dos marcadores altamente pragmáticos que eu chamo de Marcadores Discursivos (MD). Todos os MED começam sendo usados em sintagmas lexicais de conteúdo, mas alguns passam a ser usados como MD. Por exemplo, *by the way*, é usado como um adverbial circunstancial significando “ao passar” (*in passing*), como uma introdução ou equivalente a uma nota de rodapé, ou algo a parte, em um argumento complexo, geralmente filosófico. Ele vem a ser usado como um MED e é generalizado para outros contextos no século XVI. No século XVII ele veio a ser usado com um *hedge* ou marcador interpessoal.

Há uma série de estudos específicos detalhados no livro, modelados, na maioria dos casos, nos termos do conceito de construção de William Croft (2001) como uma unidade que parecia dois conjuntos de componentes ligados, um de forma (sintaxe, morfologia, fonologia), o outro de significado/função (semântica, pragmática, função discursiva). Eu mostro que cada um desses componentes muda no decorrer do tempo.

Um objetivo mais amplo do livro é buscar encontrar formas de incluir mais pragmática na Gramática de Construções, como menciona por Rita Finkbeiner em uma edição de 2019 da revista *Constructions and Frames*. Há também a discussão de duas questões mais teóricas particulares. Uma é a relação entre subjetificação e intersubjetificação, que tem sido tópico de algum debate. Eu proponho que para o conjunto de MEDs, pelo menos, a ordenação dos dois processos não é relevante, porque quando uma expressão vem a ser usada como MED ela é tanto subjetificada (expressa a postura do falante em relação ao texto) como intersubjetificada (exorta o interlocutor a concordar ou pelo menos avaliar a posição do falante). Quando um MED surge, subjetificação e intersubjetificação fracas ocorrem simultaneamente. Uma ou outra pode sofrer reforço em um momento posterior, por exemplo, quando *by the way* passou a ser usado como um *hedge*, ele passou por forte subjetificação.

A outra questão abordada é como pensar sobre posição, já que os MED ocorrem antes, no meio ou depois de cláusulas, às vezes com significados distintos. Eu sugiro que posição não é uma construção, adicionando um outro conjunto de evidência em resposta à questão de Thomas Hoffmann (2020) sobre o caráter robusto da famosa frase “são construções de cima a baixo” de Goldberg (2003, p. 223). Formulações padrão de MD são tipicamente apresentadas como sendo do tipo ‘Cláusula 1, Marcador, Cláusula 2’ (na notação de FRASER (1996 e em outras publicações do mesmo autor) ‘Segmento 1, Marcador, Segmento 2’). Isso exclui a discussão dos usos de final de cláusula, ao qual Schiffrin (1987) presta atenção significativa e mesmo à posição medial, cuja função informacional Lenker (2014) analisa em relação com contrastivos como *however*.

O livro não teria sido possível sem o trabalho de muitos outros. Graeme Trousdale, que inspirou muitos dos pensamentos construcionistas fundamentais; outros colegas e alunos, que levantaram questões e desafiaram algumas das minhas hipóteses no decorrer dos anos pessoalmente ou por escrito. Eu me sinto privilegiada por ter sido capaz de testemunhar o florescimento de uma pequena ideia sobre *while* no começo dos anos 1980 em uma grande questão de pesquisa sobre o papel da pragmática na construcionalização. Espero que o livro de 2022b promova a evolução futura de nosso entendimento sobre essa questão.

ELIZABETH TRAUOGOTT E GRAEME TROUSDALE: Para finalizar, gostaríamos de agradecer a vocês por nos darem a oportunidade de falar sobre T&T (2013) e as nossas reflexões desde que o livro foi publicado. Esperamos que esse empreendimento colaborativo na GCD continue a ajudar a revelar padrões de como as línguas mudam.

Referências

BARÐDAL, Jóhanna *et al.* (eds.). *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: Benjamins, 2015.

BERGS, Alexander; DIEWALD, Gabriele (eds.). *Constructions and Language Change*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2008.

- BÖRJARS, Kersti; VINCENT, Nigel; WALKDEN, George. On constructing a theory of grammatical change. *Transactions of the Philological Society* 113, 2015, pp. 363-82.
- BREBAN, Tine. *English Adjectives of Comparison: Lexical and Grammaticalized Uses*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010.
- BRINTON, Laurel J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Lexicalization and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, Joan L. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013, pp. 49-69.
- CROFT, William. *Explaining Language Change*. Harlow, Essex: Longman, Pearson Education, 2000.
- CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DE SMET, Hendrik. *Spreading Patterns: Diffusional Change in the English System of Complementation*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- DIESSEL, Holger. *The Grammar Network: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- FINKBEINER, Rita (ed.) On the role of pragmatics in Construction Grammar, special issue of *Constructions and Frames*, v. 11, n. 2, 2019.
- FRASER, Bruce. Pragmatic markers. *Pragmatics* v. 6, pp. 167-90, 1996.
- GISBORNE, Nikolas. *The Event Structure of Perception Verbs*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- GISBORNE, Nikolas. Constructions, Word Grammar, and grammaticalization. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (eds.). Special Issue on Variation, Change, and Construction in English, *Cognitive Linguistics* v. 22, pp. 155-82, 2011.
- GISBORNE, Nikolas. Defaulting to the new Romance synthetic future. In: GISBORNE, Nikolas; HIPPESEY, Andrew (eds.). *Defaults in Morphological Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele E. Constructions: A new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences* v. 7, pp. 219-24, 2003.
- GOLDBERG, Adele E. *Explain Me This*. Princeton: Princeton University Press, 2019
- HILPERT, Martin. *Germanic Future Constructions: A Usage-based Approach to Language Change*. Amsterdam: Benjamins, 2008.
- HILPERT, Martin. *Constructional Change in English: Developments in Allomorphy, Word-Formation and Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HILPERT, Martin. Three open questions in diachronic construction grammar. In: COUSSÉ, Evie; OLOFSSON, Joel; ANDERSSON, Peter (eds.). *Grammaticalization meets Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2018, pp. 22-39.

HILPERT, Martin. *Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar*. Leiden: Brill, 2021.

HIMMELMANN, Nikolaus P. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus P.; WIEMER, Björn (eds.). *What Makes Grammaticalization - A Look from its Fringes and its Components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, pp. 21-42.

HOFFMANN, Thomas. What would it take for us to abandon Construction Grammar? Falsifiability, confirmation bias and the future of the constructionist enterprise. *Belgian Journal of Linguistics* v. 34, pp. 149-161, 2020.

HUDSON, Richard. The rise of auxiliary do: verb-non-raising or category strengthening? *Transactions of the Philological Society* 95, pp. 41-72, 1997.

HUDSON, Richard. *An Introduction to Word Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. I: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. Subjectification. *Cognitive Linguistics* v. 1, pp. 5-38, 1990.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. (eds.). *Clause Combining in Discourse and Grammar*. Amsterdam: Benjamins, 1988, pp. 181-225.

LENKER, Ursula. Knitting and splitting information: medial placement of linking adverbials in the history of English. In: PFENNINGER, Simone E. et al. (eds.). *Contact, Variation and Change in the History of English*. Amsterdam: Benjamins, 2014, pp. 11-38.

LYONS, John. Deixis and subjectivity: Loquor, ergo sum? In: JARVELLA, Robert J.; KLEIN, Wolfgang (eds.). *Speech, Place, and Action: Studies in Deixis and Related Topics*, pp. 101-124. New York: Wiley, 1982.

PETRÉ, Peter. *Constructions and Environments: Copular, Passive, and Related Constructions in Old and Middle English*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SCHMID, Hans-Jörg. *Dynamics of a Linguistic System: Usage, Conventionalization, and Entrenchment*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

SOMMERER, Lotte. *Article Emergence in Old English: A Constructionalist Perspective*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2018.

SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, Elena (eds.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: Benjamins, 2020.

SWEETSER, Eve E. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. From propositional to textual and expressive meanings: Some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*, Amsterdam: Benjamins, 1982, pp. 245-71.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. The development of “digressive” discourse–topic shift markers in English. In: FAGARD, Benjamin; CHAROLLES, Michel (eds.). *Topic Shifters in a Contrastive Perspective*, Special issue, *Journal of Pragmatics* v. 156, pp. 121-35, 2020.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Ten lectures on a Diachronic Constructionalist Approach to Discourse Structuring Markers*. Leiden: Brill, 2022a.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Discourse Structuring Markers in English: A Historical Constructionalist Perspective on Pragmatics*. Amsterdam: Benjamins, 2022.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme (eds.). *Gradience, Gradualness, and Grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 2010.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, Graeme. Functionalism and Change in the language network. Paper presented at the online International Seminar of Functional Linguistics (SILF VI), 24 June 2022.

TROUSDALE, Graeme; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Rethinking constructionalization: The history of by the way. Paper presented at ISLE 6, Jeonsuu, Finland, 2021.

UNGERER, Tobias; HARTMANN, Stefan. *Constructional Approaches, Past, Present, and Future*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. <https://doi.org/10.1017/9781009308717>. (Open Access)

ZEHENTNER, Eva; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Constructional networks and the development of benefactive ditransitives in English. In: SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, Elena (eds.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: Benjamins. 2020, pp. 168-211.

PERCURSO DE MUDANÇA DE [MEIO QUE] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E AS CONSTRUÇÕES [KIND OF/KINDA] DO INGLÊS E [EN PLAN (DE)] DO ESPANHOL: INVESTIGAÇÃO CONTRASTIVA À LUZ DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES DIACRÔNICA

THE CHANGE PATH OF [MEIO QUE] IN BRAZILIAN PORTUGUESE AND THE CONSTRUCTIONS [KIND OF/KINDA] IN ENGLISH AND [EN PLAN (DE)] IN SPANISH: A CONTRASTIVE ANALYSIS IN THE LIGHT OF DIACHRONIC CONSTRUCTION GRAMMAR

Luis Filipe Lima e Silva¹

Sueli Maria Coelho²

RESUMO

Este trabalho analisa o percurso de mudança da construção [meio que] no português brasileiro, fazendo-se uso de dados que abarcam um período de seis séculos (XVI-XXI), extraídos do *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006; DAVIES, 2019). Propõe-se, com base no quadro teórico da Gramática de Construções Diacrônica (SOMMERER; SMIRNOVA, 2020; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013), que essa construção integra a rede formada pelo nó superior [X que], contudo, diferentemente de outras construções instanciadas por esse nó, [meio que] não se gramaticaliza como conjunção ou como índice de modalidade, mas, inicialmente, como advérbio e, posteriormente, como marcador discursivo. Ademais, propõe-se que o processo tenha sido desencadeado a partir da reanálise do NP complexo [Det meio [que...]]_{NP}, compreendendo uma trajetória de mudança semelhante à das construções [kind of/kinda] do inglês (MARGERIE, 2010) e [en plan (de)] do espanhol (RODRÍGUEZ-ABRUÑEIRAS, 2020), o que atesta translinguisticamente o *cline* nome > advérbio > marcador discursivo, como propôs Rodríguez-Abrunheiras (2020). Adicionalmente, foram contemplados na análise os fatores de esquematicidade, de composicionalidade e de produtividade da construção [meio que]. Constatou-se que há uma tendência de queda dos usos lexicais (como NP complexo cujo núcleo é o nome *meio* ou como parte de um numeral seguido de *que*) no século XX e uma tendência de crescimento dos usos construcionalizados (como advérbio ou como marcador discursivo) a partir desse mesmo século, período em que ocorre a mudança, bem como que tais séries estão inversamente correlacionadas, conforme atestaram os testes estatísticos empregados na análise quantitativa do fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Construção [meio que]. Construção [kind of/kinda]. Construção [en plan (de)]. Gramática de Construções Diacrônica. Análise contrastiva.

ABSTRACT

This paper analyzes the change path of the construction [meio que] in Brazilian Portuguese, using data covering a period of six centuries (16th-21st), extracted from the *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006; DAVIES, 2019). Based on the theoretical framework of Diachronic Construction Grammar (SOMMERER; SMIRNOVA, 2020; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013), it is proposed that this construction integrates the network formed by the superior node [X que], however, unlike other instantiated constructions by this node, [meio que] is not grammaticalized as a conjunction or as an index of modality, but, initially, as an adverb and, later, as a discourse marker. Furthermore, it is proposed that the process was triggered from the reanalysis of the complex NP [Det meio [que...]]_{NP}, comprising a change path similar to that of the constructions [kind of/kinda]

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), luisf.1397@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-0188-2861>.

² Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sucoelho@ufmg.br, <https://orcid.org/0000-0003-4021-0339>.

in English (MARGERIE, 2010) and [en plan (de)] in Spanish (RODRÍGUEZ-ABRUÑEIRAS, 2020), which translinguistically attests the cline noun > adverb > discourse marker, as proposed by Rodríguez-Abrunheiras (2020). Additionally, the factors of schematicity, compositionality and productivity of the construction [meio que] were analyzed. It was found that there is a downward trend in lexical uses (as a complex NP whose head is the noun *meio* or as part of a numeral followed by *que*) in the 20th century and a growing trend in constructionalized uses (as an adverb or as a discourse marker) from that same century, period in which the change occurs, as well as that such series are inversely correlated, as attested by the statistical tests used in the quantitative analysis of the phenomenon.

KEYWORDS: [meio que] construction. [kind of/kinda] construction. [en plan (de)] construction. Diachronic Construction Grammar. Contrastive investigation.

Considerações iniciais

Se, por sua natureza lenta e gradual, a mudança linguística já tende a não ser identificada pelo falante, tal percepção torna-se ainda mais ofuscada em se tratando daqueles processos que se assentam na gramática da língua, sobretudo na sua sintaxe, e dali se expandem para outros níveis. Assim, embora atuem como agentes propulsores da mudança, os falantes normalmente não se dão conta de que as formas da língua em uso são como uma ciranda e de que nesse movimento regido pela pragmática o sistema se expande.

Um dos mecanismos tradicionais de expansão da língua é a gramaticalização, aqui concebida não em sua acepção clássica (cf. MEILLET, 1912; KURYŁOWICZ, 1965), mas como um processo essencialmente de expansão contextual das possibilidades de uso (HIMMELMANN, 2004), o que implica assumir que não são as formas/itens que se gramaticalizam, mas o contexto em que tais formas/itens ocorre, isto é, a construção³ como um todo é que passa por um processo de expansão de usos. Tal processo opera, obviamente, segundo padrões já conhecidos do falante, o que o torna mais econômico tanto em termos do processamento cognitivo quanto do ponto de vista de sua descrição.

Nesse contexto, conceber a *construção* como a unidade básica da língua, tal como proposto por Goldberg (1995), e a língua como uma rede de construções, otimiza a descrição do fenômeno de que nos ocupamos neste estudo: a construção [meio que]. Esse par forma-significado parece seguir um padrão bastante produtivo na língua portuguesa para formação de construções conjuntivas, qual seja, o padrão [X que], conforme ilustrado por estes dados coletados na interface NOW do *Corpus* do Português (<https://www.corpusdoportugues.org/now/>):

- (1) “[**Dado que**] quase todos os veículos têm hoje um filtro de habitáculo, é difícil acreditar que houve um tempo em que esse produto vital simplesmente não existia.”
- (2) “Não há que se falar em ‘vício oculto’, [**posto que**] para esse existir ele deve ser anterior à venda.”

³ Cumpre-nos advertir o leitor acerca da acepção em que o termo *construção* foi adotado pelo autor: não se trata de um pareamento forma e sentido, tal como concebido por Goldberg (1995), mas da combinação sintagmática (construção) em que a forma/item é usada em determinado contexto.

- (3) “As aparições acontecem [**sem que**] eu espere.”
- (4) “Os detentos que integram o projeto recebem um salário mensal, [**sendo que**] um terço do dinheiro fica retido na conta deles até o cumprimento da pena [...].”
- (5) “Não podemos arriscar. [**Vai que**] é nosso dia de azar.”
- (6) “O funcionário foi afastado da loja [**logo que**] as agressões se tornaram públicas.”
- (7) “[...] o correto seria buscar socorro e atendimento médico [**assim que**] começasse a passar mal.”
- (8) “Ao sair do governo, voltará para a Câmara, [**já que**] é deputado federal”.
- (9) “Não estou dizendo que tenha existido a denúncia, [**só que**] ela tinha sido feita há dois anos e meio.”
- (10) “É [**meio que**] obrigação do atacante fazer gols.”

A análise dos dados acima nos permite refinar um pouco mais a descrição do padrão [X que] no português, por meio da proposição de alguns subesquemas: (i) [PARTICÍPIO que], conforme (1) e (2); (ii) [PREPOSIÇÃO que], ilustrado em (3); (iii) [VERBO que], como (4) e (5); e (iv) [ADVÉRBIO que], tal como exemplificado pelos enunciados de (6) a (9). Segundo se infere dos dados ora apresentados, do ponto de vista da forma, nosso objeto de estudo parece se conformar ao padrão construcional [X que], bem como ao subesquema [ADVÉRBIO que]. Do ponto de vista funcional, contudo, a construção [meio que], ao contrário das demais ora ilustradas, não integra o paradigma das conjunções, já que não se presta a conectar orações ou termos de mesma função. Antes, apresenta a propriedade de transitar por várias posições da sentença, determinando sintagmas nominais, adjetivais, preposicionais, verbais, adverbiais ou mesmo toda a oração, como demonstram, respectivamente, os dados de (11) a (16), extraídos de nosso *corpus*:

- (11) “Eu já tinha [**meio que**] *um estilo definido* e, quando comecei com as tirinhas, eu só retomei.”
- (12) “A pessoa que escreveu a coluna é [**meio que**] *viciada* no drama humano.”
- (13) “Resolvi mandar meu currículo [**meio que**] *de brincadeira* e, no fim, deu certo.”
- (14) “Eu [**meio que**] *deixei rolar* e ganhei muito peso.”
- (15) “E, assim [**meio que**] *de repente*, vemos irromper na superfície da sociedade selvagem atos de violência.”

(16) “[Meio que] *tira um pedaço de você não poder fazer o que mais ama.*”

Problematizada a questão que motivou nossa pesquisa, cumpre-nos apresentar também as três hipóteses que exploramos: (i) a despeito de a construção [meio que] evocar um padrão prototípico [ADVÉRBIO QUE_{conjunção}], acreditamos que ela tenha se formado a partir da reanálise de um sintagma nominal complexo formado por [(determinante) MEIO_{nome} QUE_{transpositor relativo}]; (ii) a construção [meio que] se gramaticalizou inicialmente com função adverbial – da qual herdou tanto a noção de parcialidade quanto a mobilidade sintática –, expandindo seu uso para os domínios da articulação discursiva; (iii) [meio que], apesar de não integrar o paradigma das construções conjuncionais da língua portuguesa, configura-se à forma do *chunk* [X que] em função de sua alta produtividade na língua.

Em face do que até aqui se expôs, delineia-se o propósito fundamental de nosso estudo: descrever o processo de gramaticalização que culminou na construção [meio que] na variante brasileira da língua portuguesa contemporânea, com vistas a identificar sua possível relação com o padrão construcional [X que]. No bojo desse objetivo maior, emergem três outros: (i) testar as hipóteses ora aventadas, (ii) descrever os usos da construção [meio que] na variante brasileira do português contemporâneo a partir de uma perspectiva funcionalista e (iii) comparar nossos resultados com aqueles de Margerie (2010), que investiga a gramaticalização de [kind of/kinda] no inglês, e com os de Rodríguez-Abruñeiras (2020), que analisa a gramaticalização/pragmatização de [en plan (de)] no espanhol, de modo a verificar se nossa construção segue o padrão alegadamente universal de gramaticalização que culmina na emergência de marcadores discursivos, segundo proposta de Rodríguez-Abruñeiras (2020).

Levando-se em conta tais propósitos, nosso trabalho tem, portanto, o potencial de contribuir para a descrição das funcionalidades da construção [meio que] na língua portuguesa, investigando sua possível relação de herança com construções conjuntivas de padrão [X QUE], bem como de verificar em outra língua românica, por meio da análise contrastiva com os estudos ora referenciados, uma eventual correspondência com o padrão universal do *cline* nome > advérbio > marcador discursivo. Considerando a natureza contrastiva de nossa proposta de investigação, bem como a abordagem metodológica adotada e descrita na segunda seção, que a diferenciam dos trabalhos de Lima *et al.* (2017) e de França (2018), acreditamos que as reflexões e generalizações aqui apresentadas são relevantes para os estudos linguísticos, especialmente para aqueles que se voltam para a universalidade dos processos de mudança linguística.

Para alcançarmos nossas metas, apoiamo-nos teoricamente no arcabouço da Gramática de Construções Diacrônica, bem como numa análise contrastiva com dados do inglês e do espanhol. Os procedimentos que adotamos e os resultados que alcançamos estão descritos ao longo deste texto, que assim se organiza: na primeira seção, apresentamos o conceito de gramaticalização que estamos adotando, relacionando-o ao processo de mudança e à pragmatização/discursivização. Na segunda

Percurso de mudança de [meio que] no português brasileiro e as construções [kind of/kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol: investigação contrastiva à luz da gramática de construções diacrônica

seção, apresentamos nossos procedimentos metodológicos. Na seção 3, descrevemos o processo de gramaticalização da construção [meio que] na variante brasileira do português e suas funcionalidades nessa língua. Na quarta seção, estabelecemos uma análise contrastiva entre nossos dados e os trabalhos de Margerie (2010) e de Rodríguez-Abruñeiras (2020). Tecemos, na sequência, nossas considerações finais, recapitulando os principais pontos da discussão e sinalizando perspectivas futuras.

1. Gramaticalização e ampliação de usos

Desde que o termo *gramaticalização* foi cunhado por Meillet (1912), muito se refletiu e se avançou nesse campo, o que não significa, contudo, que se tenha alcançado um consenso acerca das questões que o permeiam, quer estejam elas ligadas a conceber (ou não) a gramaticalização como um processo de mudança linguística, quer se relacionem a estudá-la numa perspectiva diacrônica, já que tradicionalmente priorizou-se o enfoque sincrônico. Também no que tange à forma como foi concebida, identificam-se divergências paradoxais à medida que as reflexões avançam em torno do tema. Nesse percurso, a gramaticalização já foi entendida tanto como um processo de redução e de ampliação de dependência (GIVÓN, 1979; LEHMANN, 1982; HEINE, 1993), quanto como um processo essencialmente de expansão contextual (HIMMELMANN, 2004), acepção que adotamos no âmbito deste estudo.

Segundo esse entendimento, o conceito de gramaticalização não se restringe à mudança de categoria lexical para gramatical ou ainda de um estágio menos gramatical para um mais gramatical, mas abarca qualquer tipo de expansão de usos, seja tal expansão relacionada a classes e a contextos sintáticos, seja a fenômenos de natureza semântico-pragmática, aí inclusos os processos que culminam na formação de marcadores discursivos, como parece ser o caso de nosso objeto de estudo. Ademais, dado que a expansão é um processo que envolve subjetivização, nova interpretação e reanálise, concebemos a gramaticalização como um processo de mudança⁴ e, como tal, mais apropriadamente estudado numa abordagem diacrônica. Concebê-la nessa perspectiva nos permite, portanto, “indagar não apenas sobre mudanças em um item, mas também sobre como a gramaticalização ocorre no contexto, e muitas vezes depois que o processo se iniciou” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 109, tradução nossa)⁵, isto é, como está se dando o movimento de expansão dos usos.

⁴ Obviamente, o processo de mudança linguística que envolve a gramaticalização enquanto expansão de usos não se conforma ao modelo laboviano que pressupõe concorrência entre duas variantes linguísticas até que uma venha a suplantá-la. Embora ambos os processos envolvam subjetivização e reanálise, no caso da gramaticalização, as formas envolvidas, exatamente em virtude da expansão dos contextos de uso, não são variantes linguísticas no estágio que precede a mudança. Entretanto, como advertem Traugott e Trousdale (2013), construções já gramaticalizadas podem entrar em concorrência na língua, desencadeando novos processos de mudança: “expansion is characteristic of grammatical constructionalization and of subsequent constructional changes, at least until such time as a new competing construction comes into being, but not necessarily after that” (p. 112).

⁵ Do original: “GE asks questions not only about changes in an item but also about how grammaticalization occurs in context, and often after grammaticalization has set in”.

As abordagens que compreendem a gramaticalização numa perspectiva construcional concebem o processo de expansão contextual em termos de mudança na esquematicidade, na produtividade e na composicionalidade das formas envolvidas. Tal processo implica aumento na esquematicidade (perda de conteúdo nocional correlacionada à maior abstração) e na produtividade (maior frequência de uso) com inversa redução na composicionalidade (transparência na ligação entre forma e sentido)⁶.

No que tange à produtividade, importante destacar que, no caso específico da gramaticalização, o que a define não é o mero aumento da frequência *token*, mas a ampliação da frequência *type*, pois ela está correlacionada à esquematicidade. Segundo defende Barðdal (2008, p. 9, tradução nossa), “construções com frequência *type* alta não necessitam apresentar um alto grau de coerência semântica para serem produtivas”⁷. Por outro lado, “construções individuais com frequência *token* alta tendem a ser entrincheiradas e, portanto, acessíveis como modelos” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 119, tradução nossa)⁸, o que explicaria o fato de o padrão da construção conjuntiva [X QUE] ou ainda de seu subesquema [ADVÉRBIO QUE] estar na base da construção [meio que], ainda que funcionalmente ela não se conforme a ele. Assim, uma vez esquematizada segundo tal padrão, a construção [meio que] tende a aumentar sua frequência de uso, o que atesta que, nesse processo de mudança, esquematicidade e produtividades estão interligadas.

Em contrapartida, nota-se, à medida que o processo avança, uma redução da composicionalidade semântica das formas envolvidas, subordinando a analisabilidade do composto ao esquema que lhe serviu de modelo. “Uma vez estabelecida, a nova microconstrução fica disponível para o usuário da língua empregá-la em uma gama potencialmente mais ampla de contextos [...], aumentando assim sua frequência de uso” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 121, tradução nossa)⁹, o que tende a incidir sobre a forma, tornando-a mais propensa à integração e à redução fonológica (BYBEE, 2006). Cabe, contudo, observar que, conforme demonstram Hay (2001, 2002) e Bybee e McClelland (2005), a perda da composicionalidade se dá de modo gradiente. Assim, no caso de nossa construção, a noção de parcialidade ou de aproximação, identificada em contextos como este, extraído do *corpus* – “Quando vi a notícia, eu fiquei, não sei, [meio que] fora de si, sem saber o que fazer [...]” –, ilustra a persistência de alguns traços da semântica do nome *meio* (do latim *mēdius* = que está no meio ou entre dois pontos: “[...] porque houve uma série de problemas no meio do caminho [...]”), que está na base da constituição do composto), e que se manifestam também nos usos de *meio* como numeral

⁶ Traugott e Trousdale (2013) defendem que “increase in productivity and schematicity are characteristic of constructionalization in general not specifically of grammatical constructionalization, but there are differences in the types of schematicity and productivity involved” (pp. 112-3).

⁷ Do original “constructions high in type frequency need not show a high degree of semantic coherence in order to be productive”.

⁸ Do original: “Individual constructions with high token frequency are likely to be entrenched, and hence available as models”.

⁹ Do original: “Once established, the new micro-construction became available for the language user to deploy in a potentially wider range of context [...] thus increasing its frequency of use”.

Percurso de mudança de [meio que] no português brasileiro e as construções [kind of/kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol: investigação contrastiva à luz da gramática de construções diacrônica

(“[...] será preciso pelo menos um ano e **meio** para a aprovação das reformas constitucionais”) e como advérbio (“Até pouco tempo estava **meio** acuado”).

2. Procedimentos metodológicos

A metodologia empregada neste trabalho conjuga tanto uma perspectiva qualitativa quanto quantitativa de análise, baseando-se na observação e na descrição dos dados segundo os parâmetros analíticos da Gramática de Construções Diacrônica (cf. SOMMERER; SMIRNOVA, 2020; HILPERT, 2018; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, entre outros). Ao analisarmos o percurso de desenvolvimento da construção de que nos ocupamos, levamos em consideração também parâmetros de análise mais gerais comuns a fenômenos de mudança categorizados como gramaticalização, tais como a diferenciação entre construções lexicais, gramaticais e discursivas (cf. HIMMELMANN, 2004; MARGERIE, 2010; RODRÍGUEZ-ABRUÑEIRAS, 2020). Os parâmetros analíticos oriundos da Gramática de Construções Diacrônica envolvem primordialmente a delimitação da rede taxonômica da construção em formato diagramático como um dos critérios representacionais elaborados e comumente usados por essa vertente teórica. Além disso, destacamos os critérios de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade, que são fatores descritivos para a exploração do fenômeno (cf. seção 1). Adicionalmente, o critério da produtividade foi explorado também numa perspectiva quantitativa de análise, conforme será explicado a seguir.

Os dados utilizados neste estudo foram extraídos de duas seções do *Corpus* do Português: (i) Histórica (DAVIES; FERREIRA, 2006), composta por aproximadamente 45 milhões de palavras e que contempla textos do século XIII até o século XX; e (ii) NOW (DAVIES, 2019), formada por cerca de 1,1 bilhão de palavras, reunindo textos do século XXI divididos por semestres que abrangem os anos de 2012 até 2019. É importante destacar que as duas seções do *Corpus* do Português não são balanceadas quanto ao número de palavras. Assim, como a frequência desempenha um importante fator na investigação dos fenômenos de mudança, torna-se fundamental considerar a frequência relativa das ocorrências de cada subseção do *corpus*. Caso contrário, poderíamos ter um resultado não condizente com o que os *corpora* realmente mostram, pois quanto mais palavras uma subseção apresenta, maiores são as chances de encontrarmos dados de [meio que].

De acordo com Biber *et al.* (1998, p. 263, tradução nossa), a normalização da frequência “[...] é uma forma de ajustar as contagens da frequência bruta oriundas de textos de extensões diferentes para que possam ser comparados com precisão”¹⁰. Calculamos a frequência relativa dividindo a frequência absoluta das ocorrências pelo número total de *tokens* do *corpus* (no caso, cada subseção dos *corpora*) e multiplicamos o resultado por uma base para normalização¹¹. Assim, o cálculo adotado para obtermos

¹⁰ Do original: “[...] is a way to adjust raw frequency counts from texts of different lengths so that they can be compared accurately”.

¹¹ Biber *et al.* (1998, p. 264) dizem que “frequency counts should be normed to the typical text length in a corpus”. Considerando as características dos *corpora*, escolhemos a base de 1.000.000. Salienta-se, não obstante, que é preciso levar em consideração que “there is a huge imbalance in the frequency of the words” (SINCLAIR, 1991, p. 18), o

a frequência relativa pode ser sintetizado na seguinte fórmula: $\text{freq. rel.} = (\text{freq. abs.} / \text{n. de tokens do corpus}) \times \text{base}$ para normalização. O referido cálculo foi feito para os dados de cada século em que houve ocorrência de [meio que]. É preciso mencionar que consideramos todas as ocorrências da seção histórica. Para a seção NOW, contudo, selecionamos uma amostra utilizando o critério de extrair todas as ocorrências da primeira página de cada subseção (2012-2019)¹². O número total de *tokens*, considerando-se os dados da seção Histórica e da NOW, foi de 1582 (mil quinhentos e oitenta e dois), que foram agrupados sob os rótulos “lexical” (sentido composicional) e “construcionalizado” (sentido não composicional).

Como observamos os dados diacronicamente, nosso objeto de estudo, a partir de uma perspectiva quantitativa, constitui uma série temporal, isto é, um conjunto ordenado de observações feitas ao longo do tempo. Desse modo, torna-se necessário submeter nossos resultados a testes estatísticos específicos para esse tipo de dado. Selecionamos, para tanto, o teste de Dickey-Fuller aumentado para verificar a estacionariedade das séries (respectivamente, “lexical” e “construcionalizado”) e o teste tau-b de Kendall para aferir o nível de correlação entre elas.

O teste de Dickey-Fuller aumentado indica se a série é estacionária, isto é, se “ela se desenvolve no tempo aleatoriamente ao redor de uma média constante, refletindo alguma forma de equilíbrio estável” (MORETTIN; TOLOI, 2006, p. 4). Em outras palavras, por meio desse teste, é possível verificar se há uma tendência, com inclinação positiva ou negativa, ou se tal tendência inexistente. A hipótese nula do teste é a de que a série seja não estacionária. Em razão disso, o p-valor precisa ser maior ou igual a 0,05 para que a hipótese alternativa seja rejeitada e, por conseguinte, seja possível interpretar o valor fornecido pela aplicação do teste como uma tendência.

O tau-b de Kendall, por sua vez, é um teste usado para medir a correlação entre duas variáveis, observando, mais especificamente, se o valor delas aumenta ou diminui em relação ao aumento ou à diminuição do valor da outra. O coeficiente fornecido pelo teste indica, portanto, se há uma correlação positiva ou negativa entre as variáveis, com valores entre -1 (correlação negativa) e $+1$ (correlação positiva), de modo que quanto mais próximo de 0, mais fracas serão as correlações. Para que o coeficiente seja interpretado, o p-valor deve ser menor ou igual a 0,05.

Toda a análise quantitativa foi realizada em linguagem Python, utilizando-se as seguintes bibliotecas: (i) Pandas (McKINNEY, 2010), para organização dos dados em *dataframes*; (ii) SciPy (VIRTANEN *et al.* 2020) e Statsmodels (SEABOLD; PERKTOLD, 2010), para análise estatística; e (iii) Seaborn (WAKSOM, 2021), para visualização.

A última etapa da pesquisa consistiu na análise contrastiva de nossos resultados com os trabalhos de Margerie (2010) e de Rodríguez-Abruñeiras (2020) que estudaram, respectivamente, as construções [kind of/kinda] no inglês e [en plan (de)] no espanhol, com vistas a verificar a (in)

que indica que qualquer tipo de normalização da frequência deve ser entendido como uma hipótese de distribuição das palavras.

¹² A base de normalização utilizada para o cálculo da frequência relativa foi a mesma para as duas seções.

existência de um percurso de gramaticalização universal para as construções que se gramaticalizam como marcadores discursivos a partir da reanálise de sintagmas nominais complexos. Iniciemos nossa análise pela descrição do processo de gramaticalização de nossa construção.

3. Rede taxonômica construcional de [meio que]: esquematicidade, produtividade e composicionalidade

A construção parcialmente esquemática [X que], conforme ilustrado nas considerações iniciais, instancia algumas construções também parcialmente esquemáticas, cuja forma é a mesma, não obstante, têm sentidos e funções distintos. A primeira, e certamente a mais antiga na língua, bem como a mais produtiva, é a construção [X que]_{CONJ}, isto é, a construção que dá origem a locuções conjuntivas (cf. CEZARIO *et al.* 2015). Essa construção instancia, por sua vez, alguns padrões de onde provêm tais locuções na língua, cada qual com sentidos diferentes: as locuções conjuntivas que têm como fonte (i) o particípio passado de verbos como *dar*, *pôr*, *ver* etc., que resultam nas locuções [dado que], [posto que] e [visto que]; (ii) os advérbios *logo*, *assim*, *ainda* etc., que compõem as locuções [logo que], [assim que], [ainda que]; (iii) as preposições *sem*, *desde*, *até* etc., que se juntam a *que* para formar as locuções [sem que], [desde que], [até que]; (iv) os sintagmas com estrutura complexa (NPs, PPs), que apresentam núcleo nominal – tais como [uma vez]_{NP}, [a fim de]_{PP}, [à medida]_{PP}, [na hora em]_{PP} – e que se juntam a *que* para formarem as locuções [uma vez que], [a fim de que], [à medida que], [na hora em que]. Além disso, [X que] instancia a construção [X que]_{MOD}, que dá origem a índices de modalidade, abarcando o subesquema [VERBO_{FLEX} que], de onde provêm os índices formados, por exemplo, pelos verbos *ter*, *achar* e *pensar*, como em [tenho que] [acho que], [penso que] etc. A construção [X que] é ainda o padrão fonte para outras construções mais recentes, como [só que]_{CONJ}, locução conjuntiva coordenativa com valor adversativo, e [vai que]_{CONJ}, locução conjuntiva subordinativa com valor condicional.

Outra instanciação de [X que] é a construção [X que]_{ADV}, de onde provém a construção [meio que], instanciada, por sua vez, pela construção [N que]. Nota-se, portanto, que há a criação de um novo nó na rede taxonômica de construções instanciadas por [X que], ou seja, [X que]_{ADV}. Esse nó instanciará a construção [N que]_{ADV}, subesquema de [meio que]. Como se trata de um novo nó da rede, pode-se assumir que há, nesse caso, um aumento do nível de esquematicidade da construção [X que], como é comum nos processos de construcionalização gramatical, conforme assumem Traugott e Trousdale (2013). A partir da gênese e do uso cada vez mais frequente da construção [meio que]_{ADV}, emerge um subnó na rede, por meio de um processo posterior à construcionalização, denominado por alguns autores como pós-construcionalização, que mantém, em alguns casos, a forma segmental, mas que adiciona uma série de nuances de sentido, algumas delas pragmático-discursivas, a [meio que]. Nesse processo, cumpre esclarecer que, embora a forma segmental, em alguns casos, possa permanecer inalterada¹³, a forma suprasegmental pode sofrer alteração, uma vez que a taxa de articulação, em

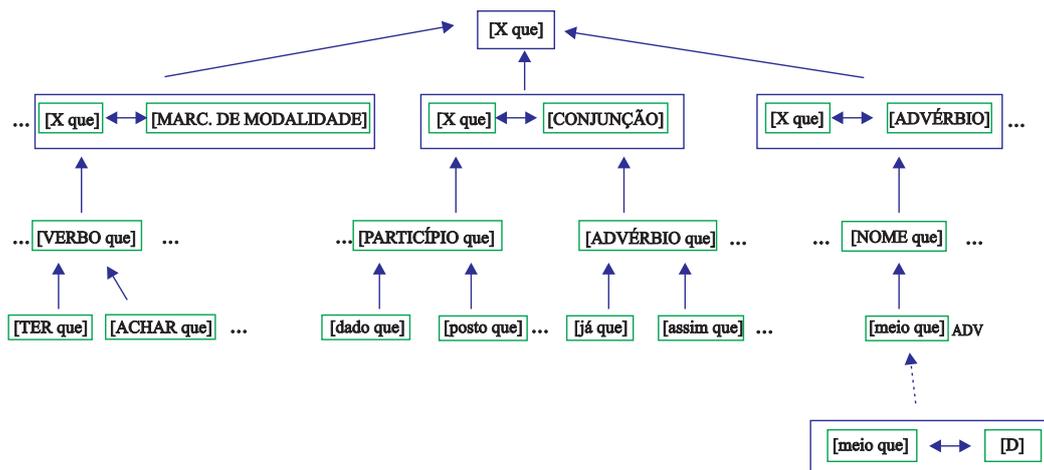
¹³ Na fala, a construção [meio que] pode sofrer redução fonética, sendo realizada como [mei q(ue)].

certos ambientes, parece perceptivamente ser mais elevada que a do restante do enunciado¹⁴. Nesse sentido, estamos propondo que o contorno prosódico, levado a cabo por diferentes propriedades acústicas, também deve ser considerado como uma forma, tal como a forma segmental, justamente porque não é possível realizar a atividade da fala sem a atuação da camada suprasegmental na veiculação dos enunciados. Consideramos, portanto, que a emergência de um novo subnó representado por outro subesquema de [meio que], responsável por veicular funções discursivas, sugere não apenas uma abstração maior, mas também aumento no nível de esquematicidade e, conseqüentemente, da frequência *type*.

Na figura 1, apresentamos a rede taxonômica das construções instanciadas por [X que]. O polo do sentido de [meio que] no nó inferior, representado por [D], indica os sentidos que [meio que], no processo de pós-construcionalização, pode assumir, notadamente discursivos¹⁵. É preciso mencionar que estamos assumindo, conforme aponta Flach (2020), que não existe uma diferença real entre construcionalização e mudança construcional. Nesse sentido, o termo pós-construcionalização, usado para descrever o processo de mudança que gera novos sentidos para a construção [meio que] a partir de seu uso como advérbio, não implica uma adesão à ideia, proposta inicialmente no trabalho de Traugott e Trousdale (2013), de que só se pode denominar construcionalização o processo que faz emergir um novo pareamento de forma e sentido, embora, prosodicamente, em função de alguns dos sentidos da construção representada pelo último subnó, seja possível assumir que há tanto uma nova função quanto uma nova forma (prosódica) para as microconstruções resultantes do processo de mudança. Além disso, a forma muda também em relação à classe, pois o nome *meio* e o advérbio *meio* são homônimos, assim como o *que* transpositor anafórico (ou pronome relativo) e o *que* conjunção. Assim, embora o som seja o mesmo, as formas são distintas.

¹⁴ Realizamos uma busca no C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012), um *corpus* de referência do português brasileiro falado, e perceptivamente pudemos apreender que [meio que] teria uma taxa de articulação mais elevada que o restante do enunciado, contudo apenas uma análise acústica poderia atestar nossa percepção. Como o *corpus* apresentou apenas seis ocorrências de [meio que], mesmo uma análise acústica desses dados seria inconclusiva, haja vista que são um número muito pequeno de dados.

¹⁵ No polo do sentido da segunda e da terceira construções, inserimos, respectivamente, “conjunção” e “advérbio”. Embora esses termos se refiram a classes de palavras, e não a sentidos, estamos levando em consideração que há diversos sentidos que essas construções podem veicular, de modo que os termos empregados apenas ilustram, de forma sintética, a ideia geral das construções.

Figura 1: Rede taxonômica parcial de construções [X que]

Fonte: Elaboração dos autores.

Na representação da figura 1, há dois processos que nos permitem a categorização de mudanças na rede, baseando-nos no modelo da Gramática de Construções Diacrônica. O primeiro é a criação de um novo nó na rede, isto é, $[[X \text{ que}] \leftrightarrow [\text{ADVÉRPIO}]]$, fenômeno conhecido por alguns autores como construcionalização. O segundo é uma mudança interna a um nó já existente: trata-se do processo que leva a microconstrução [meio que] a assumir outras funções associadas a diferentes sentidos no âmbito pragmático-discursivo¹⁶. Esse subnó é criado a partir da abstração do uso específico de [meio que] já construcionalizado, processo que alguns autores denominam como mudança construcional, pós-construcionalização ou, em outras abordagens, como discursivização ou pragmatização. Por isso é que ele está ligado diretamente a [meio que]_{ADV} e não aos outros nós na parte superior da rede. A verticalidade, bem como a seta pontilhada, da relação se relaciona ao fato de que o subnó criado envolve uma construção com sentidos estritamente discursivos, portanto com função dialógica-interacional e de organização metatextual da informação, o que se distancia, em certa medida, daquilo que pertence aos sentidos gramaticais da construção no modelo da rede. Desse modo, esse novo subnó não deve ser representado de forma horizontal, marcando semelhança parcial não oriunda de herança, porque [meio que] com sentido discursivo é abstraído de [meio que] com sentido gramatical, o que justifica uma relação direta de herança, embora a funcionalidade da nova construção se relacione não ao plano gramatical, mas ao discursivo.

A produtividade, por seu turno, diz respeito à extensibilidade da construção, isto é, qual é o seu potencial para a instanciação de construções menos esquemáticas. Nesse sentido, essa propriedade deve ser tratada de forma gradiente, haja vista que instanciar um maior ou um menor número de microconstruções é algo que se pode contabilizar, estando associada, adicionalmente, a uma relação de frequência de ocorrência na língua. Isso é garantido pela aferição tanto da frequência de *types*,

¹⁶ Cf. mais abaixo, ainda nesta seção, a análise das funções assumidas pela construção [meio que] no português, bem como a seção 4, que informa as funções discursivo-pragmáticas das construções [kind of/kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol. Embora não seja nosso objetivo detalhar todas essas funções nos dados do português, acreditamos que elas são compartilhadas pelas línguas mencionadas.

entendida, nesse contexto, como o número dos padrões construcionais, quanto da frequência de *tokens*, ou seja, número efetivo de ocorrências de cada padrão construcional. Por exemplo, os padrões construcionais [X que]_{CONJ} e [X que]_{ADV} constituem dois *types*. A busca por [X que]_{CONJ} e por [X que]_{ADV} em um *corpus* oral ou escrito resultaria, portanto, na frequência das efetivas realizações de cada um desses dois *types*, ou, em outras palavras, na frequência dos *tokens*. Com a emergência de uma nova construção gramatical na língua, comumente a frequência de *tokens* tende a aumentar, e isso se deve ao aumento dos contextos nos quais a nova construção passa a ocorrer (cf. BYBEE, 2003). Do ponto de vista da extensibilidade, pode-se afirmar que [X que]_{ADV} instancia vários usos com sentido e função pragmático-discursivos, aos quais denominamos como [X que]_{MD}. Contudo, nosso interesse aqui é contrastar a frequência dos usos canônicos ou lexicais, como NP complexo (DET + meio + que...) ou numeral, com os usos que já passaram pelo processo de (pós-)construcionalização, como advérbio ou marcador discursivo, a fim de verificar qual é o comportamento, em termos de frequência de *token*, desses dois usos ao longo do tempo. Esperávamos observar, conforme explica Bybee (2003), um aumento das novas construções impulsionado não apenas por uma expansão dos contextos de uso, uma vez que tanto o uso adverbial quanto o discursivo-pragmático permitem uma mobilidade da construção pelas diferentes posições do enunciado, mas também por estarmos presenciando cada vez mais o uso de [meio que] seja na fala, seja na escrita, especialmente em textos que divulgam trechos de entrevistas ou naqueles que se aproximam mais da diamesia oral – como comentários de leitores e matérias divulgadas pelas versões eletrônicas de jornais de grande circulação – em função da carga de informalidade que os caracterizam, fator que julgamos ser relevante para a ocorrência do fenômeno. Além disso, conforme descrito na seção 1, no caso específico dos processos de gramaticalização, o que atesta a mudança é o aumento da produtividade impulsionado pela frequência *type*, diretamente correlacionada à maior esquematicidade da forma.

A tabela 1 mostra, pois, a frequência dos usos canônicos e dos usos construcionalizados de [meio que] ao longo dos seis séculos analisados. As duas primeiras colunas depois daquela indicativa do século dizem respeito aos usos lexicais e mostram, respectivamente, as suas frequências absoluta e relativa, ao passo que as duas últimas se referem aos usos não canônicos ou (pós-)construcionalizados de [meio que] e mostram igualmente sua frequência absoluta e relativa, respectivamente.

Tabela 1: Frequências absoluta e relativa dos usos de [meio que] ao longo do tempo

Século	Lex. (FA)	Lex. (FR/mi)	Cons. (FA)	Cons. (FR/mi)
XVI	17	3,83	0	0
XVII	13	3,81	0	0
XVIII	9	4,02	0	0
XIX	61	6,09	0	0
XX	53	2,55	16	0,77
XXI	554	1,03	859	1,66

Fonte: Elaboração dos autores.

A primeira ocorrência de [meio que] data do século XVI, ao passo que o uso construcionalizado aparece apenas no século XX, conforme atestam os exemplos apresentados a seguir:

(17) Séc. XVI

- a. E todo aquelle dia gastavão na igreja a cantarem e folgarem, segundo seo costume. E não era menos a consolação que tinhão pela solemnidade e santa festa do Natal. E por dezejarem estranhamente de se confessarem, fazião ao Padre muita instancia que os quizesse ouvir de confissão, por haver já *hum anno e [meio que] carecião dos fruttos deste sacramento.*
- b. Quatro dias havia que estava ali de parto uma mulher das nobres da terra, já de todo acabando sem nenhum remédio da própria vida e da criança; soube-o o padre Francisco, que acertou de passar então para Tutucurim, uma vila mais notável da mesma costa e não muito longe deste lugar que digo, e como se estivera certo da mercê que Deus Nosso Senhor lhes queria fazer e d[o *meio que] tomava para isso, ofereceu-se a visitar a enferma (...).*

(18) Séc. XX

- a. Atribuímos essa oposição ao fato mais psico que lingüístico de *o falante manipular [meio que] conscientemente os morfemas flexionais* realizados como o segundo “o” de “vão” e o “i” de “possi” e estar mais acostumado a usá-los como ápice silábico, já que são respectivamente os mesmos morfemas encontrados em “canto” e “tosse” e tantos outros verbos sem hiato.
- b. Conversei com eles bastante, e me identifico muito com a classe violonística. Construir violões não foi um trabalho de abrir uma porta e dizer que vou consertar violão de repente, foi algo que foi acontecendo, não diria que ao acaso, *mas [meio que] caí numa oficina pelo tempo, e pouco a pouco acabei me tornando um construtor.*

Até o século XIX, [meio que] só ocorria em contextos nos quais havia um numeral seguido de uma oração introduzida por *que*, tal como em (17.a), ou de um sintagma nominal complexo, cujo núcleo é o nome *meio* seguido por uma oração relativa introduzida pelo transpositor anafórico *que*, como em (17.b). Restringindo-se a esses dois contextos, [meio que] como expressão composicional e, portanto, com valor lexical, apresenta uma produtividade mais limitada se comparada ao momento em que se construcionaliza como um pareamento de forma e sentido autônomo, isto é, desvinculado do sintagma nominal complexo do qual fazia parte ou de um NP em que o numeral está justaposto ao relativo, mas não é o seu antecedente, isto é, o relativo ou transpositor anafórico retoma o núcleo do qual o numeral é parte, e passa a ocorrer em ambientes outros nos quais outrora não ocorria, bem como a exercer funções diferentes. Já construcionalizada e sem valor composicional, [meio que] inicialmente exerce função adverbial, tal como em (18.a), modificando, nesse caso, o advérbio conscientemente, e, posteriormente, estende seu escopo de uso, atuando no nível discursivo, o que

lhe permite ocorrer ainda em mais ambientes, por exemplo, após a conjunção *mas*, que introduz uma oração, como ilustra o dado (18.b). Importante observar que, quando atua como advérbio, contribui, de alguma forma, para o sentido daquilo que é expresso pela sentença, ainda que não seja de uso obrigatório, o que se atesta pelo fato de o sentido de (19.a) ser alterado na condição de a construção [meio que] ser removida da sentença, como mostra (19.b). Em (19.a), [meio que] contribui com a afirmação de que o falante manipula de forma mais ou menos consciente os morfemas flexionais. Tal sentença poderia ser reconstruída, num registro mais formal, como (19.c) ou como (19.d). Desse modo, remover [meio que] de (19.a) parece tornar a declaração categórica, eliminando as nuances de imprecisão que [meio que] confere ao conteúdo da sentença. Adicionalmente, parece haver um matiz de modalidade epistêmica¹⁷ nesse tipo de uso, uma vez que o âmbito da imprecisão ou da não certeza expressas por [meio que] nessa sentença é algo que faz parte do sistema de crenças do falante e mostra que ele não está totalmente comprometido com a verdade daquilo que enuncia, diferentemente de (19.b), em que o falante assegura integralmente a validade do conteúdo da sentença.

- (19.a) Atribuimos essa oposição ao fato mais psico que linguístico de *o falante manipular meio que conscientemente os morfemas flexionais* [...].
- (19.b) Atribuimos essa oposição ao fato mais psico que linguístico de *o falante manipular conscientemente os morfemas flexionais* [...].
- (19.c) Atribuimos essa oposição ao fato mais psico que linguístico de *o falante manipular praticamente de forma consciente os morfemas flexionais* [...].
- (19.d) Atribuimos essa oposição ao fato mais psico que linguístico de *o falante manipular quase conscientemente os morfemas flexionais* [...].

Diferentemente desses dados, o comportamento de (20.a) é distinto, haja vista que a ausência de [meio que] não altera significativamente o sentido da sentença, conforme é possível observar em (20.b). Isso significa que, independentemente da semântica de [meio que], o sentido da oração é o mesmo, qual seja, o de que o falante foi levado ao trabalho de consertar violões em função do tempo dedicado à atividade relacionada a esse instrumento musical. Desse modo, a presença de [meio que] não altera o fato de que o falante efetivamente caiu numa oficina pelo tempo. Tal uso se assemelha, portanto, ao dos marcadores discursivos, considerando que, geralmente, eles não são itens obrigatórios no enunciado, não contribuem com o valor de verdade da proposição, não se integram sintaticamente com a oração e apresentam bastante mobilidade no que se refere à posição dentro do enunciado (cf. TRAUGOTT, 2021), além de comumente terem como fonte de origem um advérbio ou uma locução adverbial (cf. HEINE *et al.* 2021). Observemos que, nesse caso, [meio que] ocorre entre a conjunção e o verbo flexionado na primeira pessoa do singular da oração coordenada, o que contribui

¹⁷ Para o estudo da modalidade, cf. Narrog (2012), Bybee e Fleischman (1995), Bybee *et al.* (1994), entre outros.

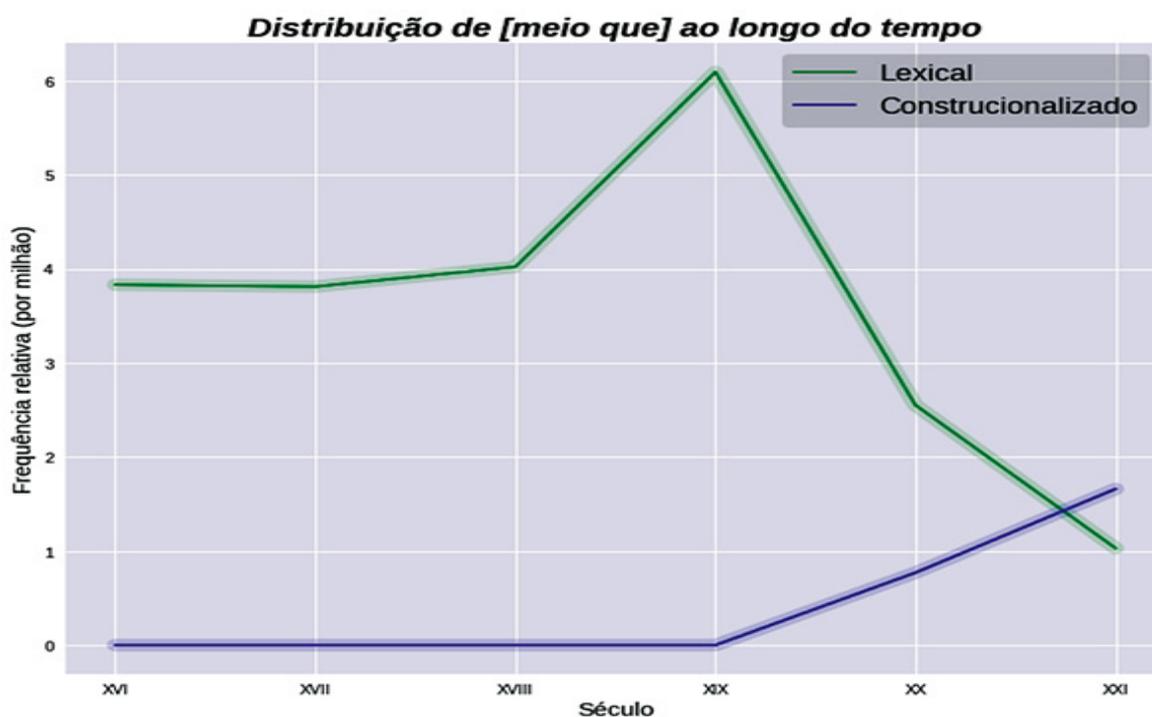
Percurso de mudança de [meio que] no português brasileiro e as construções [kind of/kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol: investigação contrastiva à luz da gramática de construções diacrônica

para determinado aumento no nível de produtividade da construção, uma vez que ela se aloca numa posição diferente daquela de (19.a), por exemplo, muito provavelmente pelo fato de apresentar outro valor semântico-pragmático, embora a forma permaneça a mesma da construção que lhe deu origem. É interessante notar também que [meio que] pode ser substituído por outros marcadores discursivos nesse contexto (cf. 20.c), mantendo-se o efeito pragmático, o que evidenciaria tratar-se efetivamente de uma nova construção.

- (20.a) Foi algo que foi acontecendo, não diria que ao acaso, *mas meio que caí numa oficina pelo tempo.*
- (20.b) Foi algo que foi acontecendo, não diria que ao acaso, *mas caí numa oficina pelo tempo.*
- (20.c) Foi algo que foi acontecendo, não diria que ao acaso, *mas tipo (assim) caí numa oficina pelo tempo.*

Para observar o parâmetro da produtividade de forma mais sistemática, os dados foram contabilizados dentro de duas macrocategorias, conforme está disposto na tabela 1, em que os usos como numeral e como nome foram agrupados sob o rótulo “lexical” e os usos como advérbio e como marcador discursivo foram agrupados sob o rótulo “construcionalizado”. O gráfico 1 ilustra a distribuição dos dados da tabela 1.

Gráfico 1: Distribuição de [meio que] ao longo dos séculos XVI-XXI



Fonte: Elaboração dos autores.

É possível observar, por meio da inspeção do gráfico, que os usos lexicais crescem desde o seu surgimento no século XVI, apresentam um pico de crescimento no século XIX e vêm caindo desde então, ao passo que os usos construcionalizados estão em franco crescimento ao ponto de ultrapassarem os usos lexicais no século XXI. A inspeção do gráfico revela, sem dúvida, informações importantes sobre o processo de mudança, contudo, para assegurar a validade de tais informações, é necessário, conforme justificado na seção precedente, adotar testes estatísticos que nos permitam aferir o nível de significância daquilo que se infere a partir da interpretação do gráfico.

Como os dados de que dispomos constituem observações feitas de forma sequencial ao longo do eixo do tempo, nosso objeto configura, portanto, uma série temporal. Dessa maneira, aplicamos o teste de Dickey-Fuller aumentado para verificar se as séries são estacionárias, isto é, se elas não apresentam uma tendência. Os resultados apontaram que tanto a série lexical (ADF: -2,42, $p = 0,13$) quanto a construcionalizada (ADF: 1,62, $p = 0,99$) são não estacionárias. Isso significa que elas não se distribuem em torno de uma média constante sequencialmente ao longo do tempo, o que indica, por sua vez, que há efetivamente uma tendência para o padrão de queda dos usos lexicais e de crescimento dos usos construcionalizados, o que atesta, portanto, a mudança.

Adicionalmente, procuramos verificar se existe uma correlação entre esses dois padrões. Para isso, o teste de correlação tau-b de Kendall foi aplicado aos dados, revelando que há uma correlação negativa forte e estatisticamente significativa entre a série lexical e a construcionalizada (tau-b: -0,77, $p = 0,04$). Isso indica que tais séries estão inversamente correlacionadas, ou seja, à medida que uma tende a decrescer, a outra tende a crescer. Tal resultado evidenciaria, adicionalmente, a atuação do parâmetro da produtividade nesse tipo de mudança. Os elementos construcionalizados tendem a aumentar em frequência de *tokens*, de modo que, no nosso objeto de estudo, esse impulso é tão grande que a tendência é a de superação da frequência de *tokens* dos usos lexicais, como já se verifica no corrente século, atestando, assim, que o aumento da produtividade foi impulsionado pela frequência *type*.

Isso pode ser explicado não apenas pela expansão de contextos de uso, mas também pelas funções discursivas, que são muito frequentes na diamesia da fala¹⁸. É importante registrar que correlação não significa causalidade, de modo que não é o crescimento de uma que causa o decréscimo de outra, ou vice-versa. Ademais, não é possível interpretar que as tendências observadas nos testes possam indicar que os usos lexicais desaparecerão com o tempo em detrimento da expansão dos usos gramaticais. Não há margem para essa interpretação, justamente porque não há nenhum tipo de restrição que impeça tal uso, isto é, sempre será possível utilizar um NP complexo cujo núcleo seja o nome *meio* seguido de uma oração relativa, bem como um numeral seguido de *que*. Além disso, como já registrado, nosso objeto de estudo não constitui uma mudança que envolve a concorrência entre as construções, haja vista que os usos lexicais e os usos construcionalizados desempenham funções diferentes e têm sentido e efeitos pragmáticos muito distintos.

¹⁸ Muitos dados, embora sejam parte de matérias publicadas na mídia escrita, constituem trechos de entrevistas realizadas oralmente.

No que toca ao parâmetro da composicionalidade, conforme apontado na primeira seção, uma construção transparente é aquela em que a soma de suas partes corresponde ao significado do todo, ao passo que uma construção opaca é aquela em que a soma das partes não corresponde ao sentido do todo. Assim sendo, quanto mais construcionalizado o composto, mais seus elementos tendem a apresentar menor composicionalidade. Desse modo, os usos lexicais são composicionais, ao passo que os usos construcionalizados são não composicionais porque a soma de [meio] + [que] já não corresponde mais ao sentido do todo [meio que]_{LEX}, embora possa, em algum nível, preservar resquícios do sentido relacionados, sobretudo, àquilo que pode ser inferido a partir do nome *meio*, tal como a ideia de metade, de aproximação, de parcialidade etc. À medida que o processo avança, a redução gradiente da composicionalidade de [meio que] lhe confere um nível de abstração tão elevado que a construção expande suas funções a ponto de introduzir pensamento falado ou discurso reportado, como demonstram os exemplos (21.a) e (21.b)¹⁹:

(21) Séc. XXI

- a. De repente, vi a grama. Digo, eu estava na grama. Havia uma lombada ali e eu não sei o que aconteceu, o carro simplesmente pulou. *Eu fiquei meio que 'segure-se', sabe? Olhe em volta, tudo está bem.*
- b. A primeira vez que Mark Schwahn apalpou a minha bunda eu dei um tapa na cara dele na frente de seis produtores, e eu bati com força. Então ele voltou para Los Angeles e *fiquei sabendo anos depois por um roteirista [...] que ele estava meio que 'Quem essa puta pensa que é?', enquanto esse adorável homem chamado Mike [...] disse para Mark: 'Talvez você simplesmente não deva tocar nas mulheres'.*

Sabemos que um ponto importante para a descrição do percurso da mudança é identificar o elo perdido que desencadeou o enfraquecimento ou a perda de composicionalidade do composto. De acordo com os teóricos da área da mudança linguística, um dos mecanismos que atua no processo é a reanálise ou neanálise, definida como uma “mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve nenhuma modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação superficial” (LANGACKER, 1977, p. 58, tradução nossa)²⁰, mas que afeta seu processamento. Nesse sentido, o falante passa a interpretar determinada construção de maneira estruturalmente diferente daquela original. A nossa hipótese é a de que esse processo se iniciou a partir de um lapso de reconhecimento do determinante do NP complexo do qual [meio que] originalmente fazia parte, considerando-se, sobretudo, que a maioria das ocorrências identificadas em nosso *corpus* (cf. tabela 2) é representada por palavras funcionais com uma única sílaba, que comumente tendem a ser

¹⁹ O dado (21.b), extraído do Corpus do Português, se refere a uma matéria publicada no portal *Adoro Cinema* e o trecho destacado é uma tradução da fala de uma atriz norte-americana a respeito de uma situação de assédio que ela sofreu. Trata-se, portanto, de uma tradução de um texto originalmente proferido em inglês. Essa questão será explorada mais especificamente na seção 4.

²⁰ Do original: “change in the structure of an expression or class of expressions that does not involve any immediate or intrinsic modification of its surface manifestation”.

menos salientes fonológica e informacionalmente (cf. GROSJEAN; GEE, 1987) e, potencialmente, mais propícias ao apagamento.

Tabela 2: Colocados mais frequentes em cada século

	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XXI					
melhor	2	o	5	Único	2	Único	14	o	10	um	72
o	1	algum	1	No	1	O	11	num	5	o	61
no	1	foi	1	O	1	Um	8	do	4	no	39
do	1	em	1	Algum	1	Do	5	qualquer	4	do	37
hum	1			Qualquer	1	Qualquer	3	no	3	outro	32
segundo	1			(∅)	1	No	2	ao	3	pelo	18
(∅)	1					Exigente	2	um	2	único	17
						Outro	2	nosso	2	ao	13
						Ao	1	outro	2	por	12
						Dum	1	próprio	2	qualquer	10

Fonte: Elaboração dos autores.

Em face desses dados, uma tentativa de reconstrução do processo que ilustra nossa hipótese pode ser observada nos dados abaixo. Tal como estamos propondo, uma possível falha no acesso lexical do(s) determinante(s) mais à esquerda do núcleo nominal do exemplo (22.a), extraído do *Corpus* do Português, deixa vazia a posição desse(s) elemento(s), como se ilustra em (22.b) o que, provavelmente, leva o falante a reanalisar (ou a neoanalisar) a estrutura do sintagma nominal complexo, passando a produzir, posteriormente, construções como (22.c):

- (22.a) “[...] a calçada é muito estreita e tem um poste [no meio [que bloqueia toda a calçada]] e do outro lado da rua tem buraco”.
- (22.b) A calçada é muito estreita e tem um poste [[∅] meio [que bloqueia toda a calçada]].
- (22.c) A calçada é muito estreita e tem um poste [meio que] bloqueando toda a calçada.

Essa reanálise, além de resultar numa construção que se conforma ao padrão [X que], preserva a função adverbial de *meio* identificada em contextos como (23), extraído do *Corpus* do Português, e cuja produtividade na língua tende a ser superior à do nome e à do numeral:

- (23) “Não sei muito bem, mas acho que eu já me achava **meio** velha para aquilo, aos 25 anos”.

Tais contextos sintáticos favorecem a ativação de uma série de gatilhos que contribuem significativamente para a reanálise e, conseqüentemente, para a redução gradiente da composicionalidade do composto e para sua maior esquematicidade. Primeiramente, há que se

Percurso de mudança de [meio que] no português brasileiro e as construções [kind of/kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol: investigação contrastiva à luz da gramática de construções diacrônica

considerar a questão da já referida homonímia não apenas entre MEIO_{SUBS} e MEIO_{ADV}, mas também entre QUE_{TRANSP} e QUE_{CONJ}. A coincidência de significante entre a forma substantiva e a adverbial de *meio*, bem como a contiguidade do significado de parcialidade/aproximação (ponto médio ou intermediário) evocado pelo significante de ambas autoriza o falante a relacionar a construção [meio que] ao padrão [ADVÉRPIO que] cuja produtividade na formação de construções conjuntivas do português é atestada pelo conjunto de dados apresentado nas considerações iniciais. Ocorre que, uma vez apagado(s) o(s) determinante(s) mais marginais do NP cujo núcleo é *meio*, como estamos propondo, apaga(m)-se igualmente a(s) marca(s) linguística(s) que atesta(m) sua natureza nominal, o que torna também opaca a natureza funcional do segundo elemento do composto. Tal opacidade é ainda reforçada pela homonímia verificada entre o significante do transpositor anafórico (ou pronome relativo, na nomenclatura tradicional) e a conjunção, que tende a ser mais produtiva no padrão construcional [X que].

Isso explicaria, a nosso ver, o fato de a construção [meio que], a despeito de se conformar ao padrão [X que], do qual deriva por uma relação de herança, não se comportar funcionalmente como uma construção conjuntiva. Na verdade, sua fonte primária não é, como no caso das demais construções conjuntivas por nós ilustradas, uma palavra gramatical (advérbio ou preposição), ou mesmo uma das formas nominais do verbo (particípio ou gerúndio), mas um substantivo que nucleia um sintagma nominal complexo. Assim, à medida que a função nominal vai se tornando opaca pelo apagamento do(s) determinante(s) pré-nominais, há um conseqüente esvaziamento da classe, o que favorece a reanálise do composto como uma construção adverbial, que servirá de base para construções mais abstratas e, conseqüentemente, mais esquemáticas cuja função é a de marcador discursivo, conforme ilustramos há pouco.

4. Análise contrastiva da construção [meio que] com as construções [kind of/kinda] e [en plan (de)]

Uma vez (a)testadas nossas hipóteses, bem como descrito o processo de gramaticalização da construção [meio que] no português e as funcionalidades que resultaram desse processo, aqui entendido como uma ampliação dos contextos de uso, resta-nos, por fim, conforme nos propusemos a fazê-lo, contrastar nossos resultados com aqueles sistematizados por duas outras pesquisadoras que se ocuparam de fenômeno semelhante em suas respectivas línguas, a saber, inglês e espanhol. Adotando o critério cronológico, remetemo-nos, primeiramente ao trabalho de Margerie (2010), que estudou a gramaticalização da construção [kind of/kinda] na língua inglesa. Tal construção tem sido não apenas apresentada como sinônimo de [meio que] em sítios de cursos de idioma²¹, como também equivale funcionalmente a nosso objeto de estudo, conforme ilustrado por este dado extraído de Margerie (2010, p. 325):

²¹ Disponível em: <https://www.wizard.com.br/idiomas/qual-o-significado-de-kinda/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

(24) “*Oh I was in a really good mood; I wake up in a really good mood, so I [kind of] danced into work.*”

(*Oh, eu estava de muito bom humor; eu acordei esta manhã realmente de bom humor, então eu [meio que] dancei no trabalho.*)

Além do fato de a construção estudada por Margerie (2010) exprimir, assim como [meio que], a noção de aproximação, funcionando, segundo ela descreve, com base em Austin (1962), como uma “palavra ou dispositivo de ajuste” (“adjuster word”), ela partilha com nossa construção o mesmo percurso diacrônico, já que, tal como proposto por Margerie (2010, p. 332), também emerge no bojo de um sintagma nominal (estágio 1):

[DET + kind + (of + NP)]
[the kind of college]

À medida que o processo avança, nota-se, como no caso de nossa construção, o apagamento do determinante pré-nominal e uma expansão da funcionalidade do composto. Identificam-se, então, valores adverbiais ligados a traduzir noções de parcialidade/aproximação (estágio 2) e de gradação (estágio 3), codificados, respectivamente, pelos seguintes esquemas propostos pela autora:

[Kind of + (a + N_{SG})]
It was [kinda/kind of a surprise]
[kind of + N_{SG/PL}]
People who are organizing foreign policy they have to, [**kinda work**] on two levels, [...]

[Kind of + ADJ/ADV/V]
It's not flat but [kind of deflated]

A partir do estágio 3, preservando, inclusive, a mesma representação formal, mas ampliando-se o escopo da construção, surge o estágio 4, cuja função não é mais adverbial, mas pragmático-discursiva, conforme ilustrado por este dado, extraído da autora ora referenciada (p. 332):

(25) It's [**kind of fucking**] important.

O segundo trabalho de contraponto é o de Rodríguez-Abruñeiras (2020), que descreve fenômeno semelhante ocorrido em uma língua irmã do português. Comparando o processo de gramaticalização da construção [en plan (de)] do espanhol com o da construção [kind of/kinda] do inglês, ela defende a existência de um percurso universal de gramaticalização de marcadores discursivos, que têm como

fonte inicial do processo um nome, cujas funções se expandem primeiramente para marcador adverbial (estágio 2) e, posteriormente, para marcador discursivo (estágio 3). Citando textualmente Traugott (1997, p. 5), assinala que “um dos aspectos mais controversos dos marcadores discursivos têm a ver com sua descrição como elementos que integram a gramática da língua, mas que têm uma função pragmática” (RODRÍGUEZ-ABRUÑEIRAS, 2020, p. 1547, tradução nossa)²², o que faz com que alguns autores tenham restrições quanto a considerar tais processos como casos de gramaticalização. Mesmo ciente disso, assume, assim como nós, que a gramaticalização concebida enquanto um processo de expansão de usos pode congrega também os marcadores discursivos, estágio em que a construção atinge seu grau máximo de esquematicidade.

Ao descrever os usos adverbiais (estágio 2) da construção [en plan (de)], Rodríguez-Abrunheiras (2020) identifica duas funções: (i) marcador de modo, quando precede substantivo, e (ii) marcador de finalidade, quando seguida por infinitivo. Registra ainda, ao comentar os contextos de reanálise da construção, que, no estágio inicial, [en plan] era exclusivamente seguido por adjetivo, o que tanto se conforma à sua natureza nominal quanto constitui um contexto favorável para sua reanálise como forma adverbial, já que uma das funções do advérbio é modificar adjetivos.

Como construção pragmática (estágio 3), as funcionalidades de [en plan (de)] se ampliam consideravelmente: (i) marcador de foco, (ii) marcador de aproximação²³, (iii) marcador de exemplificação, (iv) marcador de reformulação, (v) marcador de discurso reportado, (vi) *hedge* e (vii) marcador de hesitação.

Buscando estabelecer um paralelo entre o percurso diacrônico proposto por Rodríguez-Abrunheiras (2020) para o processo de gramaticalização da construção [en plan (de)] e nossa hipótese de que o apagamento do determinante seria o gatilho da reanálise do nome *meio* como um marcador adverbial na construção [meio que], identificamos alguns pontos dignos de consideração. O primeiro deles diz respeito ao fato de que, enquanto forma nominal, *plan* poder figurar com determinantes (*su atrevido plan; los planes*). Entretanto, nos estágios iniciais da construção espanhola, o nome *plan* não mais aparece determinado por artigo, senão por uma preposição (*en*) e por um adjetivo pós-nominal que, conforme relatamos, contribuiu para o processo de reanálise, sobretudo na combinação sintagmática com a preposição. Rodríguez-Abrunheiras (2020, p. 1558) assim esquematiza o processo de reanálise da construção objeto de seu estudo:

Estágio 1:

Preposition + Nominal complement	
[en]	[plan formal]

²² Do original: “One of the most controversial aspects of DMs has to do with their description as elements which are part of the grammar of a language but have a pragmatic function”.

²³ Recurso adotado pelo falante para sinalizar para o interlocutor que suas palavras não devem ser entendidas como literais, mas tomadas com sentido aproximado.

Estágio 2:

Adverbial phrase + Adjectival complement
[en plan] [formal]

Observando a proposição acima, entendemos que, uma vez processada a reanálise, pode-se considerar que houve, pelo menos em termos formais, um apagamento do determinante adjetivo, já que, embora não tenha ocorrido, nos termos de Langacker (1977), nenhuma modificação na manifestação superficial da construção, houve uma recategorização da classe, que passou de adjetivo a advérbio para, na sequência, mover-se para uma classe ainda mais marginal, a dos marcadores discursivos. Vê-se, pois, que a comparação do processo de gramaticalização de construções que têm na base uma forma nominal em três línguas distintas atesta não somente uma regularidade no curso da mudança – que compreende três estágios cujo *cline* pode ser sintetizado por nome > marcador adverbial > marcador discursivo –, como também que o apagamento dos determinantes do NP é o fator que concorre para a descategorização do nome e sua conseqüente reanálise como marcador adverbial. Dessa categoria, os futuros marcadores discursivos herdam não apenas a mobilidade sintagmática, como também a natureza subjetiva.

Considerações finais

Tomando como base teórica de análise a Gramática de Construções Diacrônica e concebendo a gramaticalização como um processo de mudança linguística resultante da expansão dos contextos de uso, propusemo-nos a descrever o percurso da gramaticalização da construção [meio que] na língua portuguesa, comparando sua trajetória de mudança com a de duas outras construções semelhantes, a saber, (i) [kind of/kinda], descrita por Margerie (2010), na língua inglesa; e (ii) [en plan (de)], estudada por Rodríguez-Abruñeiras (2020), no espanhol. Nosso *corpus* foi constituído de um total de 1582 (um mil, quinhentos e oitenta e dois) *tokens* representativos de um período de seis séculos e coletados na base de dados do *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006; DAVIES, 2019), respectivamente nas seções Gênero Histórico e NOW. Nossa amostragem linguística assim constituída foi submetida tanto a uma análise qualitativa, que se ateve à observação dos parâmetros de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade da construção objeto de nosso estudo, quanto a uma análise quantitativa, que se pautou tanto na normalização dos dados, quanto na aplicação de dois testes estatísticos – teste de Dickey-Fuller aumentado e teste tau-b de Kendall – para julgar a significância dos resultados obtidos. Nossas principais generalizações podem ser assim sistematizadas:

- (i) a construção [meio que] integra uma rede de construções instanciada pelo nó superior [X que] cuja produtividade para formação de construções conjuntivas no português é alta;
- (ii) embora se conforme ao subesquema [ADVÉRBIO que], derivado do nó [X que]_{CONJ}, [meio que] não tem função conjuncional na língua portuguesa, tendo se gramaticalizado inicialmente como marcador adverbial e, posteriormente, como marcador discursivo;

Percurso de mudança de [meio que] no português brasileiro e as construções [kind of/kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol: investigação contrastiva à luz da gramática de construções diacrônica

- (iii) o contexto de reanálise da construção [meio que]_{ADV} é um sintagma nominal complexo, com apagamento do determinante pré-nominal: [[(det)] + [MEIO_{NOME OU NUMERAL} + [QUE_{TRANSPOSITOR ANAFÓRICO})]]_{LEX} > [Ø meio que]_{ADV};
- (iv) a primeira ocorrência de [meio que] no *corpus* é registrada no século XVI e, até o século XIX, era empregado exclusivamente com valor composicional, restringindo-se a dois contextos: sintagma nominal complexo ou numeral, ambos seguidos de oração relativa introduzida pelo transpositor anafórico *que*;
- (v) a homonímia entre *meio* (substantivo e advérbio) e entre *que* (transpositor anafórico e conjunção) contribuiu para a ativação, por parte do falante, do subesquema [ADVÉRBIO *que*], que está na base da rede construcional de [meio que];
- (vi) o processo de gramaticalização da construção [meio que] se deu no séc. XX, momento em que os testes estatísticos aplicados atestam aumento da esquematicidade e da produtividade correlacionado à frequência *type*, com inversa redução da composicionalidade;
- (vii) embora as construções [meio que]_{ADV} e [meio que]_{MD} sejam menos opacas que [meio que]_{LEX}, a noção de parcialidade ou de aproximação identificada nas formas gramaticalizadas guarda relação com a semântica do nome *meio* (do latim *mēdius* = que está no meio ou entre dois pontos), atestando a natureza gradiente do processo de mudança;
- (viii) a análise contrastiva entre as construções [meio que], [kind of/kinda] e [en plan (de)] acusa similaridade no percurso de mudança entre as três línguas e reforça a tese de que o *cline* nome > marcador adverbial > marcador discursivo tem potencial para constituir um universal de gramaticalização. Ademais ficou claro, no percurso de mudança das três construções cotejadas, que o apagamento do(s) determinante(s) nominal(is) neutraliza os traços de N, contribuindo para a recategorização dessa classe e o conseqüente processo de reanálise do composto.

Essas generalizações trazem, sem dúvida, contribuições relevantes para os estudos de mudança linguística, reiterando a universalidade do fenômeno e a similaridade do processo não apenas em línguas de tronco comum, como é o caso do português e do espanhol, mas também de famílias distintas, como é o caso do inglês em relação às outras duas. Nosso estudo trouxe também à luz a importância da categoria determinante para a manutenção dos traços nominais no âmbito do NP, o que sugere que NPs sem determinantes são, portanto, mais susceptíveis à reanálise. Essa hipótese, assim como uma eventual concorrência entre a construção [meio que] e a construção [(tipo) assim] no português, evoca aqui estudos futuros.

Referências

AUSTIN, John L. *How to Do Things with Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1962.

BARÐDAL, Jóhanna. *Productivity: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2008.

BIBER, Douglas; CONRAD, Susan; REPPEN, Randi. *Corpus Linguistics: Investigating Language Structure and Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (orgs.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. pp. 602-23.

BYBEE, Joan. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, v. 82, pp. 711-33, 2006.

BYBEE, Joan; FLEISCHMAN, Suzanne (orgs.) *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.

BYBEE, Joan; McCLELLAND, James. Alternatives to the combinatorial paradigm of linguistic theory based on domain general principles of human cognition. In: RITTER, Nancy A. (org.). *The Role of Linguistics in Cognitive Science*. Special Issue of The Linguistic Review, v. 22, pp. 381-410, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/tlr.2005.22.2-4.381>. Acesso em: 20 nov. 2022.

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The Evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in the Languages of the World*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1994.

DAVIES, Mark. *Corpus do Português: News on the Web (NOW)*. 2019. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/now>. Acesso em: 31 out. 2022.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: Historical Genres*. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>. Acesso em: 31 out. 2022.

CEZARIO, Maria; SILVA, Thiago; SANTOS, Monique. Formação da construção [XQUE]_{CONEC} no português. *E-escrita*, v. 6, n. 3, pp. 229-43, 2015. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/1995/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FLACH, Susanne. Constructionalization and the Sorites Paradox: The emergence of the into-causative. In: SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, Elena (orgs.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2020. pp. 45-68.

FRANÇA, Mariana. *Uma análise de aproximadores no português brasileiro na perspectiva da semântica formal*. 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10214?show=full>. Acesso em: 20 nov. 2022.

GIVÓN, Talmy. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GROSJEAN, François; GEE, James P. Prosodic structure and spoken word recognition. *Cognition*, v. 25, pp. 135-55, 1987. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0010-0277\(87\)90007-2](https://doi.org/10.1016/0010-0277(87)90007-2). Acesso em: 20 nov. 2022.

Percurso de mudança de [meio que] no português brasileiro e as construções [kind of/kinda] do inglês e [en plan (de)] do espanhol: investigação contrastiva à luz da gramática de construções diacrônica

HAY, Jennifer. Lexical frequency in morphology. Is everything relative? *Linguistics*, v. 39, pp. 1041-70, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/ling.2001.041>. Acesso em: 20 nov. 2022.

HAY, Jennifer. From speech perception to morphology: Affix ordering revisited. *Language*, v. 78, pp. 527-55, 2002.

HEINE, Bernd. *Auxiliaries: Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York; London: Oxford University Press, 1993.

HEINE, Bernd; KALTENBÖCK, Gunther; KUTEVA, Tania; LONG, Haiping. *The Rise of Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

HILPERT, Martin. Three open questions in diachronic construction grammar. In: COUSSÉ, Evie; ANDERSSON, Peter; OLOFSSON, Joel (orgs.). *Grammaticalization meets Construction Grammar*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2018. pp. 21-40.

HIMMELMANN, Nikolaus P. Lexicalization or grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus P.; WIEMER, Björn (orgs.). *What makes Grammaticalization? A Look from its Fringes and its Components*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-44.

KURYŁOWICZ, Jerzy. The evolution of grammatical categories. *Diogenes*, v. 13, n. 51, pp. 55-71, 1965. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/039219216501305105>. Acesso em: 20 nov. 2022.

LANGACKER, Ronald. Syntactic reanalysis. In: LI, Charles N. (org.). *Mechanisms of syntactic change*. Austin: University of Texas Press, 1977. pp. 57-139.

LEHMANN, Christian. *Trouths on grammaticalization: a programmatic sketch*. Colônia: Arbeiten des Kölner Universalien Projekts 48, 1982.

LIMA, Gilsileide; SOUSA, Valéria; SILVA, Jorge. O emprego da locução [meio + que]: um enfoque funcionalista no vernáculo conquistense. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, pp. 57-75, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.7.7.1.57-75>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MARGERIE, Hélène. On the rise of (inter)subjective meaning in the grammaticalization of kind of/ kinda. In: DAVIDSE, Kristin; VANDELANOTTE, Lieven; CUYKENS, Hubert (orgs.). *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 2010. pp. 315-48.

McKINNEY, Wes. Data Structures for Statistical Computing in Python. In: PROCEEDINGS OF THE 9th PYTHON IN SCIENCE CONFERENCE (SCIPY 2010), 2010, Austin. *Anais [...]*. Austin: [s.n.], 2010. pp. 51-6. Disponível em: <https://conference.scipy.org/proceedings/scipy2010/pdfs/mckinney.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia (Rivista de Scienza)*, v. 12, n. 26, pp. 130-48, 1912.

MORETTIN, Pedro A.; TOLOI, Clélia M. C. *Análise de séries temporais*. 2. ed. São Paulo: Edgar Blucher, 2006.

NARROG, Heiko. *Modality, Subjectivity, and Semantic Change: A Cross-Linguistic Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (orgs.). *C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RODRÍGUEZ-ABRUÑEIRAS, Paula. Outlining a grammaticalization path for the Spanish formula en plan (de): A contribution to crosslinguistic pragmatics. *Linguistics*, v. 58, n. 6, pp. 1543-79, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/ling-2020-0229>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SEABOLD, Skipper; PERKTOLD, Josef. Statsmodels: Econometric and Statistical Modeling with Python. In: PROCEEDINGS OF THE 9th PYTHON IN SCIENCE CONFERENCE (SCIPY 2010), 2010, Austin. *Anais [...]*. Austin: [s.n.], 2010. pp. 92-6. Disponível em: <https://conference.scipy.org/proceedings/scipy2010/pdfs/seabold.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SINCLAIR, John. *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, Elena (orgs.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2020.

TRAUGOTT, Elizabeth C. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON HISTORICAL LINGUISTICS (ICHL XII) 1995, Manchester. *Anais [...]*. Manchester: [s.n.], 1997. pp. 1-23. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

TRAUGOTT, Elizabeth C. A constructional perspective on the rise of metatextual discourse markers. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. e269, 14 jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id269>. Acesso em: 20 nov. 2022.

TRAUGOTT, Elizabeth C; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VIRTANEN, Pauli *et al.* SciPy 1.0: Fundamental Algorithms for Scientific Computing in Python. *Nature Methods*, v. 17, n. 3, pp. 261-72, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41592-020-0772-5>. Acesso em: 20 nov. 2022.

WAKSOM, Michael L. Seaborn: Statistical Data Visualization. *Journal of Open Source Software*, v. 6, n. 60, pp. 1-4, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21105/joss.03021>. Acesso em: 20 nov. 2022.

COMPOSTOS COM *FOBIA* NA LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO CONSTRUCIONAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

COMPOUNDS WITH *FOBIA* IN PORTUGUESE: A CONSTRUCTIONAL STUDY IN HISTORICAL PERSPECTIVE

Natal Almeida Simões Neto¹

Antonia Vieira dos Santos²

Ian Lezan Salvador³

RESUMO

Neste trabalho, pretendemos refletir sobre os processos de mudança relacionados aos compostos com *fobia* na língua portuguesa, considerando a forma grega φοβία, a sua latinização em *phōbīa*, a sua entrada ao português no século XVI e a proliferação de formas [X-*fobia*]_s a partir do século XIX. São analisadas tanto formas dicionarizadas (*aracnofobia*, *claustrofobia*, *fonofobia*, *hidrofobia*, *necrofobia*), quanto não dicionarizadas (*brancofobia*, *casalfelizfobia*, *cabelobrancofobia*, *gordofobia*, *PDFfobia*, *pobrefobia*, *putafobia* e *uvapassafobia*). O nosso aporte teórico-descritivo inclui os pressupostos da Morfologia Construcional, nos termos de Booij (2010), Gonçalves (2016), Soledade (2018) e Simões Neto (2022), e Gramática de Construções de orientação diacrônica, com base em Traugott e Trousdale (2021). Dentre muitas questões, o nosso artigo intenta avaliar: (a) se, do ponto de vista formal, o padrão X-*fobia* do português contemporâneo deixou de ser um composto morfológico, com um elemento preso (*aracn[o]-fobia*; *fon[o]-fobia*), para ser um composto morfossintático do tipo NN (*pobrefobia*, *putafobia*); (b) como, do ponto de vista semântico, a ideia de medo patológico das primeiras realizações atestadas deu lugar ao significado de aversão e de ódio na contemporaneidade. A avaliação do comportamento formal e semântico do padrão X-*fobia* nos permitirá dizer se se trata de uma mudança construcional ou de uma construcionalização. Considerando a envergadura da proposta, os dados analisados advêm de variadas fontes: (i) *The Brill Dictionary of Ancient Greek* (MONTANARI, 2005), para dados do grego; (ii) *Dictionnaire Latin-Français* (GAFFIOT, 2016), para os dados do latim; (iii) *Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009), para formas dicionarizadas do português; (iv) *Twitter*, para as formas não dicionarizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Compostos morfológicos. Compostos neoclássicos. Morfologia histórica. Morfologia construcional. Mudança construcional.

ABSTRACT

In this paper, we intend to reflect upon the change processes associated with compounds with *fobia* in Portuguese, considering the Greek form φοβία, its Latinization with *phōbīa*, its entrance in Portuguese in the 16th century and the proliferation of [X-*fobia*]_s forms starting from the 19th century. Forms both dictionary-included (*aracnofobia*, *claustrofobia*, *fonofobia*, *hidrofobia* and *necrofobia*), and non-dictionary-included (*brancofobia*, *casalfelizfobia*, *cabelobrancofobia*, *gordofobia*, *PDFfobia*, *pobrefobia*, *putafobia* and *uvapassafobia*) are analyzed. Our theoretical-descriptive framework includes the assumptions of Construction

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), natalneto@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0001-7972-2396>.

² Universidade Federal da Bahia (UFBA), toniavieira@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-2144-8168>.

³ Universidade Federal da Bahia (UFBA), ianlezansalvador@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-8318-9085>.

Morphology, as presented by Booij (2010), Gonçalves (2016), Soledade (2018) and Simões Neto (2022), and Diachronic Construction Grammar, based on Traugott and Trousdale (2021). Among many questions, our article aims to assess: (a) whether, from a formal point of view, the X-fobia pattern in contemporary Portuguese is no longer a morphological compound, with a trapped element (*aracn[o]-fobia; fon[o]-fobia*), to become a NN type morphosyntactic compound (*pobrefobia, putafobia*); (b) how, from a semantic point of view, the idea of pathological fear in the first attested drawings gave way to the meaning of aversion and hatred in contemporary times. The evaluation of the formal and semantic behavior of the X-fobia pattern will allow us to say whether it is a constructional change or a constructionalization. Considering the scope of the proposal, the data analyzed come from various sources: (a) *The Brill Dictionary of Ancient Greek* (MONTANARI, 2005), for the Greek data, (b) *Dictionnaire Latin-Français* (GAFFIOT, 2016), for the Latin data, (c) *Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009), for the dictionary-included forms in Portuguese, (d) *Twitter*, for the non-dictionary-included forms.

KEYWORDS: Morphological compounds. Neoclassical compounds. Historical morphology. Construction morphology. Constructional change.

Introdução

Neste trabalho, pretendemos tratar de aspectos históricos relacionados aos compostos com *fobia* no português, com base na abordagem construcional da gramática. O formativo em questão se originou no grego *φοβία*, passou ao latim *phōbīa* e chegou ao português, atestando-se tanto em formas dicionarizadas, como *aracnofobia, claustrofobia, fonofobia, necrofobia, homofobia e xenofobia*, quanto em não dicionarizadas⁴, como *brancofobia, gordofobia, pobrefobia, ricofobia, PDFfobia, cabelobrancofobia e putafobia*, encontradas em dados do português brasileiro contemporâneo. O nosso aporte teórico-descritivo inclui os pressupostos da Morfologia Construcional, nos termos de Booij (2010), Gonçalves (2016), Soledade (2018) e Simões Neto (2022), e da abordagem construcional da mudança linguística, nos termos de Traugott e Trousdale (2021).

A Morfologia Construcional (MC) é um modelo de análise morfológica proposto pelo linguista holandês Geert Booij em 2005, tendo sido publicada, em 2010, sua obra mais importante, o livro *Construction Morphology*. Esse modelo parte da noção de construção defendida na Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006), ou seja, um pareamento convencionalizado entre forma e significado, o que inclui palavras simples, padrões morfológicamente complexos, expressões idiomáticas, estruturas sintáticas, entre outros. Nessa abordagem, todo o conhecimento do falante acerca das construções da sua língua é listado em um *constructicon*, que se organiza por meio de redes que permitem variadas combinações de construções, desde que essas sejam compatíveis entre si. Booij (2010) chama essa combinação de *unificação*, ao passo que Gonçalves (2016) adota o termo *compatibilização*. Para entender esse mecanismo, tomemos como exemplo do português a construção [S-eir-]_s com o significado de agente profissional. Formas atestadas, como *açougueiro, carteiro, leiteiro e doceiro*, decorrem da compatibilização da construção morfológica complexa [S-eir-]_s com as palavras simples *açougue, carta, leite e doce*, que também são construções, pois apresentam uma caracterização formal associada a um significado.

⁴ Foram consideradas formas não dicionarizadas as que não constavam no *Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009), obra lexicográfica considerada para a coleta de dados do português.

Neste trabalho, almejamos observar historicamente o comportamento do esquema compositivo [X-fobia]_S, analisando as suas propriedades formais e semânticas e descrevendo os mecanismos de mudança observados na trajetória desse padrão morfológico. Sobre essa última questão, basear-nos-emos nos apontamentos da Gramática de Construções de orientação diacrônica, como apresentada por Traugott e Trousdale (2021). Nesse enquadramento teórico, a mudança linguística é analisada sob dois rótulos: *mudança construcional*, quando a mudança acontece em apenas um dos polos da construção (forma ou significado), e *construcionalização*, quando a mudança atinge os dois polos. Dessa maneira, ao analisarmos as mudanças que aconteceram na história de [X-fobia]_S, além de descrevermos as etapas da mudança, avaliaremos qual/quais dos rótulos, *mudança construcional* ou *construcionalização*, pode(m) ser aplicado(s) ao contexto investigado.

Para cumprirmos a proposta de análise histórica da construção morfológica de [X-fobia]_S, consideraremos dados de fontes lexicográficas, como (i) *The Brill Dictionary of Ancient Greek* (MONTANARI, 2005), para dados do grego; (ii) *Dictionnaire Latin-Français* (GAFFIOT, 2016), para dados do latim; e (iii) *Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009), para formas dicionarizadas do português, e, ainda, dados do Twitter, correspondentes a formas não dicionarizadas do português.

Reconhecemos que o uso de dicionários em um trabalho que se compromete com uma linguística baseada no uso pode caracterizar um problema teórico-metodológico, uma vez que os dicionários não conseguem capturar as dinamicidades da língua em situação de interação. Por isso, ressaltamos que as análises apresentadas no artigo, frente ao aporte teórico acionado, carecem, em alguns momentos, de comprovação empírica, mas esperamos que este estudo seja o pontapé inicial para instigar reflexões sobre a composição morfológica dentro de uma abordagem diacrônica e construcional.

O nosso artigo se encontra organizado da seguinte maneira: (i) a seção 1 tratará dos compostos morfológicos, mencionando o subtipo dos compostos neoclássicos e as análises construcionais de compostos desse tipo; (ii) a seção 2 faz uma revisão dos estudos que tratam do padrão X-fobia, considerando, principalmente, trabalhos que abordam a construção correspondente no francês; (iii) a seção 3 apresenta a constituição dos *corpora*; (iv) a seção 4 traz a nossa proposta de análise; (v) na seção 5, são feitas as considerações finais, seguidas das referências.

1. Considerações sobre compostos morfológicos em língua portuguesa

No âmbito da formação de palavras, a composição é entendida como um processo que envolve uma relação coordenativa, subordinativa ou modificativa entre pelo menos duas unidades lexicais, sejam radicais⁵, temas ou palavras (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016). Em língua portuguesa, os trabalhos de Villalva (2003) e de Ribeiro e Rio-Torto (2016) apresentam propostas de classificação das palavras compostas, baseando-se, principalmente, no comportamento e no estatuto dos seus elementos constitutivos.

⁵ Na visão de Ribeiro e Rio-Torto (2016), os radicais são unidades que podem ser marcadas categorialmente, ponto que se difere da abordagem proposta neste artigo.

Para Villalva (2003), os compostos da língua portuguesa podem ser classificados como morfossintáticos ou como morfológicos. São morfossintáticos os compostos que “têm estrutura híbrida, exibindo alguma das propriedades das estruturas sintáticas e algumas das propriedades das estruturas morfológicas” (VILLALVA, 2003, p. 971); e são morfológicos os compostos formados a partir de um processo de concatenação de dois ou mais radicais, com a presença de uma vogal de ligação, que têm um comportamento idêntico ao das restantes palavras (VILLALVA, 2003). Desse modo, para além da vogal de ligação, os compostos morfológicos se diferenciam dos morfossintáticos em relação às marcas flexionais.

Sendo assim, em compostos morfológicos, as desinências de gênero e número ocorrem à direita do constituinte final, característica que os aproxima das palavras simples. Nos compostos morfológicos *luso-brasileira* e *luso-brasileiros*, conforme exemplificado por Villalva (2003), as marcas flexionais de gênero e número ocorrem apenas no segundo elemento, diferentemente dos compostos morfossintáticos *surda-muda* e *surdos-mudos*, que apresentam flexão interna e externa.

Na visão de Ribeiro e Rio-Torto (2016), são percebidos três padrões de composição na língua portuguesa: a composição morfossintática, a sintagmática e a morfológica. Para as autoras, compostos morfossintáticos e sintagmáticos são formados por unidades autônomas e distinguem-se entre si quanto à observância (ou não) do padrão das estruturas sintáticas do português, isto é, os compostos morfossintáticos⁶ diferenciam-se dos sintagmáticos⁷ por apresentarem “algum grau de atipicidade relativamente aos padrões sintagmáticos do português ativos nas estruturas sintagmáticas correspondentes” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 484).

Em contraposição, os compostos morfológicos são os que incluem pelo menos um radical não autônomo. Na composição morfológica, chamam ainda atenção aspectos relacionados à seleção e à realização argumental, em que “o elemento com capacidade argumental ocorre à direita, encontrando-se à esquerda o elemento, de origem nominal, que assegura a realização do respetivo argumento interno e que funciona habitualmente como tema/objeto” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 499).

O termo *composto neoclássico* é frequentemente utilizado para se referir à composição com bases gregas e latinas (GONÇALVES, 2011, p. 8), correspondendo aos compostos formados em um contexto de expansão da ciência, o qual culminou em internacionalismos, isto é, no registro de compostos semelhantes em diferentes línguas. Nesse ponto, destacam-se as visões de Lüdeling (2009), que afirma ter o desenvolvimento da ciência propiciado o uso de uma terminologia que combina elementos neoclássicos, e de Iacobini (2004, p. 69, tradução nossa⁸), para quem os

⁶ São padrões de compostos morfossintáticos: (a) [NN], como *seguro-desemprego*, *navio-escola*, *palavra-chave*; (b) [AA], como *claro-escuro*, *passivo-agressivo*, *surdo-mudo*; (c) [VV], como *pega-pega*, *vaivém*, *bate-volta*; (d) [VN], como *saca-rolha*, *puxa-saco*, *caga-regra*.

⁷ São padrões de compostos sintagmáticos: (a) [NprepN], como em *pé-de-moleque*, *sabão em pó*, *cana-de-açúcar*; (b) [NA], como em *produção independente*, *radicais livres*, *servidor público*; (c) [AN], como em *alto relevo*, *má fé*, *baixa visão*; (d) [NprepV], como em *goma de mascar*, *ferro de passar*, *máquina de lavar*.

⁸ “[...] anche detti internazionalismi perché compaiono con il medesimo significato e con forma quasi identica in diverse lingue [...]” (IACOBINI, 2004, p. 69)

compostos neoclássicos “são também chamados de internacionalismos porque aparecem com o mesmo significado e com uma forma quase idêntica em diferentes idiomas”.

Os compostos neoclássicos não apresentam características distintas das de um composto morfológico, pois também são formados por elementos presos, apresentam marcas de flexão ao final do segundo elemento, bem como, recorrentemente, apresentam vogal de ligação e um elemento com capacidade de seleção argumental à direita. Apesar disso, não tomamos os termos *composto neoclássico* e *composto morfológico* como sinônimos, pois a composição morfológica comporta, além dos compostos formados a partir de radicais greco-latinos, compostos formados por radical vernáculo + palavra vernácula, como *franco-alemão*.

Conforme explicitado na introdução deste trabalho, buscamos como aporte teórico o modelo de análise da Morfologia Construcional. Destacamos, então, o trabalho de Gonçalves e Pires (2016), os quais afirmam que “[...] a chamada composição neoclássica também pode ser modelada por esquemas construcionais semelhantes aos da derivação e composição” (GONÇALVES; PIRES, 2016, p. 117). A partir do entendimento dos autores, no esquema geral de composição neoclássica (1), os elementos não recebem etiqueta lexical, são genericamente referenciados como X e Y, em maiúsculas, já que não são afixos, e, por não constarem do léxico, não são indexados (ou seja, não recebem os símbolos i e j, subscritos) (GONÇALVES; PIRES, 2016)

(1) Esquema geral da composição neoclássica: [X Y]_s

O esquema em (2), a seguir, é especificado em Gonçalves e Pires (2016), a partir das formações em *-dromo*, como *hipódromo*, *velódromo*, *kartódromo*, *canódromo*, *autódromo* e *sambódromo*.

(2) [X dromo]_s

Diante do exposto, entendemos que o esquema proposto por Gonçalves e Pires (2016), para a composição neoclássica, pode ser aplicado a variados esquemas de compostos morfológicos (VILLALVA, 2003; RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016), uma vez que, na composição morfológica que envolve elementos vernáculos, figuram as mesmas propriedades formais apontadas naquela que envolvem elementos eruditos.

2. Os compostos com *-fobia* no português e *-phobie/-phobe* no francês

Nesta seção, apresentamos alguns trabalhos que trataram da mesma construção no português e no francês. Em relação ao português, o padrão X-fobia foi analisado por Baptista Junior (2013), em sua dissertação de mestrado. O autor reconheceu a existência de dois significados para a construção: “pânico ou pavor” (aracnofobia, claustrofobia) e “preconceito ou intelorância” (homofobia, xenofobia, macumbofobia), mas centrou a sua discussão no encaixamento das formações com *-fobia* dentro do *continuum flexão-derivação* nos termos de Gonçalves (2011), aspecto que não exploramos

neste artigo. A nossa análise, portanto, estabelece um debate mais profícuo com os estudos feitos na construção do francês. Nesse idioma, o formativo *-phobie* (e *-phobe*) foi abordado em dois artigos: *What are you afraid of? The construction of meaning in X-(o)phobie lexemes*, de Marine Lasserre (2015), e *Les noms d’humains en -phobe*, de Bruno Oberlé (2018).

Lasserre (2015) aponta, no quadro da morfologia construcional, duas leituras para as construções X-(o)phobie⁹ em francês: “medo de X” e “hostilidade contra X”, enfatizando a importância do co(n) texto para a determinação do significado pretendido em uma determinada frase¹⁰. Para a autora, essas construções correspondem a “compostos neoclássicos”, cujo uso, apesar de ter ocorrido inicialmente no âmbito científico, se estendeu para a linguagem do dia a dia. Lasserre (2015, p. 478) defende que os falantes, embora não familiarizados com as línguas clássicas, são capazes de construir e compreender lexemas envolvendo constituintes eruditos. Isso se deve, segundo autora, ao papel exercido pela palavra líder (*leader word*), uma espécie de ponto de partida de um efeito serial¹¹. Assim, a partir de um modelo, novos lexemas podem ser construídos por analogia, à maneira de um composto clássico, mesmo que envolvam unicamente elementos nativos. Os dois sentidos expressos por *-phobie* têm como *leader words* *claustrophobie* ‘claustrofobia’/*agoraphobie* ‘agorafobia’ e *xénophobie* ‘xenofobia’/*homophobie* ‘homofobia’, pares de lexemas que denotam respectivamente medo e hostilidade, tendo esse último sentido emergido em 1821, na palavra *théophobie*, como uma extensão do primeiro significado (LASSERRE, 2015).

O estudo de Oberlé (2018) se insere no quadro das descrições semânticas e está focado nos compostos neoclássicos que denotam especificamente seres humanos, os NH-phobe, classe por ele assim representada. A construção NH-phobe corresponde a uma especificação do esquema X-phobe, que pode receber a etiqueta de nome ou adjetivo. Nessa construção, o formativo *-phobe* apresenta função de predicado relativamente ao outro elemento do composto, estabelecendo uma relação predicado-argumento: *xénophobe* ‘qui hait les étrangers’, sendo *hait* ‘odiar’ o predicado e *les étrangers* ‘estrangeiros’ o argumento. No entanto, essa propriedade não é suficiente para assegurar a semântica e o uso de construções com *-phobe*. Nesse sentido, Oberlé (2018) procura responder questões concernentes ao significado de *-phobe*, aos argumentos que esse predicado pode receber e ao uso de construções NH-phobe.

A reflexão sobre essas unidades lexicais, tanto em Lasserre (2015) quanto em Oberlé (2018), recai, num primeiro momento, na contribuição dada pelo primeiro constituinte para a interpretação do composto: quando se trata de um animal, por exemplo, as construções X-(o)phobie e X-phobe significam “(que tem) medo de X”; por outro lado, quando se trata de uma classe de humanos, X-(o)phobie e X-phobe significam “(que tem) ódio de X”, “(que tem) hostilidade contra X”. Mas pode

⁹ Por considerar que a vogal de ligação não pertence ao primeiro nem ao segundo termo, a autora a registra entre parênteses.

¹⁰ O terceiro significado, expressando repulsão e utilizado no âmbito da terminologia técnica da química, como em *hydrophobie* e *oléophobie*, não foi considerado no estudo.

¹¹ É esse efeito serial que permite considerar a vogal de ligação, apontada como uma das propriedades dos compostos neoclássicos, não obrigatória, porém altamente frequente (LASSERRE, 2015, p. 479).

ocorrer de o significado não ser o esperado, como em *clownophobie* ‘palhaçofobia’, que denota o medo de palhaços. Também os dicionários não fornecem respostas claras, como aponta Oberlé (2018, p. 193).

Sendo um elemento polissêmico, como computar o sentido de construções com -phobia (e -phobe)? “Medo de X” ou “ódio de X”? Apesar de se buscar o sentido a partir da classe do primeiro elemento – humano/ideologia (sentido de ódio), animal/objeto/situação (sentido de medo) – as relações não se mostraram tão fortes se consideradas fora de contexto, pois, segundo Oberlé (2018, p. 199), “os dois sentidos de -phobe estão presentes, simultaneamente, no espírito dos locutores”¹². Assim, haverá duas possibilidades de interpretação no caso de *arabophobe* ‘arabófono’ (“ter medo de X”/“manifestar hostilidade contra X”, “ser hostil a X”), por exemplo, o que demonstra certa permeabilidade entre os dois polos. Dessa forma, sendo insuficiente basear-se somente pela semântica do primeiro constituinte, defende-se, em ambos os trabalhos, observar a distribuição da construção X-(o)phobia/X-phobe, ou seja, é necessário integrar o contexto no estudo do significado de lexemas complexos, especialmente no caso de neologismos, pois o seu significado preciso não pode ser especificado isoladamente. Daí a importância dos corpora, pois “como repositórios de usos linguísticos, eles representam a fonte primária de informação para identificar as propriedades distributivas da palavra”¹³. Por exemplo: *souffrir de coupophobie* ‘sofrer de casalfobia’ e *souffrir de lésion cérébrale* ‘sofrer de lesão cerebral’ possuem a mesma distribuição; assim como *lésion cérébrale*, *coupophobie* foi criado como uma doença.

Ao se considerar a origem etimológica do primeiro constituinte, se clássica ou não clássica, Lasserre (2015, p. 491) observou a diferença de uso entre os sentidos de “medo” e “hostilidade”. Para a autora, um lexema X-(o)phobie com o significado “medo” prefere um elemento clássico como primeiro constituinte – geralmente, o lexema denota uma doença e, portanto, deve parecer erudito e científico –, enquanto um X-(o)phobie com o significado de “hostilidade” mostra preferência por um constituinte nativo. O raciocínio apresentado é que, nesse segundo caso, o tipo particular de hostilidade precisa ser facilmente compreendido pelo público em geral, como em *lesbophobie* ‘lesbofobia’ e *américanophobie* ‘americanofobia’ (LASSERRE, 2015, p. 492). Segundo Oberlé (2018, p. 199), o trabalho de Lasserre (2016)¹⁴ mostrou a tendência (cerca de 85%) de um formativo clássico não figurar como primeiro elemento nos compostos com a semântica [+hostilidade].

Ao analisar as definições e as paráfrases apresentadas pelos dicionários de língua selecionados, Oberlé (2018) observou que elas incluem “medo mórbido”, “aversão” e “hostilidade”. Essa distribuição, segundo o autor, corresponde àquela estabelecida por Lasserre (2016), que, na verdade,

¹² “[...] les deux sens de -phobe sont présents, simultanément, à l'esprit des locuteurs.” (OBERLÉ, 2018, p. 199)

¹³ “as repositories of linguistic usages, they represent the primary source of information to identify the word distributional properties” (LENCI, 2008, p. 9 apud LASSERRE, 2015, p. 485).

¹⁴ Esse trabalho de Lasserre, citado por Oberlé, corresponde a sua tese de doutorado (“De l'intrusion d'un lexique allogène”, Toulouse, Thèse de doctorat de l'Université de Toulouse 2), não consultada por nós.

identifica dois tipos de semantismos, medo e hostilidade, subdividindo o segundo em dois: aversão, quando o primeiro nome denota objeto, como em *théatrophobie* ‘teatrofobia’, e hostilidade, quando denota humano, como em *xénophobie* ‘xenofobia’¹⁵. Quanto aos dicionários especializados, observou que eles não registram *-phobe*, apenas *phobie*, palavra autônoma, que faz referência a doenças e não a doentes; não estão presentes, portanto, os sentidos de aversão e de hostilidade, utilizados para se referir principalmente aos humanos.

Oberlé (2018) analisou o uso de NH-*phobe* em quatro *corpora* distintos, correspondentes a diferentes discursos (imprensa/internet, documentos administrativos, legendas de filmes/séries e debates parlamentares). A análise do *corpus* evidenciou diferenças no uso de construções X-*phobe* consoante o tipo de texto. Essas construções se mostraram produtivas, sobretudo na mídia, o que pode ser observado nas criações hápax ou *ad-hoc*. De mais fácil interpretação seriam as construções com primeiro elemento nativo, enquanto criações eruditas, com um elemento grego ou latino, estariam acessíveis somente aos especialistas.

Ao discutir o significado de *-phobe*, Oberlé (2018, p. 197) informa que o *corpus* utilizado revelou um sentido um pouco diferente dos já registrados em francês: o sentido de “ignorância, de não familiaridade”, como se pode observar no exemplo em francês fornecido pelo autor:

- (3) Dans ces conditions, on peut comprendre un anglophobe comme quelqu’un qui n’est “pas compatible” avec la langue anglaise (WORT)¹⁶

Além disso, o autor observou que construções NH-*phobe* com a semântica de “ódio”, como *homophobe* e *xénophobe*, podem ser utilizadas como insulto em contextos pejorativos, principalmente, em discursos informais, podendo ser definidos como “nomes de qualidade”. No entanto, a semântica parece não totalmente estabilizada, como na dupla leitura que se pode fazer de *anglophobe*: alguém que odeia os ingleses ou alguém que simplesmente não fala inglês.

3. Constituição de *corpora*

Como antecipado no título e na introdução deste artigo, a nossa proposta de análise é diacrônica e, para isso, considera diferentes etapas da trajetória das construções com *fobia*, desde a sua origem no grego, até o português do século XXI, passando pelo latim e pelo português do século XVI ao XX.

Para o grego antigo, recolhemos as formas com o radical *-φοβ-* registradas no *The Brill Dictionary of Ancient Greek*, de Montanari (2005). Foram coletadas: (a) seis formas compostas [X-φόβος]_A; (b) nove formas prefixadas com [X-φόβος]_A; (c) duas formas compostas [X-φοβός]_S; (d) uma forma composta [X-φοβία]_S. Ao todo, 18 formas foram coletadas desse dicionário.

¹⁵ Os sentidos de aversão e de hostilidade, aplicados a não-humanos e a humanos, respectivamente, foram sintetizados por Oberlé (2018) sob o termo “ódio” (“haine”).

¹⁶ “Nessas condições, um anglófono pode ser entendido como alguém que “não é compatível” com a língua inglesa.”, onde “não ser compatível” equivale a não saber falar inglês.

Para o latim clássico, utilizamos como fonte o *Dictionnaire Latin-Français* (GAFFIOT, 2016). Recolhemos as formas com o radical *-phōb-* no referido dicionário. Isso nos rendeu: (a) quatro formas compostas [X-phōbus]_A; (b) uma forma composta [X-phōbās]_S; (c) uma forma composta [X-phōbia]_S. Ao todo, seis formas foram coletadas desse dicionário.

Os dados dicionarizados do português cobrem o período que vai do século XVI ao XX e foram recolhidos do *Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa*, de Houaiss e Villar (2009). Esses dados somam um total de 98 formações X-fobia. Por fim, os usos do século XXI, não dicionarizados, foram obtidos da rede social Twitter, formando um total de 76 realizações de X-fobia.

4. Quadro de análise

A nossa análise se dividirá em três etapas: (a) no primeiro momento, trataremos do funcionamento das construções X-φόβος/*-phōbus* e X-φοβία/*-phōbia* nas línguas clássicas (grego e latim); (b) no segundo momento, falaremos das construções do português, indo do século XVI, quando se atesta a primeira formação X-fobia, até o século XX; (c) no terceiro momento, serão analisadas as formações do século XXI.

4.1. Atestações nas línguas clássicas: análise de -φόβος/*-phōbus* e -φοβία/*-phōbia* no grego e no latim

Como informado, o ponto de partida da nossa análise é a discussão acerca do padrão compositivo grego com os formativos φόβος, φοβία e φοβιάς. O formativo -φοβία surge da combinação dos formativos -φόβος forma livre no grego antigo que significava ‘medo, pânico, terror’ ou indicava o objeto do medo, e -ία sufixo que aparecia na formação de substantivos abstratos que designavam qualidades, características e estados. Os formativos -φοβία e -φοβιάς eram também formas presas cujas únicas realizações são ύδροφοβία ‘hidrofobia, medo de água’, ύδροφόβας ‘hidrofobia, medo de água’ e Ιπποφοβιάς ‘medo de cavalo’. Uma sinopse desse cenário é feita Lasserre (2015):

No grego antigo, φόβος era um substantivo autônomo que denotava medo, pânico; combinado com um lexema autônomo, também poderia formar compostos adjetivais com o significado de ‘quem tem medo de alguma coisa’, por exemplo άεροφόβος, ‘quem tem medo de ar’. A forma φοβία nunca apareceu como um lexema autônomo e, de fato, era bastante rara (LASSERRE, 2015, p. 480, tradução nossa¹⁷, grifos da autora)

O primeiro aspecto digno de menção nesse cenário é o deslizamento semântico-funcional visto nas construções com φόβος. Embora a forma livre aponte para um substantivo abstrato com significado de ‘medo, pânico ou terror’, a construção de compostos X-φόβος aponta para a formação de adjetivos

¹⁷ In Ancient Greek, φόβος was an autonomous noun denoting a panic fear; combined with an autonomous lexeme, it could also form adjectival compounds with the meaning ‘who is afraid of something’, for example άεροφόβος, ‘who is afraid of air’. The form φοβία never appeared as an autonomous lexeme, and was in fact fairly infrequent (LASSERRE, 2015, p. 480).

com sentidos de experienciador, como ‘que tem medo’ ou ‘temente a’, ou causativo, como ‘que causa medo em’. Exemplos disso são: *ἀεροφόβος* ‘que tem medo de ar’, *αἰμοφόβος* ‘que tem medo de sangue’, *δηιφόβος* ‘que causa terror ao inimigo’, *θεόφοβος* ‘temente a Deus’, *ύδροφόβος* ‘que sofre de hidrofobia’ e *ψύχροφόβος* ‘que tem medo de água fria’.

Um segundo aspecto que vale mencionar no grego é a existência de formas prefixadas¹⁸ com φόβος. Alguns exemplos são: *έκφοβος* ‘assustado, apavorado’, *έμφοβος* ‘terrível, assustador’, *έπίφοβος* ‘assustador, terrível’, *κατάφοβος* ‘com medo, assustado’, *παντοφόβος* ‘com medo de tudo’, *περίφοβος* ‘cheio de medo ou pânico’, *ύπέρφοβος* ‘muito assustador, terrível’ e *ύπόφοβος* ‘com um pouco de medo, assustado’. Embora essas formações prefixadas não tenham sido objeto central da nossa análise, devemos destacar que todas são adjetivos, o que corrobora o entendimento da existência de uma forma presa -φόβος atuante em formações adjetivais.

A nossa hipótese, que ainda carece de comprovações empíricas, é de que o substantivo φόβος do grego tenha passado por um processo de gramaticalização semelhante ao que ocorreu com o substantivo *mente*, no português. Nos dois casos, os substantivos chegaram a um estágio avançado de gramaticalização, tornando-se formativos atuantes na criação de palavras de categorias mais gramaticais, como adjetivos, no caso de X-φόβος, e advérbios, no caso de X-mente. Mesmo tendo alcançado tal posição no *cline* de gramaticalização, os usos originais como formas livres não deixaram de existir nas línguas em questão, importando mencionar que há diferenças semânticas entre os usos como formas livres e como formas presas.

Vale ressaltar que, neste artigo, usamos o conceito de *gramaticalização* conforme o paradigma funcionalista (GIVÓN, 1979; HOPPER, 1991), que o explorou demasiadamente. No funcionalismo clássico, a gramaticalização acontece quando um item lexical se torna mais gramatical, ou quando um elemento gramatical se torna ainda mais gramatical. Esse processo é apresentado através de um *cline/continuum* que vai do léxico à gramática, com elementos de várias categorias sendo sequenciados nesse esquema. Ainda que os modelos mais recentes de cariz funcionalista, como o de Traugott e Trousdale (2021), tenham passado a interpretar os eventos de mudança através dos rótulos de *mudança construcional* e *construcionalização*, que se aplicam à construção, e não ao item, concordamos com Oliveira e Sambrana (2022), no entendimento de que os conceitos de gramaticalização e mudança construcional/construcionalização podem ser compatibilizados na interpretação de alguns fenômenos.

Quanto à integração de X-φόβος com X-ία na criação de X-φοβία, hipotetizamos a existência de dois procedimentos. O primeiro é o *chunking*, entendido nos termos de Bybee (2016), como um processo mnemônico, em que unidades menores vistas juntas com frequência podem ser armazenadas na memória como um elemento único, formal e semanticamente, dificultando, em muitos casos, a apreensão das partes menores inicialmente envolvidas. A nossa hipótese sobre o *chunking* em -φοβία se baseia na compreensão de que já não era possível, do ponto de vista semântico, decompor os dois

¹⁸ Houaiss e Villar (2009) apresentam os respectivos correspondentes portugueses *ex-*, *en-*, *epi-*, *peri-*, *cata-*, *panto-*, *hiper-* e *hipo-* como prefixos, posição com a qual concordamos e que parece se aplicar às formações gregas listadas.

formativos originais, -φόβος e -ία, e propor uma paráfrase adequada, como ‘a qualidade de quem tem medo de’, em que os significados de -φόβος e -ία fossem devidamente contemplados.

A partir da observação da gênese da construção X-φοβία como um todo, sugerimos que, em meio à gramaticalização de φόβος, aqui defendida como uma hipótese, o que era um substantivo originalmente passa a atuar na formação de adjetivos que mantêm alguma relação semântica com o significado do nome original, pois o significado de ‘medo’, advindo do substantivo, se mantém na construção adjetiva que qualifica alguém ‘que tem medo de algo’ ou ‘que provoca medo’. Na concatenação morfológica de -φοβία, o sufixo -ία está na última posição, atuando na determinação da classe de palavras dos compostos formados com -φοβία, que são substantivos. Assim o -ία cumpre o papel de transcategorização, fazendo com que um adjetivo X-φόβος passe a substantivo X-φοβία. A mudança de categoria lexical é bastante comum na derivação sufixal, e o processo em que, a partir de adjetivos, são derivados substantivos abstratos são recorrentes na morfologia derivacional não só do grego, mas também do latim e do português (SIMÕES NETO, 2021).

O segundo procedimento que estaria envolvido na gênese de -φοβία é a analogização, definida por Fischer (2009) como um recurso de base metonímica em que, a partir de estruturas já consagradas na língua, criam-se outras instantaneamente. Em se tratando de X-φοβία, podemos perceber uma analogização, ou alinhamento, com outros padrões compositivos do grego antigo, como X-γραφία ‘X-grafia’, X-λογία ‘X-logia’ e X-μανία ‘X-mania’, que também apresentam a combinação de um radical com o sufixo -ία.

Não podemos dizer, em relação ao grego, que o padrão [X-φοβία]_s era profícuo, pois só há uma possível realização desse padrão. É possível afirmarmos que o esquema [X-φοβία]_s na língua grega, era do tipo relacional (JACKENDOFF; AUDRING, 2020; GONÇALVES, 2021), uma vez que não apresentava produtividade, mas era transparente e regular morfológica e semanticamente, podendo ser apreendido pelo cotejo entre o *input* (ὑδωρ) e o *output* (ὑδροφοβία). Com isso, queremos dizer que, embora ὑδροφοβία ‘hidrofobia’ pudesse ser uma criação hápax com o padrão X-φοβία no grego, a sua esquematização era potencialmente possível, pois a base ὑδωρ ‘água’ estava disponível, o que permitia ao falante identificar a contribuição semântica das partes envolvidas.

Os formativos gregos -φόβος e -φοβία foram latinizados como *-phōbus* e *-phōbīa*, que já não aparecem como formas livres. Não há, no latim, criações com os referidos formativos. Os poucos exemplos de formações com esses itens são heranças do grego: *āērōphōbus* ‘que tem medo de ar’, *hýdrōphōbus* ‘que tem medo de água’, *pantōphōbōs* ‘que tem medo de tudo’ e *hydrōphōbīa* ‘hidrofobia, medo de água’. O elemento *hýdrō* já não era usado em latim como forma livre, aparecendo somente como um radical preso em formações herdadas do grego, como *hýdreuma* ‘reservatório de água para caravanas’, *hýdrīa* ‘jarro onde se coloca água’, *hýdrōmantīa* ‘hidromancia, adivinhação por meio de líquidos, especialmente, a água’, *hýdrōphýlax* ‘guardião das águas’, *hýdrōpīcus* ‘hidrópico, que apresenta hidropsia’ e *hýdrōps* ‘hidropisia, patologia que envolve derramamento de líquidos pelos tecidos’. Todas essas formas relacionam *hýdr-* ao significado original de ‘água’, o que permite supor

que o falante do latim era capaz de abstrair um esquema relacional de onde se depreende o *hýdr-* em *hydrōphōbīa*. Por tabela, esse mesmo falante deveria ser capaz de depreender que era o *-phōbīa* o responsável pelo significado de ‘medo’ no composto em questão.

No quadro 1, a seguir, apresentamos uma proposta de esquematização do funcionamento dos formativos *-φόβος/-phōbus* e *-φοβία/-phōbīa* nas línguas clássicas, apontando prováveis estágios da mudança linguística. Mais uma vez, ressaltamos que essa proposta de análise constitui uma hipótese, a ser validada, futuramente, por pesquisas baseadas em dados empíricos.

Quadro 1: Proposta de trajetória de *X-φόβος/-phōbus* e *X-φοβία/-phōbīa* nas línguas clássicas

Estágio 1: substantivo φόβος

<[φόβος]_{Sj} ↔ [medo, terror, pânico]_j>

Estágio 2: gramaticalização de φόβος

<[Xi-φόβος]_{Aj} ↔ [que tem medo de SEM X_{i,j}]>

Estágio 3: chunking de -φόβος e -ία

<[Xi-φόβος]_{Aj} ↔ [que tem medo de SEM X_{i,j}]>

+

<[XAi-ία]_{Sj} ↔ [característica relacionada a SEM X_{Ai,j}]>

Estágio 4: fixação de φοβία como elemento compositivo

<[Xi-φοβία]_{Sj} ↔ [medo ou pânico de SEM X_{i,j}]>

Estágio 5: latinização de -φόβος e -φοβία

-φόβος > *-phōbus*

-φοβία > *-phōbīa*,

Fonte: elaborado pelos autores.

4.2. Formas dicionarizadas de *fobia* no português: do século XVI ao século XX

Conforme a datação apresentada no dicionário de Houaiss e Villar (2009), foi no século XVI que o primeiro composto com *fobia* apareceu na língua portuguesa escrita e, não surpreendentemente, foi *hidrofobia*, herança do grego que chegou ao português por via do latim. Três séculos depois, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, começaram a aparecer formações inovadoras que descrevem, na maioria dos casos, medos patológicos, horrores mórbidos e temores. Alguns exemplos, com respectivos significados e datações, são: *aerofobia* (‘medo do ar’, 1818), *agorafobia* (‘medo de lugar aberto’, 1899), *androfobia* (‘temor mórbido ao sexo masculino’, sem data), *antropofobia* (‘medo dos homens de forma geral, das organizações sociais e aglomerações’, 1899), *astrofobia* (‘medo de corpos celestes’, 1899), *biofobia* (‘horror doentio à vida’, 1899), *bibliofobia* (‘horror a livros’, 1922), *claustrofobia* (‘medo de espaço fechado’, 1899), *cleptofobia* (‘medo de vir a roubar’, 1958), *elurofobia* (‘medo mórbido de gatos’, século XX), *fonofobia* (‘medo de qualquer

som ou ruído’, 1899), *fotofobia* (‘horror a luz’, 1873), *ginecophobia* (‘repulsa ou medo doentio das mulheres’, século XX), *hematofobia* (‘medo de sangue’, 1873), *ictiofobia* (‘medo mórbido de peixes, 1926), *necrofobia* (‘medo mórbido da morte ou dos mortos’, 1858), *pantofobia* (‘medo mórbido de tudo’, 1873), *pirofobia* (‘medo de fogo’, século XX), *potamofobia* (‘medo doentio dos rios’, 1899), *talassofobia* (‘pavor do mar’, 1899), *tanatofobia* (‘temor doentio da morte’, 1899), *teofobia* (‘horror a Deus’, 1836), *topofobia* (‘medo mórbido de certos lugares’, 1899), *uiofobia* (‘aversão aos próprios filhos’, 1858) e *zoofobia* (‘medo de animais’, 1899).

As formações mencionadas são apresentadas por Houaiss e Villar (2009) com a rubrica de *psicopatologia*, sendo, portanto, objetos de interesse de áreas como a Psicologia e a Psiquiatria. Foi em meio a essa proliferação de compostos X-fobia, que aconteceu a lexicalização de *fobia* no português¹⁹. A lexicalização é o processo inverso da gramaticalização, em que uma forma gramatical, nesse caso, um elemento compositivo preso, se torna menos gramatical e/ou mais lexical²⁰. No caso de *fobia*, tornou-se uma forma autônoma da categoria dos substantivos. Segundo Houaiss e Villar (2009), o primeiro registro da forma autônoma *fobia* é de 1890.

Devemos apontar, acerca desse primeiro momento das formações em *fobia* no português, que houve uma mudança no estatuto de geratividade do esquema X-fobia. Do século XVI até meados do século XIX, registrava-se, no português, apenas *hidrofobia*, uma herança greco-latina. Com raríssimas exceções, como *agorafobia*, essas formações tomadas como inovadoras mantêm o padrão formal clássico: radical preso de origem erudita + vogal de ligação /o/ (típica dos compostos gregos) + *fobia*. Do ponto de vista semântico, o medo que já aparecia na formação mais antiga, *hidrofobia*, é, agora, retratado como uma psicopatologia. O objeto do medo é a contribuição semântica do radical à esquerda.

No século XX, compostos X-fobia que designam psicopatologias continuaram a ser documentados no português. Destacam-se, nesse momento, formações cujos significados flutuam entre o domínio das psicopatologias e de regimes de exclusão social. São os casos de *homofobia*²¹

¹⁹ Entre a segunda metade do século XIX e o começo do XX, a Psicanálise desponta como um importante método de investigação da psique humana. A principal figura dessa área é Sigmund Freud, psiquiatra e neurologista austríaco. Outros nomes que se destacaram nesse período foram: (a) George Beard, que tratou da neurastenia; (b) Pierre Janet, que descreveu ansiedade, fobias e estados de desordem mental; (c) Théodule-Armand Ribot, que contribuiu significativamente para os estudos sobre ansiedade generalizada e tratamentos de fobias específicas. Foi nesse cenário, com a descrição de variadas fobias, que *fobia* foi usada como uma forma livre, inicialmente em línguas como francês, alemão e inglês, depois, no português. Destaque nesse sentido é a publicação da obra “Analysis of a *phobia* in a five-year-old boy” (1909), de Sigmund Freud. Sobre esse percurso histórico das fobias, recomendamos os textos de Nardi (2006), Zorzanelli (2010), Coutinho, Dias e Bevilaqua (2013) e Silva e Lima (2018).

²⁰ Sobre o uso do conceito de lexicalização neste trabalho, valem as mesmas considerações em relação ao uso de gramaticalização. Acreditamos que, no tratamento do fenômeno aqui explorado, a lexicalização possa ser compatibilizada com a abordagem construcional da mudança.

²¹ Sobre a história do termo/conceito homofobia, Costa e Nardi (2015) explicam: “George Weinberg publica, em 1972, *Society and the Healthy Homosexual (A Sociedade e o Homossexual Saudável)*, introduzindo o conceito homofobia: ‘Homofobia é o pavor de estar próximo a homossexuais – e no caso dos próprios homossexuais, autoaversão’ (WEINBERG, 1972, p. 8). O livro popularizou o termo e introduziu o preconceito contra orientação sexual como um problema acadêmico digno de análise e intervenção. O projeto de Weinberg tinha duplo sentido, a preocupação política

(‘aversão, ódio ou rejeição a homossexuais ou à homossexualidade’) e *xenofobia*²² (‘hostilidade a pessoas estranhas ao meio, ou que vem de fora de um determinado país ou qualquer outra localidade’). Embora o medo patológico e o horror mórbido possam envolver algum tipo de rejeição enfática, a aversão denunciada nessas novas formações envolve categorias sociais minoritárias, configurando um mecanismo de opressão de caráter estrutural. Nesse caso, houve uma mudança semântica atinente ao padrão X-fobia. Do ponto de vista formal, não houve mudanças, uma vez que continuam a ser usados radicais eruditos de origem grega e a vogal de ligação. A nossa hipótese é de que houve, nesse primeiro momento, uma mudança construcional, ou seja, mudança apenas em um dos polos da construção.

No quadro 2, a seguir, hipotetizamos a trajetória da construção X-fobia no português, considerando as etapas da mudança relacionadas ao período que vai do século XVI ao XX.

Quadro 2: Proposta de trajetória de X-fobia na língua portuguesa (até o século XX)

Estágio 1: herança da forma latina *hidrofobia*

<[[hidr-]o[-fobia]]_{Sj} ↔ [medo de água]_j>

Estágio 2: mudança no estatuto de produtividade da construção X-fobia, introdução de novas formações e esquematização da construção

<[X_{rad-erudi}-(o)-[fobia]]_{Sj} ↔ [medo patológico, horror mórbido a SEM_{Xrad-erudi}]_j>

Estágio 3: lexicalização de *fobia*

<[fobia]_{Sj} ↔ [medo patológico; horror mórbido; temor excessivo]_j>

Estágio 4: mudança construcional nas construções X-fobia.

<[X_{rad-erudi}-o-[fobia]_{Sj}]_{Sj} ↔ [aversão, ódio ou preconceito com SEM_{Xrad-erudi}]_j>

Fonte: Elaborado pelos autores.

4.3. As construções X-fobia no século XXI: os usos no Twitter

No século XXI, com o avanço e a popularização de tópicos da Sociologia, Antropologia e Estudos Culturais, começa a haver uma nova proliferação de formas X-fobia no português. Exemplos não atestados no dicionário consultado, mas que circulam em diversos ambientes de discussão, são: *gordofobia* (aversão a pessoas gordas), *putafobia* (aversão a prostitutas e demais profissionais do sexo), *transfobia* (aversão a pessoas transgênero), *lesbofobia* (aversão a lésbicas) e *idosofobia* (aversão a pessoas idosas). Nesses exemplos, é mantida a ideia de uma aversão envolvida em um preconceito ou um regime de opressão estrutural. Sem entrarmos no mérito da legitimidade das

(mais que teórica) em fornecer ferramentas de luta para o movimento gay da época e, também, a de situar a discriminação contra homossexuais no campo da patologia, via a ideia de fobia (HEREK, 2004)” (COSTA; NARDI, 2015, 717, grifos dos autores).

²² Correia (2020) explica que, para a palavra xenofobia, “a Infopédia apresenta duas aceções: ‘antipatia ou aversão pelas pessoas ou coisas estrangeiras’ e ‘preconceito ou atitude hostil contra o que é de outro país ou de outro meio’. A palavra terá entrado em português no século XX pelo francês, onde é atestada no final do século XIX. O Merriam Webster assegura-nos que a primeira atestação em inglês ocorre no *Daily News*, já em 1880” (CORREIA, 2020, p. 1, grifos da autora).

opressões designadas pelas formas, cabe mencionar também a existência de *brancofobia* (aversão a pessoas brancas) e *magrofobia* (aversão a pessoas magras), normalmente tomadas como reacionárias, pois identificariam um regime de opressão irreal na nossa sociedade. Todos os exemplos mencionados seguem, semanticamente, o modelo de *homofobia* e *xenofobia*.

A popularização das discussões é também acompanhada pela satirização dos termos. É nesse contexto que aparecem usos, como de (4) a (19), todos extraídos do Twitter.

- (4) *A noitefobia* é gritante da parte deles, acham que mortes só acontecem durante o dia! (@lillymoreno, 24 jan 2022)
- (5) Essa jornalista mediocre precisa urgentemente de um psiquiatra... Que ser intragável!! Estou com *Globofobia*!!!!!! (@AntonioLaurent1, 18 abr. 2019)
- (6) sinceramente isso do iphone 7 não receber o ios16 é muito *pobrefobia* (@deslaratadina, 12 set 2022)
- (7) Bem vinda aos estudantes q tem “*PDFfobia*” (@marohmyb, 28 jun 2021)
- (8) A partir de hoje vou militar contra a *loiraodontofobia*. Essa minoria não pode mais ser perseguida!!!! (@rafonildx, 2 fev 2021)
- (9) a jade e a linn sofrendo *gostosafobia* nessa casa desumano viu (@interestellr, 25 jan 2022)
- (10) Meu, não aguento ouvir a voz do Bolsonaro, adquiri uma doença desde 2018 que é *Bolsofobia*. Quero a cura pro dia 2 de outubro urgentemente!!! (@AngellMari1, 29 set 2022)
- (11) dia 12 dos namorados quero avisa que irei sim dar block em qm posta coisa de casal, presentes entre outros.. pois tenho *casafelizfobia* e não suporto casais felizes. Obg (@cybgrz, 2 jun 2021)
- (12) Os gay fã do Arthur que estão falando sobre *padraofobia* kkkkk gente? A The week precisa abrir logo viu (@EuRebecan, 28 abr 2021)
- (13) Como muitos já devem ter notado, tenho *aparelhofobia*, não é culpa minha é uma doença que não me deixa ficar com quem usa aparelho nos dentes (@Yurii_Saito, 14 dez 2016)
- (14) Qd ele fala em *peitocaídofobia* notei q ele olha para a jornalista. Teria sido inspiração para o termo? (@Adrian44133190, 17 fev 2019)
- (15) Evite a *uvapassafobia* nesse natal. Vou me desconstruir hj (@MiRojaPiel, 24 dez 2019)

- (16) Estranhando ainda não ter textão “precisamos falar sobre a *abóborafobia* da Taís Araujo” (@Cardoso, 17 mai 2017)
- (17) caras o kihyun vai ter que raspar a cabeça pro exército de qualquer forma mesmo, pq vcs tão militando com isso mano... isso daí é *carecafobia* (@lockeywon, 16 set 2020)
- (18) Denunciei 2 contas e o TT acaba de informar que encerrou as mesmas por propagação de ódio, nesse caso contra os cristãos. Fazamos disso um costume. *Cristãofobia* não! (@SaraLaurian, 23 set 2020)
- (19) Isso dai é *coxa-brancafobia* (@schueda__, 4 set 2021)

Os dados apresentados de (4) a (19) mostram que, diferentemente das formações vistas na seção 4.2, que mantinham o padrão grego clássico, utilizando inclusive radicais eruditos, as novas formações usam preponderantemente elementos vernáculos de diferentes categorias. No quadro 3, a seguir, destacamos a heterogeneidade das categorias que são compatibilizadas com o padrão [X-fobia]_s.

Quadro 3: Categorias usadas nas formações X-fobia do século XXI

Categorias	Exemplos
Nome simples	noitefobia, cufobia, cristãofobia, aparelhofobia
Nome composto	coxa-brancafobia, loiraodontofobia, uvapassafobia
Nome próprio	dilmafobia, lulafobia, globofobia
Sintagma nominal	cabelobrancofobia, água de azeitonafobia, casalfelizfobia
Adjetivo	tristefobia, gostosafobia
Siglas	PDFfobia, PTfobia
Splinter	bolsofobia

Fonte: Elaborado pelos autores

Ainda que a sistematização do quadro 3 ilustre a tendência à vernacularização do padrão X-fobia, não podemos dizer que o padrão grego clássico tenha sido abandonado por completo, seja pela eventual utilização de radicais eruditos, como em *aporofobia* ‘aversão a pobres’, seja pelo uso da vogal de ligação, como visto nas formas *aboborofobia*, *carecofobia*, *lulofobia*, *noitefobia* e *tristofobia*. Esses casos não deixam dúvidas quanto ao acionamento da vogal de ligação. Entretanto, nas formas *gordofobia*, *ricofobia*, *brancofobia*, *aparelhofobia* e *globofobia*, a classificação dessa vogal pode ser imprecisa, pois pode ser interpretada como vogal de ligação ou como a vogal temática do primeiro elemento do composto. Nessa segunda interpretação, não haveria, portanto, o elemento de ligação.

Insta salientar que, não obstante, a tendência à vernacularização do padrão, com uso recorrente de formas livres do português na posição à esquerda, não se pode afirmar que o padrão X-fobia tenha passado ao padrão de composição morfossintática NN, como *sofá-cama*, *palavra-chave*, *navio-escola* e *peixe-agulha*. O aspecto crucial que faz com que X-fobia continue sendo um padrão de

composição morfológica é a restrição à flexão interna, isto é, há mais restrições para **aparelhosfobia* e **tristesfobia* do que para *palavras-chave* e *navios-escola*, por exemplo²³.

Por último, cabe mencionar que, embora a construção de aversão/ódio tenha sido mais recorrente entre as formações do século XXI, a construção de medo não deixou de produzir novas instanciações. Alguns exemplos podem ser vistos de (20) a (23).

- (20) eu podia ter sei lá *cobrafobia* mas não! tenho medo de aranha, sabe onde tem aranha? EM TODO LUGAR (@hwpkins, 27 fev. 2022)
- (21) sofrendo de preconceito graças a minha *gatofobia* pois aparentemente eu nao posso ter medo de gatos pois eles tem medo de mim, bom eu tenho mais!!!! (@baielas, 6 abr. 2021)
- (22) quem ligou o fogo foi ela, tenho muuuito medo de me queimarr, é tipo fogofobia (@_nataliarangel, 22 dez. 2012)
- (23) pensei que eu fosse a única que tinha *michaelfobia*, tenho pavor desse homem KKKKKKK #bbb23 (@jubsbieber, 01 fev. 2023)

Ao compararmos as realizações apontadas na seção 4.2 com as desta seção, podemos postular que houve a implementação de mais um estágio no processo de mudança. Dessa vez, a mudança construcional aconteceu no polo da forma, por meio da tendência à vernacularização dos elementos que preenchem o slot X. No quadro 4, fazemos o referido acréscimo.

Quadro 4: Proposta de trajetória de *-fobia* na língua portuguesa (até os dias atuais)

Estágio 1: herança da forma latina *hidrofobia*

<[[hidr-]o[-fobia]]_{Sj} ↔ [medo de água]_j>

Estágio 2: mudança no estatuto de produtividade da construção X-fobia, introdução de novas formações e esquematização da construção

<[X_{rad-erudi}-(o)-[fobia]]_{Sj} ↔ [medo patológico, horror mórbido a SEM_{Xrad-erudi}]>

Estágio 3: lexicalização de *fobia*

<[fobia]_{Sj} ↔ [medo patológico; horror mórbido; temor excessivo]_j>

Estágio 4: mudança construcional nas construções X-fobia.

<[X_{rad-erudi}-o-[fobia]]_{Sj} ↔ [aversão, ódio ou preconceito com SEM_{Xrad-erudi}]>

Estágio 5: mudança construcional nas construções X-fobia/mudança no polo da forma

<[X_{elem-verni}-(o)-[fobia]]_{Sj} ↔ [aversão, ódio ou hostilidade a SEM_{Xelem-verni}]>

Fonte: elaborado pelos autores

²³ Foram encontrados no Twitter dados de *ricosfobia*, *cobrasfobia*, *gordosfobia*, *brancosfobia* e *gatosfobia*. Esses casos, ainda que pareçam, não são contraexemplos em relação ao aspecto que mencionamos. Quando falamos de uma flexão interna de número, isso diz respeito a um contraste [singular: um] e [plural: mais de um], o que pode ser visto na comparação entre *palavra-chave* (sing) / *palavras-chave* (pl) e *navio-escola* (sing) / *navios-escola* (pl). Em *ricosfobia* e congêneres, não há o referido contraste. Parece haver nesses casos uma variação formal, como em *saca-rolha* (sing) / *saca-rolhas* (sing/pl) e *bate-estaca* (sing) / *bate-estacas* (sing/pl). Mais estudos são necessários para se confirmar esse aspecto.

Considerações finais

Neste trabalho, analisamos, a partir de uma perspectiva construcional diacrônica, a trajetória da construção X-fobia, considerando a sua origem no grego, a sua passagem no latim e a sua chegada ao português, com dois eventos de proliferação, um no século XIX, outro no século XXI. O esquema X-fobia é um padrão de composição morfológica neoclássica (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016; GONÇALVES; PIRES, 2016), que, inicialmente, concatenava apenas radicais presos de origem grega.

No nosso trabalho, defendemos a hipótese de que o surgimento do elemento compositivo -φοβία, no grego, foi decorrente de, pelo menos, dois processos. O primeiro foi a gramaticalização do substantivo φόβος ‘medo, pânico, horror’, que passou a figurar como o formativo preso -φόβος, que atuava na formação de adjetivos e apresentava o significado ‘que tem medo de’ ou ‘que causa medo em’. O segundo foi um *chunking* entre o elemento compositivo -φόβος e o sufixo nominalizador deadjetival -ία, que estabeleceu a criação de -φοβία, item que só existia como constituinte preso no grego e tinha o significado de ‘medo’. A única forma encontrada com -φοβία no grego foi ύδροφοβία ‘hidrofobia, medo de água’ (LASSERRE, 2015). Apesar de ser caso único, o caráter transparente da formação, tanto formal quanto semanticamente, levou-nos a sugerir que era possível a apreensão do esquema morfológico $\langle [X_i\text{-φοβία}]_{sj} \leftrightarrow [\text{medo de SEM } X_i]_j \rangle$ na língua grega, ainda que, aparentemente, esse não fosse gerativo/produtivo. Essa pouca proficuidade se manteve no latim, que só apresentou a forma herdada *hydrōphōbīa*, cabendo ressaltar que, também nessa língua, *phōbīa* continuou sendo apenas um formativo preso.

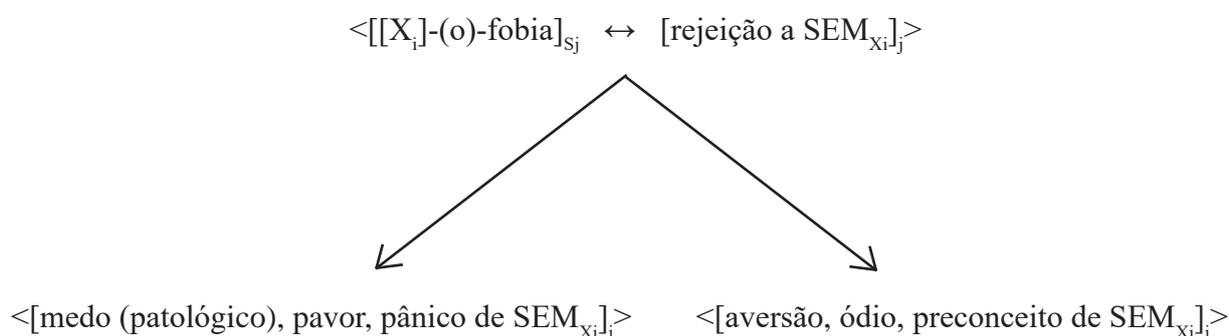
No português, a primeira forma documentada foi *hidrofobia*, na segunda metade do século XVI. Conforme as datações apresentadas nas formas atestadas em Houaiss e Villar (2009), *hidrofobia* continuou sendo a única forma X-fobia até meados do século XIX, quando, em meio à revolução técnico-científica do período, proliferam novas formações, como *agorafobia*, *claustrofobia*, *elurofobia*, *hematofobia*, *necrofobia*, *pirofobia*, *topofobia* e *zoofobia*, todas do âmbito da Psicologia e da Psiquiatria. Tal movimento foi visto também em trabalhos acerca do correspondente francês X-phobie (LASSERRE, 2015; OBERLÉ, 2018). Essas primeiras inovações do século XIX seguem o padrão formal clássico com um radical preso de origem erudita, a vogal de ligação /o/ e o formativo preso *fobia*, que, no final desse mesmo século, se lexicaliza, tornando-se uma forma autônoma no português. Do ponto de vista semântico, o medo que já era descrito em *hidrofobia* é tratado como uma psicopatologia, revelando uma especialização do significado original da construção. No século XX, os estudos da Sociologia fornecem as formas *homofobia* e *xenofobia*, que são acionadas para tratar de contextos de aversão, preconceito e discurso de ódio. Essas duas formas, apesar de apresentarem uma diferença semântica em relação às psicopatologias do século XIX, seguem o mesmo padrão formal.

No século XXI, é a vez das construções X-fobia de aversão proliferarem. A partir do modelo de *homofobia* e *xenofobia*, aparecem realizações, como *gordofobia*, *putafobia*, *transfobia*, *lesbofobia*, *idosofobia*, *brancofobia* e *magrofobia*. O cenário atual tem evidenciado a necessidade de determinados falantes de darem nome a todo tipo de violência simbólica existente na nossa sociedade, causando o

que poderíamos chamar de um ‘excesso terminológico’, no sentido de haver a cunhagem de vários termos com muitas especificidades nem sempre compreendidas pela população comum. O fato de muitos desses termos com X-fobia terem sido criados e institucionalizados por grupos sociais ligados a uma ideologia progressista e esquerdista fez com que essas formações tenham passado a ser ridicularizadas, e o esquema X-fobia ficou também a serviço da criação de termos visivelmente satíricos, como *aparelhofobia*, *loiraodontofobia*, *uvapassafobia*, *casalfelizfobia*, *abóborafobia*, *cufobia*, *ricofobia*, *pobrefobia*, *gostosafobia*, *tristefobia*, *PDFfobia*, *lulafobia*, *bolsofobia*, entre outras. Esses exemplos mostram que está havendo uma mudança na organização da construção do ponto de vista formal. Se, antes, eram os formativos presos eruditos que figuravam à esquerda, agora, são elementos vernáculos, em sua maioria, livres que são compatibilizados com a construção X-fobia. Notamos também uma tendência ao não uso da vogal de ligação -o- em muitas dessas novas formações²⁴. Apesar dessas mudanças, e da já comentada lexicalização de *fobia*, não podemos dizer que o composto morfológico X-fobia tenha se tornado um composto morfossintático do tipo NN (palavra-chave, sofá-cama, navio-escola), pois há propriedades formais, como a impossibilidade de flexão interna, que inviabilizam essa análise. Cabe ainda ressaltarmos que, mesmo com a maior produção de construções de aversão, as de medo não deixaram de ser produzidas. Exemplos novos foram *cobrafobia*, *fogofobia*, *gatofobia* e *michaelfobia*.

Em suma, sugerimos que a trajetória da construção X-fobia, considerando todas as suas etapas, pode ser interpretada como um exemplo de construcionalização, pois houve mudanças tanto no polo formal quanto semântico. Do ponto de vista formal, identificamos as seguintes mudanças: (a) gramaticalização de φόβος; (b) *chunking* entre -φόβος e -ία; (c) fixação do esquema X-φοβία no grego; (d) lexicalização de *fobia* no português; (e) tendência à vernacularização dos elementos que preenchem o slot de X-fobia no português. Do ponto de vista semântico, as mudanças foram: (a) especialização do *medo* em *medo patológico*; (b) mudança de *medo* para *aversão*, *ódio* e *preconceito*.

Para finalizar, apresentamos o estado atual das construções X-fobia no português, considerando todos os aspectos formais e semânticos relatados ao longo do artigo.



²⁴ Sobre *uvapassafobia*, *casalfelizfobia*, *abóborafobia*, *cufobia*, *pobrefobia*, *gostosafobia*, *tristefobia*, *PDFfobia*, *lulafobia*, vale destacar que não há a ambiguidade em relação à vogal /o/, outrora comentada. Nesses casos, ela sequer aparece. Por isso, mencionamos “tendência a não uso da vogal de ligação” nesse contexto, ao invés de ambiguidade.

Referências

- BAPTISTA JUNIOR, A. O. *O elemento -fobia no continuum derivação-composição em português*. 2013. 83f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CORREIA, M. Que nos contam as palavras “racismo” e “xenofobia”? *Diário de Notícias*, Lisboa, 25 ago. 2020. Disponível em: <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/que-nos-contam-as-palavras-racismo-e-xenofobia-12550779.html>. Acesso em: 22 mar. 2023.
- COSTA, A. B.; NARDI, H. C. Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 23, pp. 715-26, 2015.
- COUTINHO, F. C.; DIAS, G.P.; BEVILAQUA, M. C. N. História. *Transtorno de Pânico - Coleção Teoria e Clínica*. Porto Alegre: Artmed, 2013, pp. 17-26.
- FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? *Vienna English Working Papers*, v. 18, n. 2, pp. 3-23. 2009.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Nouvelle édition revue et augmentée, dite Gaffiot 2016. Paris: Hachette, 2016.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GONÇALVES, C. A. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *ReVEL*, edição especial n. 5, 2011.
- GONÇALVES, C. A. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.
- GONÇALVES, C. A. Algumas notas sobre Morfologia Relacional: uma “prima” da Gramática das Construções. *Soletas*, Rio de Janeiro, n. 41, pp. 290-314, 2021.
- GONÇALVES, C. A.; PIRES, J. A. de O. Uma abordagem construcional para as formações X-dromo do português brasileiro. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, pp. 106-26, jan. 2016.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (ed). *Approaches to grammaticalization*. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues, Amsterdam: John Benjamins, 1991, pp. 17-36.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

- IACOBINI, C. Composizione con elementi neoclassici. In: GROSSMANN, M.; RAINER, F. (eds). *La formazione delle parole in italiano*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2004, pp. 69-95.
- JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. *The Texture of the Lexicon: Relational Morphology and the Parallel Architecture*. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- LASSERRE, M. What are you afraid of? The construction of meaning in X-(o) phobie lexemes. *Acta Linguistica Hungarica*, Budapeste, v. 62, n. 4, pp. 477-95, 2015.
- LÜDELING, Anke. *Neoclassical word-formation*. Berlin: Universität zu Berlin, 2009
- MONTANARI, F. *The Brill Dictionary of Ancient Greek*. Leiden; Boston: Brill, 2005.
- NARDI, A. E. Some notes on a historical perspective of panic disorder. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 55, pp. 154-60, 2006.
- OBERLÉ, B. Les noms d’humains en -phobe. In: SCHNEDECKER, C.; MIHATSCH, W. (eds.). *Les noms d’humains - théorie, méthodologie, classification: nouvelles approches en sémantique lexicale*. Berlin / Boston: de Gruyter, 2018, pp. 185-228.
- OLIVEIRA, M. R.; SAMBRANA, V. R. A complementaridade da gramaticalização e da construcionalização para a pesquisa da formação de marcadores discursivos em português. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 56, pp. 318-33, 2022.
- RIBEIRO, S.; RIO-TORTO, G. Composição. In: RIO-TORTO, Graça et al. (eds). *Gramática derivacional do Português*. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. pp. 385-431.
- SILVA, J. A.; LIMA, G. M. M. Caso Hans: um marco na psicanálise com crianças. *Rios Eletrônica (FASETE)*, Fortaleza, v. 18, pp. 147-54, 2018.
- SIMÕES NETO, N. A. Compostos do português em uma abordagem construcional: perspectivas de análise e desafios teóricos. In: SOLEDADE, J.; GONÇALVES, C. A.; SIMÕES NETO, N. (org.). *Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa*. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2022, v. 1, pp. 193-236.
- SIMÕES NETO, N. A. Os padrões sufixais latinos $[X_{Ni}-\tilde{it}\tilde{a}]_{Sj}$ e $[X_{Ni}-\tilde{it}\tilde{e}s]_{Sj}$ e os desenvolvimentos $[X_{Ai}-i\tilde{c}a]_{Sj}$, $[X_i-ice]_{Sj}$, $[X_i-ez]_{Sj}$ E $[X_{Ai}-eza]_{Sj}$ no português arcaico (séculos XIII-XVI): uma abordagem construcional. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 23, pp. 266-87, 2021.
- SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da Morfologia Construcional. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos (orgs.). *Linguística Cognitiva: redes do conhecimento d’aquém e d’além mar*. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 345-78.
- TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.
- VILLALVA, A. Formação de palavras: composição. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2003. pp. 969-83.
- ZORZANELLI, R. T. Neurastenia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, supl.2, dez. 2010, pp.431-46.

MARCADORES DISCURSIVOS COMO INSTANCIÇÕES DA CONSTRUÇÃO $VLoc_{MD}$ UM ESTUDO DE CASO DE CONSTRUCIONALIZAÇÃO

DISCOURSE MARKERS AS INSTANCES OF THE $VLoc_{MD}$ CONSTRUCTION: A CONSTRUCTIONALIZATION CASE STUDY

Ana Cláudia Machado dos Santos¹

RESUMO

Analisamos a constituição de um tipo produtivo de marcadores discursivos formados a partir do esquema construcional VerboLocativo, constituindo a construção $VLoc_{MD}$. Focalizamos a rota de construcionalização do exemplar *vem cá* a fim de mapear a formação desse esquema construcional de marcadores. Nesse trajeto, examinamos o marcador exemplar por meio dos contextos de uso, conforme Diewald e Smirnova (2012), aliando a identificação dos níveis de esquematicidade que a microconstrução assume e à atuação das motivações semântico-pragmáticas na mudança linguística detectada. Buscamos os dados da análise em corpora eletrônicos, utilizando o modelo de construção de Croft (2001) e a sistematização postulada por Traugott (2008) para dar conta da multidimensionalidade do fenômeno. Os resultados demonstram a relevância dos itens na formação do par forma-significado e a distribuição por tipos verbais sugere especificidade nos padrões de uso da categoria de marcadores.

PALAVRAS-CHAVE: Construcionalização. Contextos. Marcadores Discursivos.

ABSTRACT

We present the formation of a productive type of discursive markers formed from the VerboLocativo constructional scheme, constituting the $VLoc_{MD}$ construction. We analyzed the constructional route of the example *vem aqui* in order to map the formation the category of markers. Along the way, we examined the use of this exemplary marker through contexts of use, according to Diewald and Smirnova (2012), combining the identification of levels of schematicity this microconstruction assumes and the performance of semantic-pragmatic motivations in the linguistic change detected. We sought the analysis data in electronic corpora, using the construction model of Croft (2001) and the systematization postulated by Traugott (2008) to account for the multidimensionality of the phenomenon. The results demonstrate the relevance of items in the formation of the form-meaning pair and the distribution by verbal types suggests specificity in the patterns of use of the category of markers.

KEYWORDS: Constructionalization. Contexts. Discursive Markers.

Introdução

Este artigo apresenta a formação de um tipo específico de marcadores discursivos, doravante também MD, como instâncias da construção mais esquemática $VLoc_{MD}$ e estabelece uma categoria inicial desses elementos procedurais que atuam como articuladores especiais do discurso.

Para dar tratamento aos marcadores discursivos da $VLoc_{MD}$, assumimos com Risso *et al.* (1996, p. 21) que MD é uma categoria composta por:

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), anaclaudiamachadoteixeira@id.uff.br, <https://orcid.org/0000-0001-8256-1474>.

[...] um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa.

Vinculada a essa caracterização dos MD, no que se refere à instância da enunciação, destacamos o caráter de excedência que esses elementos têm (cf. TANTUCCI, 2018), já que reforçam a expressividade ao mesmo tempo em que marcam a presença do produtor do texto, portanto sobrelevando a propriedade pragmática. Esse caráter se relaciona com duas variáveis estabelecidas pelos autores: a relação exterior ao conteúdo proposicional e a relação sintática independente com a estrutura oracional, comprovadas pelo comportamento do MD na proposição.

Assim sendo, analisamos um esquema altamente produtivo de elementos procedurais da gramática da língua portuguesa, o $VLoc_{MD}$, cujas propriedades pragmáticas e discursivo-funcionais ganham destaque nos contextos de uso. Tais propriedades estão relacionadas não só à argumentatividade como também à intersubjetividade na medida em que evidenciam tanto o ponto de vista do autor como as manobras textuais realizadas por esse autor em prol da adesão do interlocutor a seu projeto de texto. Na análise dessa formação, levamos em conta a mudança construcional de um elemento verbal e de um elemento locativo constituintes do predicado transitivo circunstancial de lugar que em função de condicionamentos de ordem extralinguística e de motivações cognitivas, em uma trajetória ao longo do tempo, passam a constituir um esquema, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) ou macroconstrução, nos termos de Traugott (2008), resultante de processo de construcionalização gramatical.

De forma mais específica, o estudo da construção $VLoc_{MD}$ trata do predicado composto por verbo de base locativa acompanhado de seu complemento espacial, que, em determinados contextos, passa a se desvincular do complexo oracional que integra originalmente, passando a atuar no domínio da conexão como MD, migrando para funções de conexão altamente intersubjetivas, mais atreladas ao discurso e ao percurso autor-texto-leitor. Essas funções concentram-se na troca interativa, voltadas à marcação discursiva, em que o autor convoca a atenção do seu interlocutor utilizando, sobretudo, estratégias de convencimento e persuasão, baseadas em intersubjetividade.

Tal trajetória motiva um padrão construcional específico em uso no português contemporâneo do Brasil, considerado mais recente na história da língua², motivado pela tendência de ordenação pós-verbal do locativo e cumpridor de função de marcação, com base na ordenação $VLoc$. A $VLoc_{MD}$ em instanciações como *vem cá*, resulta da trajetória de mudanças construcionais de ordem gramatical,

² A consideração da trajetória mais recente desse padrão no português se fundamenta na ordenação pós-verbal do locativo, considerada regular a partir do século XIX, como atesta Martelotta (2012), com base em vasta pesquisa sobre sintaxe adverbial.

conforme exposto em Teixeira e Oliveira (2010) e Teixeira (2015, 2018). Neste artigo, de forma a exemplificar a formação desses elementos procedurais, optamos por apresentar a trajetória de “vem cá” por considerarmos o exemplar da categoria.

Valendo-nos dos conceitos de Diewald e Smirnova (2012) acerca dos tipos de contextos envolvidos na mudança linguística, analisamos a trajetória de construcionalização de [vem cá] observando inicialmente os contextos que as autoras consideram normais, aos quais estamos denominando *fontes*³, cujo conteúdo é mais referencial, uma vez que os constituintes *vem* e *cá* exercem funções no nível lexical, como em (1). Em um estágio seguinte, os contextos *atípicos* representam efetivamente o início da mudança, tendo em vista que há inferências mobilizadoras de ambiguidade de sentidos que fazem parte do processo de metaforização, como em (2). A mudança avança para o estágio 2, em contextos críticos, como em (3) em que observamos, além da ambiguidade de sentido, ambiguidade estrutural possibilitando mais de uma interpretação em termos de fronteiras, típica do processo de metonimização. Finalmente, a rota atinge o estágio 3 de uso *isolado*, como em (4), em que ocorre o estabelecimento de um novo MD. Neste momento, há mudança categorial da combinação “vem” e “cá” que deixa de funcionar, respectivamente, como verbo de base locativa e seu complemento circunstancial para atuar como uma expressão altamente vinculada, que passa a integrar a classe dos MD. Assim, uma vez consolidada, a mudança atinge o estágio 4, em que se tem a inserção desse novo elemento na classe dos marcadores discursivos, ou seja, temos, então, a paradigmaticização.

Ilustramos nos quatro fragmentos apresentados na sequência, representativos de fontes escritas da literatura, o *cline* de gramaticalidade⁴ de *vem cá*:

- (1) *A família do Miranda havia saído. Henrique, mesmo com a roupa de andar em casa e sem chapéu, desceu à rua, ganhou um terreno que existia à esquerda do sobrado e, com o seu coelho debaixo do braço, atirou-se para o capinzal. Leocádia esperava por ele debaixo das mangueiras. - Aqui não! disse ela, logo que o viu chegar. Aqui agora podem dar com a gente. - Então onde? – **Vem cá!** E tomou à sua direita, andando ligeira e meio vergada por entre as plantas. Henrique seguiu-a no mesmo passo, sempre com o coelho sobraçado. O calor fazia-o suar e esfogueava-lhe as faces. Ouvia-se o martelar dos ferreiros e dos trabalhadores da pedreira. (O cortiço, Aluísio Azevedo).*

Em (1), numa sequência textual narrativa, a personagem Leocádia, em discurso direto, chama Henrique, seu interlocutor, apontando para onde deve se dirigir. Assim usada, a expressão *vem cá* atua

³ O adjetivo “fonte” foi considerado mais adequado para a atuação do tipo de predicado que está sendo considerado neste estudo como ponto de partida da trajetória de formação dos marcadores aqui analisados.

⁴ Traugott e Trousdale (2010) distinguem as noções de *gradualidade*, relativa à dimensão diacrônica da mudança linguística e sua trajetória unidirecional, e de *gradiência*, que diz respeito aos distintos graus de gramaticalização manifestados pelos padrões de uso numa mesma sincronia. A gradiência é considerada o resultado sincrônico da gradualidade.

no nível lexical, num tipo de formação em que se pode identificar efetivamente tanto o componente verbal (*vem*) quanto o complemento circunstancial locativo (*cá*).

- (2) *Felício Mais que a vida e o porquê porque minha alma outrossi mata a si e mata a mim tam profunda é minha fé. Eco É. Felício É polo merecimento daquela por quem me fino sentes tu que nam sam dino desta pena que consento. Eco Sento. Felício Sento-me estar nam sei onde vejo-me só acabar por isso quero ir buscar esta voz que me responde. Eco Onde? Felício Onde está minha alegria que sempre foge de mim vem cá nam façás assi que em ver-te descansaria. Eco Iria. Felício Iria lá mas foges mais ó tristes saudades minhas nestas montanhas maninhas que descanso é o que me dais? Eco Ais. Felício Ais leixai partir a vida e partir-vos-eis daqui tal estou triste de mim que nam sei se é já partida. (Teatro, *Obra completa (N-Z)*, Gil Vicente)*

Já em (2), num predicado complexo, *vem cá* atua como súplica de Felício para que a *alegria* venha até ele e, assim, possa descansar. O *sujeito alegria*, da forma imperativa *vir*, reúne traços não prototípicos ou atípicos, uma vez que é inanimado, não volitivo ou agentivo e se encontra distante do verbo a que se refere. Por outro lado, em termos estruturais, *vem cá* ainda apresenta sintaxe típica, uma vez que se coordena à oração *nam façás assi* e à oração explicativa *que em ver-te descansaria*.

Com relação ao componente semântico-pragmático, observamos inferência de deslocamento não espacial, uma vez que o sujeito inanimado não se move fisicamente. O deslocamento se dá na intenção do falante, através do desejo, da súplica a seu interlocutor, *a alegria*, para que venha até ele. Em uma cena centrada na lamentação de Felício por conta da separação *daquela por quem me fino* e no isolamento em que se encontra, tendo o *Eco* por sua companhia, o sentimentalismo motiva o uso mais abstrato dos elementos do *frame*. Assim, embora ainda represente movimento, ancorado por termos como *onde*, *buscar* e *lá*, o fragmento (2) permite leitura distinta da prototípica. A própria situação de comunicação define o uso atípico, sugerindo inferência inovadora, uma vez que o interlocutor é o *Eco*, a quem *Felício* toma como testemunha da sua tristeza. A sequência injuntiva centrada na súplica/pedido coloca o falante em posição inferior ao interlocutor, demonstrando a assimetria entre ele e *a alegria*.

No que diz respeito ao mecanismo fomentador da mudança construcional em (2), consideramos que está plenamente licenciada a leitura mais abstrata, ligada às emoções emanadas da cena comunicativa, como derivada do domínio concreto, como o de deslocamento físico. O mecanismo da metaforização, motivado pelas relações contextuais, é acionado para dar conta de uma nova forma de dizer e atender à expressividade do uso linguístico. Observamos, neste tipo de contexto, ambiguidade semântico-pragmática e manutenção da sintaxe de predicado de *vem cá*. Tais características são para Diewald e Smirnova (2012) indicações de um tipo de contexto que pode levar à mudança linguística, uma vez que o sentido de aproximação física no espaço se mescla ao de convocação da atenção do interlocutor. A convocação sugere um deslocamento na intenção, porque o que o falante deseja é

ênfatisar aquilo que é dito na sequência. Assim, *vem cá* pode ser entendido apenas como um marcador da presença do autor, a fim de destacar sua intenção e não como um pedido para seu interlocutor se deslocar fisicamente.

- (3) SAR. -- *hûa pouca de nevoa e vento. PET. -- Dai se levantam as vezes grandes torvoadas; mas que entendeste dela? SAR. -- Muitos sisos e muitas virtudes. PET. -- De quem, Sargenta? SAR. -- De Lucrecia. PET. -- Assi faze, nomea-ma muitas vezes. SAR. -- Nunca se tal graça viu, nem tal siso. PET. -- Tal assento, nem tal fermosura. SAR. -- O que todo mundo ve para que é dizer-te mais? PET. -- Ora **vem ca**, Sargenta, que te quero agora perguntar por um ponto, cousa em que te nunca falei Ouviste algûa hora falar num mancebo espanhol, que segundo dizem, anda aqui perdido de amores por ela SAR. -- Qual? Um capa em colo, que a primeira parecia algûa cousa, ja agora não tera que despender e parece que caiu da forca? PET. -- Ah! Ah! Ah! Como o pintaste tam bem! SAR. -- Cousa é isso para te somente lembrar? (Teatro, *Estrangeiros*, Sá de Miranda)*

Em (03), resume-se numa conversa maldosa entre Petrônio (PET) e Sargenta (SAR), que fazem comentários críticos sobre Lucrecia. A cena comunicativa permite implicaturas inovadoras, uma vez que não há movimento espacial. Os personagens, a princípio, não estão se deslocando no espaço, uma vez que a cena aparenta ser estática. Petrônio propõe um diálogo mais confidencial à Sargenta, a fim de questioná-la sobre uma fofoca envolvendo Lucrecia e um “mancebo espanhol, que segundo dizem, anda aqui perdido de amores por ela”. Esse propósito discursivo motiva o deslocamento na intimidade, que pode ser observado pela sequência em que *vem cá* está inserido.

Nesse sentido, há inferência semântico-pragmática em razão do sentido básico de chamamento da construção, porém como inferência distinta. Mesmo que todo o trecho apresente uma cena estática, no contexto do fragmento (3), existe movimentação corporal que aproxima os interlocutores da cena comunicativa. O tom de fofoca e de segredo impresso nesse contexto sugere que há um deslocamento espacial mínimo entre Petrônio e Sargenta, enquanto o primeiro faz o comentário seguido da pergunta. Tal inferência de movimento corporal, sugerida pela situação de confidencialidade, pode ser depreendida através do trecho “*que te quero agora perguntar por um ponto, cousa em que te nunca falei*”.

Para Diewald e Smirnova (2012), no contexto crítico temos ambiguidades sejam também do nível estrutural, assim devemos levantar essas marcas nos contextos atípicos dessa combinação, a fim de justificar nossa classificação. Em (3), observamos que *vem cá* tem pouca vinculação sintática na sequência em que se insere, se entendermos que: i) “Sargenta” atua como efetivo vocativo e ii) a interjeição “ora” reforça o sentido de chamamento, intensificando e marcando pausa enfática, que corrobora a marca injuntivo-pragmática da sequência. Ao mesmo tempo, podemos entender que a oração “*que te quero agora perguntar por um ponto*” licencia a leitura de predicado complexo, indicando a leitura a partir de um contexto fonte de *vem cá*.

Podemos identificar as inferências como um tipo de pressão contextual que pode levar à metonimização, em busca de uma nova análise que possa viabilizar uma solução para a incompatibilidade estabelecida no contexto. Assim, esse recurso atua como mecanismo promovedor da mudança contextual ilustrada em (3), junto à abstração de sentido já apontada no contexto atípico. No fragmento (3), pelos parâmetros críticos elencados, teríamos mudança nos componentes sintático, semântico e pragmático, ou seja, estamos diante de um nível mais avançado rumo à construcionalização gramatical.

- (4) *Madame Vargas – Pela tua exasperação contínua. Com medo de ti. Carlos – Medo por ele! Só por ele! Ele é o alfenim a que tu vais pertencer e não deve ser incomodado. A sociedade! os teus credores! Mas continuarias comigo apesar da sociedade e dos credores, se não fosse ele. Tudo por ele, só por ele! Madame Vargas – medo por ti, por mim. Carlos – Eu é que grito agora: deixa de farsa! Mas escuta, **vem cá**. Há instantes lembrastes as minhas conversas sobre a possibilidade do teu casamento. Pois bem. Dize-me cá: se casares com ele, continuaríamos os dois os mesmos? Madame Vargas – Mas é indecente o que fazes – Não estás no teu juízo. Tudo o que dizes é desvario. Carlos – Porque eu sei que não será, compreendes? Eu sei. Ele adquiriu-te completa com a estupidez e o dinheiro. Já viste um imbecil enganado pela mulher? Nem que case com uma meretriz! (A bela Madame Vargas, João do Rio)*

No fragmento (4), o nível de cristalização semântico-sintático de *vem cá* é maior em relação a (1), (2) e (3), uma vez que, posposto e coordenado à forma verbal (*mas*) *escuta*, está articulando a função injuntiva. Dessa forma, *vem cá* atua como um todo de sentido e forma, mais desvinculado do conteúdo proposicional e sintaticamente independente da estrutura oracional, na medida em que essa exterioridade e essa independência podem ser comprovadas pelo caráter de excedência (cf. TANTUCCI, 2018) do MD na proposição. Note que, por intermédio de *vem cá*, Carlos interpela Madame Vargas, convocando sua atenção, para, na sequência, expor seu ponto de vista; trata-se, em (4), do uso isolado de [vem cá].

Segundo Diewald e Smirnova (2012), após a consolidação da mudança, o novo elemento fica disponível ao usuário da língua para utilização nos contextos mais adequados. Assim sendo, *vem cá* entra para o paradigma dos MD instaurando a $VLoc_{MD}$.

É importante frisar que os marcadores da $VLoc_{MD}$ ⁵, (cf. TEIXEIRA, 2015) facilitam o processamento do discurso, evidenciando, ao mesmo tempo, a presença do falante e a maneira pela qual o interlocutor deve compreender a informação transmitida. Dessa forma, assim como outros marcadores discursivos, os MD analisados funcionam como coadjuvantes nos contextos interacionais, visto que enfatizam o rumo da interlocução, acentuando a intersubjetividade.

⁵ Referimo-nos à pesquisa de onze marcadores discursivos tratados na tese de doutorado cuja investigação traçou a rota de construcionalização da microconstrução *vem cá* como exemplar da $VLoc_{MD}$, conforme quadro 1 apresentado na seção 2.

A pesquisa desenvolvida assume que processos de neoanálise⁶ e analogização, como formulados por Traugott e Trousdale (2013), bem como relações contextuais (intra e extralinguísticas) são responsáveis por tais usos. Teixeira (2015), por meio da análise de 1.128 dados de onze marcadores discursivos da VLoc_{MD}, revelou que, de acordo com Bybee (2010), a construção precisa ser compreendida como instância categorial, caracterizada por gradiência e prototipicidade. Nesse sentido, a VLoc_{MD} é integrada por expressões mais e menos exemplares, no sentido de que há padrões de uso que são considerados, por critérios de frequência ou com base em parâmetros cognitivos ou por consenso social, como modelares em relação aos demais membros da categoria. A pesquisa atestou que *vem cá* é o exemplar, o padrão que inaugura a VLoc_{MD}.

Os dados aqui apresentados e tratados são extraídos do *site Corpus* do Português (<http://www.corpusdoportugues.org/>). Em viés qualitativo, são examinados os contextos de uso das instâncias da VLoc_{MD}, na proposição da trajetória que se verificou em Teixeira (2015), por meio do exemplar *vem cá*.

Após essa introdução, este artigo expõe brevemente os pressupostos teóricos utilizados nas análises. Na sequência, foca especificamente na VLoc_{MD}, em sua interface de sentido e forma, a fim de caracterizar essa construção do português e seus desdobramentos em outros níveis licenciados pelos diferentes tipos verbais. No quarto momento deste artigo, descrevemos e analisamos o marcador discursivo que consideramos, conforme Teixeira (2015), o exemplar dessa categoria de marcadores discursivos. Na etapa final, apresentamos algumas conclusões que obtivemos na pesquisa de 2015 e indicamos os novos desafios, partindo dos resultados obtidos e que constituem o projeto de pesquisa iniciado recentemente.

1. A construcionalização gramatical: uma perspectiva da abordagem centrada no uso

Do ponto de vista teórico, neste artigo, assumimos o arcabouço teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, doravante também LFCU, nos termos de Martelotta (2011), Martelotta e Alonso (2012), Oliveira e Cezario (2012), Furtado da Cunha (2012), entre outros, que dá tratamento consistente à análise interpretativa de padrões mais integrados de uso linguístico. A LFCU, nomeada de *Usage-Based Linguistics* nos estudos empreendidos internacionalmente, tem em Bybee (2010, 2015), Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014) referências basilares.

A análise interpretativa a que fazemos referência tanto contempla o elo de correspondência simbólica que conecta as propriedades de sentido e forma das subpartes dos marcadores da VLoc_{MD}, como detecta contextos originadores de tais marcadores.

Para dar conta da escalaridade e da direcionalidade do processo de construcionalização e de mudança construcional, assumimos a proposta de Traugott (2008, pp. 5-6), inspirada em Croft (2000), a partir da proposição de quatro níveis, a saber:

⁶ Traugott e Trousdale (2013) propõem esse termo no lugar do clássico *reanálise*, com base no entendimento de que pode haver, na trajetória da mudança linguística, novas e distintas análises, e não algo meramente reinterpretado, com base numa determinada e prévia interpretação.

- Macroconstruções: esquemas de nível mais alto; pareamentos de forma e significado que são definidos pela estrutura e função, por exemplo, $VLoc_{MD}$;
- Mesoconstruções: conjuntos de construções específicas [microconstruções] de comportamentos semelhantes, por exemplo: *vamos lá* e *vem cá* dentro das $VmovLoc_{MD}$; *olha lá* e *escuta aqui* dentro das $VpercepLoc_{MD}$;
- Microconstruções: Construções types individuais, por exemplo: *vamos lá*, *vem cá*, *olha lá*, e *escuta aqui*;
- Constructos: os tokens empiricamente comprovados, que são o locus da mudança, por exemplo, sequências textuais em que atuam *vamos lá*, *vem cá*, *olha lá*, e *escuta aqui*.

A partir de uma teoria mais abrangente para as mudanças linguísticas, Traugott e Trousdale (2013, p. 14) ampliam a representação de construções. Segundo os autores, esquemas linguísticos são instanciados por subesquemas e, em níveis mais baixos, por microconstruções. Dessa forma, *vem cá* é uma microconstrução do subesquema $VLoc_{MD}$; $VLoc_{MD}$ é um subesquema do esquema dos marcadores discursivos. Ainda segundo os autores, “Subesquemas podem se desenvolver ao longo do tempo ou desaparecerem. O crescimento e a perda envolvem mudanças construcionais antes e depois de construcionalização”.

Apesar de adotarmos a abordagem de Traugott e Trousdale (2013) no que se refere às mudanças linguísticas, para nosso estudo, optamos pela utilização dos termos macro, meso, microconstruções e constructos que definem a hierarquia construcional da $VLoc_{MD}$ e melhor explicam a distribuição dos marcadores discursivos na tipologia aqui postulada. Consideramos que os esquemas mais abstratos definidos pelos autores se assemelham a domínios funcionais cujo escopo não faz parte do objetivo desta pesquisa. Apesar de não adotarmos os níveis postulados pelos autores (2013), entendemos que a mudança linguística ora examinada, por promover a criação de novos signos alinhados à classe dos marcadores discursivo, incrementa um domínio funcional. Esse processo descrito por Traugott e Trousdale (2013), que tem por base processos de neoanálise e analogização, traduz a visão de complementaridade entre as abordagens de gramaticalização e construcionalização, que tem sido privilegiada na recente pesquisa da LFCU, voltada para a mudança linguística.

Na situação comunicativa, falantes promovem microinovações, no nível do constructo ou enunciado, em contextos nos quais inferências semântico-pragmáticas, ou inferências sugeridas, nos termos de Traugott e Dasher (2005), motivam novas leituras. Se essas inovações são compartilhadas por outros falantes, podem ser convencionalizadas em microconstruções, com neoanálises morfossintática e semântica, fixando-se uma nova unidade simbólica. Esse processo pode se dar tanto no âmbito da construcionalização quanto no da mudança construcional.

Na abordagem construcional da gramática, com base na LFCU, as relações contextuais, tanto as intra quanto as extralinguísticas, ganham relevância. Para dar conta da gradiência dos usos linguísticos, Traugott e Trousdale (2013), baseados em Heine (2002) e Diewald (2002), elaboram

uma metodologia de análise que visa a identificar a escalaridade contextual, ou seja, rastrear os micropassos da mudança linguística. Segundo Diewald e Smirnova (2012), após a consolidação da mudança, o novo elemento fica disponível ao usuário da língua para utilização nos contextos para os quais forem recrutados. Entra em jogo o nível seguinte chamado pelas autoras de paradigmaticização, ocasião em que o exemplar *vem cá* entra para o paradigma dos MD.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), padrões altamente convencionalizados, como instâncias de construções simbólicas, a exemplo da $VLoc_{MD}$, são caracterizados por três fatores. O primeiro deles é aumento de esquematicidade, no sentido de que há incremento da vinculação de sentido e forma das subpartes, de modo que inserções ou trocas posicionais ficam praticamente canceladas. O segundo fator é a perda de composicionalidade, uma vez que cada subparte perde autonomia de sentido e forma, em prol da configuração de unidade maior, cumpridora, também, de função distinta em relação à mera soma destas subpartes. O terceiro fator é a produtividade, que se incrementa no estágio mais avançado da construcionalização gramatical, momento em que, já como contexto isolado, essas instâncias migram para outra categoria e, nesta nova classe, passam a atuar de forma mais generalizada.

Considerados os fragmentos (1), (2) e (3), apresentados na parte inicial deste artigo, com base nos três traços referidos, evidencia-se progressiva presença desses fatores, fazendo com que, de (1) para (3), passando por (2), possamos estabelecer três graus de entrenchamento ou chunking em prol da convencionalização desses elementos, de modo que caminham do menos para o mais simbólico e convencional, como poderemos observar também na seção 3.

2. Analisando a formação de marcadores discursivos nos contextos: elementos procedurais no discurso

Para dar conta da trajetória de abstratização e, portanto, de construcionalização gramatical a que o predicado transitivo circunstancial, assim classificado por Rocha Lima (2003, p. 252) passou, a hipótese principal é de que tal predicado foi o contexto fonte do qual emanou e a partir do qual se convencionalizou a $VLoc_{MD}$. Com essa desvinculação da estrutura transitiva oracional, por meio de construcionalização, sistematizou-se esse tipo de pareamento, que passou a desempenhar funções de marcador discursivo com destaque para as propriedades pragmáticas e discursivos-funcionais.

No português, a $VLoc_{MD}$ é muito produtiva tendo em vista o uso efetivo de inúmeros marcadores discursivos com essa constituição formal, tais como *segura aí*, *chega aí*, *alto lá*, além dos que foram pesquisados. Na pesquisa desenvolvida em Teixeira (2015), foram levantadas inicialmente, no *corpus* selecionado, vinte e três instâncias com base nesse padrão dentre os quais onze foram selecionados para a investigação. No quadro 1 a seguir, apresentamos a distribuição realizada com base em Traugott (2008) a partir da ideia de hierarquia construcional:

Quadro 1: Distribuição da macroconstrução $VLoc_{MD}$ em níveis de esquematicidade Teixeira (2015).

Nível de esquematicidade	Tipo de construção			
MACRO	VerboLocativo <small>marcador discursivo</small>			
MESO ⁷	VmovLoc	VestatLoc	VprocLoc	VpercLoc
MICRO	vá lá, vamos lá, vem cá	(es)t(á) aí	(es)per(a) aí, espera lá	escuta aqui, olh(a) aí, olh(a) aqui, olha lá, vê lá
CONSTRUCTO	vá lá, vamos lá, vem cá	está aí	espera aí, espera lá	escuta aqui, olha aí, olha aqui, olha lá, vê lá

De acordo com Teixeira (2015), a categoria de MD da $VLoc$ se distribui nos seguintes grupos mesoconstrucionais de movimento (o mais frequente e com registro mais antigo nos textos históricos pesquisados), estativo, processo e percepção. Cada um desses grupos é composto por microconstruções que, por sua vez, se efetivam no uso linguístico sob a forma dos constructos, os *tokens*.

Segundo Traugott (2008), algumas observações importantes devem ser consideradas nas análises: i) os níveis (macro, meso e micro) são postulados para caracterizar “semelhanças de família”. Eles podem ter mais subtipos e o mais importante é que eles formam redes com outras construções, permitindo combinações parciais através de construções (TROUSDALE, 2008); ii) essa concepção de construções enfatiza as partes menores a partir das quais uma construção maior é construída (sujeito a hierarquia de heranças); iii) existe algum grau de acessibilidade interna da construção, ou seja, o “*chunk* [pedaço]” não é uma entidade fixa, rígida, se fosse, não estaria sujeito à variação e à mudança e iv) os constructos são caracterizados como o *locus* da inovação. Quando tais inovações são convencionalizadas por um conjunto de falantes, uma microconstrução surge.

Considerando Bybee (2010), não há dúvida de que, desse variado conjunto de padrões, integrantes da categoria $VLoc_{MD}$, há alguns mais exemplares ou prototípicos. Como já mencionado anteriormente, a pesquisa apontou o *type* exemplar *vem cá*. Numa perspectiva histórica, na captura de trajetórias de construcionalização da $VLoc_{MD}$, a hipótese é que a primeira direção pode ser flagrada justamente na rota dos usos exemplares, daqueles mais básicos e que prototipicamente representam a categoria, como *vem cá*. Consideramos *vem cá* o ponto de partida para a formação da $VLoc_{MD}$, obedecendo a três critérios básicos: 1) configuração mais básica: i) a forma verbal *vem* indica deslocamento de um lugar para o outro, em um movimento de aproximação, sendo, portanto, natural que atue junto a pronomes adverbiais locativos. A combinação articula o centro dêitico do verbo, que se desloca de um ponto distante do faltante para um ponto próximo deste, associando ao de *cá*, que sinaliza o ponto de chegada do deslocamento; ii) configuração modo-pessoal: o modo imperativo e a 2ª. pessoa do discurso são característicos de usos intersubjetivos e iii) o sentido de chamamento de

⁷ As siglas referem-se, respectivamente, às seguintes mesoconstruções: VmovimentoLocativo VestativoLocativo, VprocessoLocativo, VpercepçãoLocativo.

vem aliado ao de proximidade de *cá*, que, na verdade, é o sentido básico dos marcadores: chamar a atenção do interlocutor para o que será dito na sequência. 2) Produtividade da forma verbal: *vem* é muito recrutada no uso linguístico. Consideramos que o verbo “vir” representa o protótipo dos verbos de movimento que indiquem aproximação, funcionando como “coringa” da língua, o que motivaria a opção de escolhê-lo. A segunda pessoa do discurso oferece a interatividade necessária para as trocas intersubjetivas. 3) Frequência do marcador *vem cá*: a combinação *vem cá* surgiu pela primeira vez no século XVI, já atuando como marcador discursivo. Entendemos que os dois primeiros critérios concorrem para a criação do novo marcador discursivo e para que houvesse, por consenso social, a convencionalização do exemplar, constituindo, assim, a construção marcadora discursiva VLoc_{MD}.

Quanto aos membros marginais, como as microconstruções formadas por verbos de processo (*espera aí*), são considerados como produto de relações analógicas, na base da reduplicação de um modelo já convencionalizado na língua, em função de não registrarem a trajetória de mudança aqui exemplificada. Tal fato se explica por não termos detectado ocorrências que configuraram a passagem gradual de uma categoria a outra, pelo menos não de ordem significativa. Microconstruções como *espera aí* e *espera lá* foram estudados minuciosamente por Rosa (2019), aprofundando as análises da trajetória de construcionalização dessas microconstruções.

Nesse sentido, a ideia de analogização tem ganhado força já que nem todos os micropassos podem ser detectados historicamente, como destaca Traugott e Trousdale (2013). Essa questão promove ajustes de ordem teórico-metodológica, levando em conta que são essencialmente relacionadas à abordagem construcional que está sendo incorporada na LFCU. Levando em consideração o que os dados nos mostram, é dessa forma que se pode compreender as trajetórias de mudança por que passam os elementos, afinal é por meio do membro exemplar que se fixam as rotas já que mais prototipicamente representam a categoria, e não (ou nem sempre) em todo o conjunto de membros da categoria.

Como mudança é mudança no uso (CROFT, 2000), alterações pontuais observadas em contextos específicos se traduzem em sucessivos micropassos que podem levar a convencionalizações. Para capturar esses passos, analisamos processos como analogização, neanálise, que se desdobram em mudanças construcionais, que podem fomentar tais alterações.

Nessa perspectiva, o contexto de uso torna-se extremamente importante, uma vez que podemos capturar nuances de sentido que suscitam leituras distintas. Dessa forma, é extremamente importante e oportuna a classificação de Diewald e Smirnova (2012) como forma de identificar as microinovações contextuais que as trajetórias de construcionalização vão demonstrando.

Para atestarmos o estabelecimento da macroconstrução VLoc_{MD}, investigamos a mudança linguística do membro exemplar *vem cá*. No *corpus*, seu surgimento foi registrado no século XIII, como predicado transitivo circunstancial e, no século XVI, como instância da VLoc_{MD}. Na próxima seção, apresentamos análises da referida microconstrução, de forma a demonstrar a crescente desvinculação do predicado verbal e a trajetória rumo a marcador discursivo.

3. A rota de construcionalização de *vem cá* como formação da VLoc_{MD}

Na formação do pareamento forma-sentido da VLoc_{MD}, os itens *verbo* e *locativo* são de extrema importância para a análise das microconstruções. Na perspectiva construcional, o pareamento articula um único sentido convencionalizado em um contexto de uso específico, mantendo-se vestígios do significado original. É exatamente por conta dessa principal motivação que as subpartes são recrutadas para constituir uma determinada forma morfossintática e fonológica.

Assim, em *vem cá*, por exemplo, a forma verbal foi selecionada tanto por seu significado como por sua configuração modo-temporal: movimento de aproximação e ordem/pedido. Do mesmo modo, o locativo *cá*, ao lado de *vem*, também é recrutado para propósitos determinados, seja pelo traço de sentido do locativo, seja pela referência dêitica que indica, um local aproximado (sem precisão) do falante-autor. Interessante observar que a microconstrução foi detectada no século XVI, o que pode justificar o recrutamento do pronome adverbial *cá*, tendo em vista que atualmente praticamente não aparece no uso do português brasileiro.

A pesquisa dos contextos de uso de *vem cá* aponta distinções, que permitem postular o gradiente de sentido e forma envolvidos aí. Tal como (1), exemplificado na seção introdução, o fragmento (5), a seguir, ilustra o contexto fonte de *vem cá*:

- (5) (...) *Fazem semelhança de o séérem e nõ o sam. e os que ham as lingoas agudas ã mal dizer. e os que ham senpre vñotade de mal fazer. E tu porque gravemete pecaste sofrerás estas penas. E desapareceo-lhe entõ o angeo. E os dyaboos tomarõ a alma e derõ com ella ante a besta que a comesseL. E a besta engoly-a logo e sofreo aly muitas penas L. E desi a cabo de pouco aquella besta deitou-a de ssy ã fundo do lago. E ella assy padecendo grandes dolores veo o angeo . e disse-lhe . **Vem aca** amíga que jamais nom sofrerás desta pena. E tírou-a entõ dantrẽ as outras que hy jaziam e disse-lhe. pensa de me seguir. E entom começou de andar avante per muy piores logares que ante avia andado. E indo per hũa carreira muy estreyta que decendya pera fundo como se fossem de hũu mõte muy alto. e semelhava que se deitavom per elle a fundo. E quanto mais per elle descendiã quanto mais pouco viã per hu aviã de tornar.* (Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; Século XIII)

Como podemos observar em (5), numa sequência de base narrativa, o trecho injuntivo sob a forma de um pedido **Vem aca** *amíga que jamais nom sofrerás desta pena* constitui um pedido/ convite do *anjo* para que a *pecadora* o siga e seja retirada do fundo do lago. Trata-se de um contexto fonte, em que o falante pede ao interlocutor que se desloque espacialmente do lugar em que se encontra para próximo de onde está o locutor, ou seja, nesse contexto o uso de *cá* se refere à função dêitica. Esse sentido básico do verbo *vir* exige um complemento circunstancial que indique proximidade física, tendo em vista que se trata de um verbo de movimento, nesse caso de aproximação. Dessa forma, o locativo *cá*, designador desse local, é recrutado.

A microconstrução *vem cá*, como predicado, representa um chamamento, e esse sentido marcante perpassa todos os usos de sua trajetória. A partir do deslocamento espacial, como ilustrado em (5), teríamos deslocamento na atenção do interlocutor provocada pelo falante na troca interativa.

Podemos relacionar a conservação desse sentido, no nível da microconstrução, ao princípio de *persistência*⁸ de Hopper (1991) e, no nível da mesoconstrução, a uma das vantagens de se adotar a abordagem construcional elencadas por Goldberg (1995, pp. 9-21), para quem é a construção que está associada ao significado. Assim, torna-se claro que a mesoconstrução VmovLoc perfila funções gerais de marcador discursivo e que a microconstrução *vem cá* é utilizada em contextos mais impositivos, em que se demonstra a ascendência do falante sobre o interlocutor, a partir da manifestação de sentidos (inter)subjetivos, como opinião, pedido, pergunta, reprovação, deboche, questionamento, entre outros.

Na situação comunicativa ilustrada em (5), a cena que se apresenta é o resgate feito pelo *anjo*. O *frame* instaurado por esse personagem ancora leitura de ajuda, auxílio, caridade, salvação. Tal configuração, reforçada pela injunção sob a forma de pedido, atenua o caráter impositivo mais básico do chamamento. Nesse fragmento, *vem aca* tem tipicamente sentido de convite a deslocamento espacial. Os trechos *pensa de me seguir* e *começou de andar avante* confirmam que o *anjo* continuou instruindo a *pecadora* a se deslocar próximo a ele. Estruturalmente, o verbo *vir*, no imperativo, e a posposição do substantivo *amiga* e da oração explicativa *que jamais nom sofrerás desta pena*, concorrem para a instauração do *frame* espacial e do uso de *vem aca* como típico predicado verbal do português. Em termos semântico-pragmáticos, o deslocamento e a injunção, aliados às interações assimétricas que exprimem a condição de maior experiência do personagem *anjo* em relação a sua interlocutora, a *pecadora*, a partir da sequência tipológica injuntiva, ratifica a função de predicado de *vem aca*.

No fragmento (6), tem-se um contexto atípico. Segundo Diewald e Smirnova (2012), nesse tipo de contexto, feixes de características que não eram relacionadas costumeiramente a um uso típico passam a atuar através de implicaturas. Nesse sentido, microinovações começam a ser identificadas, gerando ambiguidade e polissemia. Essas extensões de sentido se inserem em situações de uso contingencial, associadas a intenções específicas, como se pode observar nas mudanças no componente semântico-pragmático da construção, tal como:

- (6) *Felício Mais que a vida e o porquê porque minha alma outrossi mata a si e mata a mi tam profunda é minha fé. Eco É. Felício É polo merecimento daquela por quem me fino sentes tu que nam sam dino desta pena que consento. Eco Sento. Felício Sento-me estar nam sei onde vejo-me só acabar por isso quero ir buscar esta voz que me responde. Eco Onde? Felício Onde está minha alegria que sempre foge de mi vem cá nam faças assi que*

⁸ O princípio da persistência estabelece que, quando uma forma se gramaticaliza, alguns traços do significado original permanecem na nova forma gramatical.

em ver-te descansaria. Eco Iria. Felício Iria lá mas foges mais ó tristes saudades minhas nestas montanhas maninhas que descanso é o que me dais? Eco Ais. Felício Ais leixai partir a vida e partir-vos-eis daqui tal estou triste de mi que nam sei se é já partida. (Obra completa (N-Z), Gil Vicente, Século XVI)

Em (6), num predicado complexo, *vem cá* atua como súplica de *Felício* para que a *alegria* venha até ele e, assim, possa descansar. O sujeito *alegria*, da forma verbal de movimento *vir* no imperativo, reúne traços não-prototípicos ou atípicos, uma vez que é inanimado, não volitivo ou agentivo e se encontra distante do verbo a que se refere. Por outro lado, em termos estruturais, a microconstrução *vem cá* nesse fragmento ainda apresenta sintaxe típica, uma vez que se coordena à oração *nam faças assi* e à oração explicativa *que em ver-te descansaria*.

Com relação ao componente semântico-pragmático, há inferência de deslocamento não espacial, uma vez que o sujeito inanimado não se move fisicamente. O deslocamento se dá na intenção do falante, através do desejo, da súplica a seu interlocutor, a *alegria*, para que venha até ele. Em uma cena centrada na lamentação de *Felício* por conta da separação *daquela por quem me fino* e no isolamento em que se encontra, tendo o *Eco* por sua companhia, o sentimentalismo motiva o uso mais abstrato dos elementos do *frame*. Assim, embora ainda represente movimento, ancorado por termos como *onde*, *buscar* e *lá*, (5) permite leitura distinta da prototípica. A própria situação de comunicação define o uso atípico, sugerindo inferência inovadora, uma vez que o interlocutor é o *Eco*, a quem *Felício* toma como testemunha da sua tristeza. A sequência injuntiva centrada na súplica/pedido coloca o falante em posição inferior ao interlocutor, demonstrando a assimetria entre ele e a *alegria*. Operando, portanto, num domínio intersubjetivo.

Com relação ao mecanismo que em (6) fomenta a mudança construcional, a análise demonstrou que a leitura mais abstrata, ligada às emoções emanadas da cena comunicativa, derivadas de domínio concreto, como o de deslocamento físico, está plenamente licenciada. Tal fato é tratado na LFCU como um tipo de pressão de informatividade ou pressão contextual, em que formas velhas, motivadas pelas relações contextuais, são recrutadas para dar conta de novas funções, ou seja, uma nova forma de dizer para atender à expressividade do uso linguístico.

Já o fragmento (7) ilustra contexto crítico. Citando Diewald (2002), Traugott (2008, p. 8) declara que esse tipo de contexto oferece *ambiguidades semânticas e estruturais múltiplas* ou opacidades que sugerem *interpretações alternativas gerais, entre elas o novo sentido gramatical*⁹. Essas implicaturas se traduzem em microinovações geradoras, da mesma forma que o contexto atípico, de ambiguidade e polissemia. No contexto crítico, continuam existindo extensões de sentido decorrentes de situações de uso contingenciais, associadas a intenções específicas, porém, além de alterações de ordem semântico-pragmática na construção, detectam-se mudanças também no componente sintático. Portanto, o que distingue o contexto atípico do crítico é a ocorrência, neste, de alterações no nível formal. Pelo fato

⁹ “multiple structural and semantic ambiguities” or opacities that invite “several alternative interpretations, among them the new grammatical meaning”, tradução livre.

de, no contexto crítico, ainda estar licenciada a leitura típica, não estamos nessa fase diante de uma nova microconstrução, no sentido de que ainda não foi efetivada a construcionalização gramatical. Trata-se do que observamos no fragmento (7), a seguir:

- (7) SAR. -- *hûa pouca de nevoa e vento. PET. -- Dai se levantam as vezes grandes torvoadas; mas que entendeste dela? SAR. -- Muitos sisos e muitas virtudes. PET. -- De quem, Sargenta? SAR. - De Lucrecia. PET. -- Assi faze, nomea-ma muitas vezes. SAR. -- Nunca se tal graça viu, nem tal siso. PET. -- Tal assento, nem tal fermosura. SAR. -- O que todo mundo ve para que é dizer-te mais? PET. -- Ora **vem cá**, Sargenta, que te quero agora perguntar por um ponto, cousa em que te nunca falei Ouviste algûa hora falar num mancebo espanhol, que segundo dizem, anda aqui perdido de amores por ela SAR. -- Qual? Um capa em colo, que a primeira parecia algûa cousa, ja agora não tera que despender e parece que caiu da forca? PET. -- Ah! Ah! Ah! Como o pintaste tam bem! SAR. -- Cousa é isso para te somente lembrar? (Estrangeiros, Sá de Miranda, Século XVI)*

O fragmento (7) resume-se numa fofoca entre *Petrônio* (PET) e *Sargenta* (SAR), que fazem comentários críticos sobre *Lucrecia*. A cena comunicativa permite implicaturas inovadoras, uma vez que não há movimento espacial. Os personagens não estão se deslocando no espaço, ao contrário, a cena é estática. *Petrônio* propõe um diálogo mais confidencial a *Sargenta*, a fim de questioná-la sobre uma fofoca envolvendo *Lucrecia* e um *mancebo espanhol, que segundo dizem, anda aqui perdido de amores por ela*. Esse propósito discursivo motiva deslocamento na intimidade, o que pode ser observado pela sequência em que *vem cá* está inserido.

Nesse sentido, tanto há inferência semântico-pragmática similar a (5) e (6), por conta do sentido básico da construção, a de solicitação de aproximação espacial, porém com inferência distinta. Mesmo que todo o trecho apresente uma cena estática, no contexto do fragmento (7), existe movimentação corporal que aproxima os interlocutores da cena comunicativa. O tom de fofoca e de segredo impresso nesse contexto sugere que há um deslocamento espacial mínimo entre *Petrônio* e *Sargenta*, enquanto o primeiro faz o comentário seguido da pergunta. Tal inferência de movimento corporal, sugerida pela situação de confidencialidade, pode ser depreendida através do trecho *que te quero agora perguntar por um ponto, cousa em que te nunca falei*.

Tendo em vista que, para Diewald (2006; 2002), o contexto crítico requer que as ambiguidades sejam também do nível estrutural, devemos levantar essas marcas em (7), para justificar o alinhamento a esse estágio. Em (7), a microconstrução *vem cá* tem pouca vinculação sintática na sequência em que se insere, se se considera que: i) *Sargenta* atua como efetivo vocativo e ii) a interjeição *ora* reforça o sentido de chamamento, intensificando e marcando pausa enfática, que corrobora a marca injuntivo-pragmática da sequência. Ao mesmo tempo, o que se entende na oração *que te quero agora perguntar por um ponto* é o licenciamento da leitura de predicado complexo, concorrendo para a leitura típica de *vem cá*.

É importante identificar o contexto atuando como mecanismo promovedor da mudança contextual ilustrada em (7), junto à abstratização do sentido e da pressão contextual já apontadas no contexto atípico. No fragmento (7), pelos parâmetros críticos elencados, constitui-se mudança nos componentes sintático, semântico e pragmático, ou seja, o estágio de construcionalização está mais avançado. No que se refere ao contexto, é necessário analisar toda a cena comunicativa compreendendo que esse uso contingencial na cena pode ter favorecido o recrutamento, pelo falante, de *vem cá*, a fim de enfatizar seu discurso e, no outro lado da díade comunicativa, esse fato pode ter induzido o interlocutor a interpretá-lo como marcador discursivo. É identificável, pelo exemplo em questão, que essa leitura inovadora, presumivelmente ativada pelo contexto, pode ter permitido o alinhamento com outros marcadores de discurso que funcionam como convocadores da atenção do interlocutor¹⁰.

Por fim, a condição de *vida curta* desse tipo de contexto, destacada por Traugott e Trousdale (2013), pautada na tênue diferença entre a fase crítica e a de isolamento, se confirma nos dados de *vem cá* e da maioria de outras microconstruções analisados no *corpus*, na medida em que apenas o desligamento da construção em relação à estrutura sintática tornaria a leitura como marcador discursivo exclusiva. É importante destacar que, fonologicamente, alguns dados de contextos críticos poderiam ser interpretados como de isolamento, se tomarmos por base a entoação na fala.

No exemplo (8) abaixo, apresentamos uma ocorrência cujo contexto classifica-se como de isolamento. Esta classificação descreve contextos em que a construção sofreu redistribuição categorial, ou seja, passou pelo mecanismo de neanálise na base da metonimização, como define Traugott e Trousdale (2013, p. 9). Nesse estágio, ocorreu construcionalização, uma vez que a partir dessas novas análises houve

“reanálises morfossintáticas e semânticas que foram compartilhadas entre falantes e ouvintes em uma rede social, permitindo que uma nova microconstrução fosse adicionada à rede, porque uma unidade convencional simbólica nova e, portanto, um nó de tipo novo, foi criado”.¹¹

- (8) *CENA VI - AMENTE. CALÍDIO - AM. – Tu vês a que termo eu sou chegado, segundo as novas que tu diia parte e Devorante doutra me dais? Cuidei que tinha de ti algüa necessidade; mas pois as cousas assi vão, té a vida me sobeja: procura pola tua. CAL. --*

¹⁰ São exemplos de MD convocadores da atenção, **veja bem**, como em: “A maquiagem mineral é ótima para peles sensíveis por ter uma formulação mais ‘natural’ o que a torna hipoalergênica. **Veja bem**, isso NÃO significa que você não terá alergia, significa que o risco de uma reação alérgica é menor.”. (*Corpus escrito blogs da internet*) e **olha aqui**, como em: vou falar pra vocês, este botequim e es-ta zona.. não são tão sórdidos quanto essa merda de guerra que nós estamos lutando! E tenho dito, pronto, tá acabado! - Cacete, o japonês tá bêbado. Vamos embora pessoal disse Fábio. - **Olha aqui**, bêbado é o caralho, porra. Tô falando a verdade.. Fábio, aliás o saudoso tenente Neuman, era alto e forte. pegou o japonês com vigor e levou-o para a abreviatura. (*Romance: Xambioá: Guerrilha no Araguaia de Pedro Corrêa Cabral*)

¹¹ When there have been morphosyntactic and semantic reanalyses that are shared across speakers and hearers in a social network a new micro-construction is added to the network, because a new conventional symbolic unit, and hence a new type node, has been created. A tradução livre, por conta da estrutura em que foi inserida, sofrerem algumas adaptações mínimas no texto original.

*VOS outros, mimosos, logo quereis morrer. AM. -- Não se ajuntaram embalde tantos males Q um tempo. CAL. -- Tam pouca confiança tens em Lucrecia? AM. -- Ah, Calidio! CAL. -- Que ah Calidio? AM. -- Que esperança tam fraca! CAL. -- Queres dizer como de foão. AM. -- E de foão e de foão. CAL. -- Naquilo tem razão, e mais nesta terra, em que o poerão mui asinha em cantar seciliano, como dizem. **Vem ca**, Amente, seras homem pera me ajudares a um feito? AM. -- Em tal desesperação, que posso eu arrecear? CAL. -- Ora bem ves que esta vinda de teu pai embaraça tudo, pelo qual aqui cumpre de acudir, se queres remedio. [XXX]. -- A maneira é a que não vejo. CAL. -- Dir-to-ei. Façamos que não conhecemos teu pai, por mais Valenciano que fale.? CAL. -- Não gracejo, mas antes te dou um cavalo na batalha, se tu fores pera o tomar. AM. -- E a meu Aio que lhe faremos? CAL. -- Como quê? Diremos que esse é o que faz todas estas calabreadas, e que traz este velho falso aqui com nome de teu pai, e assi não recolheremos em casa um nem outro. AM. -- Nisso bem vejo eu o erro, o remédio não o vejo. CAL. -- Eu to direi. Podemos acudir ao negócio do casamento, como dantes, e, se cumprir, diremos duas palavras ao Doutor, que não sejam de libelos dar, nem lides contestar. (Estrangeiros, Sá de Miranda, Século XVI)*

A ocorrência do fragmento (8) é a primeira a figurar no *corpus* já atuando como marcador discursivo. Também esse fato permitiu que se postulasse a microconstrução *vem cá* como exemplar, como o padrão que, em uma trajetória no tempo, motivou o surgimento da hierarquia construcional de VLoc_{MD}. A formação da hierarquia foi constituída pelos mecanismos envolvidos nas mudanças construcionais e construcionalização que atuam conjuntamente e motivam-se reciprocamente. O dado seguinte evidencia essa análise:

Em (8), a cena comunicativa gira em torno da notícia dada por *Calidio* sobre as novidades dos outros pretendentes de *Lucrecia*. Dada a exasperação de *Amente*, *Calidio* propõe àquele um plano para que possa driblar os outros dois. Na fala de *Calidio*, *vem cá* marca o discurso, concorrendo para a articulação da finalidade de convocar a atenção de *Amente* para a proposta feita na sequência. Além de fazer uma proposta, em virtude da atitude de desalento de seu interlocutor, *Calidio* é, de outra parte, impositivo. A microconstrução *vem cá*, devido à sequência injuntiva e ao caráter imperativo que persiste na forma verbal *vem* funciona no propósito de provocar uma mudança de atitude em *Amente*. A pergunta que sucede ao marcador evidencia o contexto isolado, ou convencionalizado, em que *vem cá* é recrutado como marcador discursivo: *seras homem pera me ajudares a um feito?* Toda essa configuração exclui qualquer outra leitura diferente, tornando o contexto isolado.

Em (8), o deslocamento está relacionado às intenções no jogo comunicativo: o falante pretende conseguir a adesão do interlocutor à sua ideia, opinião, argumento. Portanto, o *frame* não é espacial, passando a enquadrar uma cena de cena de solicitação de concordância (aproximação) da opinião/ posição do interlocutor, em que o falante ensina fazer ou determina uma forma de fazer. A relação é assimétrica, uma vez que *Calidio* considera-se com maior saber que *Amente*. Essas características

semântico-pragmáticas e discursivas, aliadas às morfossintáticas e fonológicas, como: i) pausa marcada por vírgula; ii) isolamento do marcador na estrutura sintática; iii) anulação do argumento sujeito, entre outras, permitem arrolarmos este caso como o da criação de um novo signo, portanto, como um caso de construcionalização. Observamos a metonimização da microconstrução, na medida em que houve uma mudança de fronteira das subpartes da microconstrução, passando *vem e cá* a serem usados com um chunk e um conseqüente alinhamento com uma função já existente – a de marcador discursivo – motivada pelo contexto.

O processo de construcionalização gramatical que levou à leitura isolada de *vem cá* como marcador discursivo pode ser descrito em termos dos três tipos de expansão postuladas por Himmelmann (2004, p. 32-33): da classe matriz (*host-class*), sintática e semântico-pragmática. Veja que a microconstrução *vem cá*, como uma instância da $VLoc_{MD}$, passou a atuar em (i) mais um tipo de colocação, agora como MD, expandido essa classe, (ii) com uma nova sintaxe, a de MD, introduzindo um ponto de vista, comentário, elucidação, provocação particular e iii) com características semântico-pragmáticas particulares, uma vez que funciona como a marcação do discurso de um autor que convoca a atenção de seu interlocutor para o que vai ser questionado, provocado, apresentado como deboche entre outras situações articuladas por *vem cá*.

Ressaltamos que, na rota de construcionalização do exemplar *vem cá*, conforme exemplificado nesta seção, podemos examinar os parâmetros de esquematicidade, composicionalidade e produtividade rumo à abstratização e convencionalização da microconstrução e a conseqüente instauração da $VLoc_{MD}$.

Sendo um dos fatores que determinam a arquitetura de uma construção, a esquematicidade, de uma maneira geral, é “uma propriedade de caracterização que crucialmente envolve abstração. Um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, sejam linguísticas ou não” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2003, p. 13). Segundo os autores, (2013, p. 14), “esquemas linguísticos são abstratos, grupos semanticamente gerais de construções, sejam procedurais sejam de conteúdo”. Eles são abstrações que se estabelecem “através de conjuntos de construções que são (inconscientemente) percebidas pelos usuários da língua sendo intimamente relacionados uns aos outros em uma rede construcional”.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), em uma trajetória de construcionalização, os graus de esquematicidade se relacionam aos níveis de generalidade ou especificidade da rede construcional, “esquemas são frequentemente discutidos em termos de espaços (slots) e em como estruturas simbólicas são reunidas dentro deles (2013, p. 14)”. Nesse sentido, a ideia de gradiência é intrínseca à de esquematicidade e, ainda, tal gradiência (2013, p. 16), se realiza de duas maneiras: na primeira, é atribuída em uma escala de “mais ou menos em que a boa formatividade é uma questão de convenção”, ou seja, o grau de esquematicidade está relacionado ao grau de convenção da construção – quanto mais esquemático, mais convencionalizado. Na segunda realização, a gradiência se relaciona às distinções hierárquicas que podem ser feitas na taxonomia da construção. A ideia é a de que níveis

mais altos comportam mais slots com menos restrições de preenchimento e níveis mais baixos, menos slots com mais restrições.

Nesse sentido, nessa primeira maneira de realização da esquematicidade, o grau de convencionalidade, estamos atrelando usos mais concretos, originais, fonte com a atuação no nível do predicado cujos contextos originaram estruturas mais procedurais, no nível da marcação do discurso.

A partir da segunda maneira de realização do fator esquematicidade, como substantiva, entendemos que no nível de microconstrução esses elementos procedurais de cunho pragmático são exemplares de construções mais esquemáticas como a $VLoc_{MD}$. São, portanto, instâncias que subscrevem os usos mais concretos desses esquemas, tendo em vista que em níveis mais altos comportam mais slots com menos restrições de preenchimento e em níveis mais baixos, como vem cá, comportam menos slots com mais restrições.

Ratificando o que apresentamos na seção inicial, o aumento de esquematicidade, podemos identificar que em (1) e (5) os elementos verbal e o locativo estão mais integrados à estrutura do predicado. Mesmo que entendamos usos convencionais em estruturas de predicado, a atuação dessas combinações é mais lexical, no sentido de articularem sentidos e funções como verbo pleno e como seus complementos, oracionais ou não. Estamos considerando esses contextos como fonte de elementos mais procedurais, como elementos da gramática que se prestam à conexão (inter)subjativa e à coesão textual-interativa. Nesse sentido, o grau de esquematicidade está atrelado a expansão de usos no nível do predicado cujos contextos originaram estruturas mais procedurais, no nível da marcação do discurso em que há maior grau de vinculação de sentido e forma das subpartes, de modo que a interposição de elementos ou mesmo as trocas de posição entre as subpartes não são possíveis. No último estágio, detectamos também o aumento de esquematicidade da microconstrução como um todo e a perda de analisabilidade de suas subpartes, justamente em prol da convencionalização do novo MD.

O segundo fator é a perda de composicionalidade, fica evidente a perda de autonomia de sentido e forma das subpartes nos exemplos já construcionalizados de (4) e (8). Isso porque, nesse estágio, a unidade maior *vem cá*, atuando como MD possui uma nova configuração de forma e conteúdo cumprindo uma função distinta em relação à mera soma destas subpartes. O terceiro fator é a produtividade, que se ratifica nesse último estágio da construcionalização gramatical, uma vez que essas instâncias passam a compor o paradigma dos MD, passando a atuar de forma mais generalizada na nova classe.

Considerações finais

A pesquisa dos padrões construcionais formados por forma verbal e pronome locativo, como a $VLoc_{MD}$ analisada por meio do seu exemplar *vem cá*, tem se mostrado um campo fértil e promissor de investigação. A ênfase na forte vinculação entre a dimensão formal e a funcional dos usos linguísticos exige maior rigor e esforço metodológico para que tal vinculação seja efetivamente explicitada. A

linguística funcional centrada no uso pretende, ao incorporar os estudos da gramática de construções, atingir esse propósito.

A proposta deste artigo, portanto, foi definir e caracterizar os contextos de uso do exemplar da macroconstrução $VLoc_{MD}$, a microconstrução *vem cá*, que serviu de base para a formação de um esquema mais abstrato. Tais contextos, considerados fontes, passam a sugerir novas interpretações, na base de relações associativas, motivadas pragmática e cognitivamente, nas quais o *frame* espacial se desbota, caracterizando a fase atípica. A partir daí, com a ocorrência de alterações estruturais, esses contextos passam a ser considerados críticos, ainda com persistência de sentidos típicos. Na etapa seguinte, chega-se ao uso isolado que entendemos como convencionalizado, no qual ocorre a efetiva construcionalização gramatical, com a migração do exemplar para a classe dos marcadores discursivos, no estágio final de paradigmáticação.

Para a identificação desses contextos, a análise partiu do contexto, ou seja, de sequências textuais mais amplas, anteriores e posteriores à microconstrução pesquisada. Exatamente por conta disso, estamos utilizando o termo *marcadores discursivos* entendendo que tais elementos procedurais articulam porções textuais mais extensas e destacam sobretudo as propriedades pragmáticas, pelo alto teor de intersubjetividade, e a discursivo-funcionais, por auxiliar na progressão do texto na medida em que faz avançar a interlocução, bem como auxiliar na argumentatividade, uma vez que atua na articulação explícita do ponto de vista do autor. Somente assim, em viés marcadamente qualitativo, ampliando o foco analítico, é possível captar as relações contextuais e outras associações necessárias ao estabelecimento da funcionalidade do objeto em análise.

Conforme se torna mais claro na pesquisa funcionalista, o exame histórico deve recair preferencialmente nos exemplares categoriais, que apresentam, pelo menos por hipótese, maior condição de terem suas trajetórias de mudança captadas empiricamente. Na sequência, os membros marginais devem ter seu foco de análise em relações analógicas, na base da propagação de modelos disponíveis. Nesse sentido, a pesquisa (TEIXEIRA, 2015) identificou que as dez outras microconstruções da $VLoc_{MD}$ conforme quadro 1, se desenvolveram a partir do membro exemplar, *vem cá*, construcionalizado no século XVI, ocasião em que a macroconstrução foi instaurada.

Nessa área de pesquisa, os resultados têm sido promissores já que, no estágio atual da pesquisa funcionalista, amplia-se o foco de análise nas propriedades da forma e do sentido da construção simultaneamente. Tal fato permite que se analise mais detidamente os processos e as motivações que conduzem à convencionalização e posterior paradigmáticação dos usos linguísticos.

A partir da pesquisa de 2015, a investigação se estendeu para a análise das motivações que promovem o recrutamento de outras formas verbais para atuarem como subpartes das microconstruções da rede $VLoc_{MD}$, como por exemplo, *segura* em *segura aí*, *chega* em *chega aí*, *diga* em *diga lá* ou *diga aí*. Dessa forma, passamos a estudar a analogização como processo que pode estar por trás dessas motivações no entendimento de que, uma vez cristalizado o esquema na comunidade linguística e a entrada no paradigma da língua, o mesmo se torna disponível para o desenvolvimento de novas

microconstruções em um movimento top-down. Tal fato direciona a pesquisa funcionalista para o aprofundamento dos estudos acerca da analogia, agora tomada a partir do processo de analogização, resgatando-a do estatuto de processo menor ou lateral como era tomado nos estudos do Funcionalismo Clássico¹².

Referências

- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CROFT, William. *Explaining language change: an evolutionary approach*. Harlow, Essex: Longman, 2000.
- DIEWALD, Gabriele. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*. SV1-9/2006. Disponível em: <http://elanguage.net/journals/index.php/constructions/article/viewFile/24/29>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- DIEWALD, Gabriele. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (eds). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 103-20, 2002.
- DIEWALD, Gabriele. SMIRNOVA, Elena. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: *Grammaticalization and Language Change: New reflections*. Davidse, Kristin, Tine Breban, Lieselotte Brems; Tanja Mortelmans (ed.) [SLCS 130]. Amsterdam: Benjamins, 2012. pp. 111-33.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HILPERT, Martin. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- HIMMELMANN, Nikolaus. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal?. In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus; WIEMER, Bjorn (ed). *What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components*. Berlin: de Gruyter, 2004, pp. 21-42.
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUOGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd (ed). *Approaches to grammaticalization. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues*, Amsterdam: John Benjamins, 1991, pp. 17-35.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; ALONSO, Karen Braga. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, Edson Rosa (org). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, pp. 87-106.

¹² O termo Funcionalismo Clássico remonta à perspectiva da Linguística Funcional norte-americana adotada, sobretudo, na segunda metade do século XX e início do século XXI, cujas investigações se voltavam, prioritariamente, para a trajetória de mudança de um item que partia do léxico para a gramática, ou a do item menos para o mais gramatical, realizada em micropassos ao longo do tempo, priorizando os processos de reanálise em detrimento dos de analogia. Nessa abordagem, os estudos funcionalistas ainda não trabalhavam com a visão construcionista.

- RISSO, M. S. *et al.* Marcadores discursivos traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (org.) *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- ROSA, Flávia Saboya da Luz. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 216 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- TANTUCCI, Vittorio. From Co-Actionality to Extended Intersubjectivity: Drawing on Language Change and Ontogenetic Development. *Applied Linguistics*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.
- TANTUCCI, Vittorio. From co-actionality to extended intersubjectivity: drawing on language change and ontogenetic development. *Applied Linguistics*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.
- TEIXEIRA, Ana Claudia Machado; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Gramaticalização das construções “vá lá” e “vamos lá”. *Todas as Letras*, v. 16, pp. 70-9, 2010.
- TEIXEIRA, Ana Claudia Machado. *A construção verbal marcadora discursiva VLoc_{MD}: uma análise centrada no uso*. 2015. 297 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- TEIXEIRA, Ana Claudia Machado. De predicado a marcador discursivo: mudanças construcionais e construcionalização. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito (org.). *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: EDUFRRN, 2018. p. 286.
- TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. Gradience, gradualness and grammaticalization: How do they intersect? In: *Gradience, Gradualness, and Grammaticalization*. Elizabeth Closs Traugott and Graeme Trousdale, eds. Amsterdam: Benjamins, 2010.
- TRAUGOTT, Elizabeth. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: Merja Kytö Regine Eckardt, Gerhard Jäger, and Tonjes Veenstra (eds.). *Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, pp. 219-50.
- TRAUGOTT, Elizabeth. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. In: Merja Kytö, ed., *English Corpus Linguistics: Crossing Paths*. Amsterdam: Rodopi, 2012, pp. 221-55.
- TROUSDALE, Graeme. Constructions in grammaticalization and lexicalization: Evidence from the history of a composite predicate construction in English. In: Trousdale and Gisborne, (eds). *Constructional Approaches to English Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, pp. 33-67.

TRAJETÓRIA DIACRÔNICA DO CONECTOR *COM ISSO* NO PORTUGUÊS
DIACHRONIC TRAJECTORY OF THE CONNECTOR COM ISSO IN PORTUGUESE

Monclar Guimarães Lopes¹

Simone Josefa da Silva²

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de descrever a trajetória diacrônica do conector complexo *com isso*, empregado ora como sequenciador, ora como conector lógico-semântico ou discursivo-argumentativo no português brasileiro contemporâneo (LOPES; SILVA, 2022). Para esse fim, recorreremos aos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (CUNHA *et al.*, 2013; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016), em especial ao modelo da construcionalização e das mudanças construcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), cuja finalidade principal é a descrição histórica da língua sob viés construcionista. A nossa hipótese inicial foi a de que o adjunto adverbial *com isso* passou, ao longo dos séculos, por mudanças construcionais que favoreceram sua posterior construcionalização como conector (supra)oracional. Essa hipótese foi testada por meio da análise mista (LACERDA, 2016; LOPES, 2022) de 442 ocorrências, dos séculos XV ao XXI, extraídas dos seguintes corpora: *Vercial, Tycho Brahe e Now*. Os resultados desta pesquisa revelam a seguinte trajetória de *com isso*: 1) O adjunto adverbial começou a ser anteposto a seu subordinador, mas ainda bastante vinculado a ele sintática e semanticamente; 2) o adjunto adverbial anteposto começou a ser justaposto a um conector canônico, em especial o “e” – “e com isso” –, contexto favorável a que herdasse progressivamente traços de conexão; 3) *com isso* tornou-se um conector autônomo, na medida em que passou a atuar na margem esquerda da oração, do período ou do parágrafo, sem que fosse necessária sua justaposição a um outro conector.

PALAVRAS-CHAVE: Conector *com isso*. Diacronia. Linguística funcional centrada no uso.

ABSTRACT

This paper aims to describe the diachronic trajectory of the complex connector *com isso*, sometimes used as a sequencer, sometimes as a logical-semantic or discursive-argumentative connector in contemporary Brazilian Portuguese (LOPES; SILVA, 2022). To achieve this goal, we resort to the theoretical assumptions of Cognitive-Functional Linguistics (CUNHA *et al.*, 2013; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016), especially to the model of constructionalization and constructional changes (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), whose main purpose is the historical description of language under constructionist bias. Our initial hypothesis was that the adverbial adjunct *com isso* went through constructional changes over the centuries, what favored its later constructionalization as a (extra)clause connector. This hypothesis was tested through a quali-quantitative analysis (LACERDA, 2016; LOPES, 2022) of 442 tokens, from the 15th to the 21st century, extracted from the following corpora: *Vercial, Tycho Brahe and Now*. The results of this research reveal the following trajectory of *com isso*: 1) The adverbial adjunct began to be placed before its subordinator, but still quite linked to it syntactically and semantically; 2) the preceding adverbial adjunct began to be juxtaposed with a canonical connector, especially “e” (and) – “e com isso” –, which was a favorable context for it to progressively inherit properties of connection; 3) *com isso* became an autonomous connector, insofar as it started to act in the left margin of the clause, the sentence of the paragraph, without the need for juxtaposition to another connector.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), monclarlopes@id.uff.br, <http://orcid.org/0000-0002-6238-958X>.

² Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista CAPES, simonejs@id.uff.br, <http://orcid.org/0000-0001-9574-9951>.

KEYWORDS: Connector *com isso*. Diachrony. Cognitive-functional linguistics.

Introdução

Os compêndios gramaticais brasileiros compartilham, via de regra, uma lista relativamente semelhante de conectores coordenativos conclusivos, dentre os quais figuram elementos como *logo*, *portanto*, *por conseguinte*, *por isso*, entre outros. Conforme sabemos, essa lista está longe de ser exaustiva, na medida em que os usuários recrutam continuamente outros elementos disponíveis na língua para assumirem funções mais procedurais. Como ilustração, podemos citar o conector³ *com isso*, objeto de estudo desta investigação, que, embora atue no mesmo tipo de relação, geralmente não consta do rol de conectores disponíveis na literatura linguística e gramatical.

Neste trabalho, temos o objetivo de descrever a gênese desse conector, formal e funcionalmente semelhante a *por isso*, posto que é constituído de uma preposição essencial seguida do pronome demonstrativo *isso* e veicula relações semânticas de valor resultativo. Grosso modo, trata-se de uma construção complexa (formada por mais de um elemento) que atua na articulação (supra)oracional – de orações, períodos e parágrafos –, ora como sequenciador, ora como conector lógico-semântico ou discursivo-argumentativo, e que expressa valores semânticos variados, como os de *tempo*, *consequência*, *conclusão* e *elaboração*^{4 5}.

Para esse fim, recorreremos aos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso – ou LFCU – (cf. CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), em especial ao modelo da construcionalização e das mudanças construcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), originalmente elaborado para subsidiar estudos diacrônicos da mudança linguística sob viés construcionista. Sustentamos que esse modelo nos fornece ferramentas teórico-metodológicas capazes de nos auxiliarem na seleção, identificação e interpretação de dados, de modo a evidenciar a trajetória histórica das construções linguísticas.

Nossa hipótese inicial era a de que *com isso*, na função de adjunto adverbial, passou por uma série de mudanças construcionais prévias que favoreceram sua posterior construcionalização como conector (supra)oracional. Trata-se de uma hipótese bastante plausível, já que os diversos estudos diacrônicos já empreendidos evidenciam que os advérbios são uma categoria-fonte recorrente para a formação de conectores via *gramaticalização* (cf. TRAUGOTT; HEINE, 1991; BYBEE, 2015) ou, mais modernamente, *construcionalização*⁶ (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Mais

³ Empregamos o termo *conector* com a mesma concepção de Rosário e Sambrana (2021). Trata-se de uma categoria ampla, que abriga diferentes classes de palavras (como conjunções, preposições e advérbios) que atuam na articulação de orações, períodos e parágrafos.

⁴ O termo *elaboração*, um tanto incomum na descrição semântica dos conectores, é uma macrocategoria semântica da LSF (HALLIDAY, 2004), que comporta três categorias semânticas menores: o esclarecimento, a exposição e a exemplificação. Falaremos um pouco mais a respeito dessa categoria na próxima seção deste artigo.

⁵ Apresentamos uma ocorrência de cada uma dessas categorias na próxima seção deste artigo.

⁶ Com essa última afirmação, não queremos dizer que a *construcionalização* substitua necessariamente a *gramaticalização*.

especificamente, nossa crença inicial era a de que *com isso* deveria ter passado por dois processos principais: a) anteposição a seu subordinador, como estratégia de focalização discursiva, mas ainda resguardando sua vinculação sintática e semântica a esse elemento; b) a elevada frequência de uso de *com isso* nessa anteposição, possivelmente, foi favorecendo uma relação sintática e semântica cada vez mais frouxa, até que ele assumisse mais autonomia e passasse a ser visto como uma estratégia de conexão.

No intuito de aferir nossa hipótese, trabalhamos com três *corpora*: dois diacrônicos (*Corpus Vercial*, com dados do século XVI ao século XX; *Corpus Tycho Brahe*, com dados do século XIV⁷ ao século XX) e um sincrônico (*Corpus Now*, com dados do século XXI). Ao todo, foram analisadas 442 ocorrências sob a ótica do método misto ou quali-quantitativo (LACERDA, 2016; LOPES, 2022). Conforme veremos mais à frente na seção de análise dos dados, nossos resultados corroboram, em grande medida, nossa hipótese inicial de pesquisa.

Embora o foco deste artigo esteja na descrição da emergência do conector *com isso* ao longo da história do português, sentimos a necessidade de criar uma seção dedicada a descrever seus usos no português contemporâneo, dado que se trata de um objeto ainda pouco difundido. É exatamente isso que fazemos na seção a seguir (2). Depois dela, há ainda três seções neste texto, a saber: 3) pressupostos teóricos; 4) procedimentos metodológicos; 5) análise dos dados. Concluímos o texto com as considerações finais, seguidas das referências.

1. Usos de *com isso* no português contemporâneo

No português, a sequência de palavras *com + isso* tem sido recrutada para funções distintas: pode atuar como um termo oracional – e.g.: complemento ou adjunto – ou, ainda, como um elemento de conexão (supra)oracional. Essa diferença funcional está ilustrada abaixo:

- (1) Um homem terá contaminado diversos produtos alimentares na Alemanha, incluindo comidas para bebês, na tentativa de ganhar milhões de euros **com isso**.⁸
- (2) Pessoas físicas podem doar até 10% do seu rendimento bruto, declarado no ano anterior à eleição. O limite para autofinanciamento – candidato que utiliza recursos próprios para a campanha – havia sido vetado pelo presidente Temer quando sancionou o texto da reforma, em outubro, porém o veto foi derrubado no Congresso na semana passada. **Com isso**,

Como sabemos, há autores que continuam empregando o termo *gramaticalização* para se referir ao processo de mudança linguística, mesmo que em perspectiva construcional (cf. DIESSEL, 2019). Na verdade, apenas entendemos que a *construcionalização* nos fornece ferramentas novas, antes não empregadas nas investigações em gramaticalização, como, por exemplo, a mensuração dos fatores construcionais, como a *esquematicidade*, a *produtividade* e a *composicionalidade*, que passam por reconfiguração nos processos de mudança linguística.

⁷ Cabe frisar que, embora o *corpus* compreenda dados do século XIV, não localizamos ocorrências de *com isso* nesse período.

⁸ Dado extraído do Corpus Now. Acesso em: 18 fev. 2023.

o autofinanciamento por candidatos fica condicionado ao limite para doações de pessoa física.⁹

Em (01), *com isso* atua como um adjunto adverbial, a que se pode atribuir a noção de *meio*. Entendemos que os dois elementos que compõem esse adjunto estão menos vinculados entre si – [[com][isso]] –, de modo que, na designação de meio, pode-se justapor à preposição *com* diversos elementos de natureza nominal (e.g.: *com esse crime, com esse procedimento* etc.). Já em (02), *com isso* atua como conector interperíodo. Posiciona-se na periferia esquerda da sentença e atua na articulação de duas unidades de informação, mais especificamente, o período que antecede e o que sucede o conector, ao qual se pode atribuir o valor de consequência. A despeito de ser possível manter a função do conector por meio da substituição de *isso* por um outro elemento nominal – e.g.: *com a sanção* –, defendemos que, nesse caso, *com isso* constitui um *chunk* – [com isso] – e, por isso, está armazenado na memória dos falantes do português como uma unidade amalgamada de forma-significado, de maneira análoga ao que ocorre com o conector *por isso*, com o qual compartilha várias propriedades de forma e de significado¹⁰.

Motivados pela alta frequência de uso de *com isso* na função de conector, bem como pela carência de estudos a seu respeito na literatura linguística, Lopes e Silva (2022) e Silva (2022) desenvolveram um trabalho descritivo com base em dados do uso e evidenciaram que esse conector é polifuncional e polissêmico. De um lado, pode atuar como sequenciador – quando promove a progressão temporal em sequências narrativas –, como conector lógico-semântico ou conector discursivo-argumentativo – na articulação de segmentos (supra)oracionais de sequências expositivas e argumentativas, respectivamente. De outro, pode veicular noções semânticas distintas, como tempo, consequência, conclusão e elaboração. Abaixo, apresentamos uma ocorrência de cada tipo¹¹:

- (3) Levado ao plantão policial, o tratorista confessou que havia ingerido uma lata de cerveja e que não era habilitado para conduzir veículos. Ele concordou em fornecer sangue para exame de dosagem alcoólica. **Com isso**, após ser ouvido, o homem foi liberado.
- (4) Esse acidente ocasionou a entrada do *Safety-Car* que permaneceu por três voltas na pista. Na relargada, em excelente manobra, Sérgio conseguiu abrir um pouco dos demais concorrentes e, nas três últimas voltas, andou em um ritmo de classificação para comemorar a sua segunda vitória na F-2. “Foi um fim de semana que começou com a minha pior posição de largada do ano e terminou comigo comemorando a vitória. Nosso carro tinha

⁹ Dado extraído do Corpus Now. Acesso em 18 fev. 2023

¹⁰ Conforme veremos mais adiante, os dados sincrônicos do século XXI, extraídos da base de dados *Now* do *Corpus* do Português, sugerem que, na maior parte do tempo que os usuários utilizam *com + isso* no português, fazem-no no contexto de conexão.

¹¹ Dados pertencentes ao Corpus Now, extraídos de Lopes e Silva (2022).

um ritmo de corrida excelente e, **com isso**, consegui me recuperar muito bem na corrida de ontem e, hoje, novamente fui muito rápido”.

- (5) Eis, por exemplo, o *drive-thru* em que Joana passa com o seu carro para orar com um pastor. Mascaro precisa justamente expor uma placa no exterior do ambiente, dando um caráter cômico, como também na cena do pênis suspenso ou dos religiosos rolando no chão. Por se uma obra que se propaga de maneira muito mais austera, isso confunde, e, com uma pose vagarosa que não se embriaga nem para o melodrama, o seu impacto é minimizado. O projeto parece ser, **com isso**, um esquete do Porta dos Fundos, mas antes das expectativas serem quebradas e Fábio Porchat surgir como Jesus.
- (6) Se começarmos hoje a produzir uma série de pessoas ultraeducadas, é possível que haja um aumento da desigualdade, porque essas pessoas serão muito melhores do que as outras e irão se destacar. Então, a educação como política urgente para reduzir a desigualdade social não é efetiva; ela serve como um grande planejamento para o que o país quer ser no futuro. Além disso, a educação gera ganhos de cidadania, conhecimento político e uma série de outras coisas que não se reverterem apenas no mercado de trabalho. **Com isso**, não quero dizer que a educação não seja importante. Estou querendo dizer que 1) a educação como forma de investimento para redução das desigualdades só traz ganhos de muito longo prazo, e 2) ao focar demais na educação, acabamos deixando de lado causas muito mais urgentes e de curto prazo que podem ter afetado as tendências para enfrentar as desigualdades.

Inicialmente, vale ressaltar que, embora tanto o sequenciador quanto o conector atuem na conexão, a diferença terminológica adotada está associada aos diferentes tipos de relações textuais. Assim, de maneira análoga a Barreto e Freitag (2009), reservamos o primeiro termo aos elementos que promovem a progressão temporal entre unidades discursivas e empregamos o segundo para aqueles que atuam em dimensões semânticas mais abstratas, como as lógico-semânticas e as discursivo-argumentativas. Trata-se de uma perspectiva que se coaduna à escala de abstratização funcionalista proposta por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), para quem existe uma escala unidirecional na formação dos elementos procedurais nas línguas naturais, representada pelo *cline* espaço → tempo → texto. Essa escala prevê que termos pertencentes ao domínio espacial são reconceptualizados, via metaforização, para usos temporais e que, usos espaciais e/ou temporais, também por meio desse mecanismo, podem ser reconceptualizados para a expressão de relações textuais, como causa, conclusão, consequência etc. Ademais, segundo Koch (2002, 2003), com base em Ducrot (1980), as relações textuais mais abstratas podem se dividir em duas categorias: lógico-semânticas e discursivo-argumentativas, estando essas últimas reservadas àquelas que têm o objetivo de orientar a

interpretação do ouvinte/leitor para determinadas conclusões, a depender da intenção comunicativa do falante/escritor.

Em (03), *com isso* tem a função de sequenciador em decorrência do contexto pragmático em que ocorre. Está inserido em uma sequência narrativa, que se caracteriza, dentre outros aspectos, pela progressão das ações no tempo: num primeiro momento, os policiais param o motorista; em sequência, “convidam-no” a fazer o teste do bafômetro e constatam o teor alcoólico no sangue; por fim, liberam-no. O objeto *com isso* ocorre entre essas duas últimas ações e está ali como uma estrutura em prol da introdução de um desfecho, sem que lhe seja atribuído uma noção semântica mais abstrata. Equivale funcionalmente ao sequenciador *então*, como pode ser observado na paráfrase proposta a seguir: *ele concordou em fornecer sangue para exame de dosagem alcoólica. Então, após ser ouvido, o homem foi liberado.*

Nas ocorrências (04) a (06), *com isso* já atua como um conector de relações mais abstratas, assim como *por isso* – conector com o qual compartilha características formais, por ser constituído por preposição seguida do pronome demonstrativo *isso*, e funcionais, por atuar nas relações resultativas pertencentes ao domínio da causalidade (cf. SWEETSER, 1990). Sob esse ponto de vista, pode pertencer ao *domínio do conteúdo*, no qual estabelece relações de consequência; ao *domínio epistêmico*, em que indicia uma conclusão; ao *domínio dos atos de fala*, em que apresenta uma justificativa, esclarecimento ou exemplificação para um ato de fala prévio.

Em (04), *com isso* ocorre em uma sequência narrativo-expositiva, em que o enunciador da notícia relata sucintamente a corrida de que participou no final de semana e, em sequência, apresenta os motivos pelos quais obteve êxito. Trata-se de uma relação de consequência, pertencente ao domínio do conteúdo, em decorrência de algumas características, dentre as quais destacamos: a) a presença de uma relação temporal de causa e consequência, em que a causa é anterior à consequência, isto é, *como o carro tinha um ritmo de corrida excelente* (causa), *ele conseguiu se recuperar bem* (consequência); b) a existência de um conteúdo de natureza factual, em que as relações estabelecidas entre as duas unidades de informação, que levam à noção de consequência, não dependem de um ponto de vista, na medida em que fazem parte de uma relação imbricativa lógica: 1) *um ritmo de corrida excelente* favorece 2) *uma boa recuperação na corrida*.

Em (05), por sua vez, temos uma sequência argumentativa de um artigo de opinião, em que a relação entre as duas unidades de informação – a que antecede e a que sucede *com isso* – é marcada pela perspectiva subjetiva, isto é, pelo ponto de vista. Nesse sentido, a semelhança entre a obra narrada e o esquete do Porta dos Fundos está atrelada ao olhar do enunciador, não sendo um ponto de vista necessariamente compartilhado por todos os telespectadores. Trata-se de uma relação de conclusão, pertencente ao domínio epistêmico, de natureza não factual. Ademais, cabe frisar que a conclusão, distintamente da consequência, é prototipicamente atemporal: as relações entre as unidades de informação articuladas pelo conector ocorrem em um mesmo tempo, não sendo uma anterior à outra. Isso se dá porque a conclusão é de natureza silogística: se $a=b$ e $b=c$, logo $a=c$.

Por fim, em (06), *com isso* pertence ao domínio do ato de fala, cuja função é introduzir uma paráfrase para a unidade de informação prévia. O enunciador busca esclarecer o que disse previamente, de modo a evitar eventuais mal-entendidos por parte do leitor. Lopes e Silva (2022) e Silva (2022) associam o domínio do ato de fala à macrocategoria semântica da elaboração, que, segundo Halliday (2004), dá-se em uma relação de igualdade entre as unidades de informação (1=1). Nesse tipo de relação semântica, o enunciador não visa a introduzir informações de natureza nova, mas, sim, justificar, esclarecer ou justificar aquilo que foi dito previamente.

Logo, uma vez introduzidos os diferentes usos do conector *com isso*, passemos para a próxima seção, em que tratamos dos pressupostos teóricos desta pesquisa, cujo objetivo é a descrição da gênese desse conector no português¹².

2. Pressupostos teóricos

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), também conhecida como Linguística Cognitivo-Funcional, é um modelo teórico que associa os pressupostos da Linguística Funcional Norte-Americana (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 1993; HEINE; CLAUDI, HÜNNEMEYER, 1991 etc.) com os da Linguística Cognitiva, em especial, a abordagem construcional da gramática (cf. GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; HILPERT, 2014; DIESSEL, 2019 etc.). Trata-se de uma abordagem que atribui igual relevância aos aspectos formais e funcionais das construções linguísticas, vistos como interdependentes – $[[F] \leftrightarrow [S]]$ – e que descreve as línguas naturais em termos de sua gradiência, nas investigações sincrônicas, ou de sua gradualidade, nas diacrônicas.

Sob o prisma da Gramática de Construções, define-se a construção como um pareamento simbólico de forma e significado (cf. GOLDBERG, 1995), em que algum aspecto de F (forma) ou de S (significado) não é estritamente previsível de suas partes componentes. É o que observamos em *com isso*, visto que o papel morfossintático assumido – de termo oracional ou conector – e os valores semânticos introduzidos em contextos de conexão dependem de questões contextuais, e não diretamente da soma das funções e dos sentidos de *com* e *isso*. Cabe frisar que, também para esse modelo, assume-se a hipótese de que todo o conhecimento linguístico do falante está organizado em uma rede dinâmica de construções, formada por um conjunto multidimensional de nós interconectados por diferentes tipos de relações: *simbólicas*, *taxonômicas*, *sequenciais*, *lexicais*, *construcionais* e *de preenchimento de slot* (cf. DIESSEL, 2019).

Na investigação histórica, coadunam-se à LFCU diferentes abordagens construcionais diacrônicas que lidam com dados empíricos do uso linguístico. Para esta pesquisa, adotamos o modelo da construcionalização e das mudanças construcionais, proposto por Traugott e Trousdale (2013), os quais distinguem dois tipos de mudança: *mudanças construcionais*, que afetam sensivelmente a construção – usualmente o polo da forma ou o do significado –, sem resultar na criação de uma nova

¹² Para uma leitura mais aprofundada e detalhada dos usos do conector *com isso* no português contemporâneo, indicamos a leitura de Lopes e Silva (2022) e Silva (2022).

construção; *construcionalização*, quando uma nova construção se forma na língua, na medida em que uma construção X gera uma construção Y, a que pode ser atribuída uma nova forma, bem como um novo significado.

Ainda sobre esses dois tipos de mudança, os referidos autores argumentam que, na trajetória histórica, as mudanças construcionais costumam anteceder e suceder a construcionalização. Normalmente, as *mudanças construcionais pré-construcionalização* afetam mais facilmente o polo do significado da construção, quando os usuários, quase sempre em decorrência de fatores contextuais, por meio do mecanismo da *neoanálise*¹³, são levados a atribuir um novo significado para uma construção conhecida – fenômeno conhecido como *mismatch* ou *sanção parcial* (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A *construcionalização*, posteriormente, afeta o polo da forma, posto que a reificação do novo sentido na fase anterior, cada vez mais compartilhado por uma comunidade de falantes, acarreta a reconfiguração morfossintática, formando-se um novo nó, isto é, um novo pareamento de forma-significado. Por fim, as *mudanças construcionais pós-construcionalização* normalmente afetam o polo da forma por meio de processos de aumento de vinculação entre os elementos – *chunking* –, com possibilidade de perda de material fonético, ou o polo do significado em termos de polissemia e de expansão dos contextos de uso (cf. HILMMELMANN, 2004).

Para Diessel (2019), a mudança linguística é fortemente motivada por processos cognitivos, dentre os quais se destaca o da automatização, pertencente ao domínio da memória, desencadeada, sobretudo, pela elevada frequência de uso. Sob essa ótica, o uso recorrente de uma mesma sequência de elementos pode acarretar a reconfiguração de suas relações, por meio de: a) formação de *chunk*, quando os elementos da sequência compõem um forte agrupamento de forma e significado, uma espécie de amálgama, com possibilidade de perda de material fonético; b) maior acessibilidade, na medida em que as construções mais frequentes reforçam e facilitam seu acesso na memória; c) atribuição de novo(s) significado(s), já que a frequência elevada de uso favorece processos de diminuição da composicionalidade semântica e acréscimo de novos significados por pressão contextual.

Um aparato metodológico que tem sido bastante útil para captar a trajetória de mudança das construções linguísticas, nas pesquisas diacrônicas que desenvolvemos, é o cline contextual proposto por Diewald (2006), inicialmente formulado para a descrição do processo de gramaticalização e, posteriormente, adaptado para os estudos em construcionalização (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Vale ressaltar que a análise contextual é bastante relevante para flagrar a mudança em curso nas diferentes sincronias da língua, uma vez que o contexto representa uma “área de sobreposição entre pragmática e discurso” (BERGS; DIEWALD, 2009, p. 3), que impacta a função que atribuímos aos elementos da língua.

¹³ A neoanálise é um mecanismo cognitivo que leva o usuário a atribuir um novo sentido e/ou uma nova função a uma construção prévia. Neoanálises sucessivas de uma mesma construção, promovidas por diferentes usuários, levam à mudança construcional ou à construcionalização, dado que acarretam a reconfiguração de uma construção já existente ou resultam na formação de uma nova construção, ambas compartilhadas por uma comunidade de falantes.

Para a análise contextual, Diewald (2006, p. 4) prevê os seguintes estágios de mudança¹⁴:

Quadro 1: Estágios de Mudança

Estágio	Contexto	Sentido/Função
I. Pré-condições de gramaticalização	Contextos atípicos	Implicatura conversacional
II. Desencadeamento da gramaticalização	Contexto crítico	Opacidade múltipla
III. Reorganização e diferenciação	Contextos isolados	Polissemia/heterossemia

Fonte: Diewald (2006, p. 4)

No primeiro estágio, as pré-condições de gramaticalização envolvem a existência de um contexto atípico, em que o ouvinte é levado a atribuir um novo sentido a uma dada construção em decorrência do contexto de uso. Esse é o contexto da neanálise inicial ou, mais particularmente, da inferência sugerida (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2005). Em termos construcionais, a implicatura conversacional é motivada por um *mismatch* entre o *constructo*¹⁵ e seu esquema original, situação que obriga o ouvinte a atribuir um novo sentido à construção de modo a tornar o enunciado coerente àquilo que ele acredita representar as intenções do falante.

No segundo estágio, temos uma gramaticalização evidentemente em curso, quando a ambiguidade não é só semântica, mas também estrutural. Esse estágio é uma consequência natural do processo de gramaticalização, quando a reificação de um novo significado leva os usuários a reconhecerem uma dada estrutura como portadora de mais de um significado e/ou função.

No terceiro estágio, por sua vez, ocorre a consolidação do processo de gramaticalização, com a reconfiguração não só do significado, como também da morfossintaxe da construção original. Em termos construcionais, podemos dizer que os usuários reconhecem a existência de duas construções de forma semelhante, mas de função distinta na língua. Como ilustração, podemos citar o caso de *com isso*: os falantes do português reconhecem, hoje, essa estrutura não somente como um termo oracional, que desempenha funções de complemento e adjunto, como também como um conector, recrutando-o recorrentemente para a articulação (supra)oracional.

3. Procedimentos metodológicos

Selecionamos 442 ocorrências da sequência de palavras *com + isso* em três *corpora*: dois diacrônicos – *Vercial* e *Tycho Brahe* – e um sincrônico – *Now*, uma das bases de dados do *Corpus do Português*. O *Corpus Vercial* é um *corpus* de 14.9 milhões de palavras, constituído por 309 obras literárias de 55 autores portugueses, cujas datas de publicação variam desde 1500 (*Carta do*

¹⁴ Vale ressaltar que o quadro proposto por Diewald (2006) captura somente os estágios de mudança. Para a autora, há um contexto prévio, chamado de contexto típico, que diz respeito ao uso “original”, ou melhor, ao uso que antecede a mudança. Na análise de dados, também apresentamos dados do contexto típico.

¹⁵ O termo *constructo* refere-se ao dado empírico. Diferencia-se da ideia de construção, que é uma virtualidade, um conhecimento compartilhado pelos falantes, armazenado na memória.

Achamento do Brasil, de Pero Vaz de Caminha) a 1933 (*Memórias III*, de Raul Brandão). O *Tycho Brahe* apresenta uma estrutura bastante semelhante ao anterior, sendo composto de 88 obras literárias de autores portugueses, nascidos entre 1380 e 1978, somando, ao todo, 3.5 milhões de palavras. Já o *Corpus Now* possui 1.1 bilhão de palavras, sendo constituído por textos midiáticos originalmente virtuais.

Reconhecemos que a seleção de *corpora* constituídos por gêneros distintos representa uma certa fragilidade para esta pesquisa. Afinal, uma vez que estamos investigando um conector que atua como sequenciador, em sequências narrativas, e como conector lógico-semântico e discursivo-argumentativo, em sequências expositivas e argumentativas, o ideal seria que elencássemos gêneros em que a distribuição dessas sequências ocorresse de maneira mais ou menos uniforme, tal como ocorre nos textos que constituem o *Corpus Now*. Não obstante, infelizmente, esse procedimento não é possível, uma vez que as fontes diacrônicas para análise do português são relativamente escassas, sobretudo as do português arcaico. Sendo assim, precisamos, conforme nos orienta Labov (1994, p. 11), “fazer o melhor uso dos maus dados”.

Nos *corpora* diacrônicos, a totalidade de ocorrências foi analisada (342, no total); no último *corpus*, selecionamos somente as 100 primeiras, dada a sua extensão: ao todo, são 94.911 ocorrências. Os quadros 2 e 3, a seguir, especificam melhor esses dados, considerando as diferentes fontes e períodos:

Quadro 2: Distribuição de ocorrências por *corpus*

<i>Corpus</i>	Período	Quantidade de ocorrências analisadas
Vercial	Séculos XV ao XX	275
Tycho Brahe	Séculos XIV ao XX	67
Now	Século XXI	100
Total		442

Fonte: Elaboração dos autores.

Quadro 3: Distribuição das ocorrências por século

Período	Número de ocorrências
Século XV	01
Século XVI	32
Século XVII	39
Século XVIII	22
Século XIX	224
Século XX	24
Século XXI	100
Total	442

Fonte: Elaboração dos autores.

Na análise, empregamos o método misto, caracterizado pelo “equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa (LACERDA, 2016, p. 85). Segundo Lopes (2022, p. 214), a parte qualitativa é “responsável pela análise interpretativa das ocorrências”; a quantitativa, “pela identificação da produtividade das construções”. Grosso modo, as duas faces do método se complementam, uma vez que, juntas, permitem-nos chegar a algum nível de generalização, posto que é a reincidência das mesmas propriedades em inúmeras ocorrências que nos permite distinguir o que é intrínseco da construção daquilo que é idiossincrático e, por isso, ocorre somente no nível do constructo.

Nesse processo, empregamos um conjunto de fatores que dialogam tanto com as generalizações da teoria com que trabalhamos quanto com nossas hipóteses iniciais. Eles são os seguintes:

- a) **Classificação funcional de todos os segmentos constituídos por *com + isso*, nos *corpora*.** Por meio desse levantamento, buscamos aferir a produtividade de *com + isso*, ao longo dos séculos, em suas diferentes funções: complemento nominal, verbal ou circunstancial; adjunto adverbial; conector.
- b) **Posição de *com isso* na unidade de informação (isto é, em relação à oração, ao período ou ao parágrafo):** uma vez que aventamos a hipótese de que a construcionalização de *com isso*, de adjunto adverbial a conector, seja motivada inicialmente pela anteposição do adjunto a seu subordinador, buscamos identificar esses contextos de uso, avaliando o grau de integração sintático e semântico entre esses elementos.
- c) **Justaposição de *com isso* a outros conectores canônicos:** durante a análise, observamos uma elevada recorrência do adjunto adverbial *com isso* justaposto a outros conectores, sobretudo à conjunção coordenativa “e”. Por esse motivo, optamos por analisar esses usos em sua particularidade, em decorrência da possibilidade de que *com isso*, antes de se tornar um conector autônomo, teria herdado propriedades do elemento a que estava justaposto.
- d) **Classificação das ocorrências quanto aos contextos de mudança (DIEWALD, 2006).** Nesse fator, verificamos os diferentes contextos de uso: o típico, quando *com isso* apresenta uma função morfossintática mais prototípica e se posiciona à direita de seu subordinador; o atípico, quando adjuntos adverbiais são antepostos, mas ainda vinculados semântica e sintaticamente ao subordinador; o crítico, quando adjuntos adverbiais justapostos a conectores apresentam uma vinculação mais frouxa com o subordinador e começam a herdar características de conexão; o isolado, quando *com isso*, na periferia esquerda da unidade de informação (oração, período ou parágrafo), está pouco vinculado a constituintes sintáticos específicos e é responsável pela articulação de unidades de informação por meio de movimento retrospectivo e prospectivo (isto é, atua como conector).

4. Análise dos dados

Ao longo deste artigo, declaramos que nosso objetivo é o de descrever a gênese do conector *com isso* no português e que nossa hipótese inicial é a de que *com isso*, na função de adjunto adverbial, passou por mudanças construcionais que favoreceram sua posterior construcionalização como conector (supra)oracional. Para testar nossa hipótese, empregamos um conjunto de quatro fatores, dentre os quais destacamos a análise contextual proposta por Diewald (2006). Por esse motivo, organizamos esta seção em quatro partes, cada qual indicando um tipo de contexto: típico, atípico, crítico e isolado.

Antes de procedermos a essa divisão, analisemos, de antemão, a síntese dos nossos achados, indicados numericamente no quadro 4:

Quadro 4: Distribuição dos dados por contexto

	Contexto típico	Contexto atípico	Contexto crítico	Contexto isolado	Totais de ocorrências por século
Século XV	1	0	0	0	1
Século XVI	18	2	9	3	32
Século XVII	14	3	21	1	39
Século XVIII	15	4	2	1	22
Século XIX	195	9	16	4	224
Século XX	17	4	3	0	24
Século XXI	38	0	19	43	100
Totais por contexto	299	21	70	52	442 ocorrências

Fonte: Elaboração dos autores.

Como é possível observar, há ocorrências da sequência *com + isso*, nos *corpora*, a partir do século XV. No entanto, consideramos que o único dado pertencente a esse século o torna irrelevante para atestar processos de mudança.

Além disso, como no século XVI já encontramos três dados em que *com isso* atua como conector (contexto isolado), acreditamos que sua construcionalização se deu previamente, possivelmente em sincronias pretéritas. Contudo, trata-se infelizmente de uma hipótese, uma vez que dados anteriores a esse período não estão disponíveis nos *corpora* de que dispomos. Abaixo, seguem duas dessas ocorrências do século XVI, no contexto isolado, como ilustração da convencionalização do conector *com isso* já nesse período:

- (7) Que desculpa posso eu dar “melhor qu'este meu cuidado?” Moço E não há mais que fazer? **Com isso** a boca me tapa para mais nada dizer? AURÉLIO Ora dá-me cá ‘as casa, E vamos ver o que quer.¹⁶

¹⁶ Dado do Corpus Vercial, século XVI. Obra: Auto dos Anfitriões (Teatro).

- (8) [1044] Coitada de mi, a mi se tornam todas as culpas. [1045] Mas os homens que desprezam os conselhos de sua molheres, caem nestes erros, como se elas nam tivessem razão como eles; então aos erros das coitadas nam há desculpas, os seus têm trinta mil. [1046] Minhas contas eram boas, fazia-os por tais respeitos. [1047] Quem havia de cuidar se me isso a mi parecera? [1048] **Com isso** passam, e querem que as molheres nam tenham juízo, nem entendimento, e que nam vejam o que vem, e que nam entendam o que entendem.¹⁷

Em (7) e (8), temos dois contextos em que *com isso* atua como conector. Em ambos os casos, a estrutura articula duas unidades de informação: dois períodos em (7) e dois turnos de fala em (8), a que podemos atribuir, respectivamente, a função de sequenciador e de conector conclusivo. Conforme veremos mais adiante, na análise do contexto isolado, o conector se caracteriza, dentre outros aspectos, por uma maior autonomia sintática, pela posição à margem esquerda da unidade de informação (oração, período ou parágrafo) e por ter como escopo unidades mais extensas de conteúdo.

Uma vez que não foi possível flagrar, nos dados, sincronias prévias em que o uso conector ainda não existia, passamos a investir na diferença da distribuição dos dados entre os séculos XV e XXI. Como é possível verificar, até o século XX, há predominância dos usos de *com isso* nos contextos típicos, sendo relativamente raros os usos em contexto de conexão – como sequenciador ou conector. No século XXI, contudo, observamos um aumento substancial nos contextos isolados (aproximadamente a metade das ocorrências da sequência *com + isso* enquadra-se nessa categoria, ao passo que esse número é bastante baixo nos séculos anteriores).

Paralelamente, no século XXI, não há dados que figuram como contexto atípico. Isso pode significar que, à medida que a anteposição de *com isso* se consolida como conector, os usuários evitam empregar os adjuntos adverbiais nessa posição, mantendo-os à direita do subordinador. Trata-se de um tipo de acomodação de que trata Diewald (2020). Em outras palavras, à medida que *com isso* se torna um conector convencional do português, para manter a distinção entre o uso adverbial e o uso conector, o sistema linguístico passa a comportar traços distintivos – neste caso, posicionais, por pressão dos paradigmas – que facilitam ao usuário reconhecer cada um desses usos como pertencente a uma ou a outra categoria.

Também podemos entender que essa distinção posicional representa uma estratégia mais econômica para a memória, além de ser uma consequência natural da reconfiguração das relações sequenciais (cf. DIESSEL, 2019). Isso significa que, conforme o conector *com isso* fica mais frequente e fixo na memória, estando sempre deslocado à esquerda, esse traço também se torna, progressivamente, mais enraizado na construção e, simultaneamente, na memória dos falantes.

Um outro aspecto que se pode destacar sobre os dados apresentados no quadro 4 é a permanência dos contextos de mudança ao longo dos séculos. Como se pode notar, há dados do contexto atípico (que representam as pré-condições da gramaticalização/construcionalização) entre os séculos XVI

¹⁷ Dado do Corpus Tycho Brahe, século XVI. Obra: Teatro de Antônio Ferreira.

ao XX, bem como dados do contexto crítico (que indicam o desencadeamento da gramaticalização/construcionalização) entre os séculos XVI e XXI. Isso decorre da gradiência própria da língua, haja vista que a relação entre sincronia e diacronia é vista como indissociável. Nos termos de Heine e Kuteva (2007, p. 210), “o estado sincrônico das línguas pode ser visto como o produto congelado de processos cognitivos e comunicativos ocorridos no passado”. Por esse motivo, os contextos de mudança permanecem atuando nas diferentes sincronias. Trata-se, nas palavras de Rosário e Lopes (2023), de um caso de divergência (cf. HOPPER, 1991), quando “diferentes graus de gramaticalização¹⁸ de um mesmo item convivem em uma mesma fatia temporal, de modo que, em um contexto X, o item tem um significado ou uso distinto do aferido em um contexto Y” (ROSÁRIO; LOPES, 2023, p. 61).

Feitas essas apreciações iniciais, passemos para a análise de cada um dos contextos.

4.1. O contexto típico

No contexto típico, *com isso* está à direita de seu subordinador, com o qual mantém maior vinculação em comparação aos outros estágios. A síntese dos dados encontrados nesse contexto estão presentes no quadro abaixo:

Quadro 5: Consolidação dos dados – Contexto típico¹⁹

	<i>Com isso</i> posposto ao elemento subordinador			
	Complemento nominal	Complemento verbal	Complemento circunstancial	Adjunto adverbial
Século XV	0	1	0	0
Século XVI	0	4	1	13
Século XVII	3	3	4	4
Século XVIII	1	6	5	3
Século XIX	15	50	56	74
Século XX	1	8	6	3
Século XXI	3	14	4	17
Total	23	86	76	114
Total Geral	299 ocorrências			

Fonte: Elaboração dos autores.

Reconhecemos que a vinculação entre *com isso* e seu subordinador, mesmo quando posposto, pode variar, uma vez que os complementos são mais integrados ao verbo do que os adjuntos. No entanto, argumentamos, nesta seção, que a vinculação entre subordinador e complemento/adjunto tende a diminuir em decorrência de dois fatores: a) posição (sendo a relação na anteposição mais

¹⁸ Assim como da construcionalização.

¹⁹ Vale lembrar, conforme dissemos na seção anterior, que até o século XX, analisamos a totalidade dos dados disponíveis nos *corpora*. Sendo assim, a discrepância numérica na distribuição das ocorrências se deve às especificidades dos *corpora*, que apresentam extensões distintas quanto ao número de palavras, para os diferentes séculos. Também cabe frisar que a quantidade de palavras por período não é informada pelo *Vercial* nem pelo *Tycho Brahe*.

frouxa); b) distância. Dessa maneira, entendemos que o nível de integração/vinculação²⁰ desses elementos se dá em um *continuum*, percepção que vai ao encontro do subprincípio funcionalista da integração, para o qual “os conteúdos mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação” (CUNHA *et al.*, 1995, p. 32). Abaixo, segue uma ocorrência de cada um dos tipos de função como ilustração:

(9) O fanático não se esquecia de que era cortesão. Entretanto, nas disputas entre o cardeal De Crescentiis e D. Frei Baltasar, ou nos debates deste com Paulo III, D. Miguel, se porventura se achava presente, colocava-se do lado dos procuradores da Inquisição com o mesmo ardor com que outrora os combatera, e, não contente com isso, empregava esses restos da influência que exercera em promover a pronta conclusão do negócio.²¹

(10) O preparador de goleiros é muito criticado por alguns rubro-negros nas redes sociais, mas diz não se preocupar com isso.²²

(11) Ora, Senhor, tenho entendido que não sou nada nesta vida. MERCÚRIO E eu que tenho com isso? SARAMAGO Pois, Senhor, já que não me bastou ser um Saramago nascido das ervas, para deixar de ser invejado o meu nome, peço-te que, ao menos, me deixes ser a tua sombra, que com isso me contento.²³

(12) Um homem terá contaminado diversos produtos alimentares na Alemanha, incluindo comida para bebês, na tentativa de ganhar milhões de euros **com isso**.²⁴

Nas ocorrências (09), (10) e (11), *com isso* exerce a função de complemento – nominal, verbal e circunstancial²⁵, respectivamente. Na base de dados investigados, esta é a posição regular da complementação quando posposta ao subordinador: alocada imediatamente à sua direita. Esse aspecto ocorre em todos os casos de complementação nos *corpora* (185 ocorrências – 23 complementos nominais; 86 complementos verbais; 76 complementos circunstanciais), sem exceção²⁶.

Em (12), *com isso* exerce a função de adjunto adverbial e, por isso, apresenta natureza menos integrada ao verbo. Essa menor integração pode ser observada pelo distanciamento entre os elementos,

²⁰ Para este texto, empregamos os termos *integração* e *vinculação* como sendo intercambiáveis.

²¹ Dado do Corpus Vercial, século XIX. Obra: História da Inquisição III.

²² Dado do Corpus Now, século XXI. Notícia esportiva.

²³ Dado do Corpus Vercial, século XVIII. Obra: Anfitrião ou Júpiter e Alcmena (Teatro).

²⁴ Dado do Corpus do Português, século XXI.

²⁵ Não buscamos justificar a classificação dada a cada um dos elementos neste artigo, pois entendemos que o complemento, embora figure entre um dos usos típicos, não é a estrutura recrutada para o processo de mudança, mas, sim, o adjunto adverbial.

²⁶ Com isso, não queremos dizer que a posição imediatamente à direita do subordinador seja uma regra, de modo que outras posições sejam consideradas agramaticais. O que os dados evidenciam, na verdade, é a elevada regularidade dessa ordenação, que, exatamente por ser muito frequente, representa a totalidade de nossos dados.

conhecimento já compartilhado pela literatura gramatical canônica. Afinal, o complemento é um termo integrante da oração (mais integrado ao verbo), ao passo que o adjunto adverbial é um acessório. Por isso, essa estrutura argumental usualmente apresenta essa ordem: verbo + complemento + acessório. Entendemos que essa ordem pode ser alterada – via de regra, o advérbio pode ocupar diversas posições na sentença –, sobretudo em virtude de estratégias de focalização, porém reconhecemos que ela é considerada a natural para os constituintes, conforme já advoga a literatura gramatical e linguística.

Além do dado (12), temos outras ocorrências nos *corpora* em que *com isso* não está imediatamente à direita de seu subordinador, como em “eu me envolvi muito **com isso**”; “não se jubilem excessivamente **com isso**”, em que há um advérbio intercalado. No entanto, na maior parte das ocorrências (110 do total de 114 com função adverbial), *com isso* também está imediatamente após seu subordinador, assim como nos casos de complementação (e.g.: “não te defendas **com isso**”; “que esperais ganhar **com isso**”).

4.2. O Contexto Atípico

Nesse estágio, *com isso* está à esquerda de seu subordinador. Como dissemos anteriormente, defendemos que a anteposição (além da distância) é um dos aspectos que favorecem uma menor vinculação sintática – e, por sua vez, semântica – entre os elementos. O motivo subjacente a essa menor integração é de ordem cognitiva: o português é uma língua SVO – ordenação natural sujeito-verbo-objeto –, em que os modificadores se posicionam à direita de seu núcleo. Toda vez que rompemos com a ordenação natural, o elo entre os elementos se torna mais frouxo. À guisa de ilustração desse fenômeno, podemos citar o conhecido caso dos verbos situados à esquerda dos sujeitos, que são mais suscetíveis a não apresentarem as marcas número-pessoais de concordância: *chegou as meninas* – ordem verbo + sujeito (concordância não canônica) vs. *as meninas chegaram* – ordem sujeito + verbo (concordância canônica).

Abaixo, segue o quadro 6, com a síntese numérica dos dados e, em sequência, 4 ocorrências como ilustração:

Quadro 6: Consolidação dos dados – Contexto atípico

	<i>Com isso</i> anteposto ao elemento subordinador	
	Complemento verbal	Adjunto adverbial
Século XV	0	0
Século XVI	1	1
Século XVII	0	3
Século XVIII	0	4
Século XIX	1	8
Século XX	0	3
Século XXI	0	0
Total	2	19
Total Geral	21 ocorrências	

Fonte: Elaboração dos autores.

- (13) “Vigayro, eu vos tive sempre em muyto boa conta, e agora vos tenho em muito melhor por serdes o primeiro que votastes contra mi, que os bons e virtuosos assi o ham de fazer quando eu nam tiver justiça; e para verdes quanto **com isso folgo** e volo agradeço, hi falar com Antam de Faria e elle vos dará dozentos cruzados, de que vos faço por yssso merce pera ajuda de vossa despesa”.²⁷
- (14) Deixou conde dAtouguia e nam quis ser regedor deixou rendas, fidalguia, honras, privança, valia, por servir Nosso Senhor; e quem bem quiser olhar he muito pouco deixar por Deos quanto caa se alcança pois há bem aventuraça **com isso pode alcançar**.²⁸
- (15) CARMOSINA Sua alma, sua palma; lá se avenham, Que eu já disse, **com isso** não me meto. D. Tadeu Estou fora de mim! Lopes!²⁹
- (16) Tapadas: -- Pois, meu caro Tapadas, que tenha paciência ‘te bom povo. **Com isso** é que eu não transijo. Ninguém é mais condescendente do que eu, menos no que pode arriscar a vida de muitos e entre ‘sas a dos que me pertencem. O abuso há-de acabar.³⁰

Em (13), temos o verbo *folgar*, muito frequente, nos dois *Corpora* diacrônicos, em textos dos séculos XVI ao XIX. Apresenta sentido análogo a alegrar-se, divertir-se, e exige complemento oblíquo. Na ocorrência em tela, *com isso* configura um uso atípico em decorrência de sua anteposição. Encontra-se, no entanto, ainda relativamente integrado semântica e sintaticamente ao verbo. Vale ressaltar que, nos dados levantados, há apenas duas ocorrências com essa configuração. Nos dois casos, *com isso* está na posição imediatamente à esquerda do verbo.

Em (14), *com isso* exerce a função de adjunto adverbial e está anteposto à locução verbal a que faz referência. Apresenta configurações, quanto à integração sintática e semântica, muito semelhantes às vistas em (13), a despeito da diferença de função sintática. Já em (15) e (16), por sua vez, podemos observar não só a anteposição de *com isso* ao subordinador, mas também um maior distanciamento, com a presença de termos intervenientes.

Cabe ponderar que, nos estudos dos contextos de mudança propostos por Diewald (2006), o estágio I, que diz respeito às pré-condições de gramaticalização, normalmente está associado às neoanálises iniciais, em que o usuário, por inferência, atribui um novo sentido a uma construção (o sentido motivador da futura construcionalização). Como se pode observar, em nosso contexto atípico, não aventamos a hipótese de que *com isso*, em nossos dados, seja, de fato, ambíguo. Para o objeto que

²⁷ Dado do Corpus Vercial, século XVI. Obra: Livro das Obras – Prosa.

²⁸ Dado do Corpus Vercial, século XVI. Obra: Livro das Obras – Prosa.

²⁹ Dado do Corpus Vercial, século XVIII. Obra: Poesias Tomo IV.

³⁰ Dado do Corpus Vercial, século XIX. Obra: O Primo Basílio.

analisamos, entendemos que o primeiro estágio da mudança esteja associado à anteposição de *com isso* a seu subordinador, uma vez que é essa anteposição que criará a oportunidade de que ele seja lido futuramente como conector. Na verdade, para a análise empreendida, defendemos que a ambiguidade semântica e a estrutural ocorrem concomitantemente na língua, fato que exploraremos na subseção a seguir.

4.3. O Contexto Crítico

Nesse estágio, *com isso* se justapõe a um outro conector, do qual herda parte de suas propriedades morfossintáticas. Argumentamos que esses traços são transferidos por metonimização, de maneira análoga ao que ocorreu na emergência de muitos conectores do português. Abaixo, apresentamos um quadro síntese de nossos dados. Em sequência, analisamos algumas ocorrências.

Quadro 7: Consolidação dos dados – Contexto crítico

Século	Anteposição de <i>com isso</i> com justaposição a um conector												Total
	e	mas	sem	porque	para que	para	nem	que	porém	de	se	pois	
XV	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
XVI	2	1	0	1	0	1	1	1	0	1	1	0	9
XVII	6	2	0	3	1	0	1	3	1	0	3	1	19
XVIII	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2
XIX	6	0	3	0	0	0	0	5	0	0	2	0	16
XX	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	3
XXI	17	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	19
Totais	33	3	3	4	1	1	2	13	1	1	6	1	70

Fonte: Elaboração dos autores.

(17) Depois de chegar Belchior Fernandes Correa com a carta de Ruy Lopes de Villa-Lobos, (como em outra parte dissemos Capítulo X Livro VIII), determinou de armar contra os Castelhanos; mas não tinha mais que duas galeotas, e não ousava de pedir as corocoras ao Rei de Tidore por fiar pouco dele, e também porque lhe não entendesse a necessidade em que estava, porque lhe não quis dar esse contentamento, **e com isso** mostrar-lhe que o não havia mister.³¹

(18) Não seria nada se estas terras Grecia e Italia de que falamos somente soubessem pouco em seus começos; **mas com isso** achamo-las que desfavorecem o bo³² saber, que é pior:

³¹ Dado do Corpus Tycho Brahe, século XVI. Obra: Décadas, de Diogo do Couto.

³² id="Gramática_da_Linguagem_Portuguesa_Prosa: dissertação FO 1536 masc": Não seria nada se estas terras Grecia e Italia de que falamos somente soubessem pouco em seus começos; mas **com isso** achamo-las que desfavorecedm o bo saber, que é pior: porque diz Suetonio Tranquillo, no Livro dos grammaticos antigos, que lançavam d'antre si os filosofos e oradores (*sic*).

porque diz Soetonio Tranquilo, no Livro dos grammaticos antigos, que lançavam d'antre si os filosofos e oradores.³³

(19) Quando o papa Pio Quinto quis fazer liga com alguns cristãos contra o grão-turco Selim Segundo, que vitorioso com a conquista de Chipre ameaçava a Itália, e os mais reinos da cristandade, escreveu El-rei Dom Sebastião, pedindo-lhe entrasse na liga, **porque com isso** só tinha grande esperança do bom sucesso pelo valor dos portugueses, e prática militar que tinham da guerra dos turcos.³⁴

(20) Eu soube hora do falecimento de vosso filho, com que houve muito desprazer, e deves de louvar a Nosso Senhor, pois **se com isso** houve por servido, conformando-vos com sua vontade.³⁵

Para os estudos funcionalistas, é bastante cara a ideia de que novos sentidos e novas funções emergem em decorrência de pressões contextuais, sobretudo via metonimização. Como ilustração, podemos citar a investigação de Dias, Araújo e Pacheco (2020) sobre a construção contrastiva *acontece que*. Inicialmente, vejamos duas ocorrências apresentadas pelas autoras:

(a) Luciano Suassuna: Mas, nessa questão, qual seria a diferença entre o que foi dito pelos líderes do MST e o que foi dito pelo presidente da Associação dos Magistrados Brasileiros ou o ministro Sepúlveda Pertence, de que as pessoas tinham... Nenhum juiz iria condená-los por causa desse furto famélico, uma expressão assim. Milton Seligman: *Acontece que* não é furto famélico que nós estamos vendo no caso nordestino³⁶.

(b) Paulo Markun: E ainda assim dá a impressão de que os setores que são contra a reforma da Previdência (...) estão muito mais ativos e atuantes do que supostamente a grande maioria que deve ser a favor da reforma. O senhor não acha? José Alencar: Não, tudo bem, **mas acontece que** a reforma é posta como assinatura dos 27 governadores³⁷.

Segundo as estudiosas, a noção contrastiva atribuída a *acontece que* é oriunda de pressões metonímicas ao longo do tempo. Isso significa que a expressão, ao ser recorrentemente utilizada em contextos propícios ao contraste, herdou essas propriedades. Na primeira ocorrência, pode-se

³³ Dado do Corpus Vercial, século XVI. Obra: Gramática da Linguagem Portuguesa.

³⁴ Dado do Corpus Tycho Brahe, século XVI. Obra: Monarchia Lusitana.

³⁵ Dado do Corpus Tycho Brahe, século XVI. Obra: Cartas, Dom João III.

³⁶ Dias, Araújo e Pacheco (2020, p. 307-308). Dados extraídos do *Corpus Porus*.

³⁷ Dias, Araújo e Pacheco (2020, p. 309). Dados extraídos do *Corpus Porus*.

observar que o contraste está associado à mudança de polaridade, já que uma declaração afirmativa é, posteriormente, negada. Na segunda ocorrência, *acontece que* se justapõe ao *mas*. A alta recorrência desses contextos de uso, segundo as autoras, seria a responsável pela construcionalização de *acontece que* como conector contrastivo, que teria herdado propriedades contrastivas nessas circunstâncias.

Entendemos que a construcionalização de *com isso* como conector pode ter sido favorecida pelo tipo de contexto presente em (b). Essa suposição decorre da frequência de ocorrência desse tipo de contexto nos *corpora* investigados, em especial ao “e”, cuja frequência é majoritária (33 ocorrências, ao todo).

Sendo assim, sustentamos a ideia de que o contexto deflagrador da construcionalização de *com isso* como conector apresenta configuração análoga à apresentada nos dados (17) a (20). Nesses casos, *com isso* mostra-se mais vinculado ao conector antecedente, em virtude das seguintes características: a) não há pausa (uso de vírgula) entre o conector (*e, mas, porque e se*) e o adjunto adverbial, embora essa pontuação fosse esperada, sobretudo em adjuntos adverbiais de natureza complexa (formados por mais de um elemento, como *com isso*); b) como as duas estruturas são prosodicamente átonas, elas tendem a ser lidas como uma unidade.

Defendemos que essas características representam uma ambiguidade estrutural e semântica, porque, ao mesmo tempo que *com isso* se vincula ao conector que lhe antecede, ele permanece integrado sintática e semanticamente a seu subordinador: *mostrar com isso* (17), *achamos com isso* (18), *tinha com isso* (19), *houve com isso* (20).

4.4. Contexto Isolado

Por fim, apresentamos os dados do contexto isolado, em que já é possível afirmar que estamos diante de um conector, e não mais de um adjunto adverbial. Abaixo, segue a tabela e, em sequência, algumas ocorrências como ilustração.

Quadro 8: Consolidação dos dados – Contexto isolado

	<i>Com isso</i> na função de conector
Século XV	0
Século XVI	3
Século XVII	1
Século XVIII	1
Século XIX	4
Século XX	0
Século XXI	43
Total	52 ocorrências

Fonte: Elaboração dos autores.

(21) Com isto me deveis haver por desobrigado do cargo que me destes; e posto que as horas, que são passadas da noite, culpam a minha tardança, a matéria a pedia, inda que o desejo de

não enfadar me aconselhasse outra cousa. – Tendes dito todas tão bem (respondeu ele) que a prática e a noite pareceu breve. **Com isso** vamos a descansar para na guerra de amanhã entrarmos mais esforçados.³⁸

(22) O perito da Polícia Civil Experiência Porto Compareceu ao local e contou que pelo menos três pessoas participaram da ação. “Eles deixaram no local uma escada de cerca de 10 metros, óculos de solda e máscaras. Achamos que eles gastaram pelo menos dois dias para realizar o furto. O crime foi muito bem arquitetado e foi planejado. Eles desligaram as câmeras de dentro da agência e as externas continuaram funcionando, **com isso**, eles conseguiram ver tudo que ocorria do lado de fora da agência”, explicou.³⁹

(23) As emissoras de rádio e televisão não exigirão mais, a partir de janeiro, a propaganda partidária obrigatória gratuita, espaço que servia como compensação fiscal de impostos que não eram pagos por essas empresas de comunicação. Os recursos que serão arrecadados com esses impostos irão para o recém-criado fundo especial de financiamento de campanha. # **Com isso**, não serão mais exibidas propagandas de partidos em rádio e televisão nos anos sem eleição e, em anos eleitorais, fora do período de campanha.⁴⁰

Com isso, na função de conector, pode atuar na articulação de orações, períodos e parágrafos – dados (22), (21) e (23)⁴¹, respectivamente. Trata-se do resultado de uma construcionalização – isto é, um novo pareamento de forma-significado – em virtude das seguintes características:

a) *Vinculação sintática e semântica mais frouxa com os constituintes:*

Na função de complemento e de adjunto, observamos que *com isso* mostra certa integração com o subordinador: vinculação maior no caso dos complementos; menor, no caso dos adjuntos. Em se tratando dos conectores, essa integração tende a ser mais frouxa, uma vez que o escopo não recai sobre um único elemento.

Em (21), por exemplo, *com isso* não apresenta como escopo um elemento sintático específico presente no período anterior, isto é, não apresenta um subordinador. Na verdade, o escopo é todo o período que lhe antecede: *Tendes dito todas tão bem (respondeu ele) que a prática e a noite pareceu breve.*

b) *Realização de movimento retrospectivo e prospectivo:*

³⁸ Dado do Corpus Vercial, século XVII. Obra: Corte na Aldeia.

³⁹ Dado do Corpus Now, século XXI. Fonte: G1.

⁴⁰ Dado do Corpus Now, século XXI. Fonte: Uol.

⁴¹ No *Corpus Now*, o símbolo # indica início de parágrafo.

Em (22), *com isso* apresenta vínculo com a locução verbal da oração anterior: *continuaram funcionando*. Não obstante, além desse movimento retrospectivo, há também um outro, prospectivo. Trata-se de um uso em que *com isso* atua como conector consecutivo, ligando uma causa (as câmeras externas continuavam funcionando) a uma consequência (conseguir ver o que ocorria do lado de fora).

c) *Os escopos apresentam diferentes dimensões de acordo com a sua posição no texto:*

Como vimos em (a), *com isso*, na função de conector, apresenta escopo mais amplo do que quando atua nas funções adverbiais e completivas. Além desse aspecto, observamos, nos dados, que a extensão desse escopo está associada, em grande parte, à posição desse conector no texto. Sendo assim, conectores oracionais recuperam porções menores de texto, como é possível observar em (22), que remete à oração “apenas as externas continuaram funcionando”; conectores interperíodo têm como escopo, usualmente, o conteúdo do período anterior, seja ele constituído de uma ou mais orações, como podemos observar em (21), cuja análise já foi explorada em (a); por fim, conectores interparágrafo tendem a apresentar escopos mais amplos, usualmente o parágrafo prévio ou todos os parágrafos precedentes. É o que observamos, por exemplo, na ocorrência (23), cuja informação prévia (um parágrafo constituído de dois períodos) é encapsulada por *com isso*.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos descrever a trajetória diacrônica do conector complexo *com isso*, sob a hipótese de que sua emergência se deu a partir do processo de construcionalização do adjunto adverbial *com isso*. Para essa investigação, recorreremos aos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, em especial ao modelo da construcionalização e das mudanças construcionais, originalmente elaborado para subsidiar estudos da mudança linguística sob viés construcionista.

Como base de dados, recorreremos a três *corpora* – dois diacrônicos e um sincrônico –, de onde extraímos 442 ocorrências da sequência de palavras *com + isso*, analisadas sob metodologia quali-quantitativa e à luz de quatro fatores: a) classificação funcional de todos os segmentos constituídos por *com + isso* nos *corpora*; b) posição de *com isso* na unidade de informação; c) justaposição de *com isso* a outros conectores canônicos; d) classificação das ocorrências quanto aos contextos de mudança, conforme o modelo proposto por Diewald (2006).

Nossas análises corroboraram, em certa medida, nossa hipótese inicial. Embora os dados do contexto isolado estejam presentes nos *corpora* desde o século XVI, em convivência com os contextos típico, atípico e isolado, entendemos que a diferença na distribuição das ocorrências pelos tipos de contexto ao longo dos séculos serve como evidência da fixação do uso de *com isso* como conector em nossa sincronia. Como é possível verificar, o emprego de *com isso* como conector aumentou muito no século XXI e representa, aproximadamente, a metade das ocorrências da sequência *com + isso* no período (das 100 ocorrências totais, 43 são conectores).

Não obstante essas últimas conclusões, reconhecemos que nossa interpretação tem de ser relativizada – isto é, tomada como plausível e não como a realidade dos fatos –, uma vez que os

gêneros textuais analisados no século XXI (textos midiáticos virtuais, constituídos por sequências mistas: narrativas, expositivas e argumentativas) favorecem amplamente o uso de conectores quando comparados aos *corpora* diacrônicos, em que os textos são predominantemente narrativos.

Referências

BARRETO, E. A.; FREITAG, R. M. Ko. Procedimentos discursivos na escrita de Itabaiana/SE: estratégias de sequenciação de informação. *Scientia Plena*, v. 5, n. 11, pp. 01-11, 2009.

BERGS, A.; DIEWALD, G. (eds.). *Contexts and constructions*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009.

BYBEE, J. *Language Change*. New York: Cambridge University Press, 2015.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M; CUNHA, M. A. F. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, 2013, pp. 13-39.

CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Linguística Funcional*. Teoria e Prática. Rio de Janeiro: DP&A-FAPERJ, 1995.

DIAS, N. B; ARAÚJO, J. A. R.; PACHECO, P. H. Construções contrastivas acontece que e logo eu. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 14, n. 27, pp. 297-316, 2020.

DIESSEL, H. *The Grammar Network*. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019.

DIEWALD, G. Paradigms Lost – Paradigms Regained: Paradigms as Hyper-Constructions. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (eds.) *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2020, pp. 278-315.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*. Düsseldorf, 2006. Disponível em: www.constructions-online.de/0009-4-6860. Acesso em: 20 fev. 2023.

DUCROT, O. *Les mots du discours*. Paris: Ed. De Minuit, 1980.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 3rd Edition. London: Hodder Arnold, 2004.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar: a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

- HILMELMANN, N. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W. et al. (ed.). *What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, pp. 21-42.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.). *Approaches to grammaticalization*. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Editora Cortez, 2002.
- KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.
- LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística/Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Volume Especial, pp. 83-101, 2016.
- LOPES, M. G. Procedimentos metodológicos na análise de dados sincrônicos. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso*. Teoria, método e aplicação. Niterói: EDUFF, 2022, pp. 201-32.
- LOPES, M. G.; SILVA, S. J. Propriedades coesivas e semânticas da construção complexa [com isso] à luz da linguística funcional centrada no uso. *Revista Confluência*, n. 62, pp. 240-69, jan.-jun., 2022. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/521/739>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*, n. 60, v. 2, pp. 233-59, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2023.
- ROSÁRIO, I. C.; SAMBRANA, V. R. Análise funcional da construção conectora contrastiva “mas olha”. *Revista Soletas*, n. 41, pp. 216-34, 2021.
- ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. Construcionalidade e mudança na sincronia. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Rondônia: EDUFRO, 2023.
- SILVA, S. J. *Relações coesivas e valores semânticos da construção conectora [com isso] à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso*. 2022. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2022).
- SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics*. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure. Peking: Peking University Press, 1990.
- TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization: Focus on Theoretical and Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. New York: Oxford University Press, 2013.

USO DO FUTURO DO SUBJUNTIVO NA CONSTRUÇÃO CONDICIONAL DE CONTEÚDO DO ESPANHOL

USE OF THE FUTURE SUBJUNCTIVE IN THE CONTENT CONDITIONAL CONSTRUCTION OF SPANISH LANGUAGE

Keren Betsabe González Rodríguez¹

RESUMO

Considerando os pressupostos teóricos e metodológicos da Gramática de Construções Baseada no Uso, neste artigo, investigamos o uso contemporâneo da Construção Condicional de Conteúdo (CCC_{ONT}) com a prótase [*Si (X) Fuere Y*], em variedades do espanhol da Argentina, do Paraguai e do Uruguai. Essa construção complexa apresenta uma forma verbal flexionada no futuro do subjuntivo [*Fuere*], tempo verbal cuja frequência de uso vem diminuindo no transcurso do tempo. A partir de dados coletados nos *subcorpora* do *Corpus del Español - Web/Dialects e Now*, encontramos registros de formas verbais do futuro do subjuntivo em construções complexas como a CCC_{ONT}. Delimitamos a pesquisa à análise da CCC_{ONT} com a prótase [*Si (X) Fuere Y*], visto que [*Fuere*] apresenta maior frequência de ocorrências, se comparada com outras formas verbais do futuro do subjuntivo. Esse estudo evidenciou que a CCC_{ONT} com a prótase [*Si (X) Fuere Y*] constitui uma construção bastante marcada e apresenta produtividade em gêneros do discurso que circulam, principalmente, nos âmbitos jurídico, político e jornalístico.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática de construções baseada no uso. Construção condicional de conteúdo. Futuro do subjuntivo. Língua Espanhola.

ABSTRACT

Based on the theoretical and methodological assumptions of the Usage-Based Construction Grammar, in this article, we investigate the contemporary use of the Content Conditional Construction (C_{ONT}CC) with the protasis [*Si (X) Fuere Y*], in varieties of Spanish from Argentina, Paraguay, and Uruguay. This complex construction presents a verbal form inflected in the future subjunctive [*Fuere*], a tense whose frequency of use has been decreasing over time. From data collected in the *subcorpora* of the *Corpus del Español - Web/Dialects and Now*, we found records of verbal forms of the future subjunctive in complex constructions like the C_{ONT}CC. We delimited the research to the analysis of the C_{ONT}CC with the protasis [*Si (X) Fuere Y*], as [*Fuere*] presents a higher frequency of occurrences compared to other verbal forms of the future subjunctive. This study showed that the C_{ONT}CC with the protasis [*Si (X) Fuere Y*] constitutes a very marked construction and presents productivity in genres of discourse that circulate, mainly, in the legal, political and journalistic realms.

KEYWORDS: Usage-Based Construction grammar. Content conditional construction. Future subjunctive. Spanish Language.

Introdução

Diferentemente do que acontece na língua portuguesa, na língua espanhola, a frequência de uso de formas verbais flexionadas no futuro do subjuntivo vem sofrendo redução com o passar do tempo. Alguns pesquisadores apontam que o futuro do subjuntivo teria desaparecido entre o século XVII e o século XVIII (DE ANGULO, 2012, pp. 13-25; RAMÍREZ LUENGO, 2002, pp. 305-17; 2008, pp. 141-54). Mištinová (2012, p. 238), porém, observa que esse tempo verbal ainda seria

¹ Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), betsabe32@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-4854-3234>.

usado em algumas regiões de Porto Rico, Santo Domingo, Colômbia, Venezuela e Equador. Outros linguistas e gramáticos assinalam que o emprego do futuro do subjuntivo estaria restrito a expressões idiomáticas, a ditados populares e a textos legais e administrativos (ALARCOS LLORACH, 2000, p. 160; FUKUSHIMA, 2015, p. 45; RAE, 2010, pp. 459-60).

Hernández Alonso (1996 [1984], pp. 378-9), Rojo e Veiga (1999, p. 2922) optam por não incluí-lo no paradigma verbal do espanhol contemporâneo, pois entendem que esse tempo verbal não teria funcionalidade nesse idioma, dado que “su rendimiento es mínimo y casi se reduce a fórmulas estereotipadas o arcaísmos sintácticos, salvo en algunos lugares” (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996 [1984], pp. 378-9). Nesse sentido, Rojo e Veiga (1999, p. 2922) afirmam que o futuro do subjuntivo aparece

[...] residualmente en el lenguaje jurídico, en alguna construcción fija tipo “sea lo que fuere” o en estilos deliberadamente solemnes o arcaizantes, donde no es infrecuente encontrar usos erróneos de estas formas, lo que prueba su afuncionalidad en la lengua moderna (ROJO; VEIGA, 1999, p. 2922).²

De fato, o futuro do subjuntivo ocorre em menor frequência, se comparado com o uso de outros tempos verbais na língua espanhola contemporânea. Neste estudo³, analisamos dados da Construção Condicional de Conteúdo (CCC_{ONT}) com a prótase⁴ [*Si (X) Fuere Y*], com o objetivo de confirmar ou infirmar se essa construção apresenta funcionalidade em variedades do espanhol da Argentina, do Paraguai e do Uruguai. Trata-se de um tipo de Construção Condicional (CC_{OND}), cuja prótase apresenta uma forma verbal flexionada no futuro do subjuntivo.

Essa pesquisa foi desenvolvida a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), os quais serão expostos na próxima seção. Em seguida, apresentaremos uma revisão de alguns estudos diacrônicos e sincrônicos acerca do uso do futuro do subjuntivo no espanhol. Posteriormente, discutiremos os resultados da análise dos dados. Por último, exporemos as considerações finais.

1. Fundamentação teórica e metodológica

De acordo com a GCBU (CROFT, 2001; DIESSEL, 2019; LANGACKER, 1987, 2008), a linguagem humana emerge a partir da experiência dos usuários da língua com a realidade corpórea, cognitiva e sociocultural. A articulação (interação) entre o ambiente externo e a cognição ocorre por meio de processos cognitivos, tais como categorização, *chunking* (agrupamento), memória enriquecida e analogia. Esses processos são essenciais para o aprendizado e uso de qualquer conhecimento humano.

² Em virtude das limitações relacionadas ao número de páginas, não foi possível inserir a tradução das citações e dos exemplos escritos em língua espanhola, dado que os fragmentos apresentados neste trabalho são extensos.

³ A análise apresentada neste artigo é resultado das pesquisas desenvolvidas durante o doutorado em Estudos de Linguagem, realizado entre 2018 e 2022, na Universidade Federal Fluminense.

⁴ Neste trabalho, usaremos os conceitos de prótase e apódose para referir-nos à oração subordinada e à oração principal, respectivamente.

No caso específico da linguagem verbal, eles auxiliam os usuários de uma língua na conceptualização da experiência, mediante o uso de unidades simbólicas (lexemas e construções) compartilhadas em interações socioculturais e discursivas.

As abordagens construcionistas expandem o conceito de signo proposto por Saussure (2012 [1916]) (cf. FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988; DIESSEL, 2019; MARQUES; ALONSO, PINHEIRO, 2017), pois admitem que, assim como os itens lexicais, as expressões idiomáticas, as colocações, as orações simples, as orações compostas também estabelecem uma relação simbólica entre uma forma e um significado, constituindo construções. As construções se relacionam em rede e variam em níveis de esquematicidade, produtividade, composicionalidade e processamento (cf. CROFT, 2001; DIESSEL, 2019; LANGACKER, 1987, 2008; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Na rede, as construções estabelecem diferentes tipos de relações (taxonômicas, simbólicas, sequenciais, de preenchimento de *slot* etc.) (cf. DIESSEL, 2019), as quais são (re)configuradas constantemente em virtude do uso e dos processos cognitivos.

Segundo Hoffmann (2017), os estudos baseados no uso adotam a análise de *corpus*, pois esta permite realizar pesquisas considerando o uso autêntico e documentado, assim como a frequência de tipo (*type frequency*) e a frequência de ocorrências (*token frequency*) das construções. Levando em conta essa abordagem, em um primeiro momento, efetuamos uma pesquisa exploratória no *Google*⁵. Nessa plataforma de busca, encontramos registros de formas verbais flexionadas no futuro do subjuntivo, especialmente, em gêneros do discurso injuntivos ou instrucionais (como receitas de cozinha, bulas de remédios e manuais de instrução) e prescritivos (constituições, leis, sentenças, regulamentos esportivos e contratos). Isso pode ser observado nos exemplos (1), (2) e (3), os quais correspondem, respectivamente, ao fragmento de uma receita de cozinha, de um contrato de um banco e de um artigo de uma lei:

- (1) *Cómo hacer Chipa* 1. Pasar por el cernidor el almidón, el polvo leudante y la sal. 2. Formar con estos una corona sobre la mesa y en el centro colocar los huevos, la grasa, el queso y el anís estrujado; juntar todo amasando luego con el almidón hasta formar **una masa manejable, a la que se puede agregar algo de leche, si fuere necesario**. 3. Formar panecillos y rosquitas, colocar en chapas engrasadas y cocinar en horno caliente durante 15 a 20 minutos más o menos. 4. **Si los panecillos fueren más grandes, el horno debe estar menos caliente y el tiempo de cocción debe ser mayor**. 5. Para evitar tanto amasado y aligerar el trabajo, se puede agregar a la masa 1 cucharada de polvo leudante por kilo.

*Si te gustó esta receta de chipa también te interesará la receta de chipa guasu y la receta de sopa paraguaya [...] (INFO, Paraguai, 2017, grifos nossos)*⁶

⁵ Disponível em: <https://www.google.com.py/>. Acesso em: 03 jul. 2019.

⁶ Ver nota de rodapé 2.

- (2) *CLAUSULA QUINTA: CANCELACION 1. Si La Cuenta **llegare a permanecer** más de 180 días comunes sin presentar movimiento, ésta será cancelada en forma automática siempre y cuando la cuenta no posea saldo. 2. En el evento en que EL TITULAR de La Cuenta desee cancelarla unilateralmente, deberá acercarse hasta un Centro de Atención al Cliente o a la Casa Matriz de VISIÓN BANCO y efectuar el procedimiento indicado para el efecto. 3. Por tratarse de un contrato de tiempo indefinido, EL BANCO, podrá rescindir en cualquier momento del mismo, bastando una comunicación al número telefónico móvil vinculado a la cuenta o cualquier otro medio tecnológico, suponiendo en este caso, la cancelación de la cuenta, independientemente de la existencia de saldo en la misma. (BANCO VISIÓN, Paraguai, 2014, grifos nossos)*
- (3) *Artículo 927 Siempre que la elección de una cosa entre muchas **se diere expresamente al heredero o al legatario**, podrá respectivamente aquél o éste ofrecer o elegir a su arbitrio. Lo mismo podrá hacer un tercero a quien se **cometiere la elección**; pero si éste no **cumpliere su encargo en el tiempo señalado por el testador o en su defecto por el Juez**, tendrá lugar la regla del artículo 925. Hecha una vez la elección, quedará irrevocable, excepto el caso de engaño o dolo. (URUGUAI, 1994, grifos nossos)*

Para além disso, mapeamos dados de formas verbais flexionadas no futuro do subjuntivo em gêneros do discurso de caráter informativo, explicativo e argumentativos⁷, como notícias (exemplo 4), comentários em redes sociais (exemplo 5) e site (exemplo 6):

- (4) *Si bien el Estado tiene la facultad de interponer contra la sentencia un recurso de casación ante la Suprema Corte de Justicia, la interposición de dicho recurso no impide que la sentencia se cumpla. “Si ello no **ocurriere voluntariamente, para evitar eventuales demoras del Estado en el cumplimiento de la misma, podríamos eventualmente solicitar al tribunal la imposición de conminaciones económicas (astreintes) al Estado**, hasta tanto cumpla con lo ordenado en la sentencia”, explicó Arralde. (LA NACIÓN, Argentina, 2022, grifos nossos)*
- (5) [Usuário 1]⁸ *Amigos paraguayo en nuestro sistema política fue instalado el traidor de Mariscal Lopez o sea que algún familiares de esa gente con el propósito para exterminar a todos los paraguayo alargó plazo Atravez de una inteligencia para que la sociedad paraguaya no se pueda dar cuenta de eso y Hasta ahora este proceso todavía está en activo por que esos traidores de los Lopez está enredando a sus familiares y así hasta ahora está activo en el poder esa gente así también el plan de exterminar a la raza guaraní [...] [usuario 2] Creo que no leiste nada de la declaración de la ONU al respecto del tema del pacto de emigración! Si **estuvieres como emigrante en algún país extraño querrás tener algo que te proteja** y además no es ninguna ley no es vinculante y debe actuarse de acuerdo a nuestra Constitución! [...] [usuario 3] ¡Falacia! Sí es vinculante,*

⁷ Neste artigo, não limitamos o conceito de argumentação à uma tipologia ou sequência textual. Entendemos que também há gêneros do discurso argumentativos, nos quais podemos observar (explícita ou implicitamente) um ou mais pontos de vista. Dentre esses gêneros do discurso, podemos citar notícias, artigos de opinião, editoriais, artigos científicos, teses, redações de vestibular, petições jurídicas e sentenças.

⁸ Substituímos os nomes dos autores dos comentários pelo termo “usuário”, com a finalidade de preservar suas identidades.

porque obliga a los Estados firmantes del pacto, ¿o para qué creés que se pidió la firma? ¿Querían el autógrafo de Castiglioni? (FACEBOOK, Paraguai, 2018, grifos e supressões nossas)

- (6) *Dentro de Guyra Reta, se encuentra la Estación Biológica Kanguery. Kanguery está ubicada en el distrito de Alto Verá, Departamento Itapúa. Constituye la base administrativa de la Reserva y centro de operaciones de Guyra Paraguay en la zona. Alberga las instalaciones para visitantes y es sede de residencia de los guardarrreservas. Infraestructura: Kanguery cuenta con 2 cabañas, una llamada “Casa de Visitantes” y la más pequeña “Casa de Biólogos”. Casa de visitantes 2 habitaciones grandes, con 6 camas tipo litera en cada habitación. Baño privado. Capacidad total: 12 camas. El precio de estadía es de Gs. 100.000 por día por persona. Camping Gs. 50.000 por persona, por noche. Los alimentos no están incluidos, los visitantes deben llevar sus víveres. Si se desea simplemente pasar el día en la reserva el costo es de Gs. 30.000. La energía eléctrica es generada por paneles solares, **si hubiere necesidad de utilizar energía adicional, se cuenta con un generador a combustible**, cuya utilización tiene un costo de Gs. 20.000 por hora. (GUYRA PARAGUAY, Paraguai, 2022, grifos nossos)*

Após esse levantamento inicial dos dados, realizamos uma pesquisa mais sistematizada nos *subcorpora Web/Dialects* e *Now*, nos quais, assim como na plataforma de busca *Google*, encontramos exemplos de uso de formas verbais flexionadas no futuro do subjuntivo em gêneros do discurso que circulam em diversos âmbitos socioculturais, tais como o jurídico, o político e o jornalístico.

A partir da análise dos dados coletados dos *subcorpora Web/Dialects* e *Now*, observamos que há um número limitado de formas verbais flexionadas no futuro do subjuntivo. Por exemplo, dentre as 60 formas verbais pesquisadas no *corpus* do Paraguai, mapeamos 19 ocorrências, dentre as quais [*Fuere*] apresentou maior frequência, como podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 1: Ocorrências de formas verbais flexionadas no futuro do subjuntivo

Verbos no futuro do subjuntivo, na 3ª Pessoa do singular	Ocorrências em <i>Web/Dialects</i>	Verbos no futuro do subjuntivo, na 3ª Pessoa do plural	Ocorrências em <i>Web/Dialects</i>
<i>Fuere</i>	1.087	<i>Fueren</i>	283
<i>Hubiere</i>	630	<i>Hubieren</i>	197
<i>Hiciere</i>	116	<i>Hicieren</i>	34
<i>Tuviere</i>	98	<i>Tuvieren</i>	47
<i>Estuviere</i>	76	<i>Estuvieren</i>	44
<i>Pudiere</i>	53	<i>Pudieren</i>	36
<i>Llegare</i>	43	<i>Llegaren</i>	12
<i>Encontrare</i>	26	<i>Encontraren</i>	10
<i>Solicitare</i>	11	<i>Solicitaren</i>	6
<i>Requiriere</i>	2	<i>Requirieren</i>	0

Fonte: Elaboração da autora com base nos *subcorpora Web/Dialects* e *Now* - Paraguai.

Ao analisarmos, novamente, os dados do *corpus* do Paraguai, notamos que [*Fuere*] corresponde à terceira pessoa do singular do verbo *ser*, flexionado no futuro do subjuntivo. Ademais, verificamos que essa forma verbal aparece em construções complexas, tais como as construções condicionais, temporais, relativas, modais etc.

Na língua espanhola contemporânea, as formas verbais flexionadas no futuro do subjuntivo concorrem com formas do presente do indicativo (*Es*), do imperfeito do subjuntivo (*Fuera/Fuese*) e do mais-que-perfeito do subjuntivo (*Hubiera/Hubiese Sido*). De acordo com Rodríguez Rosique (2008, pp. 141-5), as formas verbais flexionadas no presente do indicativo são formas não marcadas. Isso significa que, na Prótase Condicional Copulativa (PCC_{OP}) [*Si (X) V_{COP} Y*] da CCC_{ONT}, a frequência de ocorrências dessas construções é maior, em comparação às formas verbais flexionadas no subjuntivo, as quais constituem formas marcadas.

A baixa frequência de ocorrências de [*Fuere*] na CCC_{ONT} ficou evidenciada a partir do levantamento de dados. Nos *subcorpora Web/Dialects e Now*, no total, encontramos 205 registros da CCC_{ONT} com a prótase [*Si (X) Fuere Y*] em diferentes gêneros do discurso produzidos em distintas esferas e publicados entre 1967 e 2019. Dentre essas 205 ocorrências, 129 foram mapeadas em gêneros do discurso normativos e 76 em gêneros do discurso não normativo.

No que diz respeito ao recorte temporal, consideramos que a análise dos dados referente a um período que vai de 1967 a 2019 configura um estudo sincrônico, pois entendemos que dados publicados 60 ou 50 anos atrás ainda integram o marco temporal da contemporaneidade. Ademais, notamos que, em contextos socioculturais e discursivos mais formais, as mudanças linguísticas são mais lentas. Isso pode ser observado no estudo da CCC_{ONT} com a prótase [*Si (X) Fuere Y*], cujas funções pragmáticas variam, principalmente, devido ao contexto de uso e não, necessariamente, ao fato de ter havido mudanças no emprego dessa construção de 1967 a 2019.

Além de um estudo sincrônico, entendemos que esta pesquisa também se enquadra no método de análise diacrônico, visto que realizamos um estudo comparativo dos dados, ao longo do marco temporal já mencionado. Considerando que há poucas pesquisas sobre o uso contemporâneo de construções complexas com o futuro do subjuntivo, também consultamos estudos diacrônicos acerca desse tempo verbal. Na seguinte seção, apresentaremos uma revisão da literatura, com o intuito de entender o funcionamento do futuro do subjuntivo do espanhol ao longo tempo.

2. Uso do futuro do subjuntivo na língua espanhola

Levando em conta que a CCC_{ONT} com a prótase [*Si (X) Fuere Y*] apresenta uma forma verbal marcada, que corresponde ao verbo *ser* na terceira pessoa do singular, flexionado no futuro do subjuntivo, realizamos uma pesquisa bibliográfica acerca desse tempo verbal. Por meio desse estudo, verificamos que há pouca literatura referente ao futuro do subjuntivo. Para além disso, identificamos algumas controvérsias a respeito do seu funcionamento dentro do sistema verbal da língua espanhola.

De acordo com Solomon (2007, p. 419), o futuro do subjuntivo ainda seria usado em algumas regiões isoladas como Las Canarias (Tenerife e La Palma), parte do Panamá, algumas regiões da Colômbia (Bolívar, Santander e norte da Antioquia), o noroeste da Venezuela e zonas de Cuba, Santo Domingo, Puerto Rico, Equador e México (SASTRE RUANO, 1997, pp. 40-1 apud SOLOMON, 2007, p. 419). Outros linguistas e gramáticos afirmam que esse tempo verbal aparece fossilizado em algumas expressões idiomáticas (“*fuere lo que fuere*”; “*sea cual fuere*”; “*si así no lo hicieréis, Dios y la patria os lo demanden*”; “*adonde fueres, haz lo que vieres*”) e em textos jurídicos e administrativos (FUKUSHIMA, 2015, pp. 45-61; HERNÁNDEZ ALONSO, 1996 [1984], pp. 378-9; MIŠTINOVÁ, 2012, pp. 231-43; RAE, 2010, pp. 459-60; ROJO; VEIGA, 1999, pp. 2909-10).

A respeito disso, Solomon (2007, p. 418) salienta que o uso do futuro do subjuntivo na linguagem jurídica reafirma a hipótese que aponta para o fato desse tempo verbal ser próprio da escrita e não da fala. Como a linguagem jurídica se caracteriza por apresentar alto grau de formalidade, esse seria um motivo que contribuiria para o emprego do futuro do subjuntivo no âmbito jurídico contemporâneo.

Em um estudo diacrônico e sincrônico, De Angulo (2012, pp. 1-33) observa que o futuro do subjuntivo teve grande vitalidade nas primeiras etapas de desenvolvimento e consolidação da língua espanhola. Não obstante, essa linguista mostra que, já no século XIII, o futuro do subjuntivo começa a ser substituído por outras formas verbais como “*cantase*” (imperfeito do subjuntivo), “*cantare*” (futuro do indicativo), “*canto*” (Presente do indicativo), “*cante*” (presente do subjuntivo) ou “*cantara*” (originalmente correspondia ao mais-que-perfeito do indicativo, mas, atualmente, corresponde ao imperfeito do subjuntivo e concorre com a forma “*cantase*”).

Ramírez Luengo (2002, pp. 305-17; 2008, pp. 141-54) assinala que, ainda no século XVIII, há registros do uso desse tempo verbal em Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Uruguai. Os dados foram encontrados, principalmente, em textos jurídicos (testamentos, declarações legais, solicitações a autoridades etc.). Também foram observadas formas verbais flexionadas no futuro do subjuntivo em cartas pessoais escritas por usuários com um nível de instrução médio ou alto, em um registro formal.

Solomon (2007, pp. 410-3) afirma que, desde seu surgimento, o futuro do subjuntivo era redundante, posto que o futuro do indicativo e o presente de subjuntivo também podem indicar incerteza (não assertividade) sobre o futuro⁹. Nesse sentido, Gili Gaya (1980, p. 183) afirma que:

Todos los tiempos del subjuntivo son aptos para expresar acción futura, y por consiguiente han ido haciéndose innecesarios los futuros hipotéticos. El presente y el imperfecto han tomado las funciones de cantare; el perfecto y el pluscuamperfecto las de hubiere cantado. El presente de indicativo se emplea, como es sabido, en la prótasis de las oraciones condicionales con si. Por estos motivos el idioma ha ido abandonando el empleo de los

⁹ As formas verbais que indicam incerteza sobre um evento são associadas ao modo *irrealis*. Considerando que as unidades simbólicas evocam estruturas cognitivas (*frames*, domínios, espaços mentais e modelos de contextos) - configuradas a partir da experiência corpórea, cognitiva e sociocultural – neste trabalho, optamos por empregar o conceito de “não assertividade”, pois entendemos que o modo *irrealis* está inserido dentro das perspectivas realistas, as quais adotam o conceito de “mundos possíveis” (cf. FAUCONNIER, 1994 [1985], p. xxxvi).

futuros de subjuntivo, cuyo significado se confundía con algunos de los tiempos mencionados.
(GILI GAYA, 1980, p. 183)

De Angulo (2012, pp. 25-7) salienta que o fator cognitivo intralinguístico relacionado com a tendência de simplificação das línguas, associado a fatores fonéticos, semânticos e morfossintáticos, teria contribuído para o processo de obsolescência do futuro do subjuntivo na língua espanhola. O aspecto fonético estaria relacionado com o fato de haver semelhanças entre a forma “cantare”, “cantase” e “cantara”. O fator semântico estaria associado ao valor de incerteza (não assertividade) sobre o futuro – expresso tanto pelos verbos do modo subjuntivo quanto pelo futuro e presente do indicativo. Com relação ao último fator, De Angulo (2012, pp. 25-7) afirma que o futuro do subjuntivo, desde seu aparecimento, já apresentava restrições, dado que esse tempo verbal era empregado, apenas, nas orações concessivas, relativas, locativas, temporais e condicionais. De certa forma, isso teria possibilitado que, no transcurso do tempo, o uso de verbos do presente do subjuntivo se tornasse mais frequente nessas construções - com exceção das condicionais, nas quais passou a ser empregado o presente do indicativo ou imperfeito do subjuntivo com valor de futuro do subjuntivo.

Como mencionamos no início desta seção, alguns linguistas assinalam que as formas verbais flexionadas no futuro do subjuntivo configuram construções cristalizadas. Por essa razão, atualmente, estudiosos como Hernández Alonso (1996 [1984], 2012, pp. 378-9) e Rojo e Veiga (1999, pp. 2909-10) excluem o futuro do subjuntivo do paradigma verbal da língua espanhola. Nos trabalhos acerca das CC_{OND} realizados por Rodríguez Rosique (2008) e Montolío (1999), não encontramos referências ao uso do futuro do subjuntivo nessas construções.

Apesar de haver poucos estudos descritivos sobre o uso do futuro do subjuntivo no espanhol atual, Gili Gaya (1980, p. 183) propõe uma definição da função desse tempo verbal. Segundo esse linguista e gramático, o futuro do subjuntivo expressa “una acción venidera posible, imperfecta”. Esse entendimento coaduna com os estudos diacrônicos acerca do futuro do subjuntivo, os quais associam esse tempo verbal à incerteza (não assertividade) sobre o futuro (DE ANGULO, 2012, p. 2; SOLOMON, 2007, p. 413).

Embora não tenhamos encontrado muitas informações no que tange ao uso do futuro do subjuntivo, os estudos diacrônicos e sincrônicos expostos nesta seção, em certa medida, permitem compreender o uso desse tempo verbal ao longo do tempo. Para além disso, apesar de não apresentarem dados consistentes sobre o estado atual do futuro do subjuntivo do espanhol, essas pesquisas mencionam algumas funções desse tempo verbal. Essas informações foram consideradas na análise da CCC_{ONT} com a prótase [*Si (X) Fuere Y*], a qual será descrita na próxima seção.

3. CCC_{ONT} com a prótase [*Si (X) Fuere Y*]

A CCC_{ONT} configura um tipo de CC_{OND} e se caracteriza por evocar os *frames*¹⁰ de condição

¹⁰ Na Linguística Cognitiva, mais especificamente, nos modelos construcionistas, a Semântica de *Frames* proposta por Fillmore (1982, pp. 111-37) é usada com frequência na análise de construções de estrutura argumental. Langacker (2008,

suficiente e de não assertividade¹¹ (cf. DANCYGIER, 1998, pp. 14-24; RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2008, pp. 100-10) no domínio de conteúdo – estrutura cognitiva moldada pela conceptualização da realidade corpórea e sociocultural (cf. SWEETSER, 1990, pp. 11-3). Para além disso, a partir do espaço mental base¹² (espaço mental da realidade e do momento de enunciação), a CCC_{ONT} pode criar espaços mentais vinculados às propriedades pragmáticas¹³ dessa unidade simbólica. Esses esquemas conceptuais podem ser os espaços mentais hipotético, provável ou contrafactual (cf. RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2008, pp. 111-27).

Neste trabalho, para ilustrar a sequência construcional da CCC_{ONT} introduzida pelo marcador *Si*, na maioria das ocasiões, tomaremos como exemplar o padrão não marcado [*Si P_{CONT} Q_{CONT}*]. Nesse esquema parcialmente preenchido, [*P_{CONT}*] corresponde à prótase e [*Q_{CONT}*] à apódose. Portanto, temos dois *slots* que podem ser ocupados por construções específicas, as quais se associam por meio de relações sequenciais e se vinculam à CCC_{ONT}, mediante relações de preenchimento de *slot*¹⁴. Isso pode ser observado no seguinte exemplo:

- (7) [...] *en razón de su búsqueda, por haberse ausentado voluntariamente de su domicilio o entorno habitual y/o familiar sin aviso, dando motivos para que se denuncie su ausencia*

p. 46-47) afirma que, em algumas situações, o conceito de *frame* coincide com o de domínio, pois ambos podem referir-se a estruturas cognitivas não básicas, as quais são configuradas a partir de experiências sensoriais, intelectuais, estáticas, dinâmicas, fixas (entrincheiradas), novas, simples e complexas. Em virtude disso, adotamos o modelo de GCBU proposto por Diessel (2019) para analisar as relações entre as construções e os esquemas conceituais. Portanto, usamos o conceito de *frame* para tratar de estruturas cognitivas que constituem uma *gestalt* conceitual mais limitada. Isso significa que essa estrutura cognitiva envolve conceitos de figuras mais específicos e um ou mais conceitos base. Por outro lado, empregamos o conceito de domínio para referir-nos a modelos de conhecimento mais abrangentes, os quais não estabelecem uma relação entre a figura e a base tão explícita. (cf. DIESEL, 2019, pp. 96-9).

¹¹ Dancygier (1998, pp. 14-24) assinala que a função preditiva da CCC_{ONT} está associada ao significado de não assertividade. Assim, o usuário pode criar um espaço mental preditivo, visto que não tem evidências para asseverar acerca dos eventos representados na prótase nem na apódose da CCC_{ONT}. No entendimento de Rodríguez Rosique (2008, pp. 100-10), o significado de não assertividade configura um valor convencional, pois é compartilhado por diferentes construções condicionais (de conteúdo, epistêmica, ilocutória e metatextual). Por essa razão, essa estudiosa compreende que essas construções podem evocar o *frame* de não assertividade, para além do *frame* de condição suficiente.

¹² Ao analisarmos o conceito de domínio proposto por Langacker (1987, 2008), de certo modo, podemos associá-lo ao conceito de espaço mental, desenvolvido por Fauconnier (1994 [1985], 1997). Segundo este linguista, os espaços mentais são modelos cognitivos de discurso estruturados por *frames* e outros esquemas conceituais disponíveis na cognição dos usuários. Ademais, Fauconnier (1994 [1985], 1997) afirma que os espaços mentais são estruturas cognitivas parciais e locais, dado que são construídas no discurso - isto é, enquanto organizamos, cognitiva e discursivamente, os enunciados e os gêneros do discurso. O processo de ativação desses esquemas cognitivos é dinâmico e se efetua mediante o processo cognitivo figura-fundo. Assim, os espaços mentais são criados a partir do espaço mental base, que corresponde à conceptualização da realidade e/ou ao momento de enunciação. Além de adotar a proposta de Diessel (2019) para distinguir *frame* e domínio, neste artigo, lançamos mão do conceito de espaço mental apresentado por Fauconnier (1994 [1985], 1997). Sendo assim, empregamos esse conceito para referir-nos a modelos cognitivos mais dinâmicos, os quais podem constituir extensões metafóricas do espaço mental da realidade ou podem configurar espaços mentais construídos discursivamente a partir do espaço mental de enunciação.

¹³ Em virtude das limitações espaciais, neste artigo, descreveremos as propriedades morfossintáticas e semânticas da CCC_{ONT} com a prótase [*Si (X) Fuere Y*]. As propriedades pragmáticas serão apresentadas, futuramente, em outro trabalho.

¹⁴ Segundo Diessel (2019, p. 13), as relações de preenchimento de *slot* conectam determinados lexemas (ou frases) com *slots* específicos de esquemas construcionais.

*o, el que, conociendo que se lo está buscando en razón de la misma circunstancia, ocultare su paradero”. La oposición aseguró que desalentaba las denuncias por búsqueda de paradero. # Artículo 126: Transmisión de enfermedades venéreas o contagiosas. “La persona que transmitiere enfermedad venérea o contagiosa, será sancionada. En caso de reincidencia, la sanción se elevará al doble. **Si el contagiado fuere una persona menor de edad la sanción se elevará al triple**”. Se eliminó con apoyo de las organizaciones que luchan contra el VIH. Se modificaron # Artículo 13: Arresto. La sanción de arresto no podrá exceder de noventa (90) días y se cumplirá en establecimientos especiales destinados al efecto. Se introdujo: “en ningún caso será en establecimientos carcelarios de la provincia y la Nación” para evitar que los infractores compartan la cárcel con los presos por delitos penales [...] (Subcorpus Now, Argentina, 2018, grifos nossos)*

Em (7), notamos que, na CCC_{ONT} , o *slot* [P_{CONT}] está ocupado por uma Construção Copulativa (CC_{OP}), cuja instância de uso corresponde ao enunciado “(Si) el contagiado fuere una persona menor de edad”. Por outro lado, o *slot* [Q_{CONT}] está preenchido por uma Construção Passiva Sintética instanciada pelo constructo “la sanción se elevará al triple”. Em virtude disso, podemos considerar que, na sequência construcional [$Si P_{CONT} Q_{CONT}$], os *slots* podem ser ocupados por diferentes construções, as quais se relacionam sequencialmente e estabelecem vínculos de preenchimento de *slot* com a CCC_{ONT} . Sendo assim, verificamos dois pareamentos de forma e significado, ou seja, duas unidades simbólicas que se articulam para conformar uma construção ainda mais complexa e esquemática.

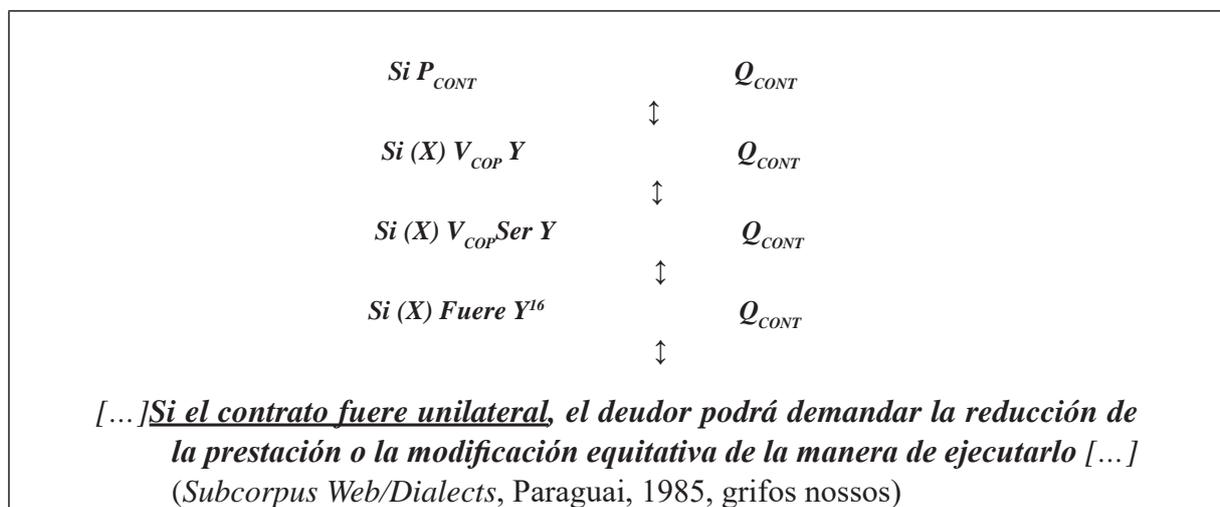
Ademais, no exemplo (7), constatamos que, na CCC_{ONT} , [$Si P_{CONT}$] evoca o *frame* copulativo associado ao *frame* de não assertividade e ao domínio de conteúdo. Isso significa que o constructo da prótase [$Si (X) Fuere Y$] representa uma relação copulativa entre dois conceitos “el contagiado” e “una persona menor de edad”. Como a CCC_{ONT} ativa o *frame* de condição suficiente, o significado da apódose está condicionado ao da prótase. Isso quer dizer que a asserção do evento ativado pela apódose fica suspensa. Portanto, ambas as construções integrantes da CCC_{ONT} evocam o *frame* de não assertividade, visto que estabelecem uma relação de condição suficiente. Dito isso, podemos observar que, devido ao Princípio da Coerência Semântica (GOLDBERG, 1995, p. 50; DIESSEL, 2019, p. 149), há uma associação entre os significados da CCC_{ONT} e de seus constituintes, a prótase e a apódose.

A coerência semântica também fica evidenciada na relação estabelecida entre a CCC_{ONT} e as formas verbais que ocupam os *slots* [V] da prótase e da apódose. Em (7), por exemplo, notamos que são empregadas duas formas verbais construtoras de espaços mentais futuros, visto que, por meio do processo dêitico temporal, os eventos são situados em um momento posterior ao momento da enunciação. Embora o *slot* [V] da apódose apresente uma forma verbal flexionada no futuro do indicativo (“elevará”), a qual expressa um valor de (+-) assertividade, na CCC_{ONT} , esse significado fica suspenso, posto que a apódose está condicionada ao valor de não assertividade evocado pela forma verbal flexionada no futuro do subjuntivo (“fuere”). Portanto, podemos notar que a CCC_{ONT} , além de

ser uma construção mais esquemática e complexa, apresenta composicionalidade e analisabilidade¹⁵, pois a prótase e a apódose, bem como as formas verbais que ocupam os *slots* [V] dessas construções, contribuem para a estruturação do significado da CCC_{ONT}.

No que tange à prótase [*Si (X) Fuere Y*] da CCC_{ONT}, podemos verificar que as propriedades semânticas do significado dessa construção estão associadas a uma rede conceptual complexa, na qual se vinculam os *frames* copulativo, de condição suficiente e de não assertividade no domínio do conteúdo. Essa conceptualização é motivada pela CCC_{ONT} [*Si P_{CONT} Q_{CONT}*] vinculada à CC_{OP} [(X) V_{COP} Y], a qual preenche o *slot* aberto do esquema [*Si P_{CONT}*]. Portanto, a prótase [*Si (X) Fuere Y*] da CCC_{ONT} [*Si P_{CONT} Q_{CONT}*], na hierarquia construcional, constitui uma instância mais especificada da sequência construcional [*Si P_{CONT}*]. Para compreender as relações taxonômicas, vejamos o diagrama 1:

Figura 1: Relações taxonômicas de [*Si (X) Fuere Y Q_{CONT}*]



Fonte: Elaboração da autora.

De acordo com Diessel (2019, p. 44), as relações taxonômicas estabelecem vínculos, em diferentes níveis da hierarquia construcional, entre esquemas que representam generalizações de seqüências lexicais com propriedades formais e com significados semelhantes. O processo de abstratização desses esquemas é influenciado pela experiência dos usuários com lexemas e construções particulares. Isso permite que os usuários de uma língua consigam produzir e categorizar elementos linguísticos novos a partir de esquemas entrincheirados na cognição. Assim sendo, as relações taxonômicas são

¹⁵ A composicionalidade está relacionada com o grau de previsibilidade do significado de uma construção a partir das unidades que a compõem. Por outro lado, a analisabilidade indica o grau de reconhecimento da contribuição que cada unidade oferece à conceptualização de uma construção (BYBEE, 2010, p. 45; LANGACKER, 1987, p. 292). Dessa forma, quanto menos composicional e menos analisável for um exemplar, maior será sua autonomia e, por conseguinte, será mais rapidamente acessado, sem precisar ativar os demais componentes da construção.

¹⁶ Propomos a instancia construcional [*Si (X) Fuere Y*], dado que, na língua espanhola contemporânea, [*Fuere*] co-ocorre com formas verbais do presente do indicativo (*Es*), do imperfeito do subjuntivo (*Fuera/Fuese*) e do mais-que-perfeito do subjuntivo (*Hubiera/Hubiese sido*).

moldadas, principalmente, por processos cognitivos relacionados à memória, tais como abstratização (esquematização), categorização e analogia.

Esse estudioso salienta que, nas abordagens baseadas no uso, um dos princípios básicos consiste em defender que, na rede taxonômica, os esquemas são, geralmente, associados a lexemas particulares (GOLDBERG 1995, p. 5; CROFT 2001, p. 25; DIESSEL, 2019, p. 44). Essa rede de associações seria organizada de modo redundante, já que a mesma informação de uma estrutura linguística é armazenada, frequentemente, em diferentes níveis de abstração (GOLDBERG, 1995, pp. 24-66; CROFT, 2001, pp. 56-7; LANGACKER 1987, pp. 132-7). Portanto, a prótase [*Si (X) Fuere Y*] da CCC_{ONT} compartilha informações de forma e de significado com as construções que estão em níveis superiores na organização hierárquica, como observado no diagrama 1.

Em virtude dos apontamentos assinalados acima, notamos que a CCC_{ONT} com a prótase [*Si (X) Fuere Y*] também se configura a partir de relações de preenchimento de *slots*. Assim, podemos observar que a forma verbal [*Fuere*]¹⁷ pode preencher o *slot* [*V_{COP}*] da prótase [*Si (X) V_{COP} Y*] da CCC_{ONT}, já que [*Fuere*]¹⁸ constitui uma construção, cujo radical está associado ao verbo *ser*, à vogal temática *-e* e à desinência *-re* - a qual indica a terceira pessoa do singular, o tempo futuro, o modo subjuntivo e o aspecto flexional imperfectivo. Como observamos anteriormente, a rede conceptual do futuro do subjuntivo inclui o espaço mental futuro e o *frame* de não assertividade. Por essa razão, há uma correspondência semântica entre [*Fuere*] e a prótase [*Si (X) V_{COP} Y*] da CCC_{ONT}, dado que a prótase e a CCC_{ONT} além de ativarem o *frame* de condição suficiente, evocam o *frame* de não assertividade e o espaço mental preditivo. Portanto, [*Fuere*] constitui uma construção, cujo significado coincide com os valores semânticos da prótase [*Si (X) V_{COP} Y*] e da CCC_{ONT}. Sendo assim, essa forma verbal pode ocupar o *slot* [*V_{COP}*], de modo a conformar a sequência construcional [*Si (X) Fuere Y Q_{CONT}*].

As relações de preenchimento de *slots* também podem ser observadas na prótase [*Si (X) Fuere Y*]. Esse esquema construcional corresponde a uma instância da construção [*Si (X) V_{COP} Y*], dado que o *slot* [*P_{CONT}*] pode ser ocupado pela sequência construcional [*(X) V_{COP} Y*]. Essa CC_{OP} evoca eventos associados ao *frame* copulativo. Por conseguinte, essa unidade simbólica pode ocupar os *slots* da CCC_{ONT}, visto que ambas as construções ativam o domínio de conteúdo, o qual configura a conceptualização da experiência corpórea e sociocultural. Dessa forma, a CC_{OP} [*(X) V_{COP} Y*], ao ocupar o *slot* de [*Si P_{CONT}*], estabelece uma correspondência semântica com a CCC_{ONT} [*Si P_{CONT} Q_{CONT}*]. Consequentemente, ocorre uma articulação entre os significados associados à relação copulativa e os significados vinculados à relação de condição suficiente e de não assertividade.

¹⁷ [*Fuere*] também pode ser perfilada pela prótase copulativa de outras construções complexas como a temporal, a relativa, a concessiva e a modal.

¹⁸ Na língua espanhola, [*Fuere*] também pode constituir uma construção vinculada ao verbo *Ir*. Não obstante, nos dados mapeados nos *subcorpora Web/Dialects* e *Now*, só encontramos registros dessa forma verbal associada ao verbo *ser*, na Prótese Condicional Copulativa, na Prótese Condicional Modalizadora (Deontica ou Epistêmica) e na Prótese Condicional Passiva Perifrástica.

Desse modo, na prótase [*Si (X) Fuere Y*] da CCC_{ONT}, semanticamente, se efetua uma relação copulativa entre o CARACTERIZADOR/IDENTIFICADOR [*Y*] e seu argumento, o CARACTERIZADO/IDENTIFICADO¹⁹ [*(X)*]. Esse vínculo ocorre por meio da forma verbal [*Fuere*], a qual tem uma função copulativa. Como a prótase [*Si (X) Fuere Y*] da CCC_{ONT} configura um pareamento de forma e significado, as propriedades semânticas se vinculam aos aspectos sintáticos por meio de relações simbólicas. Nesse sentido, sintaticamente, a prótase [*Si (X) Fuere Y*] da CCC_{ONT} se caracteriza por estabelecer uma relação de interdependência (hipotaxe) com a apódose. Essa associação se realiza por meio das relações sequenciais, as quais são moldadas pelos processos cognitivos *chunking* (agrupamento) e cognição social (e cultural) (cf. DIESSEL, 2019, p. 63).

As relações sequenciais são observadas tanto no padrão não marcado da CCC_{ONT} [*Si P_{CONT} Q_{CONT}*] quanto na prótase [*Si (X) Fuere Y*]. Assim, na CCC_{ONT} temos um marcador condicional [*Si*] que permite ao usuário da língua prever uma prótase [*P_{CONT}*] e, por conseguinte, esta possibilita antecipar uma apódose [*Q_{CONT}*]. Essa previsibilidade é viável graças ao *chunking* (agrupamento), processo cognitivo que contribui para a automatização das sequências linguísticas (cf. DIESSEL, 2019; BYBEE, 2010). Por essa razão, convencionalmente, a sequência [*Si P_{CONT} Q_{CONT}*] é assimilada como unidade. A previsibilidade também é possível devido ao processo de cognição sociocultural²⁰, visto que a sequência [*Si P_{CONT} Q_{CONT}*] constitui um esquema construcional armazenado na memória dos usuários da língua espanhola. Isso significa que essa unidade simbólica é compartilhada socioculturalmente. Assim, o enunciador elabora a CCC_{ONT} a partir do que ele considera que o ouvinte conhece sobre o uso e funcionamento dessa construção. Portanto, no padrão não marcado da CCC_{ONT}, são estabelecidas relações sequenciais fortes entre a prótase e apódose - unidades simbólicas que constituem *chunks* menores [*Si P_{CONT}* e *Q_{CONT}*], os quais conformam um *chunk* maior e mais complexo, a CCC_{ONT} [*Si P_{CONT} Q_{CONT}*].

A previsibilidade, talvez, não se efetue tão rapidamente no padrão marcado da CCC_{ONT}, já que, na sequência [*Q_{CONT} Si P_{CONT}*]²¹, a prótase posposta tem a função discursiva de agregar uma informação nova e uma ressalva à apódose (exemplo 8). Ademais, em algumas ocasiões, a prótase restringe os valores de condição suficiente e de não assertividade a uma parte do construto da apódose (exemplo 9):

- (8) [...] *Es decir, que el uso de la palabra sanciona que menciona el título de la ley, refiere a la penalización o consecuencia jurídica del acto del desacato, ya como hecho punible.*

¹⁹ Tradicionalmente, nas construções copulativas, o papel temático associado ao sujeito é denominado TEMA. Contudo, neste artigo, optamos por usar os termos CARACTERIZADO e IDENTIFICADO, visto que o termo TEMA também é empregado para classificar a estrutura da informação vinculada ao REMA.

²⁰ No que tange à cognição social (e cultural), Diessel (2019, pp. 25-7) indica que esse processo está vinculado à inferência pragmática. Esse linguista também assinala que a cognição sociocultural engloba a atenção conjunta, a base comum (*common ground*) e a definição da audiência (*audience design*). De acordo com esse estudioso, esses processos cognitivos são fundamentais na configuração das relações simbólicas dos lexemas e das construções.

²¹ Em virtude da delimitação da pesquisa, neste trabalho, não adentraremos nas especificidades da estrutura da informação da CCC_{ONT} com a prótase [*Si (X) Fuere Y*].

*Mas, ¿qué es desacato? En la afirmación de Ossorio, es el delito configurado por el hecho de provocar a duelo, amenazar, injuriar o de cualquier modo de ofender en su dignidad o decoro a un funcionario público, a causa del ejercicio de sus funciones o al tiempo de practicar las. **La pena se agrava si el ofendido fuere el jefe de Estado, un miembro del Congreso, un gobernador, un ministro o un juez** [3]. Es decir, el término, al decir de lo apuntado, tendría la posibilidad de una aplicación genérica, que no se da en relación a esta ley, la N° 4.711/2012. El encabezado denominativo de la norma promulgada es que sanciona el desacato de una orden judicial. Luego, el término desacato aludido en la norma sub examine, es restringida, pues solo ataca al [...] (Subcorpus Web/Dialects, Paraguai, 2012, grifos nossos)*

- (9) *El Poder Legislativo será ejercido por el Congreso, compuesto de una Cámara de senadores y otra de diputados. Los miembros titulares y suplentes de ambas Cámaras serán elegidos directamente por el pueblo; de conformidad con la ley. **Los miembros suplentes sustituirán a los titulares en caso de muerte, renuncia o inhabilidad de éstos, por el resto del período constitucional o mientras dure la inhabilidad, si ella fuere temporal.** En los demás casos, resolverá el reglamento de cada Cámara recibir el juramento o promesa, el asumir el cargo, del Presidente de la República, del Vicepresidente y de los miembros de la Corte Suprema de Justicia; conceder o denegar a el Presidente de la República el permiso correspondiente, en los casos previstos por esta Constitución; autorizar la entrada de fuerzas armadas extranjeras a el territorio de la República y la salida al exterior de las nacionales, salvo casos de mera cortesía [...] (Subcorpus Web/Dialects, Paraguai, 1967, grifos nossos)*

Nos exemplos (8) e (9), observamos que as instâncias de uso da prótase [*Si (X) Fuere Y*] podem complementar e estabelecer ressalvas ao enunciado da apódose, a qual constitui uma informação dada no discurso. Além disso, em (9), podemos notar que a relação de condição suficiente e de não assertividade se limita a “*la inhabilidad*” dos membros titulares do Congresso do Paraguai. Sendo assim, devido à ordem da sequência construcional [Q_{CONT} *Si* P_{CONT}] e a suas propriedades discursivo-funcionais, podemos observar que a previsibilidade nesse padrão marcado da CCC_{ONT} não fica tão evidenciada.

Na CCC_{ONT} , as relações sequenciais também possibilitam ao usuário prever as formas verbais que podem preencher o *slot* [V] da apódose, a partir das formas verbais que ocupam o *slot* [V] da prótase. No caso específico da CCC_{ONT} com prótase [*Si (X) Fuere Y*], nos dados coletados nos *subcorpora Web/Dialects* e *Now*, verificamos que o *slot* [V] da apódose pode ser ocupado, principalmente, por formas verbais que constroem o espaço mental futuro, tais como as formas verbais do futuro do indicativo (exemplo 10) e as locuções verbais que indicam futuro (exemplos 11 e 12):

- (10) [...] *instancias de prórroga: a) El plazo para celebrar la audiencia en el proceso ordinario pasa a ser de 60 días corridos, contados a partir de la fecha de la contestación de la demanda o del traslado de las excepciones o del vencimiento del término (antes era de 60 días desde la demanda). b) La audiencia única en el proceso ordinario podrá prorrogarse*

por única vez cuando exista prueba pendiente de diligenciamiento que no haya podido ser incorporada pese a la diligencia del Tribunal y de las partes. **Si la falta de incorporación fuere imputable al Tribunal, generará su responsabilidad** y si fuera imputable a una parte determinará que se prescinda del medio probatorio propuesto por la parte omisa, salvo que la contraparte lo solicitare o el Tribunal, en uso de las facultades previstas por el Artículo 1º inciso segundo de esta ley y por resolución fundada, dispusiere igualmente su diligenciamiento. La prórroga de la audiencia será por 6 días hábiles, pudiendo el Tribunal extender el plazo hasta 20 días corridos por motivo debidamente fundado, que será comunicado a la [...] (Subcorpus Web/Dialects, Uruguay, 2009, grifos nossos)

- (11) [...] (Recordemos que la Tarifa es propuesta por el comité interno de ITAIPÚ “ CECUSE “, presentada y aprobada por el Directorio Ejecutivo (con el parecer concordante de los Presidentes de la ANDE y la ELECTROBRAS y que conforman el Consejo de Administración de ITAIPÚ) por un documento/acta llamada de “ RDE “ (Resolución del Consejo de Administración) y nuevamente aprobada por el Consejo de Administración por una “ RCA “ definitivamente. El artículo periodístico se refiere seguidamente al que el incremento de la producción de energía que aumentaría los costos (Si la **Energía GWh fuere proporcional a la Potencia Contratada “ KW por mes, solo podría darse un incremento en ella (Energía) por medio del incremento de la Potencia** a no ser que el llamado por la ITAIPÚ Binacional de” energía proporcional o garantizada “ “ POR RAZONES OPERATIVAS solo 12. 137 MW disponible por mes de los 14. 000 MW, ¿2. 000 MW por mes o 24. 000 MW por año, PRO CAJA DOS, hablamos de 24. 000. 000 KW mes año x US\$ [...] (Subcorpus Now, Paraguai, 2016, grifos nossos)
- (12) [...] entre las partes. No llegándose a acuerdo el empleador, a su opción, podrá sustituir las referidas prestaciones, o una de ellas, por su equivalente en dinero. El empleador tendrá el derecho de fijar la fecha de las vacaciones, debiendo dar aviso al empleado con veinte días de anticipación. d) Licencia paga por enfermedad de hasta treinta días en el año, a contar de la fecha de su ingreso, debiendo el empleador velar porque el empleado reciba la atención médica necesaria, que estará a cargo de este último. **Si la enfermedad fuere infecto contagiosa, el empleado deberá internarse en un servicio hospitalario;** e) Habitación amueblada e higiénica; f) Alimentación sana y suficiente; g) Una hora semanal para asistir a los servicios de su culto. Se recomienda la confección de un contrato y de recibos, en los que se determine en forma clara y precisa las tareas a desarrollar y la cantidad de horas de trabajo semanales especialmente. Recordemos que asimismo, el formulario F 102 Nuevo Modelo hace las veces de recibo. En caso de [...] (Subcorpus Web/Dialects, Argentina, 2012, grifos nossos)

Com base nos exemplos (10), (11) e (12), podemos constatar que as relações sequenciais estabelecidas na CCC_{ONT} também permitem ao usuário prever as formas verbais que podem preencher o slot [V] da apódose, já que esta unidade simbólica estabelece uma relação de condição suficiente com a prótase. Assim, considerando que a CCC_{ONT}, a prótase [Si (X) Fuere Y] e a forma verbal [Fuere] evocam o *frame* de não assertividade e o espaço mental do futuro, é bastante provável que o usuário

escolha formas verbais associadas a essas estruturas cognitivas para ocupar o *slot* [V] da apódose. Portanto, podemos notar que, na CCC_{ONT} , a prótase [*Si* (X) *Fuere* Y], a previsibilidade se efetua tanto no polo formal quanto no polo do significado.

Esse fenômeno também pode ser verificado na sequência [*Si* P_{CONT}], na qual o marcador [*Si*] ativa a prótase, em virtude da força da relação sequencial existente entre esses elementos linguísticos. Devido à força desse vínculo [*Si*] e [P_{CONT}] formam um *chunk* convencionalizado, assim como a sequência [*Si* P_{CONT} Q_{CONT}]. Por esse motivo, os usuários processam [*Si* P_{CONT}] como uma única unidade linguística, integrante da construção mais complexa [*Si* P_{CONT} Q_{CONT}], a qual também é processada como uma unidade. Portanto, podemos interpretar como prótase não só a unidade [P_{CONT}], mas toda a sequência [*Si* P_{CONT}].

No que tange à prótase [*Si* (X) *Fuere* Y] da CCC_{ONT} , podemos observar que, em um nível mais abstrato da taxonomia dessa construção, o marcador condicional [*Si*] se vincula sequencialmente a [P_{CONT}]. No entanto, ao especificarmos a prótase, esse marcador se conecta com [(X) *Fuere* Y], conformando a sequência [*Si* (X) *Fuere* Y]. Nesse esquema mais especificado, notamos que a CC_{OP} – associada, sequencialmente, ao marcador [*Si*] – também, apresenta uma relação sequencial, na qual [*Fuere*] conecta [(X)] a [Y], *slots* que podem ser preenchidos por um sujeito (explícito ou implícito) e por um predicativo do sujeito, respectivamente.

Nessa relação copulativa, sintaticamente, [(X)] configura o sujeito da forma verbal [*Fuere*], com a qual concorda em número e pessoa. Contudo, [(X)] não funciona como argumento do verbo. Isso quer dizer que esse elemento constitui o argumento da categoria nominal representada por [Y]. Assim, no polo do significado, [*Fuere*] funciona como a CÓPULA que vincula o CARACTERIZADO/IDENTIFICADO ao CARACTERIZADOR/IDENTIFICADOR, representados por [(X)] e [Y], nessa ordem. Desse modo, na prótase [*Si* (X) *Fuere* Y], o papel participante CARACTERIZADO/IDENTIFICADO não é perfilado pelo verbo [*Fuere*], mas sim pelo CARACTERIZADOR/IDENTIFICADOR. Portanto, as propriedades semânticas da prótase [*Si* (X) *Fuere* Y] estão estruturadas mediante a associação do *frame* copulativo aos *frames* de condição suficiente e de não assertividade, posto que a CC_{OP} superordenada [(X) *Vcop* Y] ocupa o *slot* [P_{CONT}] da sequência construcional [*Si* P_{CONT} Q_{CONT}].

A forma verbal [*Fuere*] também está organizada mediante relações sequenciais. Essa construção, na prótase [*Si* (X) *Fuere* Y], corresponde ao verbo *ser*, na terceira pessoa do singular, no futuro do subjuntivo. Assim, temos uma sequência constituída por um radical irregular *fu-* associado ao verbo *ser*, bem como à vogal temática *-e* e à desinência *-re*, que indica as marcas de pessoa (terceira pessoa), número (singular), tempo (futuro), modo (subjuntivo) e aspecto flexional (imperfectivo). Por estar associada ao verbo *ser*, [*Fuere*] apresenta um desbotamento semântico²². Embora expresse um valor

²² Com relação à *Construção Copulativa* (CC_{OP}) - tradicionalmente denominada Oração Copulativa - Fernández Leborans (1999, pp. 2359-65) salienta que essa construção se distingue por apresentar um predicado cuja base lexical não está constituída por uma categoria verbal. Assim, a base lexical da CC_{OP} se conforma por uma categoria nominal, o *atributo* (predicativo do sujeito). Nesse sentido, os verbos que integram essa construção - definidos como verbos copulativos

semântico mais abstrato, ainda mantém um significado relacionado ao aspecto lexical (*Aktionsart*), o qual indica um estado não delimitado ou durativo.

Em virtude dessas especificidades, na prótase [*Si (X) Fuere Y*], a construção [*Fuere*], apresenta características de significado mais abstratas e propriedades formais mais procedurais (gramaticais). Isso significa que, na prótase [*Si (X) Fuere Y*], a função de [*Fuere*] consiste em estabelecer relações linguísticas, perspectivas e relações dêiticas (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 12). Por esse motivo, nessa prótase, [*Fuere*] não apresenta argumentos nem perfila papéis participantes. Na prótase [*Si (X) Fuere Y*], assim como nas demais construções que ativam o *frame* copulativo, o sujeito/argumento e o papel participante (CARACTERIZADO/IDENTIFICADO) são perfilados, respectivamente, pelo predicativo do sujeito e pelo CARACTERIZADOR/IDENTIFICADOR. Portanto, na prótase [*Si (X) Fuere Y*], a função sintática de [*Fuere*] é a de vincular o predicativo do sujeito (CARACTERIZADOR/IDENTIFICADOR) ao sujeito/argumento (CARACTERIZADO/IDENTIFICADO).

Na prótase [*Si (X) Fuere Y*], o sujeito pode estar explícito ou implícito, já que a desinência *-re* da forma verbal dessa construção tem uma função dêitica pessoal e, assim como o sujeito, [*Fuere*] também pode se referir a pessoas, lugares, eventos ou objetos presentes no discurso. Dessa maneira, observamos uma relação de preenchimento de *slots* moldada pelo processo de conceptualização denominado dêixis. Além disso, como explicamos anteriormente, na prótase [*Si (X) Fuere Y*] da CCC_{ONT} [*Fuere*] tem a função de estabelecer uma relação copulativa entre o CARACTERIZADOR/IDENTIFICADOR e o CARACTERIZADO/IDENTIFICADO.

Embora [*Fuere*] apresente um desbotamento semântico, essa construção ainda preserva significados associados a um estado durativo ou permanente. Ademais, a desinência *-re* dessa forma verbal apresenta um aspecto flexional vinculado à imperfectividade. Este valor aspectual se relaciona tanto com o valor de não assertividade, quanto com os conceitos associados ao tempo futuro e ao modo subjuntivo. Por conseguinte, isso indica uma correspondência semântica com a prótase [*Si (X) Fuere Y*] e com a CCC_{ONT}.

Para ilustrar a relação simbólica estabelecida na prótase [*Si (X) Fuere Y*] da CCC_{ONT} [*Si P_{CONT} Q_{CONT}*], vejamos o diagrama 2 e o exemplo (13):

(verbos de ligação) - seriam “semanticamente vazios” (dessemantizados ou gramaticalizados). Portanto, apresentariam, unicamente, funções gramaticais. Sobre a dessemantização ou a gramaticalização, Bybee (2020 [2015]) assinala que esse processo ocorre quando há uma mudança semântica de um item lexical, o qual “fica desbotado [*bleached*] de especificidades de significado, ou generalizado à medida que se perdem componentes específicos de significado” (BYBEE, 2020 [2015], p. 234).

Figura 2: Relações simbólicas de [Si (X) Fuere Y Q_{CONT}]

Sin: <i>Si</i>	<i>Suj</i>	<i>Fuere</i>	<i>Pred suj</i>	<i>[Q_{CONT}]</i>
		↓		
Sem: <i>SI</i>	<i>CARACTERIZADO/ IDENTIFICADO</i>	<i>FUERE (CÓPULA)</i>	<i>CARACTERIZADOR/ IDENTIFICADOR</i>	<i>[Q_{CONT}]</i>

Fonte: Elaboração da autora.

- (13) [...] *las órdenes o resoluciones de esta clase existentes o no ejecutare las leyes cuyo cumplimiento le incumbiere*". # *Asimismo: "Será reprimido con prisión de uno a seis años, el que directa o indirectamente diere u ofreciere dádivas en procura de alguna de las conductas reprimidas por los artículos 256 y 256 bis, primer párrafo. Si la dádiva se hiciera u ofreciere con el fin de obtener alguna de las conductas tipificadas en los artículos 256 bis, segundo párrafo y 257, la pena será de reclusión o prisión de dos a seis años. **Si el culpable fuere funcionario público, sufrirá además inhabilitación especial de dos a seis años en el primer caso y de tres a diez años en el segundo**". (Art. 258 258). # El art. 256 bis, segundo párrafo, establece "Si aquella conducta estuviera destinada a hacer valer indebidamente una influencia ante un magistrado del Poder Judicial o del Ministerio Público, a fin de obtener la emisión, dictado, demora u omisión de un dictamen, resolución o fallo en asuntos sometidos a su competencia [...]" (Subcorpus Now, Argentina, 201, grifos nossos)*

Com relação ao exemplo (13), esse fragmento foi retirado de uma notícia publicada na Argentina, no jornal digital *Primereando*, em 8 de abril de 2019. Esse texto disserta sobre as operações ilegais de inteligências que, supostamente, teriam sido realizadas pelo presidente da República Argentina, Mauricio Macri, e pelos representantes da *Agencia Federal de Inteligencia* (AFI), Gustavo Arribas e Silvia Majdalani. No exemplo (13), notamos uma instância de uso da prótase [Si (X) Fuere Y] da CCC_{ONT} em um trecho de uma lei citada diretamente pelo redator da notícia.

Nessa prótase, temos uma conjunção [Si] que evoca os *frames* de condição suficiente e de não assertividade. Esse marcador antecede a CC_{OP} [(X) Fuere Y], cujo *slot* [(X)] está preenchido pelo sintagma nominal "el culpable" que, sintaticamente, funciona como sujeito e, semanticamente, configura o CARACTERIZADO. Por outra parte, o *slot* [Y] está ocupado pelo sintagma nominal "funcionario público" que, sintaticamente, constitui o predicativo do sujeito e, semanticamente, funciona como o elemento CARACTERIZADOR. Na prótase [Si (X) Fuere Y], os sintagmas nominais - "el culpable" e "funcionario público" - estão vinculados por meio da forma verbal "fuere". Essa construção, sintaticamente, funciona como um verbo de ligação, um elemento dêitico pessoal e temporal e um indicador das marcas de número, modo e aspecto flexional. Por outro lado, semanticamente, "fuere", além de funcionar como cópula, evoca o *frame* de um estado não delimitado ou durativo, bem como o *frame* de não assertividade e o espaço mental futuro.

A partir dos apontamentos expostos nos parágrafos acima, podemos verificar que, no exemplo (13), a instância de uso da prótase [*Si (X) Fuere Y*] apresenta propriedades semânticas que coincidem com as da CCC_{ONT}, já que ambas as unidades simbólicas ativam os *frames* de condição suficiente e de não assertividade no domínio de conteúdo. Nesse sentido, podemos considerar que as estruturas cognitivas mencionadas servem de base para a construção do significado da apódose, visto que o evento evocado por essa unidade simbólica está condicionado ao evento ativado pela prótase [*Si (X) Fuere Y*].

Nos exemplos mencionados anteriormente, observamos que diferentes sintagmas podem ocupar o *slot* [*Y*]. Ademais, nesses exemplos, também notamos que, o *slot* [*(X)*] pode ser preenchido por um sintagma nominal. Para além disso, nos dados coletados nos *subcorpora Web/Dialects* e *Now*, também verificamos que, em algumas instâncias de uso da prótase [*Si (X) Fuere Y*], o *slot* [*(X)*] pode apresentar um sujeito/CARACTERIZADO implícito, como no exemplo (14):

- (14) [...] *del tribunal, en el caso de haber habido apelación y revocación de la resolución que lo declaró improcedente, el juez deberá correr traslado a la parte contraria por el plazo de cinco días perentorios e improrrogables (art. 145, C.P.C.), de acuerdo con el Principio de bilateralidad. El traslado se hará por cédula, dentro de tercero día de dictada la providencia que lo ordene (art. 183 CPC, numeral 3). Al contestar el traslado del incidente, se deberá ofrecer toda la prueba de que se intente valer. **Si fuere documental, deberá acompañarse** y si no la tuviere habrá de individualizarse en la forma prevenida en el art. 219 del C.P.C. 19 Prueba: Facultad del Juez. Dice la ley procesal civil al respecto: ART. 186 - PRUEBA. Vencido el plazo, haya o no contestación, el juez abrirá el incidente a prueba, por no más de diez días, si lo estimare necesario. En caso contrario, resolverá sin más trámite (C.P.C.). La norma acuerda al juez [...]* (Subcorpus *Web/Dialects*, Paraguai, 2010, grifos nossos)

Com base nas análises apresentadas nesta seção, podemos observar que a prótase [*Si (X) Fuere Y*] apresenta frequência de tipo, visto que os *slots* [*(X)*] e [*Y*] podem ser ocupados por diferentes construções sintagmáticas. Ademais, constatamos que, no caso específico do *slot* [*(X)*], pode haver omissão do sujeito/CARACTERIZADO (IDENTIFICADO). Contudo, esse elemento pode ser inferido a partir da forma verbal [*Fuere*], visto que essa construção também apresenta uma função dêitica pessoal. Portanto, os aspectos da prótase [*Si (X) Fuere Y*], descritos anteriormente, indicam a frequência de tipo e, conseqüentemente, a produtividade dessa construção. Em virtude disso, notamos também que a prótase [*Si (X) Fuere Y*] apresenta composicionalidade e analisabilidade, pois os elementos integrantes dessa construção contribuem para estruturação do significado dessa unidade simbólica. Por conseguinte, também auxiliam na configuração do significado da CCC_{ONT} como um todo.

Considerações finais

Levando em conta que o conhecimento linguístico, constantemente, está sendo moldado pela experiência humana, pela frequência de uso e por processos cognitivos (CROFT, 2001; DIESSEL,

2019; LANGACKER, 1987, 2008), entendemos que o emprego de determinados lexemas e construções, em diferentes contextos de uso, revela a funcionalidade dessas unidades simbólicas. É o caso da CCC_{ONT} com a prótase [*Si (X) Fuere Y*]. Nos *subcorpora Web/Dialects* e *Now*, no total, encontramos 205 ocorrências dessa construção em diferentes gêneros do discurso produzidos em distintos âmbitos - 129 foram mapeadas em gêneros do discurso normativos e 76 em gêneros do discurso não normativo. A partir da análise dos dados constatamos que, embora a CCC_{ONT} com a prótase [*Si (X) Fuere Y*] apresente uma forma verbal flexionada no futuro do subjuntivo, essa unidade simbólica não configura uma estrutura cristalizada. Dito de outra forma, a CCC_{ONT} com a prótase [*Si (X) Fuere Y*] não constitui um *chunk* tão coeso como as expressões idiomáticas “*fuere lo que fuere*”; “*sea cual fuere*”; “*si así no lo hicieréis, Dios y la patria os lo demanden*” e “*adonde fueres, haz lo que vieres*”. Portanto, mesmo que, na língua espanhola, ao longo do tempo, tenha havido uma diminuição do uso de construções complexas com o futuro do subjuntivo, a partir deste estudo fica confirmada a produtividade da forma verbal flexionada no futuro do subjuntivo [*Fuere*], assim como da CCC_{ONT} com a prótase [*Si (X) Fuere Y*].

Referências

- ALARCOS LLORACH, E. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 2000.
- BANCO DE DATOS DO SUBCORPUS: NOW. Disponível em: <https://www.corpusdelespanol.org/now/>. Acesso em: 03 set. 2019.
- BANCO DE DATOS DO SUBCORPUS: WEB/DIALECTS. Disponível em: <https://www.corpusdelespanol.org/web-dial/>. Acesso em: 03 set. 2019.
- BANCO VISIÓN. *Contrato de adhesión. Apertura de cuenta básica de ahorros*. Paraguai, 2014. Disponível em: <https://www.visionbanco.com/archivos/contrato-cuenta-basica-ahorro.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2019.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. *Mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. Petrópolis: Vozes, 2020 [2015].
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DANCYGIER, B. *Conditionals and Prediction: Time, knowledge and causation in conditional constructions*, Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- DE ANGULO, B. *El futuro de subjuntivo: análisis cuantitativos sincrónicos y diacrónicos, siglos XIII-XVII*. 2012. 372 f. Dissertation (PhD in Hispanic Studies) - The Faculty of the Department of Hispanic Studies, University of Houston. Houston, 2012. Disponível em: <https://uh-ir.tdl.org/handle/10657/2973>. Acesso em: 18 jan. 2020.

DIESSEL, H. *The Grammar Network: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. New York, NY: Cambridge University Press, 2019.

FACEBOOK. Comentário de um usuário de uma rede social. Paraguai, 2018. Disponível em: [https://www.facebook.com/703175809791465/photos/a.704470402995339/1788587447916957/?type=3&__xts__\[0\]=68.ARCGIH417caMWAtoH0yEsCmwSDbxVPKlrEhb8IrK3Py-XhEydkEf0RlcyMz_q3bCBTU3wSYsdngBjwg031wOfqITRkoqVw3a2OGpAbEN6zuXN-yI0LMcQwmxGY0uRS9sQ2r0vNZnaaiizKPjgPLbkhylyf6DO9HnUXYGwEzgXi7zQZv4aJsyCwbY8pm0s-CB0onXGzw2_cKkM0NuJuojw-bj6AUjeZGXbAj6aXAnnAdlYPjqU-uV-Y9IHSf-CtaK0FAnAXhyuIXuOUJfUft-Mo5Neviv9KcGaCguq-ZMq9TMWE-mOfeyBygBzlQCzxIC6R_9Le-ieSCe-W_bmQdONxXpqA](https://www.facebook.com/703175809791465/photos/a.704470402995339/1788587447916957/?type=3&__xts__[0]=68.ARCGIH417caMWAtoH0yEsCmwSDbxVPKlrEhb8IrK3Py-XhEydkEf0RlcyMz_q3bCBTU3wSYsdngBjwg031wOfqITRkoqVw3a2OGpAbEN6zuXN-yI0LMcQwmxGY0uRS9sQ2r0vNZnaaiizKPjgPLbkhylyf6DO9HnUXYGwEzgXi7zQZv4aJsyCwbY8pm0s-CB0onXGzw2_cKkM0NuJuojw-bj6AUjeZGXbAj6aXAnnAdlYPjqU-uV-Y9IHSf-CtaK0FAnAXhyuIXuOUJfUft-Mo5Neviv9KcGaCguq-ZMq9TMWE-mOfeyBygBzlQCzxIC6R_9Le-ieSCe-W_bmQdONxXpqA). Acesso em: 28 nov. 2019.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994 [1985].

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FILLMORE, C. Frame semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (Ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing, 1982, pp. 111-37. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110199901.373>.

FILLMORE, C.; KAY P.; O'CONNOR, C. Regularity and Idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. In: *Language*, vol. 64, nº 3, set., 1988, pp. 501-38. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/414531>.

FUKUSHIMA, N. Pasado, presente y futuro del subjuntivo en español. *Actas del II Congreso Internacional sobre el español y la cultura hispánica en Japón*. Instituto Cervantes. Tokio, pp. 45-61, oct. 2015. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/publicaciones_centros/PDF/tokio_2015/07_fukushima.pdf. Acesso em: 03 set. 2019.

GILI GAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*. 13. ed. Barcelona: Biblograf, 1980.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GUYRA PARAGUAY. Reserva Guyra Retâ – San Rafael. Paraguai, 2022. Disponível em: <https://guyra.org.py/san-rafael/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

HERNÁNDEZ ALONSO, C. *Gramática Funcional del Español*. 3. ed. Madrid: Greda, 1996 [1984].

HOFFMANN, T. Construction Grammars. In: DANCYGIER, B (ed.). *The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics*. Cambridge: University Press, 2017, pp. 310-29.

INFO. *Receta de chipa*. Paraguai, 2017: Disponível em: <https://info.com.py/receta-de-chipa/>. Acesso em: 28 nov. 2019.

LANACIÓN. La historia del águila nazi del buque alemán Graf Spee que Uruguay deberá vender para pagarles a dos hermanos. Buenos Aires, 30 de diciembre de 2021. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/sociedad/la-historia-del-aguila-nazi-del-buque-aleman-graf-spee-que-uruguay-debera-vender-para-pagarle-a-dos-nid30122021/>. Acesso em: 29 jan. 2022.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, vol. I, 1987.

LANGACKER, R. *Cognitive Grammar: a Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MARQUES, P. M.; ALONSO, K. S.; PINHEIRO, D. O. Do signo à construção: o legado saussuriano e as abordagens construcionistas da gramática. *Revista Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 44, pp. 1149-71, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33553/19540>. Acesso em: 05 jun. 2019. <https://doi.org/10.22409/gragoata.2017n44a1022>.

MIŠTINOVÁ, A. La expresión del tiempo en las variedades hispanoamericanas del español. *Revista Verba Hispánica XX/1*, Ljubljani, v.20, n.1, p.p 231-43, jun. 2012. Disponível em: <https://journals.uni-lj.si/VerbaHispanica/issue/view/222>. Acesso em: 03 set. 2019. <https://doi.org/10.4312/vh.20.1>.

MONTOLÍO, E. Las construcciones condicionales. In: BOSQUE MUÑOZ, I.; DEMONTE BARRETO, V. (org.). *Gramática descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999, v. III, pp. 3643-737.

RAMÍREZ LUENGO, J. L. El futuro de subjuntivo en la banda oriental del siglo XVIII. *Revista de filología*, n. 20, pp. 305-17, jan. 2002. Disponível em: <https://riull.ull.es/xmlui/handle/915/21740>. Acesso em: 03 ago. 2020.

RAMÍREZ LUENGO, J. L. El futuro de subjuntivo en el español centroamericano del siglo XVIII: vitalidad, empleo e indicios de decadencia. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, v. LVI, n. 1, pp. 141-54, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://nrfh.colmex.mx/index.php/nrfh/article/view/2387>. Acesso em: 03 de ago. de 2020. <https://doi.org/10.24201/nrfh.v56i1.2387>.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Asociación de Academias de la Lengua Española. *Nueva Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Libros, S.L.U, 2010.

RODRÍGUEZ ROSIQUE, S. *Pragmática y Gramática: Condicionales concesivas en español*. Frankfurt: Peter Lang GmbH, Internationaler Verlag der Wissenschaften, 2008.

ROJO, G.; VEIGA, A. EL tempo verbal. Los tempos simples. In: BOSQUE MUÑOZ, I.; DEMONTE BARRETO, V. (org.). *Gramática descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999, vol. II, pp. 2867-934.

SASTRE RUANO, M. A. *El subjuntivo en español*. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1997.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 28. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SOLOMON, J. G. El futuro de subjuntivo en español. Su historia: su situación y su futuro. *Neophilologus*, v. 91, n. 3, pp. 407-21, jul. 2007. Disponível em: <https://link.springer.com/journal/11061/volumes-and-issues/91-3>. Acesso em: 03 fev. 2020. <https://doi.org/10.1007/s11061-007-9034-3>.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*, Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

URUGUAI. Lei nº 16.603 de 19 de outubro de 1994. *Código Civil*. Montevideo, 1994. Disponível em: <https://www.impo.com.uy/bases/codigo-civil/16603-1994>. Acesso em: 23 jun. 2022.